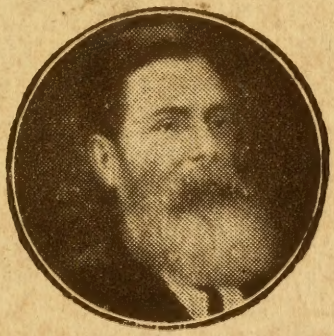
ARTHUR MOTTA

JOSÉ DE ALENCAR

(O ESCRIPTOR E O POLITICO)

SUA VIDA E SUA OBRA



MCMXXI
F. BRIGUIET & CIA. — EDITORES
RUA SACHET N. 23 — RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE ALENCAR

PRINTED IN BRAZIL

1 - José de Alencar

L'or
A3684
.Tm

ARTHUR MOTTA

JOSÉ DE ALENCAR

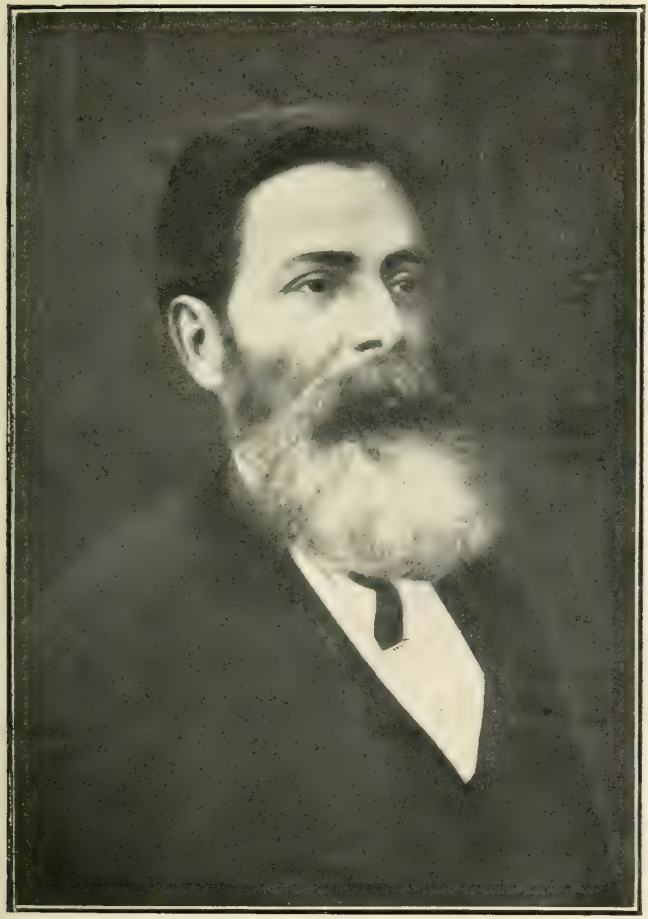
(O ESCRIPTOR E O POLITICO)

SUA VIDA E SUA OBRA

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

427728
20.9.44

MCMXXI
F. BRIGUIET & C.IA — EDITORES
RUA SACHET N. 23 — RIO DE JANEIRO



J. Mathewson

Ao distincto escriptor, elevado nos conceitos e fertil nas reflexões,

MARIO DE ALENCAR

como homenagem ao seu caracter impolluto, ao seu magnanimo coração, sem resaibos de fel, e ao seu talento privilegiado, dedico este livro, gerado no culto de sympathia e admiração que, desde a infancia, consagro ao eminente brasileiro José de Alencar.

S. Paulo, 12 de julho de 1921.

ARTHUR MOTTA

SUMMARIO

Pags.

I — Traços biographicos - Origem - Educação - Mocidade - Trajectoria na vida publica 13

II — A formação do espirito e do caracter - O orgulho do collegial - As predilecções do academico - As charadas - Influencia do Reverendo Alencar - A leitura de romances e novellas em serões - A sua admiração por Macedo - Influencia causada pelo successo da «Moreninha» . 28

III — O escriptor embryonario - Suas confissões na auto-biographia - Os primeiros trabalhos que escreveu - As tendencias do escriptor - A influencia dos autores estrangeiros - O estudo dos classicos e das chronicas 36

IV — Primeiras manifestações - «Os contrabandistas» - «A alma de Lazaro» - «O ermitão da Gloria» - «Cinco minutos» - «A viuvinha» (incompleto) 39

V — Classificação da obra - Romance: historico, da vida, da cidade e do campo - Pastoraes - Folhetins - Theatro - Critica - Escriptos politicos, Eloquencia, Poesia 44

VI — O ROMANCISTA - Apreciação succinta dos romances, de accôrdo com a classificação esboçada - Os seus processos de romancista - Os effeitos e as causas 56

VII — COMEDIOGRAPHO E DRAMATURGO - A tendencia para o theatro - A estreia - As peças que escreveu - O theatro da época - Como foram recebidas as suas producções - Os desgostos que experimentou - Genero abandonado 119

VIII — O CRITICO - A Carta sobre a Confederação dos Tamoyos - Como define a sua esthetica . . . 137

IX — O POETA - Os filhos de Tupan (poema) - inedito 151

X — O JORNALISTA - A sua acção no «Correio Mercantil» e no «Diario do Rio» - Os folhetins «ao correr da penna» . . , ... 163

XI — O POLITICO - Na Imprensa - Na Camara e no Ministerio. - A sua attitude quando foi esbulhado da cadeira do Senado - As cartas de Erasmo - Seus escriptos politicos - O systema representativo - Voto de graças - As suas ideias e a sua orientação 173

XII — O ORADOR - Seus dotes oratorios - Os discursos parlamentares - Episodios nos debates . . . 224

XIII — O JURISCONSULTO - Uma these constitucional - Capacidade de argumentação - A propriedade - Esboços juridicos 236

XIV — SEU ESTYLO - Tentativas de reforma da lingua - Predicados do estylo - Poder de imaginação - Fluencia - Estylo descriptivo - Analyse psychologica 246

XV — Sua influencia na litteratura brasileira - Os seus contemporaneos e successores . . . 259

XVI — Sua inspiração - A natureza brasileira - Os classicos - A historia patria - Seus autores predilectos - Chateaubriand, Walter Scott, F. Cooper, Marryat e outros 265

XVII — Indianismo e Nacionalismo - Os precursores e os imitadores ou influenciados - Diversidade de manifestação - Apreciação das modalidades - Preponderancia nos successores 277

XVIII — Os seus criticos - Os ataques dos escriptores portuguezes e nacionaes - Injustiça e inveja - Critica contemporanea e posthuma 285

XIX — As fontes para o estudo da sua personalidade 295

XX — Bibliographia - Collaboração em jornaes e revistas - Obras publicadas em volumes ou folhetos - Obras ineditas ou de publicação posthuma em revistas 299

EXPLICAÇÃO

Para se comprehender a intenção do autor deste ensaio, cumpre-nos explicar o plano da obra que nos consome os momentos de lazer ou de folga às lides profissionaes.

Gizámos o plano de cooperar no estudo minucioso de nossa intellectualidade, dividido em tres partes distinctas que se integram.

Nas series VULTOS E LIVROS e LETTRAS E PERFIS, esboçaremos os subsidios para o estudo da litteratura brasileira, com apreciações destacadas, abundancia de dados bibliographicos e summarios de monographias sobre os principaes escriptores, desde o periodo colonial aos contemporaneos.

A segunda parte será consagrada a ensaios isolados, contemplando os representantes caracteristicos da nossa cultura ou mentalidade, com a preferencia dos que escaparam á analyse circumstanciada da critica. Abrangerá as individualidades de José de Alencar, Coelho Netto, Visconde de Taunay (em preparo) e outros, sem methodo para a selecção, a não ser o criterio alludido. Intervirá, por certo, a sympathia do autor e predominará a funcção exercida, pelos escriptores preferidos, na litteratura nacional.

A parte final, talvez a mais importante, consubstanciará um trabalho de synthese, expondo a evolução dos generos litterarios no Brasil.

Alencar teve a primazia, por dous motivos: o de haver sido, com Macedo, o primeiro autor por nós lido, na quadra fagueira da infancia; e a importancia por elle assumida na formação da litteratura brasileira.

Foi iniciada a publicação do presente ensaio na *Panoplia*, revista da extincta Universidade de São Paulo, durante a phase em que leccionàmos a cadeira de Hydraulica theorica e applicada.

Havendo a *Revista Americana*, do Rio, sob a competente direcção de Araujo Jorge, transcripto um dos capitulos, confiámos ao seu redactor o proseguimento da obra, por haver desapparecido a *Panoplia*. Foram publicados mais alguns capitulos e permaneceu inedita a parte final da obra.

Apresentamos agora aos leitores o estudo completo, prestando, assim, modesta homenagem ao illustre patricio que tanto se distinguiu no dominio das lettras e na carreira politica.

I

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

.IGEM — EDUCAÇÃO — MOCIDADE — TRAJECTORIA NA VIDA PUBLICA.

Na terra banhada pelos verdes mares bravios, sob a acção um clima adusto e bafejada pelas correntes aereas que so-ım com intensidade e direcção quasi constantes, nasceu José .rtiniano de Alencar, a 1 de maio de 1829, em Mecejana.

A tempera rigida de sua intelligencia se formou ao influxo calor vivificante da zona torrida. Os ornamentos do seu ·acter, isento de jaças, foram estillados no grande alambique Terra de Sol, em cujas plagas se abriga o povo magnanimo ıospitaleiro que define a alma do brasileiro.

Outros factores importantes preponderaram na formação do ı espirito : o exemplo de perfeita severidade do seu austero e — o senador José Martiniano de Alencar ; os carinhos .onselhos de sua bondosa Mãe, a quem o escriptor se refere teradamente no ensaio de autobiographia que nos deixou ; .angue de Barbara de Alencar, sua avó paterna, a heroina revolução de 1817 : e a figura sympathica do seu primeiro ›fessor — Januario Matheus Ferreira — educador da antiga ola, curando de instrucção e educação.

Simplesmente indicados os factores de influencia, seguindo nethodo de Sainte Beuve, deixamos de analysar as causas e

as origens, para nos determos na apreciação dos effeitos e da evolução.

O estudo, mesmo succinto, do meio physico, dos antecedentes hereditarios e da educação do escriptor brasileiro, nos desviaria do thema esboçado e exerceria acção fraca e pouco decisiva nos conceitos que pretendemos emittir.

Não é, portanto, um estudo biographico de José de Alencar que nos propomos a escrever. Limitar-nos-emos a respigar factos interessantes e dados curiosos que possam ser mais tarde aproveitados para estudo exhaustivo de quem allie á competencia o tempo disponivel para emprehender um trabalho dessa natureza.

Assim, despertando a attenção do leitor para o meio physico, teremos evocado algumas noções indispensaveis a consolidar o perfeito conhecimento do romancista brasileiro.

Em primeiro logar o scenario.

Constituindo o primeiro obice, para difficultar a existencia do nortista, apparece ao longo da costa, uma linha quasi ininterrupta de recifes, baixios e penedias que, com os bancos de areia, embaraçam a navegação e entorpecem o commercio. Os portos são de accesso difficil, o phenomeno das marés apresenta oscillações de exaggerada amplitude. Os ventos predominantes constituem correntes de velocidade accentuada e formam as dunas ambulantes que soterram povoações e produzem toda a sorte de devastações.

No littoral, uma faixa de praias alvacentas e areias movediças, orlada de coqueiros e marchetada de salinas, constitúe serio obstaculo á vegetação, porque a fertilidade do sólo emigra para as camadas subjacentes, atravez do terreno silicoso, francamente permeavel.

Succede-lhe a zona denomidada do *agreste*, onde se desenvolvem os verdes cannaviaes, e os algodoeiros ostentam os capuchos alvos como as cans da velhice.

A vegetação é luxuriante no tempo do *inverno* ou das precipitações meteoricas frequentes e abundantes. Quando, porém, perdura o longo periodo estival, caracterizando a terrivel calamidade da *secca,* verifica-se o lethargo da fertilidade do sólo, ha o eclipse das culturas agricolas, perde-se a noção da primavera verde e florida, e do outomno opimo e sazonado. O sertanejo começa a lucta ingloria e desigual.

Mais tetrico é o espectaculo e torna-se titanica a peleja, quando se transpõe a linha divisoria entre o *agreste* e o *sertão.*

A agua escasseia por toda a parte. Estancam as fontes, as lagôas seccam e os alveos dos rios reflectem os raios solares em incidencia com o espelho constituido pela camada siliciosa e pelos seixos rolados. O sólo greta-se e apresenta um colorido indefinido, meio cinzento ou quasi pardo, a que os sertanejos denominam *preto.*

Perde-se a noção do verde, pois as arvores e arbustos se despem das folhas; a selva do prado, a alcatifa dos campos, ficam reduzidas a esturro. Apenas em certos pontos do sólo pedregoso, vicejam as touceiras de cardo, desafiando a inclemencia do tempo, e surgem verdadeiros oasis de *chique-chique, macambira* e *corôa de frade.*

O vaqueiro permanece no seu posto, soccorrendo o gado, abrindo cacimbas cuja agua se torna salobra, alimentando-se de raizes e plantas silvestres, contemplando a abobada celeste, á espera do alimento salvador.

Sobrevem a miseria desoladora que afugenta os sertanejos para o littoral, impellindo-os ao supplicio do Acre ou comminando-lhes a pena afflictiva e dantesca do inferno verde, guiados pelos carrascos conhecidos sob a alcunha de *pharóes* ou *paroáras.* Aos renitentes que ficam ajoujados ao torrão ou revelam impavidez no combate improficuo, dá a parca sinistra o fatal destino.

Succedem-se os mezes, e um dia opera-se a mutação phantastica. Tolda-se o céo de um manto espesso de nimbo, e desaba a tempestade em grossas bátegas de agua.

Perduram os aguaceiros por muitos dias. Avolumam-se os cachões, precipitando-se pelas encostas mais ou menos ingremes e alagando as varzeas no engorgitamento dos valles.

Diminue a declividade do leito, retarda-se o movimento e formam-se as cheias devastadoras.

Engenhos e pontes, choupanas e casaes são arrastados pela torrente tormentosa e terrivel.

É a vespera da bonança.

As terras saturam-se de humidade, recebem o elemento fecundo e os campos desabrocham em fertilidade. Como por encanto as arvores se cobrem de folhas e nos desertos de hontem brotam verduras.

Com as primeiras chuvas apparecem bandos densos de aves de arribação, pequenas pombas, que vêm annunciar a redempção das victimas e o despertar da natureza em lethargia prolongada. (1)

Está esboçada a descripção succinta do meio em que o autor de IRACEMA viu pela primeira vez a luz meridiana e onde passou a sua infancia até aos 9 annos.

Recebeu a influencia das primeiras observações, na quadra em que as imagens ficam estereotypadas no cerebro, e hauriu a tradição ministrada pelos seus ascendentes, nascidos no mesmo meio.

Deixando de lado a apreciação dos antecedentes hereditarios, julgamos preferivel encarar o aspecto ethnographico, á maneira de Taine.

---

(1) Para melhor conhecer o scenario que foi observado pelo autor, convém consultar Euclydes da Cunha — Os SERTÕES; Gustavo Barroso — TERRA DE SOL; — Rodolpho Theophilo — HISTORIA DA SECCA DO CEARÁ, SECCAS DO CEARÁ e O PAROARA (romance).

Dissertar sobre a raça do nortista brasileiro exige a ponderação do triplice elemento constitutivo : o portuguez ou latino, o negro ou africano e o indigena.

Mas releva observar que não nos preoccupa o estudo de ethnographia propriamente dita.

Basta que encaremos o typo mestiço ou o resultante dos tres elementos componentes.

O nortista, pelos indeleveis traços physionomicos, participou em maior dose da preponderancia do terceiro elemento integrante : — o indigena. A conformação craneana, a tez, o aspecto do cabello, a estatura, tudo demonstra a supremacia dos aborigenes no mestiço nortista. É desnecessario objectar que nos referimos ao typo geral, não intervindo com as excepções em que ora o sangue da raça branca è mais refinado, ora apparece o negro como elemento de fusão. Mas o caso mais commum é indubitavelmente o mameluco, na verdadeira accepção do termo, isto é, o producto hybrido do branco e do indio. Observa-se mesmo um typo curioso, oríundo do hollandez em cruzamento com o gentio.

Não conhecemos a genealogia do creador do GUARANY; mas, a admittir que tivesse um antepassado silvicola, deve-se concluir que se operou a selecção, pois o retrato revela um representante apurado da raça latina.

Mas, se não teve a acção directa das tres raças cruzadas, participou indirectamente dessa influencia pela lei do contacto, por atavismo, educação ou ideias traditivas.

São incontestaveis, porém, o influxo mesologico e o predominio das raças em fusão.

Os predicados do cearense resumem-se em bondade, coragem, magnanimidade e honestidade.

A propensão para fazer o bem, entre os nortistas, é synthetizada no culto de hospitalidade, só comparavel á dos gregos antigos.

Na phrase de um viajante francez, é talvez o unico povo que cede ao hospede o leito ou a modesta rêde do casal. Tivemos ensejo de observar esse facto e, ainda mais, podemos affirmar que o sertanejo do norte offerece ao seu hospede, em tempo de penuria, a ração de coalhada, unico alimento reservado para os filhos.

O heroismo do cearense foi comprovado na campanha do Paraguay e tem a confirmação na sua attitude durante a vigencia da calamidade que assola o seu torrão natal. A intrepidez é diariamente demonstrada no meio campesino, onde o vaqueiro arrisca a vida, em lucta com a rez tresmalhada. O valor é attestado pela resistencia qne denota nos sertões invios do Acre ou da Amazonia.

Não conhecemos maior calumnia do que increpar o cearense de habitos de indolencia.

O nortista, como em geral o sertanejo do Brasil, só não trabalha com afinco no periodo da fartura. Segregado dos centros civilizados, não experimenta os sentimentos de ambição e não carece de desenvolver energia para prover a existencia. Tem as necessidades limitadas e as satisfaz com parcos recursos. Quando, porém, surge a phase calamitosa da escassez de viveres ou da fome, elle moureja com denodo, manejando os instrumentos agrarios ou desafiando a fadiga nos trabalhos que lhe proporcioná o governo, a titulo de soccorro.

A magnanimidade é um sentimento, innato no brasileiro do sertão.

A veneração pela innocencia da donzella, o castigo severo a quem abusa da virgindade das orphãs e desprotegidas, o respeito á propriedade alheia, são testemunhos insophismaveis da honestidade do cearence. Presenciámos scenas indescriptiveis, vendo retirantes exhaustos de fadiga e morrendo á mingoa, sob a fronde de cajueiros e a curta distancia de armazens de

comestiveis. Não se commentava um acto de depredação, não se verificava um saque justificado por motivo de força maior e não se condemnava um furto sequer.

Rodolpho Theophilo affirma: «No sul do Brasil não se conhecem essas calamidades e nem tão pouco se calcula o valor e a energia do cearense, povo infeliz e grandemente martyr que se vê de tempos em tempos em lucta aberta com a mais implacavel das desgraças»! (1)

E Gustavo Barroso, descendente desse povo heroico, escreve:

«Emfim, um dia, o gado começa a cahir de fome, de sêde e de fadiga. E' a epoca mais terrivel; é quando o nortista mostra a sua energia inflexivel; quando mais se acrisolam suas faculdades combativas e mais se enrija, e mais se robustece sua titanica virilidade. Um minuto de fraqueza, um momento de desanimo, um instante de desencorajamento — e o sertão esmagal-o-á. Mas elle não se abranda e nem se verga. Só, contra a impassibilidade da natureza, lucta, lucta sempre. Alguns desertam as fileiras; mas os que ficam continuam o combate.

E d'ahi, não seja, talvez, paradoxo o dizer — que a secca é um factor do progresso, porque fórma e molda uma raça de fortes». (2) Nesse meio physico nasceu o autor de IRACEMA e dessa raça de heróes José de Alencar teve a sua origem.

* * *

Transposto o limiar da vida, foi o menino arrancado dos patrios lares onde se entregava aos folguedos inherentes á idade, para emprehender uma viagem penosa, de longo curso, em busca do cultivo intellectual. Atravessou os sertões do

(1) SECCA DO CEARÁ.

(2) TERRA DE SOL.

Ceará e Bahia em demanda da Côrte para onde se voltavam as attenções dos provincianos.

A essa excursão imprevista, e certamente cheia de embaraços e accidentes, refere-se José de Alencar no esboço de autobiographia que nos legou e em uma das notas do romance O SERTANEJO.

> «Si n'alguma hora da pachorra, me dispuzesse a refazer a cançada jornada dos quarenta e quatro annos, já completos; os curiosos de anecdotas litterarias saberiam, além de muitas outras cousas minimas, como a inspiração do «Guarany», por mim escripto aos 27 annos, cahiu na imaginação da criança de nove, ao atravessar as matas e sertões do norte, em jornada do Ceará á Bahia » (1).

Foi o advento do culto pantheista que elle votou á natureza do Brasil; devoção exteriorizada, sempre que empenhou o seu vigoroso estylo descriptivo em pintar as scenas do interior do paiz amado. E não foi só no GUARANY que se revelou impregnado dessa inspiração virgem, isenta de artificio. Quando desandou com a clava demolidora sobre a concepção de Gonçalves de Magalhães, esvurmando os defeitos do poema A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS, sonhou um portentoso e magico scenario, lobrigado pela imaginacão dos verdes annos, atravez dos montes e valles, das selvas e dos rios caudalosos.

As mesmas impressões, arraigadas no cerebro infantil, manifestou em outros romances, como elle proprio confessa:

> «Refere-se á viagem que fez o autor. do Ceará a Bahia, por terra, nos annos de 1838 a 1839.
>
> A essa jornada cheia de accidentes e feita aos nove annos,

(1) — "COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA", pag. 8.

deve o autor as mais vigorosas impressões da natureza americana, e dos quaes se acham os traços em muitos de seus livros, especialmente no GUARANY e IRACEMA, e agora no SERTANEJO (1).

Essa insistencia do romancista, em explicar a origem da sua esthesia perante a natureza brasilica, não escapa a um ligeiro reparo de critica psychologica. Sem pôr em duvida a sinceridade do romancista, descobrimos um laivo de disfarce ou uma fusca transparente. E' o repique de orgulho retorquindo o argumento dos criticos e adversarios que lhe attribuiram inspiração indirecta, pelo contagio das leituras de Chateaubriand, Walter Scott, Fenimore Cooper e Aymard.

Não participamos dessa opinião, mas nem por isso perdemos o ensejo de oppôr um commentario, servindo para attestar certa dose de orgulho que dominava o nosso romancista.

Outro peccadilho identico confessa o autor de IRACEMA, quando nos descreve o incidente collegial havido entre elle e o seu collega e emulo Aguiarzinho, perante o venerando professor Januario Matheus Ferreira.

Foi no "Collegio de Instrucção Elementar", dirigido por esse educador, que José de Alencar completou a educação primaria. Dedica o segundo capitulo do opusculo COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA a rememorar a quadra feliz da existencia, rendendo preito de gratidão e tributo de veneração ao seu austero professor, «primeiro homem que lhe incutiu respeito, em quem acatou o symbolo da auctoridade».

Aos 14 annos veio José de Alencar para S. Paulo, terminar a instrucção secundaria, afim de matricular-se na Faculdade de Direito.

Começa para o escriptor brasileiro a primeira phase de dif-

---

(1) — Notas appensas ao 1.º volume do "SERTANEJO", pag. 255.

ficuldades provenientes da deficiencia e quiçá desordem no estudo de humanidades.

Ainda hoje perdura essa lacuna no Brasil, sendo grande a porcentagem de moços mal preparados que se matriculam nas academias.

São causas de semelhante desorganização, o mercantilismo em materia de instrucção, a falta no cumprimento do dever, a incompetencia, o desleixo, a incuria da maioria dos professores e as reformas frequentes e abstrusas nos programmas de ensino.

A instrucção deve obedecer a um plano systematico e rigoroso e constituir um sacerdocio. Os nossos governos que descuram do ensino primario e superior, esquecem completamente o secundario.

O facto é que José de Alencar, ao concluir os seus exames preparatorios, julgava quasi insuperavel a tarefa de ler Balzac, Dumas, Vigny, Chateaubriand e Victor Hugo, no original.

Felizmente para nós, o seu orgulho incipiente e o seu capricho determinaram um trabalho retrospectivo, de verdadeira recordação das disciplinas estudadas, conseguindo o apparelhamento necessario á carreira do escriptor.

Em 1846, aos dezesete annos, matriculou-se no curso superior, levando no espirito o germen litterario que profilerou durante a sua existencia.

Attingira o termo do primeiro torneio da vida — a puericia — e transpunha os humbraes da adolescencia, adestrando a intelligencia para as justas varonis, em scenario de maior amplitude, cuja meta se disfarça no limbo da imprevisão.

Encetára a jornada afanosa da vida, abrigado no albornoz da inexperiencia e conduzindo as provisões de algumas migalhas de conhecimentos scientificos e litterarios nos alforges de um cerebro ávido de novas impressões.

Já havia pago o tributo de uma estreia á socapa, compondo charadas, ensaiando romance e tangendo a lyra.

* * *

Bem differente era a adolescencia dos coevos de Alencar, em confronto com a dos jovens de hoje.

Havia nos tempos de antanho, como em qualquer época, os não precatados que preferiam um dos seductores atalhos da vereda tortuosa e indefinida da existencia. Mas a maioria trilhava a róta batida, com serenidade e coragem, evitando sempre as erradas, no dizer expressivo dos nossos antepassados, termo ainda hoje caracteristico de linguagem dos sertanejos, nos conselhos dispensados aos viandantes.

Os moços de hoje desprezam o caminho da gloria e preferem os ouropeis do vicio, a fascinação dos gosos da vida mundana, ou são guiados pela ambição de lucros mercantis.

É essa a causa predominante da escassez de talentos precoces, da pobreza de primicias litterarias, do desinteresse pelos assumptos sociaes e da isenção de cultura philosophica entre os nossos jovens. Trocam o gabinete de estudo pelos cinematographos, *bars*, cafés-concertos e casas de tolerancia.

Cumpre reagir, orientando a mocidade para a conquista de glorias legitimas, como parece ter soado o rebate, despertando-se os sentimentos civicos dos jovens e incitando-os na defesa da causa sagrada da Patria.

Que sejam os incentivos amplos e multiplos, ensinando aos moços que, além de defender, é preciso engrandecer e honrar o nosso Brasil, tornando-o forte, culto, prospero e respeitado.

Não nos desviamos do assumpto, com essa digressão, em nos referindo á mocidade de José de Alencar que amou e soube honrar o nosso paiz. Como nos trava a saudade, revendo os nossos dias de hontem no reflector dessa palavra: *Mocidade!*

«Que la jeunesse est une douce chose! Les enfants la désirent, les vieillards la regrettent, ceux qui l'accusent, l'envient et la voudraient, retrouver au moment oú ils s'en plaignent. Rien ne la remplace quand on la perd, puisqu'elle n'exclut aucun bien. Elle est elle-même un bien qui tient lieu de bonheur; je voudrais qu'elle fût une excuse» (1).

Talvez seja essa a influencia dos nossos acrimoniosos reparos, verberando os desvarios dos que embicam nos primeiros passos e esquecendo tropeços identicos do passado, fóra do campo de nossa observação. E' certo que os actos dos rapazes de 1846 não feriram a nossa retina; mas a julgar pelo que se lê, podemos affirmar que a mocidade de Alencar foi morigerada e modesta.

Vejamos a adolescencia do romancista pela sua propria confissão:

«Os dous primeiros annos que passei em S. Paulo, foram para mim de contemplação e recolhimento de espirito. Assistia arredio ao bulicio academico; e familiarizava-me de parte com esse viver original, inteiramente desconhecido para mim, que nunca fôra pensionista de collegio, nem havia até então deixado o regaço da familia.

As palestras á mesa do chá; as noites de *cynismo* conversadas até a romper d'alva entre a fumaça dos cigarros; as anecdotas e aventuras da vida academica, sempre repetidas; as poesias classicas da litteratura paulistana e as cantigas tradicionaes do povo estudante; tudo isto sugava o meu espirito adolescente, como a tenra planta que absorve a lympha, para mais tarde desabrochar a talvez pallida florinha.

Depois vinham os discursos recitados nas solemnidades

(1) Ch. de Rémusat: CRITIQUES ET ETUDES LITTÉRAIRES.

escolares, alguma nova poesia de Octaviano (1); os brindes nos banquetes de estudantes; o apparecimento de alguma obra recentemente publicada na Europa; e outras novidades litterarias, que agitavam a rotina do nosso viver habitual e commoviam um instante a colonia academica» (2).

E apezar de ter a mocidade bem diversa da dos heróes de Murger, nas SCÈNES DE LA VIE BOHÈME e mui distincta da que tiveram varios escriptores brasileiros, como Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Fagundes Varella, e outros, elle, como todos nós, evocava o seu passado, o seu tempo de estudante, dizendo: «A pagina academica é para mim, como para os que a viveram, riquissima de reminiscencias, e nem podia ser de outra forma, pois abrange a melhor monção da existencia».

Foi uma phase inteiramente devotada ao estudo e fruida, sem dissabores, luctas e peripecias, por Alencar que não conhecera as agruras da sorte, pois pertencera a uma familia de abastados ou pelo menos de remediados.

Elle soube tirar o maximo proveito da vida collegial, tendo a primazia na classe, praticando os conselhos paternos e tirando partido do seu temperamento privilegiado. Não se transviou na vida academica, evitando as más companhias e dedicando-se ao estudo, não só para vencer as difficuldades da falta de preparo fundamental, como tambem apparelhando-se para a fulgurante carreira litteraria, sem esquecer os seus deveres de estudante de um curso juridico.

Dava conta do recado, como se diz em giria, nas suas obrigações academicas e reservava a melhor parte do seu tempo para o estudo dos classicos e das chronicas, a leitura dos romances e dos grandes poetas da humanidade, para consolidar

(1) O poeta e politico Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

(2) COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA, pag. 31.

emfim sua erudição indispensavel á realização do seu sonho infantil.

«Os estudos de philosophia e historia preenchiam o melhor do meu tempo, e de todo me attrahiam .

Não viciava o seu ambiente de esperança, com o gazes deleterios de um pessimismo precoce ou com as emanações pestilenciaes de uma vida desregrada e impregnada de dissipações e libertinagens.

Respirava em atmosphera sadia.

E assim colheu as fecundantes sementes nas seáras amadurecidas pelo incessante labor, coadjuvado pelos conselhos dos progenitores.

Fez-se a semeadura em terra lavradia, de amanho concluido, e ficou o joven preparado para a farta messe, ceifando as louras espigas e colhendo os fructos opimos e saborosos do seu trabalho methodico e sem tregoas.

* * *

Concluiu o curso juridico em 1850, havendo estudado 4 annos em S. Paulo e um em Olinda. Frequentou os dous primeiros annos na Academia de São Paulo ; o terceiro cursou em Olinda (1848), anno em que passou dous mezes na terra natal.

Em 1851 estabeleceu-se no Rio de Janeiro. onde começou o tirocinio de advogado no escriptorio do Dr. Caetano Alberto, como praticante. Dous annos depois, accedendo a um convite de Francisco Octaviano, fez a sua estreia no *Correio Mercantil*, substituindo o seu collega na secção de folhetim.

Collaborou depois no *Jornal do Commercio* e de 1855 a 1858 foi o director do *Diario do Rio de Janeiro*onde consolidou o seu credito de jornalista emerito.

Foi lente de direito mercantil no Instituto Commercial do

Rio de Janeiro, director de secção na Secretaria da Justiça e e consultor do mesmo Ministerio.

Na carreira politica, desempenhou com brilho o mandato de deputado, em varias legislaturas, foi ministro da justiça no gabinete de 16 de Julho de 1868 e eleito senador, embora não escolhido em lista sextupla.

Em logar opportuno apreciaremos a sua acção politica e analysaremos os relevantes serviços prestados ao paiz.

Morreu em 1877 (12 de Dezembro), mas poucos annos antes emprehendeu uma viagem á Europa, com o intuito de corrigir o estado de saude, profundamente abalada por uma affecção pulmonar.

II

A FORMAÇÃO DO ESPIRITO E DO CARACTER

O orgulho do collegial — As predilecções do academico — As charadas — Influencia do Rev. Alencar — A leitura de romances e novellas em serões — Sua admiração por Macedo — A influencia causada pelo successo da «Moreninha».

Já nos referimos ao orgulho incipiente do collegial, sem narrar o facto : e tambem oppuzemos ligeiros commentarios á explicação que dá o escriptor sobre a origem da sua inspiração, relativa á natureza brasileira. Examinemos agora a manifestação desse phenomeno psychologico ou de ordem moral e façamos a inducção, observando ou analysando varios actos do homem, afim de deduzirmos a proposição enunciada ou generalizarmos o conceito emittido.

Antes, porém, de applicar esse processo de demonstração, analogo ao methodo adoptado em sciencias inferiores, principalmente no dominio da mathematica, recordemos a noção exacta do vocabulo orgulho.

Vejamos as definições de Antonio de Moraes Silva :

«Orgulho, s. m. (do gr. *orgilos,* irado, colerico, segundo outros de *orgaô*, eu estou inchado, porque o orgulho é inchação do coração) — Brio, ufania ; suberba ; elevação de alma nobre ou reprehensivel, segundo os motivos, etc.

Orgulho é uma alta opinião de si mesmo, etc.

Orgulho é o sentimento habitual e, que resulta em nós da alta ideia que fazemos da extensão e superioridade do nosso merecimento, e que nos inclina a julgar-nos dignos do respeito, admiração e louvor dos outros, e talvez a menosprezal-os».

Não pretendemos absolutamente deslustrar o elevado caracter de José de Alencar, nem tão pouco censurar o seu instincto natural ou egoistico. Reconhecemos até que o orgulho é um sentimento inherente aos homens de valor moral ou intellectual, de effeito muito menos desastroso do que a vaidade.

Augusto Comte explica que a transição dos instinctos egoisticos se opera «pour deux inclinations très distinctes, quoique souvent confondues, l'orgueil, ou le besoin de domination, et la vanité, ou le besoin d'approbation.» (1) embora classifique a vaidade como sendo instincto pessoal mais nobre do que o orgulho. Alencar tambem participou de farta dose de vaidade.

Limitamo-nos a notar a existencia do phenomeno e apreciar a sua manifestação, sem pretendermos discutir o assumpto em these.

Estamos convencidos do predominio do caracter sobre a intelligencia, nos actos da vida humana (2) e não devemos abandonar esse ponto essencial da psychologia do romancista brasileiro.

Abordemos a demonstração promettida.

Conta-nos José de Alencar (3) um incidente collegial em que, por distracção, perdeu o primeiro logar, cedendo-o ao seu rival Aguiarzinho e reconquistando-o no mesmo dia, por haver

---

(1) Augusto Comte — Système de politique positive.

(2) Gustave Le Bon — Aphorismes. «On ne se conduit pas avec son intelligence, mais avec son caractère».

(3) Como e porque sou romancista.

o professor prorogado o interrogatorio e formulado questões de difficuldade crescente.

O caso não assumia a minima importancia, no emtanto o commentario de José Alencar é do seguinte teor :

«Ancioso aguardava elle (o emulo) a occasião de se desforrar da partida que lhe eu havia ganho, depois de uma luta porfiada. Todavia não lhe acudiu a resposta de prompto; e passaria a sua vez, si o director não lhe deixasse tempo bastante para maior esforço do que fôra dado aos outros e sobretudo a mim. Afinal occorreu-lhe a resposta, e eu com o coração tranzido, cedi ao meu vencedor o logar de honra que tinha conquistado de gráo em gráo, e conseguira sustentar havia mais de dous mezes.

Nos trinta annos vividos desde então, muita vez fui esbulhado do fructo do meu trabalho pela mediocridade agaloada ; nunca senti senão o desprezo que merecem taes pirraças da fortuna. despeitada contra aquelles que não a incensam.

N'aquelle momento, porém, vendo perdido o premio de um estudo assiduo, e mais por sorpreza, do que por deficiencia, saltaram-me as lagrimas que eu traguei silenciosamente, para não abater-me ante a adversidade».

E prolonga a descripção do episodio collegial, com minucia e pormenores, até concluir com o remate esperado :

«Momentos depois entrava eu pelo salão á frente da classe, onde me conservei até o exame».

Outro symptoma, extrahido do mesmo opusculo, que revela o desabafo do escriptor, diante da injustiça que soffreu, provocada pelo proprio orgulho :

Não sabia eu então que, em meu paiz, essa luz, que dizem gloria, e de longe se nos afigura radiante e esplendida

não é senão o baço lampejo de um fogo de palha.» (pagina 28 obr. cit.). Ainda este trecho :

«Hoje em dia quando surge algum novel escriptor, o apparecimento do seu primeiro trabalho é uma festa, que celebra-se na imprensa com luminarias e fogos de vista. Rufam todos os tambores do jornalismo, e a litteratura fórma parada e apresenta armas ao genio triumphante que sóbe ao Pantheon.

Compare-se essa estrada, tapeçada de flores, com a róta asperrima que eu tive de abrir, atravez da indifferença e do desdem, desbravando as urzes da intriga e da maledicencia.» (pag. 50 obr. cit.).

Observa-se ahi, além da estima exaggerada do proprio valor, a intercorrencia do apreço manifestado pelo applauso alheio ou do anhelo de glorificação. Se imperasse exclusivamente a consciencia do nimio valor, occorreria ao nosso romancista uma phrase semelhante á que pronunciou Rossini quando lhe communicaram haver o publico de Milão recebido com hostilidade a opera BARBEIRO DE SEVILHA : — Ah ! si ? Tanto peggio pel publico ! — Ou mesmo acudiria a Alencar sentença analoga á que expendeu, quando acoimaram de decrepitude a phase em que adoptou o pseudonymo de Senio :

«Não me affligi com isto, eu que, digo-lhe com todas as véras, desejaria fazer-me escriptor posthumo, trocando de bôa vontade os favores do presente pelas severidades do futuro». (pag. 54. obr. cit.).

Mas não censuramos esse traço caracteristico do temperamento do autor do GUARANY. A esse instincto subalterno elle, como a maioria dos grandes homens, deve a sua capacidade de trabalho e o seu incontestavel e relevante merito.

E' o caso de se repetir com Pascal : «La douceur de la

gloire est si grande qu'à quelque chose qu'on l'attache, même à la mort, ou l'aime».

Prosigamos na demonstração do diagnostico, para que se não qualifique de temerario o nosso juizo.

Compulsando-se as notas e prefacios annexos aos seus romances, podem-se rebuscar outros attestados menos eloquentes; preferimos, porém, consultar a opinião de autores que estudaram a obra de Alencar.

Araripe Junior, o mais insuspeito de todos, que traçou o magnifico perfil litterario do illustre cearense, escreve : «Cedo levaram-n'o á consciencia do proprio valor e encheram-n'o de um tal ou qual orgulho, que obrigou-o a afastar-se do que é vulgar, e a concentrar-se em si para crear novos alentos». (1)

Tambem o Visconde de Taunay assim se exprime : «Tinha Alencar convicção dessa verdade e d'ahi, em parte, as suas maneiras esquivas e penetradas de frio orgulho, que não lhe attrahiam sympathias pessoaes, nem consentiam formar-se escola em contacto immediato com a sua individualidade».

E a elle attribue a seguinte pergunta, naturalmente feita a um amigo em momento de desanimo ou de desgosto :

Você acha que passarei á posteridade? Não nutro essa segurança e, comtudo, quanto alento me daria, no meio dos desconsolos que tambem me vêm do cultivo das lettras». (2)

Não transcrevemos o juizo de Tobias Barreto, por julgal-o irreverente e injusto.

Para concluir, lembramos o incidente com o imperador, a proposito da sua eleição para senador.

Preferiu sacrificar a pasta do ministerio que lhe dava destaque no mundo politico, cargo que desempenhava com relevo

---

(1) Araripe Junior - LITTERATURA BRASILEIRA — JOSÉ DE ALENCAR pag. 12.
(2) Visconde de Taunay — REMINICENCIAS, pag. 89.

e brilho, abandonando todas as vantagens de uma situação commoda e até desertando das fileiras politicas, a seguir o conselho do monarcha. Queria mostrar o seu prestigio pessoal, embora tivesse a certeza do sacrificio, pois devia saber que, mesmo obtendo a maioria de suffragios na sua provincia natal, não seria escolhido na lista e teria o castigo de sua rebeldia.

Assim aconteceu e ficou o Brasil politico privado do seu valoroso concurso.

* * *

Já salientámos a sua tendencia para a carreira litteraria, desde os bancos academicos, mostrando a preferencia da leitura de romances e autores classicos sobre a dos compendios e tratados de direito. Foi essa a causa exclusiva de haver concluido o seu curso com escrupulo e honestidade, mas sem brilho e fulgores compativeis com o seu talento.

Venceu com extrema facilidade o primeiro obice que se lhe antolhava no apparelhamento da cultura litteraria, conseguindo lêr os melhores autores francezes da epoca, apezar do desalinho no conhecimento da lingua franceza.

Leu as obras completas de Balzac, começando por *La Grenadière*, além de algumas de Dumas e Vigny, e devotou-se a Chateaubriand e Victor Hugo. Em poucos mezes concluiu a primeira tarefa, com avidez, deixando-se empolgar mais pelo genero litterario, pelos moldes dos romances, pela factura emfim, do que pelos enredos ou o desenvolvimento da acção.

Pagou tributo a Byron, mas não soffrendo a influencia deleteria que minou a existencia de Alvares de Azevedo, Fagundes Varella e outros.

Recebeu somente o influxo benefico e poetou, como quasi todos os estudantes no Brasil, assignando as suas producções com os nomes de Byron, Hugo e Lamartine. E escrevia as suas

composições nas paredes da *republica*, sem lhes dar o menor apreço.

Um anno depois, em 1846, devotou-se á imprensa, fundando com outros companheiros, os *Ensaios litterarios* onde escreveu dois trabalhos: «A Patria de Camarão» e «Questões de estylo».

Não lográmos encontrar essas publicações nas bibliothecas do Estado e da Faculdade de Direito.

Dous annos depois, em Olinda, tentou o segundo ensaio de romance e arrostou com impavida energia a tarefa fastidiosa de lêr os chronistas da era colonial, pesquizando o germen de nacionalismo que devia inocular na sua obra futura.

Mas o primeiro impulso para as bellas lettras foi o divertimento de compôr e decifrar charadas, segundo a confidencia feita a Araripe Junior e a sua propria confissão no ensaio de auto-biographia já alludido. (1)

«O dom de produzir, a faculdade creadora, si a tenho, foi a charada que a desenvolveu em mim, e eu teria prazer em referir-lhe esse episodio psychologico, si não fosse o receio de alongar-me demasiado, fazendo novas excursões fóra do assumpto que me propuz».

Outro orientador dos seus primeiros passos no mundo litterario foi o Rev. Alencar, seu parente, e mestre na arte das charadas e logogryphos.

Pode-se dizer que o padre foi o seu primeiro critico, porque corrigia-lhe as composições, interessava-se pelas manifestações do seu talento infantil e preoccupava-se com a faculdade creadora do menino. Além disso, proporcionava-lhe o exemplo de lealdade, franqueza e outras provas de caracter. Folgazão e prazenteiro, incutia a alegria no espirito do menino taciturno e

---

(1) COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA, pag. 22.

contrariava a manifestação de um sentimentalismo abundante, filho do clima e da raça e herança materna.

José de Alencar havia conseguido no collegio o predicado de eximio leitor e era por isso aproveitado nos serões familiares, em torno da classica mesa das refeições e naturalmente sob o clarão amortecido de uma lampada de oleo ou de petroleo. Lia novellas e narrativas de genero sediço e abandonado: AMANDA E OSCAR, SAINT CLAIR DAS ILHAS, CELESTINA, etc.

«Foi essa leitura continua e repetida de novellas e romances que primeiro imprimiu em meu espirito a tendencia para essa fórma litteraria que é entre todas a de minha predilecção?» pergunta elle. E rememora a explicação do genio de Mozart e de sua precoce revelação pelo facto de ser adormecido no berço ao som da musica.

Julgamos que tanto o cultivo das charadas, como a intervenção do seu preceptor nas horas de lazer, á maneira dos gregos, como as suas funcções habituaes de ledor nos serões familares, contribuiram para lhe imprimir a directriz da intelligencia no dominio do romance.

Mais tarde, o successo alcançado pela MORENINHA, de Macedo, fez-lhe estuar o sangue nas arterias e abalar-lhe o systema nervoso, na ancia de gloria semelhante. E foi então que começou a devorar romances, lendo-os uns após outros, com o intuito exclusivo de seguir a trilha brilhante do novel e applaudido escriptor fluminense.

Ahi está, com a leitura dos autores francezes, a segunda impulsão do seu espirito para o movimento accelerado. na trajectoria do romance.

III

O ESCRIPTOR EMBRYONARIO

SUAS CONFISSÕES NA AUTO-BIOGRAPHIA — OS PRIMEIROS TRABALHOS QUE ESCREVEU — AS TENDENCIAS DO ESCRIPTOR — A INFLUENCIA DOS AUTORES EXTRANGEIROS — O ESTUDO DOS CLASSICOS E DAS CHRONICAS.

Foram já examinadas as confissões do escriptor e apreciadas as causas determinantes da sua vocação litteraria.

Como semente contribuiu o temperamento, faculdade hereditaria, transmittido por sua progenitora.

«Mas não tivesse eu herdado da minha santa mãe a imaginação de que o mundo apenas vê as flores, desbotadas embora, e de que eu somente sinto a chamma incessante; que essa leitura de novellas mal teria feito de mim um mecanico litterario, desses que escrevem presepes em vez de romances».

Como primeiros adubos do seu espirito, em phase preparatoria, actuaram as leituras de novellas e as charadas.

Quem teve a primazia de lhe amainar os impetos do temperamento e os arroubos da imaginação foi o Reverendo Alencar.

Resta-nos descobrir o primeiro rebento de sua intelligencia no terreno novellistico. Foi um timido ensaio de romance historico, inspirado pelo dilecto amigo de Alencar, Joaquim Sombra (1).

---

(1) Coronel Joaquim José de Souza Sombra.

Foi o heroe do movimento sedicioso do Exú e dos pronunciamentos nos sertões de Pernambuco, quem suggeriu ao menino a ideia de compôr um romance, aproveitando um episodio da revolução de que elle era protagonista.

«A ideia foi acceita com fervor ; e tratamos logo de a pôr em obra. A scena era em Pajihú de Flores, nome que por si só enchia-me o espirito da fragrancia dos campos nativos, sem fallar dos encantos com que os descrevia o meu amigo.

Esse primeiro rascunho foi-se com os folguedos da infancia que o viram nascer. Das primicias litterarias nada conservo : lancei-as ao vento como palhiço que eram da primeira copa».

Em São Paulo, de 1842 a 1847, além das poesias inspiradas por Byron e Lamartine, dos artigos publicados nos *Ensaios Litterarios* (1846) e do romance CONTRABANDISTAS, nada fez José de Alencar, a não ser aprestar-se para a lucta e exercitar a sua imaginação.

Só em Olinda (1848) foi que lhe resurgiu a veia do romance.

Como Anteu, o gigante da mythologia grega, foi repisar o sólo natal, afim de readquirir alento para a lucta ; recebeu nova dóse de vigor e de inspiração, sensibilizando novamente as cellulas cerebraes com as impressões hauridas na puericia e durante a excursão do Ceará á Bahia.

Atirou-se novamente á leitura febricitante, conhecendo outros autores francezes, como Eugène Sue, Frédéric Soulié, Arlincourt, etc., e travando relação com Walter Scott, Fenimore Cooper e F. Marryat.

Nessa occasião leu as chronicas dos tempos coloniaes em busca de um thema para um romance nacional.

Diz-nos elle no seu esboço de memorias litterarias : «Uma coisa vaga e indecisa que devia parecer-se com o primeiro broto do GUARANY ou de IRACEMA, fluctuava-me na fantasia. Devorando as paginas dos alfarrabios de noticias coloniaes, bus-

cava com soffreguidão um thema para o meu romance ; ou pelo menos um protagonista, uma scena e uma época.

Recordo-me de que para o martyrio do padre Francisco Pinto, morto pelos indios de Jaguaribe, se volvia meu espirito com predilecção. Intentava eu figural-o na mesma situação em que se achou o padre Anchieta, na praia de Iperoig ; mas succumbindo afinal á tentação. A lucta entre o apostolo e o homem, tal seria o drama, para o qual de certo me falleciam as forças».

Mais tarde aproveitou esse thema nas MINAS DE PRATA.

Em Olinda passou um só anno, e teve de regressar a São Paulo castigado por uma enfermidade.

E' de suppôr que elle tivesse preparado em Olinda o arcabouço das novellas A ALMA DE LAZARO e O ERMITÃO DA GLORIA.

O romance CONTRABANDISTAS escripto aos 18 annos, segundo Alencar, o foi indubitavelmente em S· Paulo (1847), quando elle leu PETER-SIMPLE e MR. MIDSHIPMAN EASY., dous romances de aventuras maritimas que contribuiram para a reputação de Marryat (1792-1848). Desse mesmo genero de leitura resente-se o ERMITÃO DA GLORIA.

De THE PILOT, THE RED ROVES e outros romances de assumptos nauticos de Cooper (1789-1851), elle confessa a inspiração com referencia aos «Contrabandistas».

Araripe Junior extranha que não cite os dous primeiros romances alludidos, como tendo sido escriptos em Olinda, em sua primitiva concepção. Declara que houve esquecimento do autor, pois lembra-se que ouviu do proprio Alencar tal affirmativa, accrescentando que Lazaro fôra conhecido por elle em Olinda.

Ahi temos a influencia de dous escriptores estrangeiros, um inglez e outro norte-americano.

Mas os seus autores favoritos eram Chateaubriand e Walter Scott.

IV

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES

Os Contrabandistas - A alma de Lazaro - O ermitão da Gloria — Cinco minutos — A viuvinha (incompleto).

O primeiro romance escripto por Alencar foi consumido por um hospede que tinha o máo gosto de preparar, todas as noites, mechas com as paginas do manuscripto e queimal-as na vela para accender o cachimbo.

Como curiosidade historica, devemos dar a palavra ao autor para discorrer sobre o plano de sua tentativa seria de romance :

« Sua feitura havia de ser consoante á inexperencia de um moço de 18 annos, que nem possuia o genio precoce de Victor Hugo, nem tinha outra educação litteraria, senão essa superficial e imperfeita, bebida em leituras a esmo. Minha ignorancia dos estudos classicos era tal, que eu só conhecia Virgilio e Horacio, como pontos difficeis do exame de latim, e de Homero apenas sabia o nome e a reputação. Mas o traço dos Contrabandistas, como o gizei aos 18 annos, ainda hoje o tenho por um dos melhores e mais felizes de quantos me suggeriu a imaginação. Houvesse editor para as obras de longo folego, que já esse andaria a correr mundo, de preferencia a muitos outros que dei á estampa nestes ultimos annos.

A variedade dos generos que abrangia este romance, desde o idyllio até a epopéa, era o que sobretudo me prendia e me agradava. Trabalhava não pela ordem dos capitulos, mas destacadamente esta ou aquella das partes em que se dividia a obra. Conforme a disposição de espirito e a veia de imaginação, buscava entre todos o episodio que mais se moldava ás ideias do momento. Tinha para não perder-me nesse dedalo o fio da acção que não cessava de percorrer.

A estas circumstancias attribuo ter o meu pensamento, que eu sempre conheci avido de novidade, se demorado nesse esboço por tanto tempo : pois, quatro annos depois, já então formado, ainda era aquelle o thema unico de meus tentamens no romance ; e si alguma outra ideia despontou, foi ella tão pallida e ephemera que não deixou vestigio .

De ALMA DE LAZARO e O ERMITÃO DA GLORIA, como foram refundidos, fallaremos em logar opportuno, depois de esboçar a classificação dos romances do autor.

CINCO MINUTOS e VIUVINHA são dous ensaios poeticos de romances que esboçam a feição dominante dos perfis de mulher traçados pelo autor.

A primeira novella foi pela primeira vez publicada em folhetins do *Diario do Rio de Janeiro,* jornal de que José de Alencar foi redactor-chefe. E' a historia singella de um amor que teve a explosão em um omnibus, dos que possuia outr'ora a cidade de S. Sebastião, como vehiculo de transporte dos moradores de arrabaldes longinquos. Carlota, a protagonista da novella e inspiradora do amor subito, resistiu ou fingiu resistir á influencia da corrente mysteriosa de sympathia que dominou o seu companheiro de viagem, mantendo o incognito favorecido pela obscuridade do ambiente e por um véo discreto.

Ateada a chamma no coração do rapaz, foi impossivel do-

minar o incendio que lavrou com intensidade, favorecido pela astucia feminina.

O joven perseguia a sombra fugitiva, guardando de sua amada, como indicios na pesquiza, o timbre da voz e o perfume do lenço.

Carlota mantinha o incognito, porque soffria de uma affecção pulmonar e não queria causar a infelicidade do ente que lhe inspirara amor.

O namorado *correu a via sacra*, em perseguição da sylphide esquiva que, para elle, se tornára verdadeira obsessão.

Depois de varios encontros fortuitos, tiveram os amantes ensejo de uma rapida entrevista em Petropolis.

Desvendou-se o segredo de Carlota que, num supremo esforço, escreveu a seu amado, expondo a situação que exigia um sacrificio de parte a parte.

Era a despedida peremptoria, pois Carlota no dia seguinte atravessava o oceano, em busca de prorogação da existencia, minada pela terrivel enfermidade.

Inutil é dizer que o moço apaixonado seguiu-a e foi ter o idyllio em Napoles onde se paralyzou a molestia, sob a influencia benefica do clima e da felicidade.

E casaram-se na igreja de Santa Maria Novella, em Florença.

Ahi está o enredo subtil e fugaz como um sonho.

E' um poemeto em prosa, com o feitio lamartineano.

Si applicarmos o methodo esboçado por Hennequin, para analyse de esthopsychologia, verificaremos a simplicidade de vocabulario e elegancia na formação da phrase.

Alencar não se preoccupava com os termos rebuscados e não torturava os periodos abusando de ordem inversa. A sua linguagem é correntia e perfeitamente adstricta ás ideias e aos pensamentos que lhe acudiam á mente. No seu estylo predomina a nota descriptiva, com muita sobriedade e relevo de imagens encantadoras.

Não é em CINCO MINUTOS ou na VIUVINHA que se pode apreciar devidamente a faculdade do estylo descriptivo do romancista brasileiro. Só em IRACEMA attingiu á pujança maxima a sua capacidade de descrever. Tambem não é opportuno tirar conclusões da applicação de semelhante processo de analyse. E' preciso dilatar o campo de observação, apreciar o desenvolvimento da sua faculdade espontanea e dominante, para se fazer a deducção dos meritos do escriptor, da fluencia e simplicidade do seu estylo descriptivo, considerando-se a obra em conjuncto.

Araripe Junior que melhor estudou o artista e a obra respectiva, classifica as duas novellas como denunciadoras do «periodo de verdadeira explosão», quando a inspiração era indomavel e superexcitada pela ancia de collimar o ideal. E, com muita propriedade, observa a tendencia do escriptor em concretizar «o garridismo e as faceirices da mulher» nessas novellas que são «duas miniaturas na fórma, no sentimento».

A VIUVINHA foi escripta anteriormente, havendo o autor invertido a ordem chronologica da acção.

Depois do successo do primeiro romancete, resolveu José de Alencar refazer a outra novella já iniciada, adoptando a feição definitiva. Foi começada a publicação da novella, escripta dia a dia, nos folhetins do *Diario,* quando Leonel de Alencar estampou, sem sciencia do autor, na revista *Livro do domingo,* o ensaio primitivo. A consequencia desse acto irreflectido ou involuntario, foi a interrupção do romancete, facto que contrariou os leitores do jornal.

Apezar dos insistentes pedidos para a conclusão do trabalho, foi suspensa a publicação, sendo o romance concluido tres annos depois, para apparecer em volume, juntamente com CINCO MINUTOS.

Como sua irmã gemea, a segunda novella descreve sceans

occorridas no Rio de Janeiro e desenvolve um entrecho simples e de facil urdidura.

Carlota fugia do seu amado e sacrificava-se, devido á molestia supposta incuravel. Jorge abandonou Carolina, em busca da morte, em a noite do casamento, porque recebera do seu ex-tutor a revelação da sua pobreza ou ruina financeira, depois de um periodo de gosos mundanos em que dissipou a herança paterna e comprometteu o credito da firma commercial de que fôra successor.

Em CINCO MINUTOS houve a milagrosa intervenção do clima da Italia, e «a aura impregnada de perfumes», emanada do golfo de Ischia, para restituir a saude a Carlota; em «VIUVINHA, a resurreição do suicida restituiu a felicidade de Carolina, depois da rehabilitação do nome de Jorge e da memoria paterna.

Em ambos os romancetes predominam o frescor e fluidez de estylo, perpassa um lyrismo suave e embalsamado que define o romantismo de Lamartine e de George Sand.

E' chegada a opportunidade de encarar a sua obra em conjuncto, perfeitamente classificada, afim de facilitar a analyse.

V

CLASSIFICAÇÃO DA OBRA

ROMANCE HISTORICO, DA VIDA DA CIDADE E DO CAMPO - PASTORAES - FOLHETINS - THEATRO - CRITICA - ESCRIPTOS POLITICOS E JURIDICOS - ELOQUENCIA - POESIA.

Balzac iniciou a sua carreira de romancista em 1829, com a publicação de LES CHOUANS, e só em 1841 esboçou o plano de uma obra de conjuncto a que denominou COMEDIA HUMANA. Em 1845 foi esse plano delineado com a classificação dos romances já publicados, e o projecto de escrever outros. Elle dividiu a COMEDIA HUMANA ou o estudo de costumes, em scenas da vida privada, de provincia, parisiense, politica, militar e do campo.

A principio elle escrevia a esmo, desordenadamente, para corresponder a uma vocação e mesmo por necessidade. Depois que formulou o programma tardio, entregou-se á tarefa de refundir a obra publicada, adaptando-a ao delineamento traçado e curando melhor da fórma.

Não conseguiu, porém, levar a termo o projecto elaborado, deixando desfalcadas as partes constitutivas, com a simples indicação dos titulos dos romances.

Zola, com a serie dos ROUGON-MACQUART, quando foi accusado de preparar successos de livraria, armando ao effeito de escandalo, estampou em um volume a arvore genealogica dos

personagens dos seus romances e demonstrou possuir um plano previamente traçado e que foi cumprido á risca.

José de Alencar, quando foi torturado pela critica injusta que chegou a increpar-lhe o intuito subalterno de visar lucros pecuniarios, teve o mesmo gesto e escreveu o prefacio — Benção paterna — dos SONHOS DE OURO.

Desafogou a magua causada pelos acrimoniosos reparos dos seus inimigos gratuitos que lhe moviam verdadeira campanha diffamatoria, e escreveu :

«A litteratura nacional que outra cousa é senão a alma da patria, que transmigrou para este sólo virgem com uma raça illustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço ; e cada dia se enriquece ao contacto de outros povos e ao influxo da civilização ?

O periodo organico desta litteratura conta já tres phases.

A primitiva que se pode chamar aborigene, são as lendas e mythos da terra selvagem e conquistada ; são as tradições que embalaram a infancia do povo, e elle escutava, como o filho a quem a mãe acalenta no berço com as canções da patria, que abandonou.

IRACEMA pertence a essa litteratura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aquelles que veneram na terra da patria a mãe fecunda — «alma mater», e não enxergam nella apenas o chão onde pisam.

O segundo periodo é historico : representa o consorcio do povo invasor com a terra americana, que delle recebia a cultura, e lhe retribuia nos effluvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um sólo esplendido.

Ao conchego desta pujante creação, a tempera se apura, toma alas a fantasia, a linguagem se impregna de modulos mais suaves ; formam-se outros costumes, e uma existencia nova. pautada por diverso clima, vae surgindo.

E' a gestação lenta do povo americano, que devia sahir da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de seu progenitor. Esse periodo colonial terminou com a independencia.

A elle pertencem o GUARANY e as MINAS DE PRATA. Ha ahi muita e boa messe a colher para o nosso romance historico ; mas não exotico e rachitico como se propoz a ensinal-o a nós beocios, um escriptor portuguez.

A terceira phase, a infancia da nossa litteratura, começada com a independencia politica, ainda não terminou ; espera escriptores que lhe dêm os ultimos traços. e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretenções hoje tão accesas de nos recolonizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço.

Neste periodo, a poesia brasileira. embora balbuciante ainda, resôa, não já somente nos rumores da brisa e nos echos da floresta, senão tambem nas singelas cantigas do povo e nos intimos serões de familia.

Onde não se propaga com rapidez a luz da civilização, que de repente cambia a côr local, encontra-se ainda em sua pureza original, sem mescla, esse viver singelo de nossos pais, tradições, costumes e linguagem, com um sainete todo brasileiro. Ha, não somente no paiz, como nas grandes cidades, até mesmo na côrte, desses recantos, que guardam intacto, ou quasi, o passado.

O TRONCO DO IPÊ, o TIL e o GAUCHO vieram d'alli ; embora no primeiro sobretudo, se note já, devido á proximidade da côrte, e á data mais recente, a influencia da nova cidade, que de dia em dia se modifica, e se repassa do espirito forasteiro.

Nos grandes fócos, especialmente na côrte, a sociedade tem a physionomia indecisa, vaga e multipla, tão natural á idade da adolescencia.

E' o effeito da transição que se opera, e tambem o amalgama de elementos diversos.

A importação continua de ideias e costumes estranhos, que dia por dia nos trazem todos os povos do mundo, devem por força de commover uma sociedade nascente, naturalmeute inclinada a receber o influxo de mais adiantada civilização.

Os povos têm, na virilidade, um eu proprio, que resiste ao prurido da imitação ; por isso na Europa, sem embargo da influencia que successivamente exerceram algumas nações, destacam-se alli os caracteres bem accentuados de cada raça e de cada familia.

Não assim os povos não feitos : estes tendem como a criança ao arremedo ; copiam tudo, acceitam o bom e o máo, o bello e o ridiculo, para formarem o amalgama indigesto, limo de que deve sahir mais tarde uma individualidade robusta.

Palheta, onde o pintor deita laivos de côres differentes, que juntas e mescladas entre si, dão uma nova tinta de tons mais delicados, tal é a nossa sociedade actualmente. Notam-se ahi, atravez do genio brasileiro, umas vezes embebendo-se d'elle, outras invadindo-o, traços de varias nacionalidades adventicias: é a ingleza, a italiana, a hespanhola, a americana, porém especialmente a portugueza e a franceza, que todos fluctuam, e a pouco e pouco vão diluindo-se para infundir-se n'alma da patria adoptiva, e formar a nova e grande nacionalidade brasileira.

Desta luta entre o espirito conterraneo e a invazão estrangeira, são reflexos LUCIOLA, DIVA, a PATA DA GAZELLA e tu, livrinho, que ahi vaes correr mundo com o rotulo de SONHOS DE OURO.

Deprehende-se da leitura desse bello trecho de prosa que José de Alencar não teve propriamente em mira o intuito de classificar a sua obra. Procurou demonstrar que elle não foi

um mero imitador da litteratura estrangeira, segundo a accusação dos seus adversarios. Redigiu a sua defesa contra os rudes ataques dos detractores, criticos adventicios e improvisados, de encommendas ou apaixonados, que exploravam a sensibilidade e o amor proprio do artista, fazendo-o soffrer e procurando estancar a fonte do seu justo renome.

O autor dos SONHOS DE OURO visou exclusivamente rebater os reproches, refutar as calumnias e defender a sua obra honesta e consciente.

Incidentemente classificou os seus romances, distribuindo-os pelas phases em que dividiu a nossa litteratura, sem comtudo abranger a obra completa, pois limitou-se a apresentar exemplos.

Araripe Junior, quiçá o mais competente dos nossos criticos, não se conforma com a systematização «post-factum», como a qualifica, embora reconheça que a classificação é engenhosa. E' de admirar o reparo do autor do perfil litterario de Alencar, porque a divisão apresentada é consentanea e está em perfeita harmonia com a directriz traçada na carreira artistica do autor do GUARANY.

A leitura da chronica e da historia patria, o estudo do *folk-lore*, da lingua e da ethnographia, as suas primeiras tentativas de romance, o caracter digressivo de sua obra, tudo nos induz a acceitar, como sincera, a profissão de fé.

Sylvio Romero que nunca perdera o ensejo de apresentar uma classificação, escreveu com referencia á obra de Alencar:

> «Pode-se dizer que não ficou recanto do nosso viver historico-social em que elle não tivesse lançado um raio de seu espirito.
>
> A vida das cidades em diversas épocas e varias camadas da população lá está — em AZAS DE UM ANJO, SONHOS DE OURO, PATA DA GAZELLA, DIVA, LUCIOLA, SENHORA; as scenas do existir dos selvagens puros no UBIRAJARA e nos FILHOS

DE TUPAN; dos indios em suas relações com os colonos nos primeiros seculos da conquista — em IRACEMA e no GUARANY; as scenas originalissimas dos pampas do Sul — no GAÚCHO; as talvez ainda mais singulares dos sertões do Norte — no SERTANEJO; a sociedade colonial — em MINAS DE PRATA, na GUERRA DOS MASÇATES e no JESUITA; alguns aspectos da escravidão — em o DEMONIO FAMILIAR; os das fazendas das zonas das matas — em TRONCO DO IPÊ e TIL; feições varias do nosso labutar politico — em CARTAS DE ERASMO e DISCURSOS PARLAMENTARES (1).

Ahi está, *mutatis-mutandis*, a classificação de Alencar, só faltando a divisão da nossa litteratura em periodos.

Outro critico notavel do nosso meio litterario, o saudoso José Verissimo, participa da mesma opinião:

«Fôra, porém, injustiça não reconhecer já que José de Alencar se não encerrou e inutilizou no indianismo. Si para elle o indianismo foi um meio capital de reacção brasileira contra o portuguezismo litterario, não resumiu toda a nossa litteratura, e os mais frisantes aspectos da nossa vida nacional tentaram o seu engenho e a sua penna.

No GAÚCHO estuda elle a natureza e a vida pastoril do sul do Brasil; no SERTANEJO, a mesma vida nas regiões pastoris do norte; no TRONCO DO IPÊ, no TIL a vida agricola da parte do paiz, em que ella é porventura mais intensa ou pelo menos o meio em que se desenvolve essa vida; na PATA DA GAZELLA, nos SONHOS DE OURO, na SENHORA, na LUCIOLA, na DIVA, a vida artificial, futil, imitativa da capital que é a mais alta e nem sempre real expressão da civilização nacional.

---

(1) Sylvio Romero e João Ribeiro — COMPENDIO DE HISTORIA DA LITTERATURA BRASILEIRA, pag. 272.

Mas não é somente na vida actual que elle pretende dar em livros admiraveis a impressão de sua alma de artista. Sedul-o tambem, como a todo romantico, o passado, as origens desta nacionalidade de que elle foi, com todos os seus defeitos e suas qualidades, um dos mais eminentes e mais caracteristicos representantes.

O GUARANY, as MINAS DE PRATA, o GARATUJA, obedecem a este intuito e procuram dar, como a arte o pode fazer, a physionomia de uma sociedade em formação, em um vasto paiz selvagem, e resultando do conflicto de uma raça civilizada e aventureira, com o gentio no primeiro estadio quasi de desenvolvimento humano, ás quaes a rapina e a conquista aggregava uma terceira, a negra, que viria ser um factor relevante da nova nacionalidade» (1).

E como é esse um ponto essencial do nosso estudo, antes de expendermos o nosso juizo definitivo sobre o thema em debate, julgamos interessante ouvir o parecer de um contemporaneo do autor de IRACEMA, como elle tambem romancista e reconhecido por todos como chefe da geração que lhe succedeu. Referimo-nos a Machado de Assis, que pronunciou um discurso no acto de se lançar a pedra fundamental do monumento erguido em uma praça publica do Rio de Janeiro.

Disse, com o seu proverbial atticismo, o sentencioso e fino autor de BRAZ CUBAS :

«O espirito de Alencar percorreu as diversas partes da nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a matta e o pampa, fixando-os em suas paginas, compondo assim, com as differenças da vida, das zonas e dos tempos, a unidade emocional da sua obra» (2).

---

(1) José Verissimo — ESTUDO BRASILEIRO — 2.a serie, 1894 pag. 155.
(2) Machado de Assis — PAGINAS RECOLHIDAS pag. 128.

Estamos agora em condições de operar a selecção de sua obra, agrupando os trabalhos que apresentam caracteres de semelhança ou analogia, e separando os de natureza distincta.

José de Alencar nos deixou um legado precioso, não só quanto á quantidade como á qualidade.

Elle produzia romances, folhetins, peças theatraes, critica, escriptos politicos e juridicos, discursos e poesia.

Os romances que delle conhecemos, são os seguintes, na ordem chronologica de publicação :

CINCO MINUTOS, A VIUVINHA, GUARANY, AS MINAS DE PRATA, LUCIOLA, DIVA, IRACEMA, O GAUCHO, A PATA DA GAZELLA, GUERRA DOS MASCATES, O TRONCO DE IPÊ, O ERMITÃO DA GLORIA, ALMA DE LAZARO, GARATUJA, SENHORA, UBIRAJARA, TIL, SERTANEJO, ENCARNAÇÃO (18) Ha ainda cinco fragmentos de romances, publicados respectivamente pelo *Protesto, Revista da Academia Brasileira de Letras,* pela *Revista do Centro de Sciencias, Lettras e Artes de Campinas,* e *Revista do Brasil.* São : EX HOMEM, O PAGEM NEGRO» (4 capitulos) e UM DESEJO (projecto de romance) ESCABIOSA e A NETA DO ANHANGUERA.

Os folhetins, collaboração hebdomadaria do *Correio Mercantil,* foram enfeixados em volume sob a mesma epigraphe AO CORRER DA PENNA.

Na litteratura dramatica herdámos : O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos ; VERSO E REVERSO, comedia em 3 actos; AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo ; A NOITE DE S. JOÃO, comedia lyrica em 2 actos ; MÃE, drama em 4 actos ; EXPIAÇÃO, comedia em 4 actos ; O JESUITA, drama em 4 actos ; CREDITO, comedia em 5 actos (8).

A critica mereceu a sua attenção desde o tempo de estudante Deixou-nos as CARTAS SOBRE A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS e O NOVO CANCIONEIRO, além de artigos avulsos, publicados nos jornaes.

Os seus escriptos politicos são : CARTAS AOS ELEITORES DO CEARÁ, AO IMPERADOR; AO POVO (cartas de Erasmo), PAGINA DE ACTUALIDADE — OS PARTIDOS, O JUIZO DE DEUS, VISÃO DE JOB; A VIAGEM IMPERIAL ; VOTO DE GRAÇAS, além dos discursos parlamentares, do relatorio do Ministro, de artigos esparsos e de biographias de estadistas brasileiros.

A sua obra de jurisconsulto não é vasta, porque a litteratura e a politica absorveram o cultor do direito. Escreveu : UMA THESE CONSTITUCIONAL, QUESTÃO DE HABEAS CORPUS, O SYSTHEMA REPRESENTATIVO, A PROPRIEDADE, e ESBOÇOS JURIDICOS, além de outros trabalhos ineditos.

Na eloquencia manifestou o seu talento, quando desempenhou as funcções de representante do Ceará na Camara dos Deputados e quando exerceu a sua acção de ministro da justiça. Os seus discursos foram reunidos em dous volumes : DISCURSOS proferidos na Camara dos Deputados e no Senado na sessão de 1869, DISCURSOS proferidos na sessão de 1871 na Camara dos Deputados.

De poesia só conhecemos o poema inacabado OS FILHOS DE TUPAN, publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, o prologo do poemeto NICTHEROY e producções avulsas.

Para maiores esclarecimentos e com mais detalhe, organizamos a relação que fornece a bibliographia do autor, incluindo trabalhos ineditos e esquecidos nos jornaes.

Feita a classificação da obra em generos, devemos nos preoccupar do estudo systematico dos romances.

Podem ser divididos em quatro grupos : romance historico, da vida da cidade, da vida campesina e lenda indianista ou pastoral.

A feição do primeiro grupo não é subordinada aos moldes do romance historico como foi comprehendido em França por varios escriptores, principalmente por Dumas, nem mesmo ao

feitio da obra de Walter Scott que aproveitou a historia da Escossia, interpretando com fidelidade os costumes, pintando os scenarios com exactidão, mas modernizando a acção e polindo os sentimentos dos personagens. «Walter Scott s'arrête sur le seuil de l'âme et dans le vestibule de l'histoire, ne choisit, dans la Renaissance et le Moyen âge, que le convenable et l'agréable, efface le langage naïf, la sensualité débridée, la ferocité bestiale», disse Taine na HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE ANGLAISE. Em seus romances é desprezada a psychologia da historia, esquece o verdadeiro caracter dos personagens, modernizando protagonistas e comparsas ; mas reproduz, com carinho de artista, o meio, os habitos e as scenas. Conserva inalteravel, auxiliado por um meticuloso estudo da historia da época, a parte estatica dos seus romances ; mas devaneia o aspecto dynamico, modifica a acção, esbatendo o entrecho ao sabor da imaginação versatil, da phantasia de artista.

Alexandre Dumas explorou mais a parte anecdotica da historia, descrevendo façanhas de heróes de quilates variaveis e intrigas de alcova.

Foi, porém, oriunda do autor de IVANHOÉ a influencia exércida no espirito de Alencar, como já se fizera sentir nos centros cultos da Europa.

O grande successo do romancista escossez reflectiu-se em França e ao lado das imitações rasteiras, desprovidas do surto de potencia inspiradora imprimiu acertada orientação ao movimento litterario, chegando a produzir um monumento de fino lavor que, se não ultrapassou, nivelou-se aos moldes da galeria em que figuram WAVERLEY e QUENTIN DURWARD. Referimo-nos a NOTRE DAME, de Victor Hugo.

Na Italia, Manzoni excedeu o mestre na comprehensão do romance historico, quando escreveu I PROMESSI SPOSI, admiravel representação de uma época historica.

O reflexo em Portugal actúou fracamente em Garrett e de modo mais decisivo em A. Herculano que participou tambem de outras correntes de influencia.

O romantismo brasileiro, derivado directamente de Portugal e de França, soffreu tambem o impulso dominante, preoccupando o espirito de José de Alencar que hauriu a inspiração na fonte principal e recebeu o influxo mediato.

O autor das MINAS DE PRATA lêra e apreciava as obras de Scott, de Hugo e Herculano e provavelmente conhecia Manzoni. Mas, desde a adolescencia, estudou a historia patria, procurou coordenar a tenue e pallida tradição do nosso povo, esquadrinhou a chronica, esmerilhou o nosso passado, investigou as nossas origens e pesquizou os elementos de formação da nossa nacionalidade. E por isso conseguiu imprimir um cunho de nacionalismo, intervindo com o contingente selvagem poetizado e temperando o desenvolvimento da acção com leve condimento de historia. O GUARANY é o exemplo frisante dessa modalidade de romance historico.

Feição mais accentuada nota-se em MINAS DE PRATA onde o autor circumscreveu o enredo em torno de uma lenda ou facto que constituiu o espirito de conquista e de cobiça, manifestado pelos portuguezes, desde o inicio da era colonial.

Os metaes e pedras preciosas despertavam o maximo interesse aos colonizadores do Brasil e ao governo da metropole.

Ainda a esse genero de romance pertencem A GUERRA DOS MASCATES, o PAGEM NEGRO (incompleto) e as chronicas dos tempos coloniaes : O GARATUJA, O ERMITÃO DA GLORIA, a ALMA DE LAZARO e A CABEÇA DE SANTO ANTONIO (parte).

Continuando e desenvolvendo o espirito nativista de Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, Alencar escreveu IRACEMA e UBIRAJARA, lendas indianistas que têm o sabor das pastoraes. São verdadeiros poemas em prosa ou romances lyricos.

A vida mundana das cidades, nos salões de baile e na platéa dos theatros, no «omnibus», na rua do Ouvidor ou nos habitos elegantes da sociedade, teve a sua representação em CINCO MINUTOS, A VIUVINHA, LUCIOLA, DIVA, A PATA DA GAZELLA, SENHORA, SONHOS DE OURO, ENCARNAÇÃO, ESCABIOSA e UM DESEJO (os dois ultimos incompletos).

O autor ensaia uma psychologia rudimentar, diluida em agua assucarada e embalsamada pela fragrancia das flores, o aroma da brisa e o halito das virgens. E' o culto do *coquettismo,* da faceirice, das innocentes intriguinhas amorosas e da graça feminil.

Finalmente, apparece a galeria dos quadros sertanejos, a vida bucolica onde, ao lado de alguma observação fiel, devaneia o espirito do autor, atravez de temperamentos varios, sempre rendendo culto ao encanto da mulher.

São desse grupo : O GAUCHO, O TRONCO DO IPÊ, TIL, O SERTANEJO, EX HOMEM (inacabado).

Feita a classificação da obra, avultada em numero e em variedade, volvemos as nossas vistas para apreciar cada genero de per si, iniciando o nosso estudo pelo caracter dominante do escriptor.

VI

O ROMANCISTA

(Apreciação succinta dos romances, de accôrdo com a classificação esboçada — Os seus processos de romancista — Os effeitos e as causas).

O Romance Historico

Pondo de parte o caso esporadico de Nuno Marques Pereira que, nos tempos coloniaes (1725) escreveu o Peregrino da America, (1) a primeira manifestação do romance no Brasil operou-se em plena phase do romantismo, depois de 1830.

Disputam a primazia chronologica no genero, D. Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manoel de Macedo, J. M. Pereira da Silva, Martins Penna e J. Noberto de Souza e Silva.

Sylvio Romero, na Evolução da Litteratura Brasileira, enumera Gonçalves de Magalhães em primeiro logar, citando a novella Amancia, na phase de inicio directo com o romantismo (1840-1856). Mas essa novella foi publicada na *Minerva Brasiliense* em 1844 e o proprio autor, segundo os informes

---

(1) Sylvio Romero considera essa obra como pertencente á litteratura de cordel, representando o periodo precursor do romance, juntamente com os contos populares. José Verissimo contesta, a nosso vêr com razão, esse caracter de genero novellistico ao livro que só tem por intuito propagar principios de religião christã e corrigir costumes dos contemporaneos.

Meu Caro Amigo.

Sem o saber eu parecia que faltava um exemplar
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
O Castilho deu-me outro exemplar [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible]

prestados a Ferdinand Wolf, não a considera como a primeira manifestação do romance no Brasil (2).

Macedo escreveu O FORASTEIRO em 1839 e deixou-o inedito até 1855. Publicou o primeiro romance MORENINHA em 1844.

Pereira da Silva, segundo a declaração que faz no prefacio de JERONYMO CORTE REAL, publicou esse romance de assumpto portuguez, em 1840, no *Jornal do Commercio,* colligindo-o em volume 25 annos mais tarde. Tambem deu á luz da publicidade um esboço de romance historico O ANNIVERSARIO DE D. MIGUEL EM 1825 e uma novella RELIGIÃO. AMOR E PATRIA, ambos em 1839.

Martins Penna desviou-se da sua tendencia natural e espontanea para o theatro, ensaiando o romance historico com DUGUAY TROUIN, em 1840 (3).

Joaquim Noberto, o autor dos ROMANCES E NOVELLAS, fez apparecer a sua primeira novella, AS DUAS ORPHÃS, em 1841.

Podemos, portanto, dar a primazia, em ordem chronologica, a Pereira da Silva, embora reconhecemos que elle não contribuiu para a formação do romance brasileiro. Os seus pallidos ensaios subordinam-se ao modelo do romance historico, exploram assumpto portuguez e assimilam-se mais ao genero de chronica do que ao novellistico ou de ficção.

A Teixeira e Souza cabe indubitavelmente o titulo de fundador do romance no Brasil, pondo de parte o apego e respeito absolutos, pelas datas e não intervindo com a timidez ou inadvertencia de Macedo que conservou inedito o seu primeiro trabalho durante 16 annos.

---

(2) F. Wolf — HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE BRÉSILIENNE, pag. 168.

(3) DUGUAY-TROUIN, romance historico publicado na "Sentinella da Monarchia" ou no "Correio" de 1840 em diante, segundo affirma o Dr. José Francisco Vianna, parente do autor.
Sacramento Blake. — DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO. Vol. 5, pag. 377.

Mas, em assumpto dessa natureza, não se póde emprestar tamanho rigor á precedencia, pois não se trata de uma descoberta scientifica ou de um invento industrial. Não é licito affirmar que o autor da primeira novella influisse no espirito dos escriptores que continuaram a cultivar o genero. Não houve originalidade no methodo de composição, importado da Europa, e por conseguinte só nos interessa a adaptação, á litteratura brasileira.

E' por esse motivo que José Verissimo, com justiça, empresta a Teixeira e Souza o qualificativo de creador do romance adstricto aos typos, paysagens e costumes brasileiros.

Reservamos, porém, a Macedo funcção saliente, por elle exercida, conforme demonstraremos em occasião opportuna.

A' primeira pleiade de romanticos, tendo Gonçalves de Magalhães na vanguarda, succedeu a segunda geração a que pertenceu José de Alencar. O autor de IRACEMA apparece na liça, sob o patrocinio de Francisco Octaviano, mas permaneceu isolado, longe do convivio das *coteries*, trabalhando no recesso do lar ou na redacção de jornal, sempre arredio e afastado dos grupos. Era dotado de um temperamento concentrado, de genio pouco expansivo, contrastando com o caracter nimiamente communicativo do nortista e do brasileiro em geral.

Possuia admiradores e amigos dedicados, mas preferia a acção isolada.

Não foi socio do Instituto Historico, como o foram quasi todos os romanticos, seus contemporaneos, e como sóe acontecer a quasi todos os litteratos brasileiros, desde a fundação desse importante centro de intellectualidade fundado por Januario da Cunha Barbosa e outros. Não collaborou, portanto, na conceituada revista trimensal, como tambem não o fez em outras publicações litterarias da epoca.

Limitou-se a collaborar no *Jornal do Commercio* e *Correio Mercantil* e a dirigir o *Diario*.

Mesmo para a defesa da sua attitude politica no gabinete de 16 de Julho, não procurou conquistar as sympathias de um jornal correligionario. Preferiu fundar o orgão, definido pela data da sua ascenção politica, de parceria com o seu irmão.

Nunca frequentou a «Petalogica», nome pelo qual era conhecida a pequena livraria de Paula Brito, verdadeiro cenaculo litterario das duas gerações de romanticos. Alli no largo do Rocio, publicava-se a *Marmota* e se reuniam Teixeira e Souza que foi empregado de Paula Brito, Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre, Laurindo Rabello, Macedo, Machado de Assis, Zaluar, Quintino Bocayuva, Casimiro de Abreu e muitos outros poetas, litteratos e até politicos, pois Paula Brito além de typographo, livreiro e escriptor, era tambem nacionalista e cabo eleitoral.

Attrahido pela vocação manifestada desde a mais tenra idade e acudindo ao appello de F. Octaviano, fez a sua estreia no *Correio Mercantil,* occupando as paginas menores do jornal com os seus folhetins hebdomadarios - «Ao correr da penna».

Mas o publico só conheceu a sua feição de romancista, quando elle dirigia o *Diario do Rio de Janeiro,* onde publicou CINCO MINUTOS parte de VIUVINHA e o GUARANY.

Seguindo a corrente de ideias, dominante na Europa, cujos elos foram ligados ao nosso paiz por Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias — os principaes factores da reforma litteraria — José de Alencar assumiu posição eminente e occupou logar distincto, contribuindo para imprimir verdadeiro cunho de nacionalismo á nossa litteratura.

Succedendo aos romancistas da primeira geração que apenas ensaiaram o novo genero, Alencar abriu larga brecha, destacou-se

dos seus contemporaneos e tornou-se o coryphêo da nova fórma litteraria implantada no Brasil.

O novo paladino apresentou, como patrono do seu programma de reacção, os vultos de Chateaubriand, Walter Scott e F. Cooper.

Do escriptor francez elle soffreu a influencia principal da esthetica. São o encanto e o frescor de colorido em suas descripções; é o enthusiasmo pela natureza, pelo bello e pelos sentimentos nobres; é a esthesia perante o espectaculo grandioso; que se manifestaram em GUARANY, IRACEMA e UBIRAJARA. Do autor de IVANHOE recebeu o influxo de veneração pelo passado, pesquizando a tradição atravez das chronicas e das paginas da nossa historia patria; teve o bafejo de inspiração, reconstituindo tempos idos e vividos, em busca de typos abstractos ou subjectivos que traduzissem o nosso sentir e representassem a nossa alma.

Fez-se perdurar essa tendencia ainda nos romances citados e, principalmente, em MINAS DE PRATA, nos ALFARRABIOS e em GUERRA DOS MASCATES.

O caracter nacionalista de sua obra, o estudo dos typos regionaes, a predilecção pelas marinhas em CONTRABANDISTAS e O ERMITÃO DA GLORIA, o impulso da emancipação da nossa litteratura e da nossa lingua, dando-lhes feição propria e independente da antiga metropole, são predicados que evoluiram do escriptor norte-americano para o brasileiro.

Os lineamentos do romance historico de Alencar são muito differentes dos que caracterizam a obra dos seus mestres citados e divorciam-se inteiramente dos seus predecessores em Portugal e no Brasil. Elle não seguiu a trilha de Alexandre Herculano, Pereira da Silva, Martins Penna, Macedo e Joaquim Norberto. Preparou a fusão do lyrismo brasileiro com as scenas historicas; romantizou os personagens; pintou as paysagens com tintas

originaes, preparadas na palheta de sua fertil imaginação ; fez o amalgama dos fautores da sua individualidade, realizando um typo composto, um caso de perfeita evolução, actuando como resultante de varias componentes.

Constituiu, portanto, uma individualidade propria.

Em GUARANY elle visou as origens da nacionalidade brasileira, creando o symbolo do nosso passado nobre, da aristocracia portugueza, nas figuras de D. Antonio de Mariz, o fidalgo austero, de rigidos principios de moral ; e de Alvaro, o cavalheiro cortez e de sentimentos puros, corajoso e delicado, intrepido e amoroso. O typo de aventureiro audaz e ganancioso, caracterizando o immigrante europêo sem escrupulos, á cata de fortuna e posição, é representado na figura antipathica de Loredano. O elemento indigena que melhor devera ser assimilado pelo invasor, foi idealizado em Pery que é uma figura subjectiva, um perfeito symbolo representativo dos aborigenes, do selvagem nativo que acolheu o conquistador e foi por elle aggredido e perseguido, resultando o conflicto que ainda hoje perdura, entre a raça branca e o gentio.

A imagem poetica e meiga de Cecy, cheia de ternura e de bondade impregnada, synthetiza o typo feminino, natural do nosso meio, symboliza a mulher brasileira, amorosa, docil, sentimental e carinhosa.

Concebendo desse modo o GUARANY, não participamos da opinião dos nossos criticos que, exceptuado Araripe Junior, condemnaram o indianismo de Alencar.

Por ser de mais popular e conhecida a creação do GUARANY, dispensamo-nos de expor o enredo e de transcrever trechos que definam o estylo e attestem as bellezas contidas no romance.

Quem desconhece a descripção do « Paquequer », o capitulo «A prece», e tantas outras bellas paginas do livro ?

Não approvamos os processos criticos que rebuscam inspi-

rações e imitações nos minimos detalhes da concepção de um autor honesto e de individualidade propria. Deixamos por isso de estabelecer confrontos entre o « Paquequer » de Alencar, o « Meschacebé » de Chateaubriand, o « Glenn » de Cooper e o « Salia » de Herculano.

Tambem não encontramos semelhança entre IVANHOE e D. Antonio de Mariz nem entre o solar do fidalgo portuguez e os castellos de «Kenilworth » ou de « Lamermoor».

Para nós, GUARANY é o poema commemorativo da formação da nacionalidade brasileira: é o hymno que canta a natureza, a terra virgem, recamada de densa floresta e sulcada de rios caudalosos que serpeiam entre alcantis e se despenham em massa, de grandes alturas, precipitando-se sobre rochas anfractuosas.

Nesse romance ostenta-se o estylo descriptivo do autor que só logrou exceder, em IRACEMA, a pintura das paysagens. O curso do « Paquequer », a descripção do solar e arredores, a lucta do indio com o tigre, os typos de Cecilia e Izabel, a prece e, por todas as paginas do romance, até o poetico e mysterioso epilogo, tudo é desenhado por mão de mestre, realçando o colorido das tintas, quer na representação dos scenarios, quer nos traços das figuras.

A acção passa-se á margem do « Paquequer » affluente do « Parahyba », em 1604.

A parte historica do romance se prende á figura de D. Antonio de Mariz, fidalgo portuguez, companheiro de Mem de Sá na fundação do Rio de Janeiro, na repressão do dominio dos invasores francezes e nas pelejas contra os selvagens.

Esse personagem define a época e caracteriza os costumes no desenvolvimento da acção entre os civilizados. O grupo de lusitanos, inclusive os aventureiros de outras nacionalidades, representa o elemento conquistador, que usurpa o sólo dos in-

digenas, explora as riquezas naturaes da região desconhecida, e implanta o dominio portuguez nas immensas terras do Brasil.

Ao lado do elemento invasor apparece o silvicola sedento de vingança, porfiando na reconquista das sua florestas, luctando para assegurar a sua liberdade e tentando rechassar os assaltos do inimigo.

É a tribu dos Aymorés que o autor apresenta em assedio á morada do fidalgo, para vingar a morte dos seus semelhantes sacrificados.

Mas a parte poetica do romance consiste na adoração do bravo goytacaz pela virgem de olhos azues e de cabellos de ouro. Perpassa atravez das paginas do romance uma inspiração subtil que traduz o amor fetichista do aborigene. Cecy magoou o coração de Pery ; a graça, a belleza e os encantos da virgem branca domaram a força e a astucia do selvagem.

Outro episodio historico prende-se ao roteiro do Roberio Dias sobre as minas de prata na Bahia. Foi o thema escolhido para o segundo romance historico.

A acção de As minas de prata desenvolve-se nos primeiros annos do seculo XVIII, em plena phase de colonização da terra encantada, cem annos antes descoberta pelos navegantes portuguezes.

O scenario do romance é a Bahia, séde do governo geral e fóco de attracção das forças vitaes da colonia, para onde convergiam os cuidados e as attenções da metropole.

O autor aproveita o ensejo para desenhar, com maestria e sem a preoccupação que teria um chronista, a ostentação, a prodigalidade e o fausto nababesco dos que podiam alardear nas sumptuosidades do luxo alimentado pelos fartos rendimentos dos senhores de engenho. De um lado a abundancia referida por Gabriel Soares no Tratado descriptivo do Brasil, de

outro a influencia e riqueza poderosas da igreja, acoroçoadas pelos fervores da religião, davam á pequena cidade de S. Salvador a importancia aquilatada pelos chronistas e viajantes.

Reporta-se o autor á occasião da chegada do novo governador geral, D. Diogos de Menezes, removido da capitania de Pernambuco, para apresentar a população heterogenea nas festas de pompa magestosa, celebradas na igreja, no terreiro do Collegio, nas praças e vias publicas, adornadas com esmero. E com estylo a caracter, á feição dos classicos, descreve as cerimonias da missa cantada, e a attitude da multidão de fieis, mostrando como se comportavam as beatas de mantilha e como rezavam as beatinhas, vestidas á andaluza, com vasquinhas e gibões de setim ou damasco, tendo o rosto occulto por longo véo.

Nesse tempo exerciam os jesuítas, campanha meritoria em prol dos selvagens, defendendo-os contra a classe nobre e rica dos senhores de engenho que os queriam sujeitar à servidão, e desenvolvendo a acção piedosa da catechese. Mas aproveitavam a apparencia da propaganda christã, para acobertar os seus designios politicos, intervindo geitosamente na orbita do poder temporal, avocando a si a maior parcella de predominio, a praticar funcção assessorial perante os administradores publicos, a implantar verdadeira supremacia sobre as diversas classes sociaes e governar familias e individuos.

Cuidavam, como ainda hoje, de fortalecer o seu magico poder directivo, accumulando riquezas e dilatando o dominio sobre a humanidade

José de Alencar offerece-nos um exemplo da mais requintada astucia, coadjuvada por intelligencia robusta e arguta perspicacia, a serviço da causa jesuitica, na apprehensão do famoso roteiro de Roberio Dias, indicativo do thesouro das minas de prata.

O padre Molina é o vulto representativo da sagacidade dos

religiosos congregados na ordem fundada por Santo Ignacio de Loyola.

Para oppôr obstaculo á tactica do jesuita, surge a figura do licenciado Dr. Vaz Caminha, o dedicado professor de Estacio. Mestre e discipulo, perfeitamente alliados, desenvolvem o plano de defesa contra a cobiça do religioso em possuir o roteiro das minas.

Apparecem no romance muitos personagens, destacando-se os que foram citados, além de Ignesita, Elvira, Christovão de Avila, o pagem Gil e Joanninha, a alfeloeira.

A' intelligencia e aos ardis do padre e do licenciado, contrapõem-se a coragem e o cavalheirismo dos dous amigos inseparaveis, Estacio e Christovão, mancebos da mesma raça e temperamento identico ao de Alvaro, do GUARANY.

Ignezita e Elvira substituem Cecy e Izabel, merecendo do autor os mesmos carinhos e cuidados na descripção dos respectivos perfis, fazendo sobresahir a gracilidade, a innocencia, a meiguice e a belleza dos typos femininos. Não possuem menos encantos as figuras da travessa e maliciosa alfeloeira e do amoroso e destemido pagem.

Mas não é só o desenho dos personagens que merece destaque ou menção especial; ha tambem scenas admiravelmente bem descriptas, como a da cavalhada, festejo tradicional, já quasi esquecido, que só mereceu referencias de Alencar, Macedo e Bernardo Guimarães.

Já assistimos, em nossa infancia, a varios torneios dessa natureza, entre mouros e christãos. Foi na cidade de S. Matheus (Estado do Espirito Santo), onde todos os annos eram solemnizadas duas datas catholicas com as apreciadas cavalhadas.

E' pena que se não cultive a tradição em o nosso paiz. Os torneios referidos podiam constituir o divertimento predilecto dos rapazes de hoje que formam sociedades hippicas, limitando-

se a transplantar para o nosso meio a insipida caçada da raposa.

O segundo romance historico de Alencar, demonstra mais nitida comprehensão do nosso passado e obedece á influencia ancestral, como dizem os francezes. Subordina-se melhor ás narrativas dos chronistas e reproduz costumes de antanho, estudando com maior attenção os elementos constitutivos da nossa nacionalidade e reconstituindo os scenarios dos tempos coloniaes.

Mas, se o romancista evoluiu no processo e melhor adoptou o estylo ao genero, moderou a inspiração ou o surto poetico que attingiu á meta de perfeição no GUARANY.

Não ha, em MINAS DE PRATA, nada que se compare ao delicioso epilogo que lembra a tradição indigena do diluvio de Tamandaré.

Existem no segundo romance, phantasias de máo gosto, como por exemplo a dos tres selvagens: Olho, Ouvido e Faro. São concepções mais proprias para os contos infantis de Perrault ou de Grimm.

Como essa, outras manifestações de inverosimil e do extraordinario ha nos romances de Alencar. Parece que elle arrosta intencionalmente esses escolhos, com o intuito de vencer difficuldades, patentear o seu genio pittoresco e idealizar os seus personagens com o poderoso engenho de sua imaginação. Exemplos dessa natureza pullulam nos seus romances. A's vezes, nas scenas mais simples, nos casos mais particularizados ou nas descripções mais singelas, elle attinge á situação imprevista, generaliza um symptoma psychologico, complica o facto ou altera o matiz e a tonalidade da paisagem.

A lucta de Pery com o tigre, a intervenção do indio para salvar a vida de Cecy, em varias emergencias (no GUARANY); o incendio da matta e as scenas do vaqueiro com a onça e Aleixo, nos galhos das arvores (no SERTANEJO); a fascinação

de Bertha pela serpente, a peleja de João Féra com os queixadas e innumeros factos (em TIL); varias situações em DIVA, LUCIOLA, SENHORA; emfim, manifestações analogas notam-se em todos os romances.

As MINAS DE PRATA não podiam escapar á influencia, e apresentam exemplos multiplos de divagações imaginativas e de exaggero no estylo pittoresco. O torneio no terreiro do Collegio, a peleja do capitão do matto, para salvar a vida de Christovão; as proezas de Vilarzito, a evasão de Estacio do carcere, a acção dos tres sentidos, a viagem ao Rio no bergantim e muitas scenas, são attestados das nossas asserções.

O romancista se afasta da directriz traçada, abandona o processo que o devia guiar no genero historico e envereda-se por meandros, para invadir o dominio do romance de capa e espada.

E nos surtos que o transportam a essas paragens, devaneia como poeta, deixa-se conduzir por verdadeiro arroubo de imaginação, para depois retomar o fio emmaranhado, despertando do enlevo.

Araripe Junior considera, com acerto a nosso vêr, esse romance superior a OS MYSTERIOS DE PARIS, O CONDE DE MONTE CHRISTO, OS MOHICANOS e OS MYSTERIOS DO POVO, e conclúe:

> «Si o merecimento de obras semelhantes está essencialmente na illusão que podem causar as disposições do contraregra, os alçapões bem manejados, as machinas corrediças, as mutações rapidas, as decorações, as ribaltas, desafios e duellos a proposito, scenas de calabouços, caçadas vertiginosas, *rendez-vous*, evasões, perseguições por amor, dedicações cavalheirescas, conspirações abortadas, As MINAS DE PRATA são sem constestação uma obra prima.» (1)

---

(1) Araripe Junior - «José de Alencar, perfil litterario».

A esses processos romanescos e ao genero novellistico conhecido sob a denominação de capa e espada, allia o autor do romance brasileiro a feição nacionalista, tentando reconstituir episodios e costumes, factos e physionomia do nosso passado, na era colonial. Lia com afinco as obras de Gabriel Soares, Fernão Cardim e outros chronistas, cultivava os classicos quinhentistas e, seduzido pelo estudo da ethnographia selvagem, conseguiu explanar a sua concepção esboçada no GUARANY, encarando a formação da nossa nacionalidade em face aos elementos integrantes, emprestando ao estylo, modalidades caracteristicas, sem desprezar o seu culto pelo lyrismo indianista.

Em 1873, appareceu o terceiro romance historico — O GARATUJA — composto annos antes, segundo affirmação do autor. (1)

De todos os trabalhos congeneres, é o que mais se subordina á chronica dos tempos coloniaes, merecendo do autor essa classificação em sub-epigraphe. E' o primeiro volume da serie denominada ALFARRABIOS, cujo tomo segundo encerra duas novellas.

Alencar pretendia explorar o genero, continuando a publicar outros volumes dos ALFARRABIOS; e certamente deixou ensaios entre os ineditos conservados pelo seu filho. 2

Para attestar o cunho historico da narrativa, o romancista indica uma das fontes: *Annaes do Rio de Janeiro*, pelo Dr. Balthasar da Silva Lisbôa.

Não tivemos ensejo de consultar o tomo referido, o terceiro, pois não encontrámos a obra em S. Paulo: mas a impressão causada pela leitura, nos incutiu a convicção da authenticidade

---

1) O GARATUJA estava feito; faltava-lhe apenas a fórma», diz o autor em nota appensa ao 1.o vol. da GUERRA DOS MASCATES, pag. 181.

(2) A Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas n. 40 de 1915 publicou o trecho do IV vol. A cabeça de Santo Antonio e mencionou ainda: V Boratogo, VI - A bolsa de ouro e VII - N. S. da Candelaria

de alguns personagens, como por exemplo a trindade constituida pelo licenciado João Alves, o bacharel Mendes Duro e o frade franciscano João de Lemos.

Os typos desenhados com mais esmero, são os de Garatuja, Martha e da Snra. Poncia da Encarnação.

O primeiro é um mixto do Gavroche dos MISERAVEIS e do Leonardo do SARGENTO DE MILICIAS.

O engeitado Ivo, conhecido sob a alcunha de Garatuja, por ser um artista espontaneo que matava o tempo a borrar paredes e pintar algumas telas, é o verdadeiro representante da raça dos garotos. Era o *enfant terrible* da cidade de S. Sebastião, a perseguir os padres e as beatas, divertindo-se em matar passarinhos e praticar outras maldades.

Manejava o pincel com habilidade, transformando-o em arma de satyra ferina, e tornando-se temido de todos, até que se inebriou pelos olhos negros de Martha, a sua companheira de travessuras, sujeitando-se ao sacrificio imposto de abandonar o «baixo mistér da pintura», para se dedicar exclusivamente ao cartorio do sogro, onde exercia o officio de escrevente e se preparava para desempenhar as funcções de tabellião.

Era, como Gregorio de Mattos na Bahia, o terrivel satyrico que, em vez de compor decimas ou glosar motes, debuxava figuras allegoricas, garatujas e caricaturas, castigando as fraquezas alheias.

Nas veias de Martha corria o mesmo sangue que estuou mais tarde nas arterias da dissimulada Capitú, creação de Machado de Assis em D. CASMURRO.

A Snra. Poncia da Encarnação, figura de beata maldizente, lingua afiada «que fazia vida de regateira, mas não se occupava de outra cousa senão de espreitar por detraz da rotula o que ia pela rua, para enredar os visinhos e fallar mal da vida alheia», é um representante do realismo.

O GARATUJA e MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS, de Manoel de Almeida, constituiram, talvez, as primeiras manifestações do romance naturalista no Brasil. O romance de Alencar tem graça, encerra typos bem estudados, reproduz costumes e prima pela fórma e leveza de espirito. O trabalho de Manoel de Almeida é mais espontaneo, affecta com mais propriedade os moldes do naturalismo e estuda melhor os caracteres dos personagens.

Como reconstituição do passado, tambem o segundo sobreleva o primeiro: mas confessamos a nossa predilecção pelo GARATUJA, uma das mais felizes concepções do romancista cearense, sob o ponto de vista do processo artistico.

O segundo volume dos ALFARRABIOS, ou chronicas dos tempos coloniaes, contém duas novellas: O ERMITÃO DA GLORIA e ALMA DE LAZARO. (1)

Em 1608, trinta e tres annos depois de fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, desenvolve-se a acção do primeiro romancete. Nesse tempo os francezes já haviam sido expulsos da formosa bahia onde construiram o forte de Coligny.

Entretinham-se, porém, na costa e mantinham uma feitoria em Cabo Frio onde passavam contrabandos e faziam o trafego de pau-brasil.

Os portuguezes moviam tenaz perseguição aos invasores, bem como aos flamengos e inglezes, organizando expedições maritimas com os recursos de que dispunham. E, para facilitar a acção repressiva, permittiam que os colonos exercessem o corso contra os rivaes.

Aproveitando-se dessa passagem da nossa historia, Alencar representou a vida maritima com todo o detalhe, dando liber-

---

(1) Publicadas em 1873, se bem que a segunda fosse escripta em Olinda, quando José de Alencar fazia o curso de Direito.

dade ao seu estylo descriptivo e tendo azo de praticar os processos de Cooper, como já o fizera com os CONTRABANDISTAS, trabalho consumido pelo fogo. Assim succedem-se descripção de borrasca; scenas de combate e façanhas maritimas, a par de um simples entrecho romantico, caso de um amor mal succedido, de Ayres de Lucena pela filha de um corsario francez que elle venceu. Morre a joven na egreja, quando se realizavam as suas nupcias com Antonio Caminha, e Ayres de Lucena fez-se ermitão.

Não representa essa novella o minimo interesse historico, pois limita-se a aproveitar a lucta entre corsarios (quando os francezes cobiçavam as riquezas naturaes do Brasil) e a fundação da ermida de N. S. da Gloria, no outeiro do Cattete.

A outra novella é o fructo das reminiscencias historicas do autor, quando esteve em Olinda, evocando o passado junto ás ruinas do antigo convento de São Francisco, do collegio dos Jesuitas e dos fortes do Mar e S. Jorge.

A mesma impressão sentimos, quando de passagem pelo porto de Cabedello, visitámos o forte construido pelos hollandezes, rememorando o periodo das luctas com os batavos, e a tenacidade manifestada pelos luso-brasileiros que conseguiram expulsar o elemento invasor.

Uma noite em que o autor sonhava no adro do vetusto convento, encontrou-se com um velho pescador que lhe narrou a triste vida de um morphetico, isolado do mundo pelo asco e pavor que incutia aos semelhantes.

Descobriram uma caixa de folha que guardava uma memoria sobre episodios da guerra hollandeza e um diario do lazaro.

A segunda parte da novella, reproduz o diario ou historia do soffrimento pungente de um infeliz que se encontrou abandonado de todos, inclusive dos entes caros que lhe deviam uma insignificante parcella de piedade e de sentimento caridoso,

qual o LÈPREUX DE LA CITÉ D'AOSTE, de Xavier de Maistre.

E' triste lembrarmo-nos que, na escala dos soffrimentos humanos, subsistem alguns que não logram lenitivo e permanecem esquecidos da sciencia e da caridade.

Quanto orgulho vão! quanta vaidade estulta!

* * *

A ultima producção de Alencar, classificada no genero do romance historico, é a GUERRA DOS MASCATES. Foi escripta na segunda phase da sua carreira litteraria, quando elle adoptou o pseudonymo — SENIO (1)

Essa rebellião foi mais que um symptoma de nativismo: attingiu a uma verdadeira manifestação de nacionalismo, acrisolado pela guerra hollandeza.

A cidade de Olinda soffreu as consequencias dos combates, sendo quasi arrasada, e a de Recife prosperou, suppiantando a sua visinha. D'ahi surgiram as rivalidades entre os senhores de engenho que representavam a aristocracia pernambucana, e os negociantes portuguezes estabelecidos na povoação maritima conhecidos sob a alcunha pejorativa de *mascates*.

Com o florescimento da nova cidade, decadente a antiga, explodiu a rivalidade entre ambas e veio a aspiração de autonomia de Recife. Os *mascates*, apeados da administração do municipio pelos nobres de Olinda, pleitearam perante a metropole a independencia do novo centro urbano, elevando-o á categoria de cidade. Deferida a pretenção, o governador Castro cumpriu as ordens do reino e foi o mesmo que atear a chamma no rastilho de polvora. A discordia latente tomou incremento, houve expansão de odios e rebentou a desordem com a desobediencia.

---

(1) Foi começado em 1870, entrando no prélo no anno seguinte; só em 1873, appareceu o primeiro volume e, em 1874, o segundo.

Os revoltosos aproveitaram-se da divergencia entre o bispo de Olinda e o governador de Pernambuco, sitiaram Recife e conseguiram a victoria, fazendo o capitão general partir para a Bahia, acompanhado dos ricos negociantes portuguezes.

Succedeu um periodo agitado e venceu o prestigio do poder, acatando-se a resolução da metropole.

José de Alencar aproveitou esse thema e, accusado de haver urdido um romance *á clef*, redigiu a sua defesa em uma advertencia inserta no segundo volume publicado um anno mais tarde.

Admittimos a sinceridade do autor e acceitamos a figura de Sebastião de Castro Caldas como sendo a do governador e capitão general de Pernambuco, em 1710, embora reconheçamos, como confessa, aliás, o romancista, o sainete das allusões, neste e em outros livros da segunda phase.

A traços rapidos apresenta-se a rivalidade, estimulada pelo bairrismo, entre os de Olinda e os de Recife, e apparece um caso de amor que se prende ao assumpto. Referimo-nos ao casamento de D. Leonor, descendente de um nobre, com Vital Rebello, mascate de origem. Realizam-se os esponsaes por intervenção directa do governador, mas houve immediata separação dos conjuges. Nem Vital podia supportar a affronta de residir em Olinda, nem D. Leonor poude acompanhar o marido, por obediencia aos tios, sobrevindo o divorcio provavel dos noivos, a scisura entre as respectivas familias e, por conseguinte, entre os nobres e mascates, e o incremento de odios alimentados pelas rivalidades e ambição de hegemonia.

Vital é da mesma tempera de Estacio das MINAS DE PRATA; D. Leonor participa do caracter de Ignezita; Martha assemelha-se á sua homonyma do GARATUJA, como Nuno decorre de Ivo e Gil.

Araripe Junior concorda com o juizo externado em um jor-

nal, quando foi publicado o romance, de se tratar de uma satyra a D. Pedro II, Rio Branco e Sayão Lobato, disfarçados nas figuras de Sebastião de Castro Caldas, do Capitão Barbosa Lima e do ajudante Negreiros, chegando a acoimar o romance de pamphleto politico.

Não subscrevemos absolutamente o conceito do erudito critico brasileiro. Defendemos Alencar do delicto que lhe foi imputado, e contestamos que D. Pedro II e o Visconde do Rio Branco fossem as imagens que inspirassem semelhantes retratos.

Anatole France alludindo á aversão que tinha Balzac pelas personagens historicas, escreveu:

«Le romancier bien inspiré prend pour ses héros les inconnus que l'histoire dédaigne, qui ne sont personne et qui sont tout le monde, et dont le poète compose des types immortels. C'est ainsi qu'un poème ou un roman peut nous faire voir le peuple, la nation et la race, cachés souvent dans l'histoire par un rideau de personnages publics.»

Não é o caso vertente, bem o sabemos, mas a elle se applica, se attentarmos o caracter secundario dos personagens historicos aproveitados no romance.

Varnhagen, João Ribeiro, Pereira da Silva e outros historiadores do Brasil não se preoccupam, com a personalidade do governador de Pernambuco nem fornecem os traços caracteristicos do seu temperamento; não descrevem os seus habitos nem se referem á sua vida. Limitam-se a narrar os acontecimentos, demonstrando a parcialidade do governador a favor dos mascates e contra os *pes rapados*, como eram appellidados os nobres desprovidos de recursos financeiros.

A historia só nos diz que Castro Caldas era partidario da representação do elemento portuguez no poder municipal e nos cargos administrativos, e prestou á Côrte informação secreta,

favoravel á creação da villa do Recife, com o intuito de fomentar o progresso da antiga cidade Mauricia e favorecer os portuguezes na realização do seu plano.

Certamente foi da chronica, segundo affirma Araripe Junior, [1] que o autor da GUERRA DOS MASCATES extrahiu as feições caracteristicas do governador e seus ajudantes, para compôr os lineamentos dos personagens do seu romance. Eis o que escreve Alencar na nota appensa ao primeiro volume (2.ª edição). pagina 182:

«A Guerra dos Mascates é talvez dos factos da nossa historia colonial aquelle de que nos ficaram mais copiosos subsidios. Temos acerca dessa grotesca revolução, o informe dos dous partidos, os quaes, como sempre acontece, exaggeraram cada um por sua conta.

Dos personagens, que a historia memorou, o principal é sem duvida Sebastião de Castro Caldas, governador e capitão general de Pernambuco, posto ao qual foi provido depois que deixou o governo da capitania do Rio de Janeiro, onde serviu entre os annos de 1695 a 1697.

Do seu caracter, como dos factos que referem os chronistas, não carecemos de occupar-nos aqui, pois melhor se verão do texto da obra, especialmente do segundo volume, onde a acção se desenvolve.

Foi este governador muito calumniado, em seu tempo, acabando por lhe faltarem os amigos e defensores, em qualquer dos partidos, até mesmo n'aquelle a quem por ultimo se entregára. E' a sorte dos caracteres dubios e perplexos, que dirigindo todo seu esforço a manter-se em equilibrio entre as ideias e os homens, quando uma vez falseiam, não acham esteio e despenham-se.»

---

(1) Araripe Junior cita as memorias historicas de Gama Rabeca.

E' chegado o trecho transcripto por Araripe:

«Compilando-se o vulto historico, além de vingar sua memoria contra a injustiça e aleive dos coevos, erigi em vera effigie, para exemplo dos posteros, a estatua dessa politica sorna, tibia, sorrateira e esconsa, qua á maneira da carcoma róe e corrompe a alma do povo.»

Note-se que esse trecho está contido na alludida nota e não no texto do romance.

Fazendo-se o confronto entre o segundo imperador do Brasil e o governador da GUERRA DOS MASCATES não se póde concluir que o segundo seja um personagem allegorico, representativo do nosso ultimo monarcha. O parallelo acarretará dissemelhanças profundas. O mesmo succederá em relação ao Visconde do Rio Branco.

Não contestamos, já o dissemos, as allusões que, muitas vezes, Alencar, Macedo e outros escriptores fizeram em suas obras, sem comtudo sacrificar a unidade da concepção ou o valor do trabalho.

Para corroborar o que affirmou o illustre autor do perfil litterario, lembra a advertencia ou prologo da obra em que o autor «se entrega em cheio á composição de um tratado chocarreiro sobre as eleições em nossa terra», e observa, como outra prova, o facto de ser o trabalho denominado «prologo de comedia».

Nesse ponto tem razão em condemnar a opportunidade do desabafo, sem que possa contestar a veracidade dos conceitos e a justa medida da carapuça. Com effeito, José de Alencar, depois que fôra ministro, perdeu a calma do espirito e tornou-se um revoltado na politica, aproveitando qualquer ensejo para extravasar a bilis.

Finalmente, para attenuar o reparo acrimonioso, Araripe recorreu a um anesthesico:

Diz um critico que Milton, involuntariamente, retratou Car-

los I e Cromwel em Jehovah e Satan, o principe de Galles em Jesus, e o *ménage* inglez, com toda a sua *respectability*, no formoso par de Adão e Eva». Mas para não produzir a insensibilidade completa, foi além:

«O que o poeta inglez praticou por infuencia fatal do meio e do momento, José de Alencar fel-o por malicia, — por uma malignidade, quasi estou á dizer, feminil».

E que assim fosse?! seria porventura o unico? Não ha na na litteratura de todos os povos uma infinidade de exemplos dessa natureza?

O que se não pode pôr em duvida — e nesse ponto estamos de accôrdo — é que o autor do GUARANY se desviou de sua tendencia primitiva, assumiu uma feição satyrica e adquiriu um *humour* contrafeito.

O PAGEM NEGRO e A NETA DE ANHANGUERA são ensaios que merecem citação.

A apreciação geral, em conjuncto, do romance historico do Alencar se impõe, afim de tirarmos as conclusões.

Não fizemos a analyse de cada obra de per si, por ser tarefa incompativel com o plano do nosso trabalho que deve ser resumido. Limitamo-nos a fazer ligeiras apreciações isoladas, com o intuito de definir a importancia do cabedal legado á litteratura brasileira. Resta-nos fazer as deducções.

Conforme já accentuámos, José de Alencar não podia escapar á influencia do genero — romance historico. Desde a sua mocidade orientou o seu estudo em assumptos patrios, absorvendo toda a sua attenção em pesquizar o cunho de nacionalismo da nossa existencia social. Recebeu, além disso, o poderoso influxo dos autores extrangeiros que lhe serviram de mestres.

Walter Scott traçou-lhe a directriz, como já actuára em França e Portugal, em relação a outros escriptores.

A primeira difficuldade que sentiu, foi a de reconstituir com fidelidade ou precisão o nosso passado, por ausencia de materiaes. De um lado a escassez de trabalhos historicos, o que se não verifica na Inglaterra, França e mesmo em Portugal; de outro a parcimonia ou mesmo carencia de dados e recursos em os nossos musêos e archivos, a falta de meios de transporte e de conhecimentos regionaes; tudo serviu de obstaculo ao desenvolvimento do seu plano.

Todos esses embaraços contribuiram para desvirtuar o sentimento historico, prejudicando o meio, disfarçando os costumes e adulterando a psychologia dos protagonistas e comparsas. O resultado fatal foi a phantasia intencional das evocações, e na reproducção do ambiente, a tendencia para as aventuras extravagantes, tangenciando as raias do melodrama.

Foi o que succedeu, mas sem as mesmas causas, a Victor Hugo, em HAN D'ISLANDE, e a Balzac em LES CHOUANS.

> «Ce qui fait que les CHOUANS ne sont pas un des bons romans de Balzac, c'est qu'ils sont historiques à la manière des romans de Walter Scott. On essaie de nous y intéresser à la «résurrection» d'une époque historique, par le moyen d'une donnée sentimentale dont le romanesque passe les bornes de l'invraisemblance; et le développement de cette donnée rappelle, même à ceux qui ne les ont pas lus, le mélodramatique D'ARGOW LE PIRATE et de l'HÉRITIÈRE DE BIRAGUE. Il y a là des fantômes, il y a des souterrains, il y a des cachettes «pleines d'or»; il y a aussi des êtres humains à l'épreuve des balles, et même de la baionnette, aussi longtemps du moins qu'il le faut pour conduire l'intrigue jusqu'à son dénoument» (1).

São reparos que se applicam perfeitamente ás MINAS DE PRATA.

(1) Ferd. Brunetière — Honoré de Balzac, pag. 99.

Alencar não se expoz ao insuccesso de Alfredo de Vigny, em CINQ-MARS, porque foi muito sobrio em explorar assumptos historicos e não se aproveitou de nenhum personagem de destaque ou muito vulgarizado. Nos seus romances, com excepção talvez da GUERRA DOS MASCATES, o fio historico é muito tenue e os typos aproveitados são muito secundarios.

Elle seria incapaz de compôr uma obra sob os moldes da CHRONIQUE DE CHARLES IX, de Prosper Merimée, adstricta exclusivamente á historia, bem documentada e subordinada aos conhecimentos perfeitos da archeologia de uma determinada época. Dizemos incapaz, não só pelas razões referidas, como tambem pela opposição franca do seu temperamento de artista. As suas concepções pendem mais para o genero épico-romanesco do que para o historico, a exemplo de Victor Hugo em NOTRE DAME DE PARIS e LES MISÉRABLES.

Não lhe queremos mal nem o condemnamos por isso. «O prazer que experimentamos em considerar um caracter ideal, nada perderá por concluirmos que esse caracter não passa de uma ficção poetica; porquanto é sobre a verdade *poetica*, e não sobre a verdade *historica*, que repousa qualquer impressão de sentimento esthetico. Ora, a verdade poetica não consiste em que, tal ou qual assumpto tivesse effectivamente acontecido, mas em que tivesse podido acontecer, isto é, em que o proprio assumpto seja possivel. Assim, a força esthetica deve necessariamente residir sobretudo na ideia da possibilidade (1).

E' o motivo porque a critica descortina em sua individualidade a obsessão de Chateaubriand, com quem tem muitos pontos de contacto: a alma solitaria, e forte dóse de orgulho, poder accentuado de imaginação e espirito romantico. Como o mestre,

---

(1) Schiller — ESTHÉTIQUE, pag. 144.

elle não revelava o mais leve pendor para o realismo ; era romantico na fórma e na ideia.

As imagens objectivas, o mundo exterior e as paisagens, sobretudo, exerciam attracção intensa sobre o cerebro do creador do GUARANY. Como o autor de ATALA, elle revela a inopia de capacidade philosophica e distingue-se como artista, na exteriorização das imagens que lhe acodem ao cerebro e na faculdade de produzir emoções estheticas.

Applica-se-lhe perfeitamente o conceito de Lanson emittido para Chateaubriand :

> «Il jouissait par les yeux, il avait cette sensibilité du peintre qui perçoit des beautés invisibles á la foule dans le dessin d'une attitude ou d'un mouvement, dans les transparences ou les brumes de l'air, dans l'harmonie des tons et des lignes d'un paysage immobile ou d'une foule grouillante. Si sa psychologie est insuffisante, c'est qu'il voit seulement ses personnages : il ne les analyse pas. Et leur vision ne se forme pas en lui selon l'idée d'un certain rapport du physique ou moral, mais selon l'idée de beauté. Au lieu de décrire des états moraux, il dessine des attitudes, aimables, touchantes, tragiques : il fait des groupes et des tableaux» (1).

Extasia-se perante a natureza : deixa-se enlevar pelo mais simples aspecto do ambiente , sente arrebatamentos pelo que é bello e agradavel. E' um poeta pantheista.

Explica-se incidentemente a causa de sua inclinação para o inverosimil e da amplificação do seu estylo descriptivo multiplicando comparações e metaphoras.

A inverosimilhança, corollario do temperamento do escriptor brasileiro, prejudicou parte da obra, diminuindo a força esthe-

---

1 G. Lanson — «Histoire de la litterature française», pag. 902.

tica que, na expressão de Schiller, «deve residir necessariamente na ideia da possibilidade».

Sentimos não poder salientar exemplos das nossas affirmações e transcrever trechos demonstrativos do estylo do romancista.

O caracter do nosso estudo não comporta as narrações de entrechos, e a sua extensão não permitte a analyse e a dissecação da obra. Já fizemos muito, talvez ultrapassando o nosso intuito, em esboçar julgamentos distinctos para cada livro.

Não pretendemos dizer que seja inutil ou dispensavel semelhante processo. Reconhecemos as suas reaes e importantes vantagens, mas devemos nos abster da tentativa, para evitar desenvolvimento demasiado do nosso ensaio. Continuaremos, portanto, a fazer apreciações de caracter geral, julgando a obra em conjuncto e evitando o processo, censuravel e sem proveito, de separar o trigo do joio e da zizania para desprezar o substancial ou essencial e aproveitar o secundario, o palhiço. Preferimos os methodos da critica positiva e não nos seduzem as normas da critica demolidora.

Romance da Vida da Cidade

A população de uma cidade comprehende varias camadas sociaes, abrange familias de castas diversas.

Alencar encarou de preferencia a burguezia abastada e os individuos a ella adherentes ou com ella relacionados. Só por excepção desviou-se, em LUCIOLA, para se occupar de uma rameira exquisita que se regenera e se approxima da burgueza. E na cidade de Rio de Janeiro ergueu essa galeria de typos femininos, semelhantes na graça, na faceirice e na delicadeza, mas de temperamentos divergentes.

E' o que se pode denominar o romance lyrico, embora se reconheça que o mesmo lyrismo esteja disperso por toda a sua obra.

São manifestações desse molde: CINCO MINUTOS, A VIUVINHA (1860 — edição definitiva), LUCIOLA (1862), DIVA (1864), A PATA DA GAZELLA (1870), SONHOS D'OURO (1872) SENHORA (1875), ENCARNAÇÃO publicação posthuma em 1893), ESCABIOSA SENSITIVA (outro perfil de mulher) (1863) publicado pela Rev. Centro S. L. e Artes, n. 40 — 1915 e UM DESEJO (1873 — projecto de romance, publicado pela Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, em 1916)

Já tratámos, incidentemente, das duas primeiras novellas e prescindimos de outras referencias, excepto no exame em conjuncto.

LUCIOLA apresenta analogia com a MANON LESCAUT do abbate Prévost e LA DAME AUX CAMÉLIAS de A. Dumas Fils. E' um typo de mulher inconsequente e abstrusa, verdadeiro fructo da imaginação do autor. A psychologia de Lucia é falsa, pois não se comprehende a dualidade desse caracter incongruente.

A amante de Paulo assume attitudes extremas de bacchante devassa, extremamente impudica, e de amorosa donzella; percorre a gamma completa da dissipação á avareza: varia de sentimentos e de attitudes como um camaleão muda de côr; é um mixto de Messalina e Julieta, de Sapho e Virginia, de Naná e Carlota ou Carolina.

Ora Lucia manifesta pudor perante Paulo e reage contra o amor lubrico do seu admirador e, quando invectivada, entrega-se ao goso sensual: ora participa de orgias comparaveis aos festins do paganismo, ostentando, lasciva, as fórmas esculpturaes do seu bello corpo e, quando censurada pelo amante que se ausenta revoltado, vae ao seu encontro e permanece a seu lado, em idyllio poetico, consolando as suas magoas.

A offerenda de misericordia que Dumas pae e Musset, na na phrase do autor da DAMA DAS CAMÉLIAS, concederam a Fernando e Bernerette, não se compara com a abnegação que Alencar emprestou a Maria da Gloria ou Lucia, segundo o seu nome de guerra. Entre as peccadoras rehabilitadas pela amor, sejam as duas citadas, seja a heroina do abbate Prévost ou a Marion Delorme, de Victor Hugo, ou ainda Marguerite Gautier, a romantica dama das camélias, nenhuma se póde hombrear com a amante de Paulo.

Lucia sacrificou a virgindade para salvar a vida aos paes e irmãos que agonizavam, atacados por terrivel epidemia ; fez-se cortezã para prover o sustento da familia, educar a irmãzinha e garantir-lhe um futuro risonho, mediante o dote constituido pelo estipendio do viclo. E na phase de rehabilitação, quando encontrou o arrimo offerecido pelo amor de Paulo, sacrificou-se ainda, renunciando o amante, destinando-o a ser o noivo da irmã e chegando até ao sacrificio do fructo do seu amor.

Não é, portanto, humana a figura de Lucia e mesmo para os que sustentam a verosimilhança das mais extravagantes concepções, deve-se objectar que a exterioridade da vida de Lucia não corresponde ao estado d'alma de Maria da Gloria.

LUCIOLA não passa de uma phantasia do romancista brasileiro, que nunca revelou qualidades de psychologo.

A mesma increpação deve-se fazer a DIVA, esse producto hybrido da imaginação de Alencar, mixto de sentimentos angelicos e de pensamentos satanicos.

A singularidade de alguns personagens e de algumas scenas das obras de Alencar, acarreta a classificação de genero romanesco para as suas novellas.

Em Emilia ou Mila, a protagonista de DIVA, ha o exaggero de pudicicia como em LUCIOLA o excesso de erotismo e de abnegação.

Emilia é tambem um caracter indefinivel, ou «monstrengo moral», segundo o epitheto decorrente de uma discussão entre o Conselheiro Lafayette e o autor de LUCIOLA e DIVA, os romances estigmatizados pelo critico adventicio (1).

Esse segundo perfil de mulher, como é denominado pelo autor, traz-nos reminiscencias do ROMAN D'UN JEUNE HOMME PAUVRE, de Octave Feuillet. Lá, como aqui, predominam a indole caprichosa e o orgulho quasi indomavel das heroinas. Em um caso, o meio é aristocratico e em outro é burguez: no primeiro, domina o orgulho e no segundo o excesso de pudor. Mas si mudam os costumes e si a educação varia, a natureza da mulher não muda. O desprezo e a sevicia são os venabulos que espicaçam essas creaturas esquivas, esses temperamentos arrebitados. O castigo physico é condemnavel e inadmissivel, mas o correctivo moral é de effeito surprehendente, conforme demonstrou o autor no terceiro perfil de mulher — SENHORA.

A maior arte de Alencar, consiste em despertar a attenção do leitor para a sua Diva e de inspirar a Augusto tão pertinaz amor por semelhante esphinge.

Na segunda phase da sua carreira de escriptor, quando adoptou o pseudonymo de *Senio*, compoz A PATA DA GAZELLA, ou a CENDRILLON fluminense. Sem seguir o processo dos contos de fadas de Ch. Perrault, aproveitou a mesma ideia.

Horacio, rapaz elegante, encontrou, na rua, uma bota de senhora, na occasião em que se afastava uma victoria, conduzindo duas moças, alvo da attenção de outro joven. Deslumbrado perante a forma impeccavel do involucro do formoso pé, revela-se um degenerado que não escaparia á critica de Max Nordau, e entraria na classificação de Binet, como feiticista das botinas femininas. Octave Mirbeau, divorciado do estro poetico

(1) Vide Araripe Junior — José de ALENCAR, pag. 81.

e adstricto aos methodos scientificos do romance experimental ou naturalista, descreveu um typo anormal de adorador de sapatos de mulher. Mas não ha paridade entre os dous casos, porquanto Alencar não encarou o aspecto da psycho-pathologia e limitou-se a explorar a feição poetica.

Varios poetas, como José Bonifacio, Francisco Octaviano, Luiz Guimarães Junior, João de Deus, Affonso Celso, Fontoura Xavier, Simões Dias, Fernando Caldeira, Alfredo Musset, Baudelaire e outros, cantaram os pés pequenos e os respectivos envoltorios, em varios tons. (1)

O heróe da PATA DA GAZELLA, o leão da móda, esqueceu-se de tudo e começou a percorrer a *via sacra* em busca da dona da botina de exiguas dimensões, entregando-se, durante as horas de repouso, ao seu culto de feiticismo.

«Era uma botina, já o sabemos; mas que botina! Um primor de pellica e sêda, a concha de uma perola, a faceira irmã do lindo chapim de ouro da borralheira; em uma palavra, a botina desabrochada em flôr, sob a inspiração de algum artista ignoto, de algum poeta de ceiró e torquez.

Não era, porém, a perfeição da obra, nem mesmo a excessiva delicadeza de fórma o que seduzia o nosso leão; eram sobretudo os debuxos suaves, as ondulações voluptuosas que tinham deixado na pellica os contornos do pésinho desconhecido. A botina fôra servida, e muitas vezes; embora estivesse ainda bem conservada, o desmaio de sua primitiva côr bronzeada e o esfrolameuto da sóla indicavam bastante uso.» (2)

E assim prosegue, numa longa tirada, a fazer o dithyrambo do pé mimoso que esteve abrigado naquelle formoso ninho.

Depois de muita pesquiza, Horacio conseguiu encontrar a

---

(1) Medeiros e Albuquerque — EM VOZ ALTA (O pé e a mão).

(2) PATA DA GAZELLA, pag. 10.

realidade do seu sonho. Mas victima da obsessão de seu espirito, dá a entender a Amelia a verdadeira causa do seu amor.

A moça era tambem requestrada por outro rapaz, Leopoldo, que, apezar de a suppôr dotada de pés disformes, ou antes toezas, continuou a devotar-lhe o mesmo sentimento.

Lembrou-se, então, Amelia, de um estratagema. Percebendo o engano de Leopoldo que confundira os seus mimosos pés com o aleijão de uma prima, na occasião em que ambas entraram em um *coupé*, simulou a Horacio a deformidade de seus pés, afugentando-o, e rendeu-se á dedicação do outro moço. Horacio, livre do compromisso, começou a fazer a côrte a Laura, até verificar a illusão de que fôra victima. E, quando pretendeu voltar aos seus primeiros amores, já era tarde: Leopoldo o substituira effectivamente e ia gosar a ventura de adorar os pequeninos pés de *Cendrillon*.

O leão amoroso «foi esmagado pela pata da gazella.»

Ahi está a concepção singella e quasi infantil do romance.

Melhor estudados são alguns typos dos SONHOS D'OURO, e muito superior é o respectivo enredo. O Visconde de Aljuba, o Commendador Soares, o Barão de Sahy, o Conselheiro Barros, o Benicio e o Dr. Fabio, são verdadeiras satyras da época ou typos representativos de uma classe social. Têm os caracteres debuxados a traços rapidos, mas com firmeza e destaque do contorno das linhas principaes.

Guida, a protagonista, tem os caprichos e a vaidade de Aurelia da SENHORA, de Emilia da DIVA, de Amelia da PATA DA GAZELLA. E' dotado do mesmo donaire, da mesma elegancia, da mesma faceirice e da mesma belleza que as suas irmãs ou companheiras de galeria de museu.

Apreciámos o romance e o considerámos como o melhor da categoria definida pela epigraphe do presente capitulo; mas tivemos uma decepção ao chegar ao duplo fim: o que lhe havia

dado o escriptor e o descripto á ultima hora, em *post-scriptum* enviado ao editor. Essa conclusão *d'afogadilho*, escripta nos ultimos momentos, exigia modificação na parte final da primitiva feição. Era indispensavel um preparo preliminar para semelhante desenlace.

A despeito desse deslise, merece esse romance a primazia entre os que se occupam da vida da cidade. E' primoroso na fórma e delicado na concepção. Deleita o espirito do leitor, revela naturalidade de personagens e de acção, e dispõe scenarios com propriedade. Em synthese, tanto a parte estatica como a dynamica são bem combinadas e desenvolvidas.

Guida é estouvada e vaidosa por educação, mas demonstra equilibrio de bons sentimentos e sensatez por indole. Ella e Aurelia são os melhores ensaios de psychologia feminina imaginados pelo autor.

Ricardo, o heróe que soffre a irresistivel attracção dos encantos de Guida, representa o typo acabado do *raisonneur*, do moralista das peças de Dumas. E' previdente e reflectido, commedido em suas expansões e reservado em suas attitudes. Pondera os actos e resoluções com precisão mathematica e disfarça o orgulho no retrahimento.

Corrige as leviandades do amigo e collega Fabio, e doma a altivez e vaidade de Guida, inspirando-lhe amor bem radicado.

Usa de processo analogo ao de Fernando para subjugar a soberbia de Aurelia.

Em SENHORA — o terceiro perfil de mulher da trilogia de G. M. (1) — o orgulho e o desprezo femininos corrigem a venalidade incipiente do homem.

Fernando, influenciado por falsos principios de educação, absorvido por um meio corrompido e habituado ás exigencias

(1) Outro pseudonymo de José de Alencar.

de um ambiente de elegancia e futilidades, sacrifica os haveres da familia e prejudica o futuro das irmãs. Aspirando a uma vida de gosos mundanos, e desejando reparar o sacrificio imposto á familia, acceita a proposta de matrimonio de conveniencia e casa-se com Aurelia.

A moça é muito rica, portanto desmedidamente caprichosa, possuindo, de origem, forte dose de orgulho indomavel.

Realiza-se a operação financeira e começa para o *leão* da moda uma existencia de humilhações e supplicios.

Tarde explodiu o arrependimento, e o joven teve de supportar o captiveiro. Reagiu, retemperou o caracter no infortunio e na amargura, conseguindo readquirir a parte do dote despendida. Mas, durante esse longo prazo, supportou todas as privações imaginaveis e soffreu com resignação, a pena afflictiva que lhe foi imposta pelo desprezo da esposa, torturando-lhe os restos de dignidade. E quando se julgou liberto do dominio de sua senhora, sente-se preso pelos grilhões do amôr que lhe inspirára a mulher que o ultrajára por tão longo tempo.

Julgamos, com Rocha Lima (1), que o typo de Fernando é melhor desenhado que o de Aurelia.

O talentoso moço, tão cedo arrebatado ao mundo, compoz em 1878, um escorço litterario do perfil de mulher, analysando os caracteres dos dous personagens, atravez da psychologia, e chegando á conclusão que Aurelia «é apenas uma mulher excentrica, lançada ao mundo para regeneração das almas, embotadas nas conveniencias torpes de uma sociedade, facil em desculpas e pouco attenta á immoralidade de suas transacções». Quanto a Fernando, considera-o uma victima da ambição e dos attractivos dos gosos, e um pervertido pela educação falsa. E prosegue em uma longa demonstração de exequibilidade do ca-

(1) Rocha Lima — CRITICA E LITTERATURA, pag. 90.

racter do marido vendido e resgatado pelo proprio esforço, operando-se a reacção que o regenera perante o conceito do leitor e da moça extravagante.

A defesa é muito mais habil do que a de Eliza do Valle, em nota appensa ao romance, como resposta ao reparo de Paula, em folhetim do *Jornal do Commercio.*

Ha quem compare LES MAITRES DE GORGES, de George Ohnet, a SENHORA de Alencar. Convem repellir o confronto e advertir que o primeiro foi publicado em 1882, ao passo que o segundo em 1875.

Si tivermos de fazer algumas objecções sobre o estudo psychologico de Alencar, principalmente em relação ao typo de Aurelia, devemos convir que se trata de uma obra d'arte, de um romance de costumes.

Georges Ohnet, a despeito do grande numero de edições de suas obras, está «hors de la littérature», como muito bem disse Anatole France: (1)

Il faut aussi que les pauvres d'esprit aient leur idéal. N'est-il pas vrai que les figures de cire, exposées aux vitrines des coiffeurs inspirent des rêves poétiques aux collégiens? Or, les romans de M. Georges Ohnet sont exactement, dans l'ordre littéraire, ce que sont, dans l'ordre plastique, les têtes de cire des coiffeurs.»

O ultimo trabalho foi divulgado em 1893, em edição posthuma; é ENCARNAÇÃO, reeditado em 1908, sob as vistas de Mario de Alencar.

E' o romance de mais fundo psychologico que escreveu o autor dos perfis de mulher. Mas nesse descambou para a pathologia, cedendo ao impulso ou á attracção que quasi todos os

(1) Anatole France — LA VIE LITTERAIRE, vol. II, pag. 56.

escriptores tem manifestado para os casos teratologicos, principalmente no dominio da neurologia.

Hermano, o viuvo em estado perenne de allucinação, suppondo viver ao lado da mulher e mantendo inalteravel o ambiente do seu lar primitivo, merece um diagnostico em psychopathologia. Seria um hysterico, como o classificou Araripe Junior? (1) Talvez. A debilidade do seu systema nervoso consequente ao profundo golpe moral que o abatera; a obliteração da vontade, transformando-o em automato, preso de obsessão fixa e procedendo como um inconsciente, exigiam a intervenção de um discipulo de Charcot.

Mas pode-se tambem, com o apoio do parecer de Janet, rotular essa nevrose com o nome de psychasthenia, mais pomposo e exquisito do que o primeiro; ou ainda paranoia ou paranéa.

Os medicos psychiatras que se decidam pelo diagnostico, tendo em vista os symptomas colhidos na leitura do livro.

Hermano enviuvou e continuou a manter subjectivamente a existencia ao lado de sua Julieta imaginaria. Conservou os aposentos com a mesma disposição, guardou a lembrança da mulher nos mais insignificantes habitos domesticos. Continuou a admittir que a esposa tomava as refeições ao seu lado ou sentava-se com elle no mesmo banco do jardim.

Não se contentou com os retratos, pois encommendou a um esculptor, quando esteve em Paris, duas figuras de cêra, em attitudes diversas, que foram depositadas no toucador e no dormitorio.

Passou assim a vida muito tempo, até se apaixonar por Amalia, quando a ouviu cantar a aria da *Lucia de Lamermoor*. Tomou incremento essa paixão e o viuvo conseguiu contrahir novas nupcias, apezar da duvida e da desconfiança que perseguiam o espirito da moça.

---

1) Araripe Junior — Movimento de 1868, pag. 150.

Realizado o matrimonio, começou a tortura, verdadeiro supplicio da segunda mulher.

Hermano continuou a adorar Julieta na pessoa de Amalia, sendo acommettido de verdadeiros delirios paranoicos ou allucinações hystericas.

A moça a principio tentou reagir; mas depois identificou-se com a sua funcção de estatua ambulante e tentava reproduzir o typo ou o aspecto de Julieta, estudando o *papel* como uma artista.

Em momentos de lucidez, o marido avaliava o sacrificio de sua companheira, começando a contrahir a ideia fixa de que devia morrer para restituir a liberdade á sua victima.

Indo uma noite a um baile, simulou haver esquecido a carteira e regressou á casa, com o intuito de suicidar-se. Encerrou-se nos aposentos da primeira mulher, abriu as torneiras do gaz de illuminação e preparou-se para morrer na casa incendiada.

Amalia desconfiou da ausencia do marido e chegou a tempo para arrebatal-o, fazendo despertar a paixão amortecida e abandonando o Rio de Janeiro.

Cinco annos depois, regressaram á patria, com uma filha de 4 annos; e o primeiro cuidado da esposa foi o de verificar si ainda era amada como espectro. Levou o marido ás ruinas da casa incendiada e ahi teve a prova de se ter apagado a imagem de Julieta no cerebro do marido, onde só agora imperava a sua figura. O desapparecimento do ambiente, a longa excursão á Europa e o nascimento da filha, haviam contribuido para restabelecer as funcções cerebraes de Hermano.

Ahi está o enredo do romance psychologico ou antes psychiatrico a que Alencar denominou ENCARNAÇÃO.

Pondo-se de lado o aspecto scientifico com que o autor não se preoccupou, pode-se consideral-o como um romance de these,

contrario a segundas nupcias. Não que seja o intuito do escriptor, a julgar pelo desenlace; mas como prevenção que certamente actuará no espirito do leitor, afastando a possibilidade de semelhante martyrio ou supplicio.

Os positivistas accentuam a preponderancia do amor subjectivo, mesmo *post-mortem* e por isso condemnam o matrimonio de viuvos.

Como ultima representação desse genero, cumpre-nos citar UM DESEJO, começo de romance publicado na Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas. (1)

E' um dialogo sustentado entre dous rapazes elegantes e illustrados, em uma praia de banhos, a proposito da arte de natação. Aproveitam o thema e sustentam um debate sobre questões de paleontologia e anthropologia, euveredando-se pela litteratura e mythologia, dando ensejo a sustentar paradoxos ou revelar erudição. Denota apenas uma feição mais desapegada do lyrismo, sendo talvez o motivo de não ficar concluido.

* * *

Na pujança de imaginação e no fulgor da paixão, no carinho com que trata os perfis femininos e na riqueza do estylo, sente-se George Sand como inspiradora. VALENTINE, LELIA, INDIANA e JACQUES foram as fontes que alimentaram o seu espirito.

A Dumas Fils e Octave Feuillet, deve o autor brasileiro o processo de desvendar a alma dos personagens e de tactear os themas passionaes.

E no Brasil, a influencia directa, decorrente do successo alcançado e do estimulo produzido, pertence a Macedo. A Mo-

(1) ESCABIOSA — SENSITIVA (outro perfil de mulher, de 1863) por G. M foi publicada pela Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas (n.o 40 de 1915).

RENINHA, ROSA. O MOÇO LOURO e OS DOUS AMORES foram os modelos do genero, para a descripção dos costumes fluminenses, para as intrigas de amor e mysterios da alma humana e para a vida futil dos salões.

Nos ligeiros escorços em que José de Alencar reproduz a manifestação da consciencia affectiva dos seus personagens, principalmente a delicadeza da alma feminina, elle faz destacar mais a sensibilidade do prazer, esquecendo o pezar em plano inferior. Raramente elle explora situações angustiosas, scenas tetricas ou afflictivas e jamais se approxima dos quadros lugubres de dôr cruciante.

E' a razão pela qual a leitura dos seus livros nos transmitte sempre emotividade sadia e nunca a depressão do tedio ou da tristeza.

Como na serie precedente, continúa a trilhar o romantismo, como legitimo idealista, accentuando-se a feição lyrica.

O sentimento esthetico è devotado á natureza; e o temperamento vibratil adora a mulher, exaltando-a com o enthusiasmo de artista e com o amor de homem civilizado.

ROMANCE DA VIDA CAMPESINA

Dedicado a esboçar a physionomia do nosso passado, encarando o periodo de formação da nossa nacionalidade e contemplando os elementos integrantes, antes da fusão, quando eram frequentes os conflictos entre os invasores e os aborigenes, resolveu tambem estudar a feição contemporanea da nossa sociedade. E, como era natural, concentrou a sua attenção para o fóco e sentiu as pulsações do coração do paiz. Mas, fallecendo ao romancista brasileiro a faculdade observadora que se

manifestou demasiada em Balzac e Zola, elle não penetrou em todas as camadas sociaes: limitou-se ao meio em que vivia e só reproduziu a vida dos salões e das festas burguezas na côrte. A sua capacidade psychologica tambem foi restricta e por isso os seus estudos de temperamento limitaram-se a casos de amôr, a caprichos e vaidades femininas, a mysterios superficiaes da alma humana. Além disso, Alencar foi um romancista perfeito e como tal, fazia predominar no seu espirito a imaginação e a sensibilidade.

Pretendendo abranger todo o organismo social, elle que já se remontára ao passado, seguindo a orientação romantica: que já fôra conduzido pelo indianismo, rendendo homenagem á raça primitiva do paiz: que havia contemplado o mundo elegante, a vida artificial da cidade — julgou imprescindivel occupar-se do interior do paiz, da vida agricola e pastoril, do mundo objectivo e subjectivo do sertão. Sentiu-se deslumbrado pelo magnifico espectaculo da natureza e permaneceu absorto perante o mundo exterior, esquecendo a psychologia do sertanejo. O meio physico subjugou o psychico: o cunho de objectividade absorveu a concentração subjectiva; toda a sua meditação foi de origem concreta.

Mesmo em O Gaucho, 1870, em que a sua meditação foi indirecta, pois nunca percorreu os pampas do sul, o scenario matou os personagens.

Observa-se nos romances publicados sob o pseudonymo de *Senio*, isto é, depois de haver renunciado a pasta ministerial, sensivel alteração no fundo ou na essencia das suas producções litterarias. Alencar com a desillusão soffrida e os consequentes desgostos, adquiriu feição pessimista, tornou-se sceptico, estancando repentinamente o estro impregnado de optimismo que caracterizou as obras da primeira phase. O Gaucho, A pata da gazella, Guerra dos Mascates, O tronco do ipê, So-

NHOS DE OURO, ALFARRABIOS, SENHORA, TIL, O SERTANEJO e ENCARNAÇÃO, attestam essa metamorphose de inspiração.

O romancista cearense era de temperamento nervoso, alma vibratil e de muita sensibilidade. Não é extranhavel, portanto, que os dissabores experimentados na carreira politica, os desenganos em relação ao meio onde se desenvolvia a acção do homem publico e os ataques inopinados de alguns confrades do pequeno mundo litterario, repercutissem na sua faculdade de inspiração. O mesmo phenomeno succedeu a Lamartine e Victor Hugo, e se tem reproduzido em muitos artistas de além e de aquem mar.

E' a explicação unanime dos seus contemporaneos, a qual não podia escapar á critica. Com effeito, Araripe Junior, contestando a manifestação precoce da lei de Taine (1), tambem invocada no livro de Rocha Lima, escreveu :

«O que antes me parece é que, a contar de 1865, graves perturbações foram determinadas pela politica na vida do artista, o que, juntando-se a uma concentração violenta das funcções em um ponto definido, deu logar a que penetrasse em sua economia um elemento novo e morbido, que veio tornar-se depois a nota mais aguda do instrumento.» (2)

E Magalhães de Azeredo, evidenciando o transtorno que pode occasionar a carreira politica sobre a vida de um escriptor, disse com muita propriedade :

«Demais, entendimentos affeitos á independencia da producção litteraria, aspiram sempre a uma autonomia pessoal apenas em rarissimos casos concilliavel com as exigencias da politica. No escriptor, a concepção e a execução corres-

---

(1) Da divisão da vida do artista em dois periodos : 1.o o da verdadeira inspiração ; 2.o o da reputação ou reproducção da primeira phase.

(2) Araripe Junior — JOSÉ DE ALENCAR, pag. 134, capitulo — Declinio.

pondem estrictamente uma á outra, e só a sua propria vontade as dirige e modifica; no estadista, a concepção ha de por força amoldar-se ás circumstancias externas, soffrer o jugo dos factos e do meio, disfarçar-se, submetter-se, abdicar por vezes na apparencia, porque o homem, si quer governar os acontecimentos, deve antes de tudo deixar-se governar por elles... Essas e outras divergencias não chegam sem duvida a estabelecer incompatibilidade absoluta entre o politico e o artista; mas obrigam este a um tirocinio, sobre difficil, perigoso, que póde conduzil-o a desastres irreparaveis; e de tal verdade, sobejas provas nos fornece a historia.

Certo, a carreira publica de Alencar foi brilhante, notaveis as suas campanhas parlamentares, real o seu prestigio no partido a que se filiou. Mas d'ahi lhe vieram os primeiros desgostos, as durezas e injustiças mais amargas, que depressa envelheceram a sua alma, e prematuramente abriram a segunda phase da sua existencia, phase de dissabores, de tristezas intimas e de pessimismo cruel. (1)

Em GAUCHO houve a irrupção franca dos symptomas do seu estado psychologico, manifestando-se até a misanthropia occasional.

Manoel Canho é symbolo desse sentimento de revolta contra a sociedade. Para vingar a morte do pae, divorcia-se dos homens e procura a vida affectiva entre os representantes da raça equina.

«Foi deste modo que a alma do gaúcho emigrou, da familia primeiro e depois da sociedade humana, para a raça bruta que symbolizava a seus olhos a fidelidade, a dedicação e a nobreza. Seu coração ermo e exilado, buscou naturalmente na communhão dessas creaturas a correspondencia dos sentimentos innatos ao homem.» (2)

---

(1) Magalhães de Azevedo — JOSÉ DE ALENCAR (discurso).
(2) O GAUCHO, vol. 1, pag. 171.

E a esse thema dedica a maior parte do livro, explorando um exotismo que revolta o leitor e se torna insupportavel, por exaggerado e inverosimil.

Canho conversa com eguas e cavallos e transmitte-lhes todos os seus pensamentos. Faz milagres com a Moreno, antes de lhe salvar o filho Juca, e inspira-lhe amor ardente e gratidão imperecivel, depois do acto de abnegação que praticou. Entende-se ás mil maravilhas, melhor que os homens de nacionalidade diversa, entre si, com a Rosilha, o Murzello, o Alazão e *tutti quanti*. Exemplificar os casos espantosos, citar os prodigios que fazem olvidar as proezas dos celebres cavallos que, perante professores da Faculdade de Sciencias de Genebra, do Instituto Pasteur de Paris e das Universidades de Genova, Florença, Stuttgard, Bâle e Oldenburg, leram numeros, effectuaram as quatro operações fundamentaes e até extrahiram raizes quadrada, cubica e quarta de numeros até de seis algarismos, seria tarefa fastidiosa.

Mao não se julgue que os cavallos e eguas do GAUCHO foram submettidos a um exercicio methodico ou a uma aprendizagem lenta e laboriosa ; elles sáem dos lotes, nos pampas, sem domesticidade sequer, e já revelam perfeitos conhecimentos da vida humana. Entendem a linguagem do gaucho, interpretam os pensamentos reconditos e apprehendem sentimentos e intenções.

As creações exoticas e abstrusas do autor, ultrapassam todos os exemplos reveladores da intelligencia dos animaes, mencionados por Georges Leroy, Bufton, Fabre, Maetterlinck, Jacoliot e outros naturalistas.

Lendo-se O GAUCHO, tem-se a impressão de invadir o dominio das fabulas de Phædro, Esopo, Lafontaine e Florian ou de se transportar ao genero extravagante e phantasista de Rostand, no CHANTECLER. Mas reflecte-se um pouco e repugna

admittir tal assimilação, quando se verifica que o autor pretendeu escrever um romance de costumes, filiado ao genero do regionalismo pittoresco.

Razão teve Franklin Tavora, pondo de parte o seu despeito e o intuito irreverente de demolir a reputação litteraria e molestar a sensibilidade de Alencar, quando procedeu á analyse meticulosa das extravagancias contidas em O GAUCHO. Nas CARTAS A CINCINNATO elle escalpellou sem piedade as inverosimilhanças e absurdos dos personagens equinos.

O romance não preenche absolutamente o intuito do autor, porque os costumes da região do sul são malbaratados, para dar ensejo a descripções de lotes de cavallos nos campos, e desenvolver a psychologia exquisita de Manoel Canho, reunindo o seu plano de vindicta.

O gaúcho é a quintescencia dos sentimentos de vingança. Presenciando a scena da morte do pae, depois de porfiada lucta com varios orientaes que vinham em perseguição de Loureiro, a quem o peão dera refugio, conservou na retina e no cerebro a physionomia do assassino covarde, e jurou vingar-se. Cevou durante muitos annos o odio implacavel e extendeu-o a Loureiro, como causa da morte do pae e por haver proporcionado á viuva, o amparo de segundo marido.

Essa aversão attenuada ampliou-se a todos os seres humanos, inclusive á propria Mãe que depressa esquecera a memoria do esposo, e á irmãzinha das segundas nupcias.

E, qual Hamlet ou André Cornélis, poz em pratica o plano architectado, com todo o requinte de perversidade.

Tambem em TRONCO DO IPÊ reproduz-se o caso do filho vingar a morte do progenitor.

Mario, suspeitando a causa do fim tragico do pae, rebella-se contra todos e só encontra prazer ao lado do preto velho Be-

nedicto que fôra dedicado ao fallecido, e podia desvendar o mysterio que o torturava.

Emquanto menino praticava toda a sorte de maldades com as creadas e as meninas, principalmente com Alice, a filha de quem elle suppunha ser o assassino do pae.

> "Esse menino frio, de poucas palavras, movimentos graduados, que parecia querer tomar uns ares ridiculos de homem serio; essa natureza de ordinario inerte ou pelo menos tolhida, tinha intermittencias incomprehensiveis, durante as quaes se operavam as expansões energicas e vigorosas do seu organismo." (1)

Durante os seus folguedos de menino travesso, revelava o sentimento de revolta e de misanthropia e interrompia muitas vezes as esturdias, para externar uma reflexão de duvida ou para manifestar a humilhação que soffria, vivendo sob a protecção do pae de Alice.

> "Embora essas alternativas fossem o effeito de uma idiosyncrasia moral, filha da natureza e tambem da educação, comtudo Mario já governava o seu caracter; o que promettia para mais tarde o homem de boa tempera, capaz de grandes commettimentos."

Em uma das visitas á cabana do *pae* Benedicto, ouviram as creanças a narração da morte do pae de Mario e a lenda supersticiosa sobre o boqueirão. Alice, curiosa como todas mulheres, foi observar a *mãe d'agua* e cahiu no abysmo. O menino abnegado realizou prodigios de bravura e conseguiu, coadjuvado pelo *pae* Benedicto, salvar a companheira.

Quando o barão lhe agradeceu o acto de heroismo, elle respondeu, desdenhoso, que fôra uma simples travessura e manteve a mesma attitude durante a festa organizada para celebrar o

---

(1) Tronco do Ipê, pag. 24.

salvamento da menina e o heroe, recusando o presente a elle destinado.

A segunda parte do romance, identifica-se com a feição primitiva do autor. A graça e a belleza de Alice são realçadas com carinho, e o poeta do amor volve ao antigo processo.

Magnifica é a scena dos preparativos para a recepção do joven engenheiro que concluira os estudos em Paris e regressava aos patrios lares, para reviver as impressões da infancia e adolescencia.

Sabor caracteristico revela a azafama com que Alice, auxiliada pelas mucamas e cosinheiras e pelo indefectivel compadre Domingos Paes, dava os ultimos aprestos para a recepção festiva. A festa do Natal apresenta o sainete agradavel da tradição que constitue os alicerces do espirito de um povo. A missa do gallo, os descantes, o presepio, tudo evoca reminiscencias suaves e retempera a alma fatigada e triste.

Alice reune os encantos, a faceirice e os mimos das heroinas de Alencar: Mario, depois de longa ausencia e do cultivo intellectual em um centro super-civilizado, amainou o temperamento rude e as maneiras bruscas, mas conservou o caracter grave e sizudo, e manteve, latente, a sua suspeita e o sentimento de revolta contra o barão.

Presentindo o amor que principiava a dominar a simples affeição que nutria pela moça, adoptou a tactica de simular o desprezo e preferir Adelia, causando profunda magoa á sua companheira de folguedos infantis. Além desse subterfugio, modificou profundamente o genio que quasi attingiu á expansibilidade, tornando-se esquivo, taciturno e reservado.

> "Quando Mario se lembrava dos muitos beneficios que devia ao barão, tinha assomos de desespero: parecia-lhe que, acceitando aquella generosidade, elle se tornára cumplice do crime de que fôra victima seu pae. Que não daria então

para repellir de si quanto recebera daquelle homem? Ficára reduzido a um labrego sem educação; e vingar-se-hia como costuma gente dessa condição, com um tiro ou uma facada.'' (1)

E Mario teria ultimado o seu sacrificio e causado a infelicidade de Alice, se não fôra resolver o barão pôr termo á existencia, fazendo desapparecer o obstaculo á união dos dous jovens.

Mario salvou o ex-amigo do seu pae, arrancando-o do mesmo abysmo onde a covardia do barão fôra impotente para restituir a vida ao infeliz, tragado pela voragem.

E consagrou-se assim o amor dos dous jovens.

Em TRONCO DO IPÊ, a influencia do pessimismo ou do estado d'alma do escriptor foi mais attenuada, por se haver diluido com o decorrer dos tempos. Mas, irrompendo com vehemencia em O GAUCHO, em 1870, manifestou-se no mesmo anno, sob a apparencia disfarçada, em A PATA DA GAZELLA, com a futilidade de Horacio, typo genuino de *blasé;* em GUERRA DOS MASCATES, com os desabafos e allusões do autor, a ponto de ser classificado como romance *à clef*. Continuou no GARATUJA, com o feitio satyrico, em SENHORA, com a situação critica e degradante de Fernando e o orgulho desmesurado de Aurelia.

Em 1875 appareceram os dous volumes de TIL, antes publicados no periodico *Republica* e escriptos em Caxambú, durante o periodo de tratamento da saude perturbada.

Reapparece o misanthropo na figura de Jão Fera, o sertanejo que votou odio aos semelhantes, fez-se facinora e capanga para vingar a deshonra e a morte de Besita, unico sonho affavel que embalsamava a sua alma pervertida.

A principio, o perfil do salteador d'estrada assume um aspecto terrivel, só comparavel ao dos criminosos celebres que povoam os annaes da clinica psychiatrica ou abarrotam os archivos dos

---

(1) TRONCO DO IPÊ, pag. 226.

tribunaes de justiça. Depois se adelgaça a figura, deixando transparente o vulto de bondade do transviado.

A genesis da perversão da alma de Jão Bugre, é o sentimento de revolta que lhe causou um amor não correspondido e o duplo crime commettido, tendo por victima o idolo do seu culto.

Jão Bugre que apparecera mysteriosamente entre os homens, transformou-se em Jão Fera e evitou o convivio da sociedade, embrenhando-se no matto, distribuindo odio aos semelhantes e jurando vingar a morte e deshonra de Besita. Orgulhava-se de sua bravura e da sua campanha contra os representantes da sociedade, dizendo: "Envergonhar-me de que? Não feri, nunca feri homem algum de emboscada, ás occultas, a meu salvo. Ataco de frente, a peito descoberto. Si mato é porque sou mais valente e mais forte; mas arrisco minha vida, e umas quantas vezes, bem mais do que esses a quem despacho, pois sou um só contra muitos." (1)

E diante do espanto de Bertha, unica creatura que elle amava, por ser a filha de Besita, o sicario explica: "Sangue de gente, ou sangue de onça, todo é um; tem a mesma côr e a mesma maldade. Já estou acostumado com elle. Sente-se a fumaça do churrasco. Eu gosto!"

Tendo-se vendido para praticar uma vingança na pessoa do seu antigo patrão, o autor da deshonra de Besita, foi detido, no acto de praticar o crime, pela vontade de Bertha que tinha o poder de dominar o facinora. Mas, como havia recebido a paga e não podia resgatar a palavra empenhada, assumiu o compromisso de se entregar á acção da justiça, mediante a quantia de que precisava para restituir ao mandante do crime. E cumpriu á risca a palavra, como sempre procedia.

Era, porém, condição do ajuste, o respeito á sua liberdade,

(1) TIL, vol. II, pag. 181.

até ser entregue á auctoridade competente. Como quizessem subjugal-o, á trahição, readquiriu a liberdade e proseguiu na campanha de vingar a morte de Besita. Fel-o de um modo horripilante, como descreve Alencar:

"Entretanto, Jão Fera, embrenhando-se na espessura, atirava ao chão o corpo de Ribeiro, quasi desfallecido pelo terror, e pela constricção formidavel dos braços que o arrochavam.

O capanga sacára a faca da cinta, e com o golpe suspenso procurou soffregamente um logar para ferir, mas de modo que reanimasse, com a mais intensa dôr, aquelle corpo desmaiado, sem comtudo lhe tirasse a vida, que elle queria conservar, como um avaro, para sua vingança.

Ao cabo de um instante de hesitação arremessou de si a arma, arquejante aos arrancos daquella sanha. Agachando-se então como um tigre que prepara o salto, com os dentes rangidos e os labios espumantes, se arremessou em cima do Ribeiro e tripudiou sobre o corpo em um phrenesi de selvagem ferocidade.

Quem o visse dilacerando a victima com as mãos transformadas em garras, pensaria que a fera de vulto humano ia devorar a presa, e já palpitava com o prazer de trincar as carnes vivas do inimigo." (1)

Mais tarde, Bertha conhecendo a historia de Jão Fera e desvendando o mysterio do fim tragico de sua mãe, concedeu o perdão ao criminoso e restituiu-o á vida do trabalho honesto.

Ahi está, em traços apagados, a psychologia do sicario que foi o terror de Piracicaba e Santa Barbara.

* * *

Cedendo ao impulso dos processos romanticos, o autor com-

(1) Ti., vol. II, pag. 181.

põe os typos de criminosos heroicos, cercados de uma aureola de sympathia, como Gaucho e Jão Fera; e, na galeria dos anormaes, inclina-se tambem a debuxar outros perfis de degenerados que inspiram piedade. Á maneira de Victor Hugo, manifesta preferencia pelos idiotas e imbecis, como o *pae* Benedicto, do TRONCO DE IPÊ, Braz e Zana, do TIL.

Anatole France, a proposito de L'INCONNU de Paul Hervieu e LE HORLA de Guy de Maupassant, escreveu um artigo em que se refere á predilecção de Charles Dickens pelos loucos. Narra o dialogo entre um francez que foi a Londres especialmente para visitar o autor de DAVID COPPERFIELD, o celebre romancista britannico. Quando o visitante conjecturava sobre a quantidade e natureza dos admiradores de Dickens, admittindo que diariamente lhe fossem levar homenagens de respeito e provas de enthusiasmo muitos escriptores, artistas, homens de Estado e até loucos, o creador de Dick respondeu: — Sim! loucos, loucos. Só esses me divertem. (1)

Alencar, porém, preferia os dementes aos loucos. Vejamos a figura de Braz:

> "Era feio, e não só isso: porém mal amanhado e descomposto em seus gestos. Tinha um ar pasmo que embotava-lhe a physionomia; e da pupilla baça coava-se um olhar morno, a divagar pelo espaço com expressão indifferente e parva.
>
> Curvado como um arco sobre a mesa, com as vestes em desalinho e os cabellos revoltos, abraçava uma chicara de almoço, que lhe ficava abaixo do queixo; e escancarando bocca enorme para sorver de um bocado a grande brôa de milho, ensopada no café, mastigava a tenra massa a fortes dentadas, e soffregamente como si estivesse rilhando um couro." (2)

---

(1) Anatole France LA VIE LITTÉRAIRE: Les fous dans la littérature

(2) TIL, vol. I, pag. 52.

Zana não era uma demente nata; perdera a razão quando presenciou o assassinato de Besita, estrangulada pelo marido.

Bertha conserva a graça e os encantos de suas companheiras de galeria, mas ultrapassa o ambito de acção dos personagens femininos de Alencar. É uma verdadeira heroina que arrosta perigos e toda sorte de obstaculos para disseminar beneficios. É destemida e valente como um varão, caridosa e abnegada como uma religiosa. Sacrifica o proprio amor em prol da amiga a quem concede a dedicação de Miguel. A elevação progressiva dos seus sentimentos condul-a á santidade.

Alencar dedicou-lhe o bello trecho final do romance:

"Quando o sol escondeu-se além, na cupola da floresta, Bertha ergueu-se ao doce lume do crepusculo, e com os olhos engolphados na primeira estrella, rezou a Ave-Maria, que repetiam, ajoelhados a seus pés, o idiota, a louca e o facinora rendido.

Como as flôres que nascem nos despenhadeiros e algares, onde não penetram os esplendores da natureza, a alma de Bertha tôra creada para perfumar os abysmos da miseria, que se cavam nas almas subvertidas pela desgraça.

Era a flôr da caridade, *alma soror*."

Outros personagens têm o sainete da poesia de Alencar. A timidez e a delicadeza de Linda, a afouteza do irmão, o genio reservado de Miguel, são bem accentuados.

Deparam-se, no romance, scenas e silhuetas que resumbram de naturalismo, taes como: o lar de Nhá Tudinha, os acontecimentos em casa de Luiz Galvão, antes de sua excursão a Campinas, a festa de S. João e os typos de Sussuarana e do Tinguá.

No vigor do estylo descriptivo, notam-se a peleja com os *queixadas*, a lucta de Jão Fera na furna, o incendio, a fasci-

nação de Bertha pela serpente e outras muitas paginas de imaginação intensa.

A vida caracteristica da fazenda é melhor aproveitada do que em TRONCO DO IPÊ.

* * *

Em O SERTANEJO ha representação da vida pastoril, com muito mais propriedade do que em O GAUCHO.

É sufficiente appellar para a inspiração directa do autor e ter-se-á explicada a superioridade de reproducção do sertanejo e do meio physico do norte, em relação aos do sul.

Arnaldo é um heroe da tempera de Pery; é um selvagem aperfeiçoado. O parallelo entre Manoel Canho e o vaqueiro do Ceará, proporciona ganho de causa ao nortista.

Arnaldo tem o genio concentrado dos homens sem sociabilidade, mas pulsa-lhe forte o coração no culto, quasi idolatria, que consagra a D. Flôr. E' muito mais generoso do que o gaúcho e não é dotado de sentimentos vingativos, como o amante de Catita.

Já no começo do romance, Arnaldo revela a primeira façanha de heroismo, precipitando-se por entre chammas, para salvar a moça que já desmaiára. O incendio, criminosamente ateado nas capoeiras e nos campos nativos, ameaçava a vida de D. Flôr, e o sertanejo, sem avaliar o perigo, transpoz as labaredas e arrebatou o corpo mimoso, da sella do cavallo baio.

Essa proeza marca o primeiro acto de heroismo do vaqueiro, e a descripção do incendio, precedida do capitulo — O COMBOIO — constitúe as primeiras paginas do mavioso estylo do escriptor.

Outros eloquentes attestados da intrepidez do rapaz, succedem-se reiteradamente, como a sua attitude diante da onça, no tope do jacarandá, onde armou a rêde e recebeu a visita do temivel carnivoro; as luctas com o Aleixo Vargas, para pro-

var-lhe que a dextreza era preferivel á força: o poder sobrenatural exercido entre o tigre, conduzindo-o á trela, subjugado pela orelha; a sua desobediencia ás ordens do capitão-mór: a sua façanha na cavalhada de Recife, disputando a argola ao capitão Marcos Fragoso e conseguindo arrebatar-lhe a lança da mão.

No segundo volume, proseguem os feitos maravilhosos e extraordinarios: a carreira vertiginosa, perseguindo *Dourado*, e o touro *barbatão* que fazia lembrar o boi *Espacio* ou o *Rabicho da Geralda*, do *folk-lore* do norte ou do cancioneiro camponez. Teremos ensejo de voltar ao assumpto, quando nos occuparmos da tendencia nacionalista do autor e da sua capacidade de critico. Por emquanto devemos ainda nos referir á resistencia que Arnaldo oppoz á tentação da viuva Agueda; ao modo por que salvou a donzella, illudindo o cerco dos apaniguados e capangas do capitão Marcos Fragoso; e finalmente ao combate entre os defensores de Oiticica e os atacantes de Bargados e Inhamuns.

Perdura sempre, nos minimos detalhes, a dedicação do sertanejo por D. Flôr, como o devotamento de Pery por Cecy. Mas a meiguice reciproca dos protagonistas do GUARANY foi substituida pelo orgulho de Arnaldo e D. Flôr, no SERTANEJO. Ora o vaqueiro arremessa ao fogo o presente que lhe traz a moça, do Recife, admittindo o intuito de uma retribuição; ora D. Flôr tem o impeto de lhe castigar uma ousadia com o chicote. E scenas identicas deparam-se no romance.

D. Flôr herdara a soberba do capitão-mór que symboliza o fidalgo de alta linhagem. Arnaldo ostenta a altivez do homem das selvas que desconhece o perigo e nada teme.

Alina tem a doçura e as blandicias das donzellas creadas pelo genio de Alencar.

O SERTANEJO deixa no espirito do leitor, muitas reminiscencias do GUARANY.

* * *

O romance da vida campesina, como expressão da vida do interior do paiz, sem a mescla dos costumes europêos, teve, depois de Alencar, outros cultores mais caracteristicos. Franklin Tavora, Bernardo Guimarães, Araripe Junior, Taunay, Inglez de Souza, Coelho Netto, Affonso Arinos e outros, dedicaram-se a perscrutar os sentimentos dos nossos sertanejos e a descrever-lhes os habitos.

José de Alencar não preencheu cabalmente as exigencias do genero que se não coaduna com o seu temperamento, por lhe faltar a capacidade de observação. Elle aproveitou os themas escolhidos para dar ensanchas aos attributos de sua imaginação exuberante, pairando na região da phantasia e imprimindo ao estro o feitio épico ou heroico.

Lenda Indianista

Era fatal a inspiração do elemento selvagem na poesia brasileira. Os poetas dos periodos de formação e transição da nossa litteratura, não podiam ficar indifferentes á triste sorte dos aborigenes, opprimidos, perseguidos e escravizados pelos colonos.

Assim como a fauna e a flora da nova região inexplorada influiram no estro dos nossos primeiros bardos, assim tambem os habitantes da terra descoberta deviam ferir a retina do europêo e seus descendentes.

O espectaculo que se apresentou á observação dos adventicios era novo; variavam o aspecto do céo e das florestas, a especie dos animaes e das plantas e dos mineraes; divergia o

typo ethnico, como tambem se differenciavam os costumes, a organização social, e a feição moral.

Os chronistas prestaram o depoimento de suas observações, descrevendo com certa dose de fidelidade e alguns laivos de phantasia, as suas impressões. Os poetas começaram a enaltecer o mundo physico, compondo hymnos á natureza e redigindo verdadeiros relatorios das riquezas do paiz encantado e lendario. E surgiu o indigena na poesia brasileira, destacando-se os poemas de Santa Rita Durão e Bazilio da Gama.

Como advento do romantismo, predominando o processo da investigação retrospectiva ou da visão do passado, Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias, os tres proceres, exploraram o assumpto que traduzia o instincto de nacionalidade. O indianismo, que será devidamente apreciado, em momento opportuno, abrangeu grande parte da producção dos tres poetas citados e foi exercer acção decisiva na carreira litteraria de Alencar.

Pagou elle esse tributo em O GUARANY, MINAS DE PRATA, IRACEMA, UBIRAJARA, O SERTANEJO e em FILHOS DE TUPAN.

O GUARANY e AS MINAS DE PRATA, apresentam o immigrante e os seus descendentes em contacto directo ou remoto com os selvagens, mais intenso no primeiro do que no segundo.

O SERTANEJO já contempla a vida do interior, o aspecto da primitiva fazenda de creação, apparecendo accidentalmente o aborigene.

Em IRACEMA, é a existencia das tribus indigenas que preoccupa o autor. O branco é o hospede que inspira amor á virgem dos labios de mel e de cabellos mais negros que a aza da graúna.

Ao poema em prosa que compoz, dá Alencar o nome de lenda do Ceará.

Em UBIRAJARA, a tela é toda abrangida pelos silvicolas e a novella recebe a denominação de lenda tupy.

Seria erroneo designar os dous poemas do romancista cearense como pastoraes. A semantica, adstricta quasi sempre á etymologia, reserva esse termo para exprimir as eglogas e idyllios pastoris, no molde de DAPHNIS e CHLOÉ, em se tratando de obras em prosa. Existe tambem a derivante, applicada ás circulares do bispo, porque se admitte, em sentido figurado, que o pastor se dirige ás ovelhas.

IRACEMA e UBIRAJARA são melhor classificados como poemas em prosa ou novellas lyricas, á semelhança de ATALA, RÉNÉ e LES NATCHEZ.

Como idyllios, fazendo variar o meio e a natureza dos personagens, podem pretender certa analogia com PAULO e VIRGINIA, de B. de Saint Pierre.

E' um equivoco de apreciação critica, atribuir-se a Alencar mera influencia litteraria, haurida no americanismo de Chateaubriand. Não pomos em duvida a inspiração dos processos estheticos do autor de ATALA, mas contestamos a illação de se tratar de um simples caso de mimetismo.

Alencar encontrou no thema indianista o derivativo do seu culto votado á Patria. Cumpre analysar com serenidade e argucia a essencia do indianismo que perdurou na obra de Alencar, para se descobrir esse instincto de nacionalidade.

IRACEMA é o melhor attestado da nossa proposição, porque encerra um symbolismo rudimentar e perceptivel.

Martim é o extrangeiro audaz que demanda o Eldorado, onde, a par da fortuna, encontra a hospitalidade de uma segunda patria. Iracema é o symbolo da bôa fé, do enthusiasmo e da franqueza com que os brasileiros acolhem o forasteiro. E assim outros symbolos analogos se divisam no velho Araken, no licor de Jurema, em Poty, Irapuam, Cauby e a jandaia.

A acção da lenda prende-se por fios tenuissimos ao argumento historico. Ha personagens, como Martim Soares Moreno

e Poty ou Antonio Philippe Camarão, os dous heroes das luctas contra os hollandezes, e Jacaúna, o alliado dos portuguezes contra os tabajaras do sertão e os francezes do littoral. Mas o romance não foi incluido na primeira categoria, porque esses personagens são meramente episodicos e não praticam os feitos que os incluiram na galeria historica.

Julgamos, e parece-nos que com solidos fundamentos, que Alencar não foi, como se pronunciaram alguns criticos, um imitador de Chateaubriand e de Cooper, na sua feição indianista.

Esse traço caracteristico do seu nacionalismo vigoroso é, como dissemos um phenomeno natural, decorrente da marcha evolutiva da nossa litteratura.

Alencar representa no Brasil o mesmo papel que F. Cooper nos Estados Unidos da America do Norte, com a differença de possuir o autor dos MOHICANOS, maior capacidade de observação e o autor do GUARANY maior pujança de imaginação.

A lenda cearense foi escripta em 1869 e mereceu vivos applausos da critica, com excepção dos detractores, como Franklin Tavora e J. F. de Castilhos.

Machado de Assis consagrou-lhe uma chronica litteraria, e Pinheiro Chagas redigiu um dos artigos criticos que fazem parte dos NOVOS ENSAIOS DE LITTERATURA.

Mas já em 1848, segundo a confissão do autor, tivera a ideia de aproveitar as lendas e tradições do Ceará. Prova essa intenção o artigo A PATRIA DE CAMARÃO em que esboçara a biographia do heróe Poty.

De todos os livros de Alencar, IRACEMA é o que excelle no estylo discriptivo, sobrepuja nas imagens e comparações poeticas e se avantaja na inspiração. Não foi, por certo, o poema que o autor brasileiro previu, nas CARTAS SOBRE A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS, fosse escripto e apresentado por alguem "sem ruido nem apparato, como modesto fructo de suas vi-

gilias". A se attribuir a Alencar o cunho de uma promessa, devem ser considerados como simples ensaios as duas lendas que elle compoz. Foram as primicias do poema por elle sonhado e talvez contido no arcabouço dos FILHOS DE TUPAN.

A filha de Araken foi surprehendida pelo guerreiro branco que a contemplava embevecido.

Despediu a flecha e despertou-o do enlevo, ferindo-o no rosto. E como não houvesse reacção, a não ser um gesto de magoa, a virgem quebrou com elle a flecha da paz e conduziu-o á presença do pagé.

Seu pae recebeu o extrangeiro com as honras dictadas pela lei natural da hospitalidade, dando-lhe o cachimbo *a pitar*, fazendo arder a acha com o fogo hospitaleiro e offerecendo-lhe o resto das provisões.

Trocados os comprimentos do estylo selvagem e terminada a cerimonia da recepção, Martim já se sentia preso aos encantos da virgem que guardava "o segredo da jurema e o mysterio do sonho", suscitando o ciume na alma do valente Irapuam.

Para salvar o guerreiro branco á sanha dos tabajaras que o chefe incitára á guerra, Iracema serviu-se de varios ardís e, coadjuvada por Poty que viera em busca do seu alliado, conseguiu fugir.

Perseguidos pela tribu, foram salvos pelos pytiguaras e alcançaram a região das praias alvacentas.

Um dia, depois de longo prazo fruido em vida feliz, Martim teve de abandonar a esposa, para acompanhar o amigo Poty em defesa dos companheiros. Deixou a seta fincada no chão, traspassando um *goiamum* e entrelaçada por um ramo de maracujá.

Iracema devia retroceder, como o crustaceo, e guardar a lembrança do esposo, como o maracujá conserva a flôr até morrer.

E a felicidade emigrou da alma da filha das selvas, porque

o pensamento de Martim volveu á patria, em nostalgia aguda.

Quando o guerreiro branco teve de acompanhar novamente o seu amigo Poty para combater os invasores, alliados dos tupinambás, Iracema acalentou nos braços o fructo do seu amor ardente e deu-lhe o nome de Moacyr — nascido do soffrimento. Definhou de saudade e, enfraquecida, perdeu a seiva opalina que alimentava o filho. "— Recebe o filho do teu sangue, — disse ella ao regressar o esposo. — Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe.—"

"— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabellos.

O doce labio emmudeceu para sempre; o ultimo lampejo despediu-se dos olhos baços."

. . . . . .

"A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro; mas não repetia já o mavioso nome Iracema.

Tudo passa sobre a terra."

Commentando esse bello remate do poema, disse Machado de Assis, amigo leal de Alencar, na peroração do discurso proferido na cerimonia do lançamento da primeira pedra para o alicerce do monumento:

> "Senhores, a philosophia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquella jandaia que não deixa o coqueiro. e que ao contrario da que emmudeceu na novella, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu immortal autor. Nem tudo passa sobre a terra.

Joaquim Serra, outro amigo fiel do romancista, reuniu no folhetim da Gazeta de Noticias, onde elle escrevia com o pseudonymo de *Tragaldabas*, varios conceitos de poetas e prosa-

dores, por occasião da morte de Alencar, constituindo uma especie de polyanthéa.

Ahi se encontram versos commemorativos de Machado de Assis, Pedro Luiz, Bittencourt Sampaio, Carlos de Laet, Cardozo de Menezes, E. Zaluar, Affonso Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, E. Taunay, Ferreira de Araujo, José do Patrocinio, André Rebouças e outros.

Resolvemos trasladar para esta pagina as referencias a Iracema.

N'aquelle eterno azul, onde Coema,
Onde Lyndoia, sem temor dos annos,
Erguem os olhos placidos e ufanos,
Tambem os ergue a limpida Iracema.

Ellas foram, nas azas do poema,
Cantadas pela voz de americanos,
Mostrar ás gentes de outros oceanos
Joias do nosso rútilo diadema.

E, quando a magua voz inda afinavas,
Foges-nos, como se a chamar sentiras
A voz da gloria pura que esperavas.

O cantor do *Uruguay* e o dos *Tymbiras*
Esperavam por ti ; tu lhe faltavas
Para o concerto das eternas lyras.

Machado de Assis

ADEUS DE IRACEMA

Lá da montanha azul na florida campina
Sempre ouvirás em sonhos os peregrinos cantos
Que murmurou na terra a tua voz divina . . .

Mas ao hymno de amor misturará seus prantos
A saudade — meu bardo — a nossa dôr suprema!
Vertem lagrimas hoje as flores de Iracema.

Pedro Luiz

* * *

A patria n'angustia extrema
Chorou ao vel-o partir,
Como a olvidada Iracema,
Sentindo o amado fugir!
E agora... delle a memoria
Nos fundos mares da historia
Deslisa calma, ideal...
Como o batel dos gentios
Nos verdes mares bravios
Da sua terra natal!...

Affonso Celso Junior

Como curiosidade, é sufficiente.

* * *

Após a poetica concepção da lenda do norte, escripta com variedade de tintas, ternura de estylo e imagens subtis e graciosas, o romancista cearense compoz o ensaio da Illiada brasileira.

Jaguarê e Pojucan, os dois guerreiros rivaes das tribus araguaya e tocantim; Pirajá, Cory, Arariboia e outros concorrentes que disputam a posse da liga de Aracy; Itaquê e Conicran, chefes dos tocantins e tapuias; todos esses guerreiros selvagens evocam as figuras heroicas de Achilles, Agamemnon,

Heitor, Ajax, Patroclo, Meneláo e outros valentes guerreiros gregos e troyanos.

Divergem as façanhas, mudam-se as armas e altera-se o fio da acção; mas o mesmo pomo da discordia — a mulher — permanece.

Jaguarê, o destemido caçador, pretende herdar o arco possante de Camacan e desafia o temivel Pojucan, o matador de gente. Vence-o e é acclamado chefe da tribu araguaya.

Seduzido pela belleza de Aracy, a virgem tocantim, esquece Jandyra e apresenta-se como concorrente no torneio, disputando a posse da filha de Itaquê. Mas, apesar de victorioso em todas as provas, surge a incompatibilidade, por ser inimigo de Pojucan, o irmão de Aracy.

E' declarada a guerra entre as duas tribus, mas sobrevem um empecilho determinado pelo ataque dos tapuias aos tocantins e não se verifica o encontro entre estes e os araguayas.

Itaquê perde a vista e propõe alliança com Jaguarê, formando a nação dos ubirajáras, cujo chefe acceita duas esposas: Aracy e Jandyra, representantes das duas tribus alliadas.

E assim termina a acção da lenda tupy que se não compara, quanto ao estylo, inspiração e imagens poeticas, á lenda cearense.

Os Effeitos e as Causas

Nesse capitulo de synthese, poderiamos seguir duas marchas distinctas, orientando o nosso estudo sobre a personalidade de Alencar: apreciar as causas determinantes de sua individualidade litteraria e examinar os effeitos produzidos na evolução do romance brasileiro, ou restringir a analyse das causas e effeitos dentro dos limites da propria obra do autor.

Casa onde nasceu José de Alencar
(em Mecejana — Ceará)

Já tivemos ensejo de determinar as origens do escriptor e os elementos que predominaram na formação do seu espirito; devemos agora encarar exclusivamente os processos do romancista.

Emile Hennequin dividiu a sua critica scientifica em tres partes distinctas: analyse esthetica, psychologica e sociologica; e organizou um plano schematico para o estudo de Victor Hugo.

Applicar semelhante programma de estudo a José de Alencar, seria repudiar, na integra, o methodo que adoptámos, e subordinar toda a obra do escriptor cearense ao paradigma delineado pelo critico francez.

Não é esse o nosso intuito; pretendemos unicamente deduzir conclusões que definam com precisão o romance de Alencar.

O seu objectivo foi a formação do espirito de nacionalidade, desvendando o passado, exaltando a raça aborigene que interveio na fusão do typo mestiço, e esboçando os costumes da vida brasileira, na côrte e na roça. Se não attingiu ao *desideratum*, contribuiu poderosamente para firmar a trajectoria da evolução litteraria do paiz.

Os seus processos artisticos são simples e sem affectação; decorrem naturalmente da inspiração poetica que exerce predominio em toda a obra. O vigor imaginativo que caracteriza Alencar, e a sensibilidade extrema do seu temperamento, imprimem a directriz no estylo, no arcabouço dos romances, nas descripções do meio physico e no debuxo dos personagens.

Do estylo, como da inspiração, teremos ensejo, de accôrdo com o summario, de tratar em capitulos distinctos.

As causas determinantes da sua personalidade litteraria, no genero romance, residem na influencia do romantismo, principalmente o francez, e no seu idealismo espontaneo, fructo da extrema sensibilidade do seu systema nervoso. O seu feitio

romanesco decorre, portanto, de um estado psychologico e do condimento constituido pela educação artistica.

Os effeitos assumem proporções variaveis: simplicidade e poesia no estylo descriptivo, delicadeza no compôr os typos femininos, os entrechos de urdidura singela, ás vezes pueril. E, quando pretende esboçar o quadro dramatico ou a scena tragica, embica no inverosimil ou perde-se nos meandros da phantasia. Os seus sentimentos estheticos repellem a realidade e extasiam-se no dominio do idealismo, desdenhando o methodo de observação e falseando, portanto, a psychologia dos personagens.

Quando se deixa attrahir por uma figura monstruosa ou por um thema hediondo, descobre virtudes no criminoso, lobriga a belleza moral na feia catadura dos imbecis e anormaes.

Os seu heróes são capazes das façanhas de Hercules e quando a acção o exige, não ha impossiveis, tudo se realiza. Assim tambem, o poder magico de suas heroinas fascina os homens de caracteres os mais dessemelhantes.

A despeito de qualquer resalva, o seu justo renome decorre das suas preciosas qualidades de escriptor e da capacidade de imaginação de que era dotado. Supplantou os seus predecessores, imprimiu orientação decisiva em a nossa litteratura e grangeou a reputação que ainda perdura, de fundador do romance brasileiro.

VII

Comediographo e Dramaturgo

A tendencia para o theatro — A estreia — As peças que escreveu — O theatro da época — Como foram recebidas as suas producções — Os desgostos que experimentou — Genero abandonado.

O theatro no Brasil manifestou-se desde o seculo do descobrimento, quando os jesuitas, exercendo a nobre missão de catechese dos indigenas, puzeram em pratica esse recurso.

Foi José de Anchieta quem, no anno de 1565, fez representar o auto da Pregação Universal, composto sob o molde dos mysterios medievaes e dos autos de Gil Vicente. Outros autos e mysterios foram representados em varios collegios de jesuitas, segundo rezam os chronistas da época, Simão de Vasconcellos, entre outros.

Mas se não nos reportarmos ás origens e quizermos apenas encarar as primeiras manifestações do theatro, como um genero da litteratura brasileira, cumpre-nos olvidar esses casos sem repercussão, transpôr o periodo classico e galgar o seculo XIX.

Deve-se a Domingos Gonçalves de Magalhães e a Martins Penna, o advento, em o nosso meio litterario, desse genero tão pouco explorado entre nós. E semelhante asserção só pode subsistir, pondo-se de parte o caso de Antonio José da Silva,

o mallogrado comediographo fluminense que fez a carreira litteraria em Portugal; o de Odorico Mendes, traductor de duas tragedias de Voltaire e talvez algum outro que tenha a priori_dade chronologica e tivesse escapado á nossa pesquiza (1).

Só em 1838, na primeira phase do romantismo, appareceram na ribalta ANTONIO JOSÉ, de Gonçalves de Magalhães, e O JUIZ DE PAZ NA ROÇA, de Martins Penna.

No decennio de 1840-1850, além dos autores citados, Porto Alegre, Teixeira e Souza, Gonçalves Dias, Norberto Silva, Luiz Burgain e outros, escreveram peças theatraes.

Seguem-se Joaquim Manoel de Macedo, cuja primeira producção foi O CEGO, drama publicado em 1849, e José de Alencar, com a comedia O DEMONIO FAMILIAR (1857), além de muitos representantes da segunda geração romantica, que serão contemplados em um estudo de conjuncto.

* * *

O brilhante successo alcançado no palco pelo extraordinario actor João Caetano; os applausos dispensados a Martins Penna, Macedo e outros escriptores brasileiros; e o desenvolvimento rapido operado na arte scenica, implantando accentuada preferencia no publico fluminense, determinaram a tendencia de Alencar para o theatro.

Já havia elle grangeado applausos como jornalista e fôra consagrado como romancista; era preciso experimentar o novo genero e pôr-se em contacto directo com o publico. Escreveu então, em 1857, as comedias VERSO E REVERSO (2 actos); e O DEMONIO FAMILIAR (4 actos) representadas, respectivamente, no Gymnasio, em 28 de outubro e 5 de dezembro do alludido anno.

(1) Tambem não contemplamos Gonçalo Ravasco, Botelho de Oliveira, Alvarenga Peixoto e alguns outros.

Em 1858 escreveu e fez representar As azas de um anjo, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, publicada em 1860. Seguem-se-lhe A noite de S. João, 1860 (comedia lyrica em 2 actos, musica de Elias Alvares Lobo; Mãe, 1862, (drama em 4 actos, representado no Gymnasio Dramatico, em 1860; A expiação, comedia em 4 actos, escripta em 1865 e publicada em 1868, constituindo a segunda parte de As azas de um anjo; O credito, comedia em 5 actos, escripta em 1857, representada no Gymnasio, em janeiro de 1858, e publicada na "*Revista Brasileira*" 1895-1896, tomos 4º e 5º; O jesuita, 1875, drama em 4 actos, representado no mesmo anno, depois de haver sido prohibida a exhibição em scena pela Conservatorio Dramatico.

Deixou ineditos: O abbade (drama), Flôr agreste (comedia) e Gabriella (drama).

Na phase do triumpho de João Caetano que se dedicava de preferencia ás tragedias e aos dramas, constituiu-se um nucleo de artistas brasileiros e portuguezes no Gymnasio Dramatico, com um repertorio eclectico e um elenco bem afinado.

Arêas, Vasques, Joaquim Augusto, Furtado Coelho, Amoedo, Martins, Pedro Joaquim, Paiva, Heller, Graça, etc., entre os actores; Adelaide Amaral, J. Noronha, Velutti Clelia, Thereza Martins, Eugenia Camara, além de outras, deleitavam o publico do Rio de Janeiro, com a representação das peças de Scribe, Augier, Murger, Dumas Fils, Octave Feuillet, Sardou e alguns mais.

Os successos dos theatros S. Pedro de Alcantara e Gymnasio, imprimiram no gosto do publico orientação decisiva e despertaram, entre os escriptores nacionaes, a iniciativa de se dedicarem a esse genero litterario.

Verificou-se, então, o estimulo entre Macedo, Alencar, Agrario de Menezes (de longe), Quintino Bocayuva, França Junior, Achilles Varejão, Pinheiro Guimarães *et reliqua*.

Apreciemos succintamente a producção de Alencar: VERSO E REVERSO e O DEMONIO FAMILIAR são duas comedias de costumes.

A primeira reproduz as fugazes impressões de um estudante provinciano, recem-chegado ao Rio. Aproveita a circumstancia para censurar uns tantos habitos reprovaveis, como a mendicancia, os beneficios de artistas, a venda ambulante de bilhetes de loteria, o systema de vender livros por assignaturas, a maledicencia de um opposicionista eterno, a perseguição impertinente de um *zangão* da praça, além da critica ao desasseio da cidade e á viação urbana.

Mas Ernesto, o estudante, deixa-se seduzir pelos olhos da prima Julia e consegue então observar o reverso da... côrte. O 2º acto representa o contraste do primeiro: d'ahi o titulo da comedia.

Affecta o caracter das comedias de costume de Martins Penna, sem a *vis comica* que define o autor do NOVIÇO, e sem complicação do entrecho.

O DEMONIO FAMILIAR é um trabalho de apreciavel valor, *maxime* em se considerando o nosso meio e presidindo a relatividade sempre indispensavel no julgamento. E', sem contestação, a sua melhor peça de theatro, não só pela urdidura, como pela linguagem, capacidade de observação e estudo dos caracteres.

E' proverbial, e passou em julgado perante a critica no Brasil, proclamar esta comedia como um grito de revolta contra a escravidão. Assim o admittem Sylvio Romero e o proprio autor, quando empresta a Eduardo a seguinte linguagem:

> «O unico innocente é aquelle que não tem imputação, e que fez alguma travessura de creança levado pelo instincto da amizade. Eu o corrijo, fazendo do automato um homem; restitúo-o á sociedade, porém expulso-o do seio da minha familia e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (A

Pedro Toma: é a tua carta de liberdade; ella será a tua punição de hoje em deante, porque as tuas faltas recahirão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas acções. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não comprehendes *(Pedro beija-lhe a mão).*» (1)

Estamos com Araripe Junior e José Verissimo que attribuem a influencia nefasta, não ao moleque escravo, mas aos habitos das nossas familias que permittem uma intimidade censuravel entre famulos e os membros do lar.

O mesmo mal resultará, quer se trate de um escravo ou de um socialista, de um preto ou de um branco, de um nacional ou de um extrangeiro; todos poderão, na phrase de Araripe, ser Scapins de varias épocas.

Ainda hoje vemos os Pedros de todas as castas, feitios e tamanhos, sob a roupagem do copeiro ou da cosinheira, disfarçado em cria da casa ou em orphão protegido, na figura de uma *femme de chambre* ou de uma dama de companhia e até investido do caracter de parente que nos merece amparo.

Conclúe-se, porém, que é real e vivida a comedia, e bem interessante o typo do moleque pernostico e intrigante, verdadeiro symbolo de um *demonio* familiar.

Pedro, o escravo, faz e desfaz casamentos entre os seus amos e visinhos, desata e reata relações de amizade, sempre com o ardil da intriga e o recurso das cartas e flôres.

Bem estudados são os typos de Pedro, o protagonista, de Eduardo e Azevedo. D. Maria é a figura sympathica e representativa da mãe brasileira. Carlotinha e Henriqueta são adoraveis de ternura e meiguice. (2)

---

1) O Demonio Familiar

(2) A Revista do Brasil (n. 30 de junho de 1918) reproduz uma carta

Em O CREDITO, comedia em 5 actos, escripta em 1857 e representada no anno seguinte, o autor já não fica adstricto ao dominio das peças de costumes. Aproveita um thema universal e invade a região do theatro psychologico. E' a eterna questão do dinheiro que foi aproveitada, em todas as modalidades, pelo genio de Balzac e que, no mesmo anno de 1857, deu ensejo a QUESTION D'ARGENT de Dumas Fils.

Embora sejam bem distinctas no molde, na feição, no assumpto e no processo, pode-se classificar O CREDITO ao lado de QUESTION D'ARGENT e reconhecer o novo feitio de Alencar como decorrente da influencia que nelle exerceu o autor de DEMI-MONDE.

Rodrigo personifica o autor para emittir os seus conceitos e pregar doutrinas ou preceitos de moral. E' a figura central, o *raisonneur*, das peças de Dumas.

A vivacidade e o espirito dos dialogos, a diversidade de caracter dos personagens, o objectivo moralista, a vida apanhada em flagrante nos salões, tudo participa da influencia exercida pelo fulgurante autor de L'AMI DES FEMMES.

O sr. Pacheco, capitalista da escola dos negociantes portuguezes no Rio de Janeiro, tem dous filhos, Julieta e Hippolyto, dispondo cada um de 200 contos de dote. Apresentam-se os pretendentes, verdadeiros especuladores, que antecipam a exploração dos respectivos dotes. De um lado um negociante (Oliveira), libertino que dissipa os haveres em gosos de toda a sorte e se associa com um usurario (Macedo), contando antecipadamente com a fortuna da noiva e conseguindo até letras endossadas pelo futuro sogro.

De outro, a familia de um funccionario publico que vive na ostentação e contrahe dividas com o mesmo agiota.

---

de Fernandes da Cunha, Secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro, communicando ao autor a excellente impressão causada pela comedia.

Apparece Rodrigo, joven engenheiro formado na Europa, nova especie de *deus ex-machina*, que salva a familia Pacheco das garras dos abutres e regenera os fracos que se pervertiam seduzidos pela execravel sêde de ouro. Assim, adverte o amigo Hippolyto do assedio preparado por D. Olympia, a esposa do funccionario Barros, que vive no fausto e na elegancia, apezar da exiguidade dos recursos financeiros.

Com efleito, a ambiciosa instrúe a filha no designio de conquista e dirige-a na execução do plano astucioso; e, simultaneamente, explora Macedo com a garantia de um futuro sorridente e a simulação de um amor criminoso.

A acção do moralista não se limita em desfazer o ardil; salva a menina e regenera a esposa leviana; apaixona-se por Julieta, conseguindo desfazer o seu casamento com o negociante fallido, expulsa o agiota da casa de Pacheco; restaura a felicidade da familia Barros, compromettida por uma vida de dissipações; e consegue o casamento sonhado pelo amigo, por um meio licito.

Ahi está o arcabouço de uma peça de Dumas de cujo influxo participou o autor de O CREDITO. Thema e processo, contextura e dialogos subordinam-se ao theatro francez da época; o que não succedeu ás comedias anteriores.

Identica influencia exerceu a DAMA DAS CAMELIAS sobre AS AZAS DE UM ANJO. E' a mesma these—a regeneração da mulher perdida—tratada com maior dose de romantismo.

Carolina, da comedia, e Lucia, do romance LUCIOLA. têm affinidades; mas a primeira exprime com maior eloquencia os intuitos do autor, a julgar pelos precedentes.

Carolina fez-se cortezã, attrahida pela vida de prazeres, pelo goso; ao passo que Lucia deixou-se seduzir por uma necessidade extrema.

O assumpto da regeneração da meretriz tem sido aprovei-

tado, em todos os diapasões, por moralistas e dramaturgos, philosophos e romancistas, mas sempre offerece uma face nova e pode ser encarado atravez de um prisma differente. Basta intervir com a multiplicidade infinita de caracteres e condições sociaes, para se adquirir a certeza de semelhante verdade.

E se não fôrem satisfactorios os elementos indicados, surgem innumeras modalidades concernentes á psychologia, ao momento, á educação e a varias influencias accidentaes. Mas se a verosimilhança é incontestavel, por mais extravagante que se manifeste o caso concreto aproveitado como enredo, é indispensavel que elle seja tratado de modo a parecer verdadeiro e não ser considerado como absurdo.

Foi o que não succedeu a Alencar que nos apresentou uma Carolina sem a envergadura acceitavel para tal resolução; forjou um Luiz sem nervos e de sangue gélido que deixa fugir a amada com o seductor, sem oppôr o mais ligeiro embaraço, limitando-se a discutir o caso com o raptor, fazendo-lhe uma prelecção de moral. Apresenta-nos depois a mesma Carolina, sempre attrahida pela vida de luxo e de prazeres, repellindo a intervenção materna, insensibilizando-se perante o pae desgraçado, resistindo ás tentativas do primo apaixonado, para se converter repentinamente, depois de ser victima de um roubo, sem ao menos tentar a punição do criminoso. E' inconsequente, inadmissivel esse typo de mulher, destituida de principios de fé, sem apparentar a paixão vehemente que contribúe para remir a sua culpa, não tendo siquer o symbolo do Redemptor para assumir a attitude da Magdalena, referida no evangelho, a qual soffre uma metamorphose mais brusca do que a da chrysalida em borboleta.

Não contestamos a these do autor, pois admittimos o arrependimento nobilitante, a rehabilitação do culpado; mas não

podemos acceitar o typo de Carolina como foi debuxado pelo autor de LUCIOLA, julgando-o ainda mais incongruente.

Mesmo adoptando a versão de Henrique Muzzio, expressa na carta endereçada a Pinheiro Guimarães (1), de haver sido a peça reproduzida do natural com a imaginação do poeta, somos levados a concluir que a copia peccou por infidelidade, transformando-se em phantasia esdruxula.

E foi essa a impressão geral que se manifestou na época do apparecimento da comedia e esposada pela critica posterior.

Vejamos, de preferencia, os pareceres dos admiradores e amigos do autor, para que nos sintamos á vontade, sem abjurar a homenagem sincera que rendemos ao grande brasileiro.

Principiemos por Machado de Assis:

«A idéa da peça está contida em algumas palavras do personagem Menezes; Carolina exprime a punição dos pais, que descuraram da sua educação moral; do seductor que a arrancou do seio da familia, do segundo amante que a acabou de perder. O epilogo da peça é o casamento de Carolina; mas quem vê ahi a sua rehabilitação moral? Casamento quasi clandestino, celebrado para proteger uma menina filha do erro de união sem as doçuras do amor nem a dignidade de familia, é isso acaso um acto de regeneração? Não, o autor das AZAS DE UM ANJO não quiz restituir a Carolina os direitos moraes que ella perdera. Mas isto, que é o desenlace de uma situação dada, não nos parece que justifique essa mesma situação. O que achamos reparavel na comedia das AZAS DE UM ANJO, não é o desenlace, que nos parece logico; é a situação de que nasce o desenlace; é o assumpto em si. O que nos parece menos acceitavel é o que constitúe o fundo e o quadro da comedia; não ha duvida alguma de que a

(1) Prefacio da HISTORIA DE UMA MOÇA RICA.

peça é cheia de interesse e de lances dramaticos; a invenção é original, apezar do cansaço do assumpto; mas o que sentimos é precisamente isso: é uma somma tão avultada de talento e de pericia empregada em um assumpto que, segundo a nossa opinião, devia ser excluido da scena.» (1)

Não concordamos absolutamente com esse juizo do preclaro autor de D. CASMURRO; para nós não é o assumpto que repelle a acceitação: é o modo porque foi tratado o thema. Os typos são artificiaes, a acção não affecta o caracter de verosimilhança exigido em obras de arte, a psychologia dos personagens é falsa e torturada.

Estamos com Araripe Junior, outro amigo, e até parente do autor, que lhe dedicou um magnifico perfil litterario. O conceituado critico julga que o objectivo do artista se transformou em uma superfetação, e condensa o seu parecer no seguinte trecho:

«Repugna acceitar a naturalidade desses actos abjectos que são attribuidos a Carolina. A degradação nunca advem a uma mulher em semelhantes circumstancias, senão por uma progressão logica, lenta e laboriosa, e da qual raro emerge-se sem ser por uma reconstituição na mesma ordem, a menos que se não recuse a lei reconhecida pelos homens de sciencia: *natura non facit saltus*. A arte neste caso, portanto, tornou-se-lhe ingrata; fez estalar a materia prima; procurando subordinal-a, em lugar da verdade, da pintura real de um estado psychico, ella nos exhibe um desconhecido aleijão. Os cinco actos da peça nada provam, nada explicam; as fallas postas na bocca de Carolina ou de Luiz não são humanas, nem sequer sahem convictas do coração de quem ousou traçal-as no papel; são declamações, ou tiradas emphaticas, dissonantes da alma dos modelos, que

(1) Machado de Assis — CRITICA, pag. 57.

todo o artista, observador ou não, guarda no fundo, bem no fundo, do seu *atelier*. (1)

E', aliás, a deducção a que se pode chegar em se reconhecendo a tendencia natural do espirito do artista, avesso ás profundas analyses psychologicas e pouco affeiçoado ao methodo de observação.

Tornou-se-lhe difficil a missão de estudar, em uma mesma peça, embora de cinco actos, a transformação de uma donzella, filha de operarios, em uma meretriz requintada: acompanhar a evolução da alma da peccadora, determinar o rapido declinio da estrella fulgurante e apreciar a phase do arrependimento e da remissão da culpa.

E o proprio autor reconheceu, depois do insuccesso da peça e da manifestação hostil da critica, quando escreveu o proseguimento da comedia e confessou:

> «Havia ahi duas idéas bem distinctas, dois dramas, o erro e a expiação. Não seria possivel incluil-as em uma só comedia; as acções eram diversas, pelo tempo, pela scena, pela revolução profunda no caracter de alguns personagens.» (2)

Depois de redigir, em duas paginas, a defesa contra o libello da critica quasi unanime, desenvolve a comedia A EXPIAÇÃO, para attenuar a impressão causada pelo casamento de Luiz com a Magdalena arrependida e explicar a attitude da regenerada perante os amigos de Luiz e a sociedade em geral.

Principia desterrando o casal para o ermo, afim de conseguir a cicatrização moral exercida pelo tempo e pelo retrahimento. Apresenta-o depois perante a sociedade, em um salão de baile, para exhibir a transformação operada no marido abnegado e sujeitar a rehabilitada ao castigo da expiação do passado.

---

(1) Araripe Junior — JOSE DE ALENCAR, pag. 66.

(2) José de Alencar — A EXPIAÇÃO.

Luiz depois de offerecer o nome em holocausto á victima da seducção, amou Carolina. Esse amor que renasceu das cinzas, como a Phenix, soffreu os terriveis embates da recordação, do ciume, da vergonha e da humilhação, esboroando-se e extinguindo-se. Succedem-lhe o desprezo e o aviltamento, quando Sophia desperta novas sensações de amor no heroico regenerador.

Desenrola-se o martyrio de expiação do passado; soffre a peccadora arrependida com os ultrajes successivos de que é victima, desfeiteada pela sociedade, desprezada pelo esposo, renuncia aos seus direitos e curte as magoas em silencio. E o castigo attinge á meta, quando percebe a paixão da filha pelo supposto irmão.

Mas os sentimentos de piedade do autor oppõem um paradeiro ao supplicio, fazendo declinar o arrebatamento de Luiz e esclarecendo a situação do noivo de Lina.

E' verdadeiro o quadro esboçado, porém as tintas são muito carregadas. O thema é acceitavel e constitúe um optimo ensejo para o estudo psychologico, mas os processos empregados e as acções intercorrentes transformam o effeito desejado, perturbam a naturalidade.

Pondo-se á margem as *ficelles* e attenuando-se a gradação do colorido, consegue-se uma boa comedia, no genero, das que magistralmente compunha Dumas Fils.

MÃE é o verdadeiro drama de Alencar, como o DEMONIO FAMILIAR é a sua melhor comedia.

Cedendo ao influxo que, entre os homens de lettras, exercia a campanha abolicionista, trouxe Alencar um obolo de piedade para a redempção da raça opprimida. Elle que não puzera ainda o seu talento de escól ao trabalho da causa santa que absorveu centenas de luctadores denodados, lembrou-se de esboçar um quadro pungente da odysséa de soffrimentos dos captivos. Atte-

nuou assim a attitude que, mais tarde, o estadista, cheio de responsabilidades, teve de assumir perante o monarcha, para contrariar o impulso dominante em pról da abolição do captiveiro.

E, redigindo o tremendo libello do crime que envergonhou a nação brasileira até 1888, fel-o subordinado á grandeza do assumpto e á verdade da exposição. Conseguiu, portanto, despertar a emoção artistica que impressionou o auditorio e os leitores, segundo o processo de Victor Hugo.

> «Il y a deux manières de passioner la foule au théatre: par le grand et par le vrai. Le grand prend les masses, le vrai saisit l'individu.
>
> Le but du poète dramatique, quel que soit d'ailleurs l'ensemble de ses idées sur l'art, doit donc toujours être, avant tout, de chercher le grand, comme Corneille, ou le vrai, come Molière; ou mieux encore, et c'est ici le plus haut sommet où puisse monter le génie, d'atteindre tout à la fois le grand et le vrai, le grand dans le vrai, le vrai dans le grand, comme Shakspeare.» (1)

O quadro vehemente de amor materno, no drama, despertou enthusiasticos applausos da critica.

Existem alli, scenas que attingem as alturas da verdadeira emoção dramatica. Aquella em que a escrava *Joanna,* no auge do desespero, se envenena para que se não saiba que ella é a mãe de *Jorge*, moço formado em medicina, e não se lhe desfaça o casamento com *Elisa*, que não se quereria ligar provavelmente a um filho de escrava — é uma dessas.

Aquelle brado que nega com resolução e ao mesmo tempo inconscientemente affirma: — «Eu não... Eu não sou tua

---

(1) Victor Hugo — Préface de MARIE TUDOR.

mãe, não . . . meu filho ! . . . » é um rapto de perfeição artistica que chega ás grandes emoções. (1)

Machado de Assis (2) tambem tece calorosos elogios ao dramaturgo : Não póde haver duvida de que é esta a peça capital do sr. J. Alencar : paixão, interesse, originalidade, um estudo profundo do coração humano, mais do que isso, do coração materno, tudo se reúne nesses quatro actos, tudo faz desta peça uma verdadeira creação».

Araripe Junior que tambem louva a concepção e a obra artistica, insurge-se contra o argumento de se tratar de um livro de propaganda contra a escravidão, negando que o autor conseguisse «accentuar as suas intenções emancipadoras».

Concordamos com Araripe, porque acceitamos o drama como a manifestação eloquente do sentimento materno, desprezando-se a circumstancia secundaria de se tratar de uma escrava. Tanto podia ser uma escrava como uma peccadora regenerada ou uma mulher que tivesse um estigma infamante na existencia. O thema essencial é o sacrificio da mãe pelo filho, o holocausto imposto pelo amor maternal. Não ha scenas horripilantes da escravidão, nem quadros que definam os martyrios dos captivos.

Preferimos esse caracter abstracto ou essa generalidade do drama. Experimentámos a emoção e confessamo-nos satisfeito com a obra d'arte.

* * *

O ultimo trabalho de Alencar foi O JESUITA, drama que não logrou os applausos do publico.

Escripto em 1861 e representado quatorze annos depois,

(1) Sylvio Romero e João Ribeiro : COMPENDIO DE HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA.

(2) Machado de Assis : CRITICA, pag. 90-93.

quasi no epilogo de uma brilhante carreira litteraria prenhe de triumphos, devia o drama de Alencar lograr o successo determinado pelo real valor intrinseco.

Moldado á feição das obras primas da arte dramatica, podendo figurar na galeria das creações de Victor Hugo e de muitas peças *shakspeareanas*, devia o JESUITA assignalar notavel acontecimento na evolução do incipiente theatro brasileiro. A concepção do thema ; o nacionalismo caracteristico, mas discreto ; os symbolos ao alcance da percepção popular ; o estylo sempre apreciado do escriptor ; a interpretação do grande artista do palco scenico e o nome aureolado do autor, tudo devia contribuir para attrahir e empolgar o publico brasileiro. Tal, porém, não aconteceu.

Surgiu a desavença com o conservatorio dramatico, como já succedera com As AZAS DE UM ANJO, houve o indifferentismo da imprensa, e o publico não acudiu ao appello do annuncio, apezar do consorcio dos nomes gloriosos de José de Alencar e João Caetano.

Justa magoa se apoderou do escriptor que já experimentára a perfidia de alguns confrades e os revezes da politica, sobrevindo-lhe o desabafo em quatro cartas publicadas em um dos diarios da época.

A unica recompensa consistiu em uma apreciação critica de Luiz Leitão, que rendeu homenagens ao valor da obra, exaltando-lhe o merecimento e esboçando a defesa integral do mallogrado drama nacional.

Não obstante tão accentuada injustiça, será feita a rehabilitação de O JESUITA, quando fôr uma realidade o theatro no Brasil e, então, a obra dialogada do autor de IRACEMA figurará em relevo, entre as peças historicas, ao lado de GONZAGA, de Castro Alves, e CALABAR, de Agrario de Menezes.

José Verissimo aproveita-se do incidente para descrever, com

rara habilidade, o temperamento do escriptor, attribuindo o insuccesso ao facto de se haver apresentado um jesuita perfeito e de acendrado patriotismo. (1)

Samuel, o supposto medico italiano, espirito bondoso e caritativo, sonha a liberdade do Brasil. Investido das insignias de vigario geral da ordem dos Jesuitas, põe em acção astucia e talento e aproveita-se da disciplina rigorosa da congregação de Santo Ignacio de Loyola, para preparar o terreno propicio á realização do seu plano de amplo descortino. Como representante maximo da ordem, deseja conquistar o asylo que se transformára em vasto campo de acção, para os seus companheiros de seita, perseguidos na Europa ; e, na qualidade de brasileiro, aspira a independencia da grande colonia lusitana, explorada pela metropole e cobiçada por outras nações de além-mar. Apresenta-se, então, na triplice investidura de sacerdote, sabio e patriota para, na phrase do autor, exercer os apostolados da igreja, da idéa e da liberdade.

Não contando com exercitos e armada, delinea o plano de fazer uma ligação de proselytos, abrigando os hebreus e os bohemios que a intolerancia religiosa e o espirito da raça perseguem, em varios paizes da Europa. Almeja tambem conseguir a catechese dos indigenas para reforçar o elemento primordial da independencia. E, julgando demasiado curta a existencia para alcançar tão grandiosa conquista, prepara o espirito do seu pupillo Estevão, que deverá realizar tão nobre missão, sempre amparado pela força e sagacidade da disciplinada congregação jesuita.

Mas Estevão apaixona-se por Constança, filha natural do Conde de Bobadella, governador do Rio de Janeiro : o dr. Sa-

(1) José Verissimo: ESTUDOS DE LITTERATURA BRASILEIRA, vol. 3.o, pagina 135.

muel perde a partida, mas deixa o germen de revolta, apostrophando : — Mas a ideia não morrerá, não ! Ella fica plantada no sólo americano ; cada homem que surgir do seio desta terra livre será um novo apostolo da independencia do Brasil.

Eis o arcabouço desconjunctado do ultimo drama que nos legou Alencar.

O estimado romancista prometteu que havia de explicar, no prologo de um dos livros, como e porque foi autor dramatico, assim como o fizera em relação ao romance. Não realizou a sua promessa, mas facil se torna a explicação, se attentarmos na influencia exercida pelo exito dos antecessores e, principalmente, pelo successo de alguns artistas brasileiros e portuguezes, satelittes do grande fóco que foi João Caetano. Demais o genero se coadunava muito bem com o temperamento do autor, sempre ávido do applauso publico e desejoso da consagração dos fructos do seu talento.

Mas as decepções que soffreu, fizeram-no abandonar o genero e dedicar-se de preferencia ao romance.

Deve tambem intervir outra razão que traduz melhor a verdadeira causa determinante desse desvio; referimo-nos á qualidade do seu espirito contemplativo e pantheista, extasiando-se perante a Natureza e exercitando mais á vontade o estylo descriptivo. E' a mesma explicação, já por nós esboçada, de não se coadunar o seu temperamento com o romance de observação ou analyse.

Não pretendemos, com esse argumento, desmerecer a producção theatral do autor ; reconhecemos que MÃE, O JESUITA e O DEMONIO FAMILIAR honrariam qualquer litteratura, *maxime* a nossa, que ainda manifesta pobreza no genero.

Sylvio Romero externou-se sobre o assumpto dizendo que

as obras de theatro, de Alencar, não são inferiores aos seus outros escriptos.

E José de Alencar, até hoje e com justiça, continúa a figurar como um dos melhores escriptores theatraes que possuimos.

VIII

O CRITICO

As cartas sobre sobre a «Confederação dos tamoyos» — Como define a sua esthetica.

José de Alencar nunca pretendeu cultivar o genero litterario conhecido sob a denominação de critica. Não se deve, portanto, pesquizar o systema a que se subordinou.

Elle escreveu, em 1856, oito cartas ao *Diario do Rio*, manifestando as suas impressões sobre o poema A Confederação dos Tamoyos, de Domingos Gonçalves de Magalhães ; esboçou, em outra serie de cartas publicadas no Globo, o estudo sobre o nosso cancioneiro ou a poesia sertaneja ; publicou ainda O vate bragantino, critica á traducção das Georgicas, de Castilho, e alguns prefacios ou appendices nas proprias obras.

No primeiro trabalho referido, transparece o intuito do estreiante, do *novo*, em demolir a reputação consagrada de um poeta, tido como um dos proceres do romantismo no Brasil, fendendo o obstaculo dos que iniciam uma carreira e logrando passagem atravez da brecha que lhe permittiu a ousadia.

Na analyse do poema de Magalhães, intervem com a equação pessoal, explicando a obra, e emitte logo o parecer á medida da exposição, conscio de que o seu veredicto representava a opinião geral, reflectida no seu juizo pessoal.

Foi o methodo seguido por Boileau e Perrault, na aprecia-

ção das obras de Corneille e Racine : era o processo de Francisque Sarcey applicado ao theatro francez contemporaneo, nos seus folhetins, consoante a maneira classica de La Harpe, Addison e Lessing.

Por esse meio faz-se a pesquiza dos trechos condemnaveis ou louvaveis e formúla-se o juizo, avaliando-se o poder esthetico, segundo uma impressão intima ; ponderando-se a emoção experimentada ; dissecando a fórma, as ideias e os conceitos ; estabelecendo, emfim, comparações com outras obras, para exaltar ou amesquinhar o valor e descobrir analogias ou imitações.

Assim começou Alencar, admittindo que o thema de Magalhães daria ensejo a uma *divina epopéa*, se fosse tratado por Dante ; porquanto o assumpto é bello e «realçado pela grandeza de uma raça infeliz e pelas scenas da natureza esplendida de nossa terra». E invoca Virgilio, Byron, Chateaubriand e Camões que respectivamente descreveram a Italia, a Grecia, as Gallias e os mares da India ; affirma que esses grandes poetas «teriam achado no sol do Brasil algum novo raio, alguma scentelha divina para illuminar essa tela brilhante de uma natureza virgem e tão cheia de poesia».

Explica em seguida como procederia o critico, se algum dia fosse poeta, para cantar as bellezas de sua terra, compondo um poema nacional.

«Pediria a Deus que me fizesse esquecer por um momento as minhas ideias de homem civilizado. Filho da natureza, embrenhar-me-ia por essas mattas seculares ; contemplaria as maravilhas de Deus : veria o sol erguer-se no seu mar de ouro, a lua deslizar-se no azul do céo ; ouviria o murmurio das ondas e o echo profundo e solemne das florestas».

E prosegue combatendo o principio da acção do poema, a metrificação, o abuso de hiatos e de ellipses e outros defeitos da fórma.

Parecem-nos excessivos e acrimoniosos os multiplos reparos feitos por Alencar ao poema de Gonçalves de Magalhães.

Para justificar a epopéa, de moldes classicos, concebida em 1856, em plena phase do romantismo, deve-se pesquizar a causa do phenomeno em tres ordens de ideias : a influencia latente, mas decisiva, do classicismo, sobre os primeiros romanticos, a tendencia da nova escola litteraria em revolver o passado e estimular a tradição, finalmente o pendor para os fracos, manifestando sentimentos de piedade e o culto devotado á Patria.

Os LUSIADAS constituem o excitador no primeiro caso, como reflexo indirecto e mediato, pois haviam determinado a PROSOPOPÉA de Teixeira Pinto, o CARAMURÚ de Santa Rita Durão, o URUGUAY de Bazilio da Gama e outros poemas épicos do periodo colonial, no Brasil. Fatalmente deviam as epopéas dos classicos influir no advento do romantismo, explicando a CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS, os TYMBIRAS e COLOMBO.

E, dissemol-o em relação ao romance, o romantismo teve por funcção o exame retrospectivo, através da chronica, da lenda e da historia, perscrutando o passado. Era, portanto, natural que Magalhães fosse buscar a inspiração na primeira phase da nossa existencia.

Perante scenario dessa natureza, a sua visão não podia deixar de ser estreita, convergindo para o *indianismo*. Despertou-se nelle o sentimento de commiseração pela raça opprimida, expulsa do sólo nativo e sentindo as agruras do captiveiro; a perseguição sem tregoas e a escala de soffrimentos decorrentes do dominio dos invasores.

Surgiu, então, a lenda que fez estimular o patriotismo subordinado á defesa dos aborigenes, e todos os generos litterarios renderam homenagem a esse culto.

Mas o critico da CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS não censurou

a escolha do assumpto : pelo contrario, elle louvou o thema, mas condemnou a *causa* do poema, o principio da acção.

Não foi a morte do indio Camorim o objectivo principal ; serviu apenas de pretexto, porquanto Aimbire já planejava a confederação para combater o elemento usurpador, quando compareceu ao local em que jazia morto o seu companheiro de infancia. Aproveitou-se do incidente para alliciar o concurso de Pindobuçú.

Assim, a comparação de Alencar com os principaes poemas conhecidos, não constitúe desdouro para a epopéa nacional.

O rapto de Helena de que se serviu Homero, não representa preponderancia sobre o odio de raça que se estabeleceu entre os selvagens e os lusitanos.

Tampouco a destruição de Troya, base fundamental da Eneida, sobrepuja a invasão e a conquista da nova terra descoberta.

Forçoso é confessar que o critico impressionista denota erudição e sabe manejar a dialectica, revelando muitas vezes exacção no pensar, justiça nos reparos e acerto nos conceitos emittidos.

Assim, por exemplo, os defeitos de fórma e de estylo apontados pelo critico são procedentes. Magalhães está longe de ser impeccavel na metrificação e de se revelar um purista no exercicio da lingua portugueza.

A cacophonia, os hiatos, a falta de harmonia e cadencia nos versos, são peccados veniaes do poeta.

Mas, em conjuncto, a critica é acerba e muitos commentarios são desarrazoados. Em geral, as comparações com as obras primas da litteratura classica, são destituidas de fundamento, só servindo como recurso para amesquinhar o poeta.

Não acompanharemos o critico *pari passu*, na sua faina de destruir a reputação do poeta bafejado da côrte e consagrado

entre os seus pares. Não é nossa missão defender o autor dos SUSPIROS POETICOS nem aquilatar do valor do malsinado poema. Só pretendemos apreciar os processos do critico e julgar a procedencia de suas observações.

A sua profissão de fé, como critico, além da theoria que lhe ensinou o velho mestre de latim (1), resume-se na primeira pagina da 6.a carta :

«Ha na poesia e na arte, nessas duas irmãs, filhas do genio e da natureza, além da execução, uma parte negativa, a que um escriptor moderno chama a critica.

O poeta ou artista é o homem que concebe e executa um pensamento sob a influencia dessa exaltação de espirito que solta os vôos á phantasia humana.

O critico, ao contrario, é o poeta ou o artista que vê, que estuda e sente a ideia já creada ; que a admira com essa emoção calma e tranquilla que vem depois do exame e da reflexão.

Para ambos, pois, ha uma mesma revelação do bello, com a differença que para um se manifesta sob a fórma do pensamento, e para o outro sob a fórma do sentimento.

No poeta é a *inspiração*, o fogo sagrado que crea e anima a ideia ; no critico é a *contemplação*, é o raio de luz que esclarece o quadro e põe em relevo a obra já executada.»

Está perfeitamente definida, nesse trecho, a sua concepção da critica impressionista, como a praticavam os litteratos de outr'ora.

Alencar acompanha o poema, nos dez cantos em que é dividido, externando sempre o seu modo de sentir pessoal, explicando como trataria o assumpto concebido, e servindo-se do methodo comparativo, quasi sempre com infelicidade. Trans-

(1) Fim da 2.a carta, pagina 24.

creve ás vezes alguns versos, çar defeitos e commui pasrea mentar impropriedades de estylo, senões de metrica e de euphonia, e contestar as bellezas de concepção.

As suas cartas, publicadas em folhetins do *Diario do Rio*, produziram o effeito desejado, causando verdadeira sensação no meio litterario.

Appareceu, no *Jornal do Commercio*, a defesa de um amigo do poeta, D. Pedro II, a quem foi dedicado o poema, e o velho Mont'Alverne, apezar de cégo e retirado da vida litteraria, redigiu as *Considerações criticas, litterarias e philosophicas ácerca da Confederação dos Tamoyos*. Houve, além disso, o concurso de Macedo e Soares de Azevedo, na replica ao irreverente e ousado censor.

* * *

O segundo livro de critica — *O novo Cancioneiro*, estudo do *folk-lore*, da poesia sertaneja — foi publicado em fórma de cartas dirigidas a um amigo, em 1874, no *Globo*. Conhecemol-o atravez dos ESTUDOS SOBRE A POESIA POPULAR NO BRASIL, de Sylvio Romero que chegou a fazer, em Pernambuco, Sergipe e Rio de Janeiro, uns apanhados de *cantos e contos*, com o fim de servirem de base a uma refutação ao estudo de Alencar. Devemos, portanto, apreciar essa feição do distincto escriptor cearense, tomando como guia o alludido ensaio do critico sergipano.

Sylvio Romero, cuja opinião sempre se manifestou extremada na censura como no louvor, começa negando merito scientifico ao trabalho, porque o seu autor não se preoccupou com o problema das origens da nossa nacionalidade e da influencia exercida por varios elementos ethnicos na formação do nosso *folk-lore*. Objecta em seguida que o romancista brasileiro, segundo a propria confissão, «commetteu a falta de *re-*

fazer o unico *romance* que poude colligir : — *O rabicho da Geralda*».

Quanto á primeira restricção, pode-se allegar que o ensaio de Alencar limitou-se a offerecer uma contribuição para o estudo completo e exhaustivo do nosso *folk-lore*, preoccupando-se exclusivamente com a poesia sertaneja dos vaqueiros do norte. Em relação, porém, ao segundo reparo, concordamos ser condemnavel a collaboração de quem collige os textos. A feição popular deve ser mantida, e abolidos os retoques ou qualquer modificação na fórma.

Prosegue o critico negando a José de Alencar a competencia scientifica para abordar o assumpto, sendo prejudicado pelo seu feitio de polygrapho.

Não somos dos que censuram a versatilidade do talento do autor de IRACEMA. Elle abrangeu, com effeito, multiplos assumptos, mas não prejudicou o valor e o unidade de sua obra. Á politica, sim, devemos attribuir o prejuizo causado á perfeição do seu legado artistico.

Depois desses juizos preliminares, começa Sylvio Romero a transcrever trechos de *O novo Cancioneiro*. (1)

Em 1876, o autor do SERTANEJO, nesse romance, tratou do assumpto, estudando a acção de fidalgos portuguezes, donatarios de sesmarias, e de espiritos aventureiros, attrahidos pela noticia da uberdade e riqueza dos campos do Ceará, desbravando o sertão e constituindo as primeiras fazendas pastoris. Descreveu o typo e os costumes dos vaqueiros, occupou-se do gado *barbatão* e incidentemente transcreveu modelos de poesia sertaneja. Já conheciamos essa contribuição indirecta e modificada pelo poder imaginativo, quando lemos as transcripções dos trechos O NOVO CANCIONEIRO.

---

(1) Pag. 117 e seguintes dos ESTUDOS SOBRE A POESIA POPULAR DO BRASIL.

Vimos ahi reproduzido o quadro descriptivo do modo porque se colonizou o sertão cearense, no decurso do seculo XVIII. Lemos, outrosim, a narrativa das façanhas dos vaqueiros em domar o gado bravio, abatel-o para a *ferra* e outros misteres, e em caçar o gado *barbatão*, nascido no matto ou fugido das fazendas.

E assim, como na Hespanha, com as corridas de touros, desenvolveu-se a destreza dos vaqueiros, orgulhosos de seus actos temerarios, sempre dispostos ás intrepidas montarias, luctando com o touro bravo, ou na carreira vertiginosa atravez dos densos *bamburraes*, ou detendo-o com a vara de ferrão. Concluindo os louvores ao heroismo do vaqueiro, escreve:

«Nos sertões do Ceará, a vida do vaqueiro não se repousa na serenidade e cordura, que são os toques das abegoarias da Europa. Ao contrario, a agitam os enthusiasmos e commoções da lucta, que lhe imprimem antes um cunho cynegetico. Não podiam, pois, as nossas rudes bucolicas cearenses se impregnar da mesma doçura e amenidade das que outr'ora cantaram Theocrito e Virgilio, e que ainda hoje se reproduzem nos colmos dos pegureiros do velho mundo. Bem diversas, porém, são estas scenas sertanejas dos barbaros espectaculos de *touros*, tão populares na Hespanha, e que nos vieram outr'ora por importação. Nos curros o boi, encerrado em um ambito estreito, assustado com a presença da multidão e a algazarra dos capinhas, não passa de uma victima a immolar.»

«Outra cousa é o campear de nossos vaqueiros. Ahi ha combate leal; o novilho tem a liberdade de acceitar ou evitar o assalto; a floresta abre-se diante delle. E' uma lucta de força e destreza, em que nem sempre o homem é vencedor.»

Refere-se, então, aos poemas pastoris do Boi Espacio e do Rabicho de Geralda, dizendo que o traço caracteristico e sa-

liente dessas rhapsodias sertanejas consiste na apotheose do animal e não do homem, como em SANGRE Y ARENA, de Blasco Ibañez. E, sobre a segunda das alludidas poesias pastoris, explica :

«A acção dilata-se por nove annos, segundo uma versão, ou por onze na lição mais seguida.

E', com pouca differença, o periodo classico do cerco de Troya. Durante esse tempo, o boi affronta a habilidade dos vaqueiros ; destroça os mais afamados e destemidos campeadores ; e, sempre vencedor, só vem a succumbir com a calamidade da *sêcca*. Todo o valor e pericia do homem nada podem contra o touro valente. Para triumphar do heróe, é preciso um flagello na natureza, e o maior dos que assolam periodicamente o sertão.»

«Não ha nessa personificação do animal o menor laivo de apologo. Nem vestigios se encontram de allegoria nessas rhapsodias ; o boi figura por si, tem uma individualidade propria. D'ahi o cunho *mythologico* desses heróes sertanejos,»

E além :

«Ahi está o toque da magnanimidade dos rusticos vates do sertão ; Homero engrandece os guerreiros troyanos para realçar o valor dos gregos. Os nossos rhapsodos, imitando. sem o saberem, ao creador da epopéa, exaltam o homem para glorificar o animal. O RABICHO DE GERALDA tem a fórma de prosopopéa. O cantor é o espectro do proprio boi, do heróe que a legenda suppõe erradio pelas varzeas onde outr'ora campeou livre e indomavel.»

E', portanto, da poesia popular do Ceará, isto é, dos romances dos vaqueiros, que se occupa José de Alencar.

Mario de Alencar, seu distincto filho e apreciado poeta, deve prestar ainda essa homenagem á memoria de seu Pae, enfeixando em volume os artigos esquecidos nas paginas do *Globo*.

Muito interesse nos desperta o conhecimento dessa e de outras obras do inesquecivel autor do GUARANY.

* * *

Ainda, concernentes ao genero da critica, escreveu QUESTÕES DE ESTYLO (Ensaios litterarios — S. Paulo, 1846); *Artigo sobre as poesias de Zaluar* (Correio Mercantil); artigos litterarios sobre Mont'Alverne, Thalberg e Othelo (Jornal do Commercio); *O vate bragantino* (1) e *A Constituinte perante a historia*, serie de artigos publicados em resposta ao opusculo de igual titulo do Conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (Jornal do Commercio). (2)

Do ultimo trabalho possuimos a reproducção feita na Revista do Instituto Historico.

Trata-se de um elogio feito á iniciativa do historiador Barão Homem de Mello, de compilar documentos raros, referentes á infancia do parlamento no Brasil, apreciando o conflicto entre a corôa e a assembléa constituinte, o que determinou o acto da dissolução de 12 de novembro de 1823.

Mas, ao fazer encomiasticas referencias ao trabalho do historiador, expoz o critico as theses em desaccôrdo com o livro de Homem de Mello, condensando-as nas seguintes proposições :

«1.ª — Que a Assembléa Constituinte exorbitou.»

Quem acompanhar a funcção exercida pelos parlamentos, quem estudar o caracter das deliberações tomadas pelas corporações collectivas, admittirá *a priori* a veracidade do asserto. Consubstanciará essa convicção, se attentar na influencia exercida pela revolução franceza sobre as justas aspirações de um povo no inicio da sua existencia autonoma ; se ponderar a situação creada pelas rivalidades oriundas do espirito nativista

(1) Quatro ou cinco artigos publicados no «Globo» e na «Republica».

(2) Araripe Junior diz : «Diario do Rio».

dos brasileiros, em face da attitude do governo, incorporando officiaes portuguezes ao exercito nacional, e por muitos outros factos analogos, inclusive o incidente David Pamplona. Era natural, portanto, que a Assembléa exorbitasse na opposição, attentas as suas condições de neophyta, da indisciplina decorrente das aggremiações e da falta de educação politica, além das causas acima enumeradas.

«2.ª — Que no conflicto entre a assembléa e a corôa, a iniciativa do abuso foi daquella.»

Nesse ponto, pendemos para a opinião de Homem de Mello, discordando dos conceitos emittidos pelo critico. A Assembléa não commetteu delicto que justificasse o acto de prepotencia e de força do imperador.

Tivemos na republica a reproducção do phenomeno social, pois a historia se repete no evoluir dos seculos, e o golpe de estado foi condemnado pela opinião publica. E' verdade que apparece a divergencia de regimens politicos, sendo admittido no governo monarchico a dissolução do parlamento, ao passo que na republica a equivalencia dos tres poderes se torna a base fundamental. Mas poderemos objectar que atravessavamos um periodo revolucionario, com a mudança de fórma de governo, como se verificou em 1823, na passagem do periodo colonial para a existencia autonoma de paiz.

A responsabilidade da medida extrema cabe, portanto, exclusivamente ao monarcha a quem se não apresentou pretexto razoavel para tão energica attitude.

«3.ª — Que se não sobreviesse a dissolução, graves calamidades resultariam para o paiz.»

Talvez se possa demonstrar o inverso da proposição, admittindo-se que a conquista de reformas determinadas pelas ideias liberaes, seria a consequencia logica de um acto de prudencia ou de fraqueza do governo.

A resultante de componentes tão accentuadas, como a tendencia democratica, a fascinação causada pela autonomia verdadeira e os exemplos da França e dos Estados Unidos da America do Norte, precipitariam a proclamação da republica e imprimiriam outra directriz ao nosso movimento social.

Deixamos de apreciar as duas outras proposições e de analysar os quesitos de Alencar e as respostas dos interpellados, afim de evitar uma digressão consideravel, estabelecendo o confronto entre o projecto e o texto da constituição do imperio. (1)

Experimenta-se, porém, um bem estar confortativo, lendo-se a polemica entre os dois escriptores brasileiros, ambos delicados, cortezes e dignos dos nossos applausos.

* * *

Ainda ao genero de critica, podemos addicionar as biographias escriptas por José de Alencar.

Não as lemos e limitamo-nos a ennumeral-as: *O Marquez de Paraná*, traços biographicos, escriptos no *Diario do Rio* e publicados em folheto, em 1856; *José Martiniano de Alencar*, biographia do seu illustre pae, na *Galeria dos brasileiros illustres*; a de *Euzebio de Queiroz*, publicada no *Diario* e a *Carta a Machado de Assis*, apresentando-lhe Castro Alves. (2)

Resta-nos agora examinar o que escreveu nos prefacios e appendices de suas obras, deixando de lado as questões grammaticaes ou referentes á reforma da lingua, e dizer algo sobre o fragmento da auto-biographia — *Como e porque sou romancista*.

---

(1) Vid. «Do archivo de José de Alencar» na «Revista do Brasil», n.o 26, de fevereiro de 1918, os alludidos quesitos e as respostas do Cons. J. M. Lourenço Vianna e do Visconde de Maranguape.

(2) Inserta na Cachoeira de Paulo Affonso e contida no folheto de Litteratura pantagruelica — «Os abestruzes no ovo».

Teremos de apreciar o seu estylo em capitulo distincto e ahi deveremos examinar as suas tendencias de reformar a lingua, estabelecendo caracteres de differenciação entre o portuguez de além e de aquem mar.

José de Alencar, que foi um cultor da fórma e um estylista dos mais reputados, revoltava-se contra o culto ferrenho dos moldes classicos, insubordinava-se contra os anachronismos litterarios, exigia a evolução da lingua de accôrdo com o progresso das ideias e pugnava pela intromissão de neologismos em o nosso vocabulario, exigindo tambem que o torneio da phrase se adaptasse aos novos meios de expressão do povo. Salientava a influencia reciproca que exercem entre si o publico e o escriptor, dizendo : — «São da mesma fórma as bellezas litterarias dos bons livros ; o escriptor as inspira do publico e as depura da sua vulgaridade.» (1)

Em relação ao *indianismo* — que tambem será estudado á parte — censurando a linguagem classica dos selvagens de Gonçalves Dias, assim definiu a sua esthetica : «Sem duvida que o poeta brasileiro tem de traduzir em sua lingua as ideias, embora rudes e grosseiras, dos indios ; mas nessa traducção está a grande difficuldade ; é preciso que a lingua civilizada se molde quanto possa á singeleza primitiva da lingua barbara ; e não represente as imagens e pensamentos indigenas senão por termos e phrases que ao leitor pareçam naturaes na bocca do selvagem.» (2)

E sobre o processo a que se deve submetter a concepção de um romance historico, assim se manifesta : «Para descrever a nossa sociedade colonial é necessario reconstruil-a pelo mesmo processo de que usam os naturalistas com os animaes anti-di-

(1) Vide post-scriptum em Diva.
(2) Carta annexa a Iracema.

luvianos. De um osso, elles recompõem a carcassa, guiados pela analogia e pela sciencia.» (3)

Para completar o pallido esboço que fizemos da esthetica do romancista brasileiro, convidamos o leitor a lêr a sua auto-biographia — *Como e porque sou romancista*.

Teremos, porém, de volver ao assumpto, quando tratarmos do seu estylo, da sua influencia na litteratura brasileira, da sua inspiração e do indianismo.

---

(3) Nota appensa ao 1.o vol. da GUERRA DOS MASCATES.

IX

O POETA

(Os filhos de Tupan, poema. Ineditos.)

A Academia Brasileira de Letras, justificando o valor da sua existencia, iniciou a publicação de uma revista preciosa e de grande alcance para a nossa litteratura. Faz parte integrante do seu programma, vulgarizar as obras ineditas dos escriptores fallecidos, e reproduzir as publicações exgottadas, como o fez com os Cantos de Selma, de Francisco Octaviano.

De José de Alencar, além do fragmento do romance O pagem negro, publicou os tres cantos do poema inacabado Os filhos de Tupan, escriptos em 1863.

Infelizmente, sem motivo plausivel ou causa justificada, interrompeu a revista no numero 12, permanecendo na obscuridade desde 1913. (1)

O poema de Alencar, como o de Gonçalves de Magalhães, começa por um hymno ao rio Amazonas, escripto tambem em versos soltos, mais fluentes e rythmados do que os da Confederação dos Tamoyos, sem as inversões violentas e duras, com mais cadencia e subordinados a um estylo descriptivo mais attrahente e de superior esthetica.

---

(1) No anno corrente (1920), sahiram os n.os 13 e 14. Em 1921 regularizou-se a publicação com os n.os 15 a 17.

Embora possa attrahir a pecha de enfadonho e não seja exigida a transcripção pelo caracter do estudo que emprehendemos, julgamos de interesse a comparação entre os dois trechos, subordinados ao mesmo thema, dos poemas nacio-naes, ambos em versos decasyllabos.

OS FILHOS DE TUPAN

II

Salve, Amazonas! Rei dos reis das aguas,
Tamuy dos rios, filho do diluvio!
Gigante, que o maior dos oceanos
Gerou nos flancos da maior montanha!
E's origem do liquido elemento
Que circumda o universo? E's tu que pejas
Dos pelagos sem fim as profundezas
Onde matam a sêde o céo e a terra?
E's pae das ondas? ou tyranno dellas?
Colosso ingente, que fundiu nas aguas
O verbo de um artista omnipotente,
A cabeça reclinas sobre os Andes
Ao céo rasgando as largas cataratas.
Pela terra que verga com teu peso,
Os mil braços, que alongas pelas serras,

Abrangem tanto espaço que outros mundos
Couberam ainda, neste mundo novo,
Feito para teu berço. Com desprezo
Aos pés o collo esmagas do oceano,
Que mugindo se roja pelas praias;
Mas prostrado e vencido, não vassallo,
O mar soberbo ás vezes se revolta.

Alçada a fronte, a juba desgrenhada,
S'erriça e raiva e ruge e ronca e trôa ;
E a longa, immensa cauda destorcendo,
Te enlaça o corpo no impotente esforço.

Pousa em teus hombros o condor altivo,
Aguia-leão dos páramos da America ;
O jaguar, rei da selva brasileira,
E o tapir, que dos pés o chão devora,
Teus rafeiros humildes, te farejam
De longe. A seiva pastam do teu sangue
Milhões de raças de animaes selvagens.
Vermes, que te pullulam nas entranhas,
São negros manatis, phocas enormes,
Descommunal aborto da mãe d'agua,
E a sucury, leviathan dos rios.
Resvalam por teu corpo, delle insectos,
Horrendos crocodillos, negras serpes,
Talvez metamorphose monstruosa
Dos grossos troncos de tombadas arvores,
Que os lodos animalam corrompendo.

Aqui, jungido sob a mão do Eterno,
Cravado ao chão, monarcha do deserto,
Como Satan domado pelo archanjo,
Dorme por todo o seculo dos seculos.
Mas quanto és grande mesmo adormecido !
Ruge o trovão no peito que resfolga ;
Um bolcão turbilhona em teu anhelito ;
Si arquejas sobre o leito, o céo se torva,
As nuvens se convolvem na procella,
Foge a base ás montanhas que se abysmam,

Treme a terra abalada nos seus eixos.
Dorme, ó genio das aguas! Quando ao sonho
Terrivel do Senhor, tu despertares,
O mundo voltará de novo ao cháos.

* * *

A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

Balisa natural ao norte avulta
O das aguas gigante caudaloso,
Que pela terra alarga-se vastissimo:
Do Oceano rival, ou rei dos rios,
Si é que o nome de rei o não abate;
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho
No solio á multidão em torno curva,
Supera o Amazonas na grandeza
A quantos rios ha grandes no mundo!
O Kiang, o Nilo, o Volga, o Mississipe,
Inda que as aguas suas reunissem,
Com elle competir não poderiam.
Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado
Mil feudatarios rios vem pagar-lhe
Tributo perennal de suas aguas.
Resupino gigante se afigura,
Qual outro Briarêo, mas verdadeiro,
Que estende os braços pr'a abarcar a terra!
Pujante assim no Atlantico se entranha,
Ante si repellindo o argenteo salso,
Como si elle na terra não coubera,
Ou como de inundal-o receioso
Si mais longo e mais lento o discorresse!
O Amazonas co'o Oceano furioso

Lucta renhida trava interminavel
Para roubar-lhe o leito ; e ronca e espuma,
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,
Feroz sucuriúba horrida ronca
Quando sente mover-se á flôr das aguas
Lontra ligeira, ou anta descuidada,
E inchando as fauces, a cabeça eleva,
Os queixos escancára, a lingua solta,
Para de uma só vez tragar o amphibio.
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas
Para sorvel-o a larga foz medonha
Legoas abre setenta ! A ingente lingua
Estende de tres vezes trinta milhas,
Como uma longa espada que se embebe
Ao travez do Atlantico iracundo,
Que gemendo recúa no arremesso,
E em montes alquebrado o dorso enruga,
Armas que joga ao mar são grossos troncos
Arrancados na furia, são pedaços
De esbroadas montanhas que elle mina :
Seus gritos são trovões tão horrorosos,
Que alli parece submergir-se o mundo
Quando se incha seu corpo desmedido :
Equorea, espessa nuvem se levanta
Como uma chuva contra o céo erguida,
Reflectindo do sol os sete raios.
Tal o conquistador, que co'os despojos
Dos reis desthronizados se opulenta,
Ou co'os tributos dos vencidos povos,
Em pé firme no carro de combate,
Envolto n'uma nuvem de poeira.
Na frente vae levando debandada

Ingente alluvião de imigas hostes,
E ante as portas de bronze do castello
Nova victoria alterca porfiosa.

* * *

Ha, como se vê, coincidencia de imagens, para não dizer o mesmo cunho de inspiração. Certamente Alencar encetou o poema com o intuito de exceder o autor dos SUSPIROS POETICOS, ou quiçá pretendeu consubstanciar a promessa que todos enxergaram nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, quando disse que «as tradições dos indigenas dão materia para um grande poema que talvez um dia alguem apresente sem ruido nem apparato, como modesto fructo de suas vigilias». E' o que nos confessa o poeta na carta appensa á IRACEMA: «Tanto bastou para que suppuzessem que o escriptor se referia a si, e tinha já em mão o poema; varias pessoas perguntaram-me por elle. Metteu-me isto em brios litterarios: sem calcular das forças minimas para empreza tão grande, que assoberbou dous illustres poetas, tracei o plano da obra, e a comecei com tal vigor que a levei quasi de um folego ao quarto canto».

Mas o poeta estacou, confessando o motivo de haver sustido o folego: a necessidade de subordinar o estylo ao conhecimento da lingua indigena, de modo a assegurar ao poema o criterio da nacionalidade, servindo-se das imagens poeticas dos selvagens, traduzindo-lhes os pensamentos e as tendencias do seu espirito e descrevendo as particularidades de sua vida.

Assaltou-lhe o receio de não ser comprehendido ou apreciado devidamente e renunciou o plano concebido, procedendo, aliás, com escrupulo digno de acatamento.

Sobreveio-lhe o renome; a curiosidade ávida do publico e o culto de admiração que lhe vota o filho sobrevivente, foram

buscar o manuscripto occulto em uma gaveta, entregando-o á luz da publicidade. Procederam com acerto? Julgamos que sim, porquanto a vida de um homem que attinge aos humbraes da gloria, passa ao dominio publico, não tem rebuços ou refolhos. E demais, a obra posthuma encerra bellezas dignas de apreço. podendo hombrear com os poemas nacionaes que ornam a nossa litteratura.

Entendemos por poema nacional os que evocam as tradições de um paiz e commovem as classes sociaes que o compõem, ou ainda aquelles que encobrem com o manto da phantasia um determinado thema da historia nacional. E' a distincção de Miguel de Lemos que ordena na primeira categoria as epopéas, como: a *Illiada,* os *Niebelungen* e a *Canção de Rolando.* O segundo typo é caracterizado em *Caramurú*, *Lusiadas, Villa Rica,* e *A Confederação dos Tamoyos.* Aquelles são consequencia de uma época normal, definida pela uniformidade de religião e de linguagem ; estes surgem em periodos agitados, de crise historica, synthetizam um assumpto nacional, servindo-se de moldes litterarios em antagonismo com o idioma e as crenças populares.

Os filhos de Tupan constituem um *specimen* do segundo genero, pois volvem-se á raça primitiva do Brasil, prestando o culto que o romantismo dedicou aos aborigenes perseguidos pelo elemento invasor.

Hoje, embora tenhamos os selvagens remanescentes, ninguem descobrirá bellezas poeticas nas tribus indigenas e nem se lembrará de cantar os feitos, costumes e outros aspectos dos *botocudos* e *corôados.* Só apparecem os homens de sciencia para as investigações de anthropologia e ethnographia.

* * *

Após a descripção do Amazonas, segue-se o hymno á floresta, ao deserto, ao sertão virgem, lamentando o poeta que a

civilização venha profanar a pureza das selvas e destruir os primores da natureza; faz a apologia do Brasil, terminando com a prophecia:

«Serás grande, Brasil, em ti eu creio,
Como creio no Deus que me illumina!»

E lastima a sorte dos aborigenes perseguidos e dizimados pelos colonos portuguezes, e louva a resistencia e pertinacia dos habitantes primitivos que preferiram o exterminio á escravidão, exclamando á terra nativa:

«Preferiste ser mãe orphã de filhos
A ser patria da raça vil d'escravos.»

Segue-se a descripção dos tupis, dos filhos de Tupan, exaltando-lhes o physico e enaltecendo-lhes os habitos e usos. E surge, como é de estylo nos poemas e pastoraes indianistas, a guerra, ouvindo-se o ruido das *inubias,* das *pocemas*, dos *trocanos* e *mirahis,* acudindo as hostes guerreiras á voz de commando do grande chefe, o prudente Iruama que tem como estribilho os dous versos:

Quer Iruama e seus guerreiros querem
Que o sol não morra sem que morram todos.»

No segundo canto reproduz-se a *Illiada* dos selvagens, tupis e oromos, divididos em hostes varias, commandados por valentes guerreiros, cuja bravura, talhe esbelto e marcial, compleição athletica e façanhas anteriores são cantadas pelo poeta, em estrophes inflammadas e incandescentes. Em primeiro plano, surgem Caribe e Guaranê, os gemeos guerreiros, filhos de Iruama, chefe dos tupis, da nação principal. Apparecem depois as tribus alliadas dos tamoyos, goytacazes, cahetés, pitiguaras, tabajaras, guayanazes e outros, segundo a distribuição geographica. E o poeta faz a apresentação das hostes aguerridas, narrando os

feitos idos e referindo-se ao heroismo dos respectivos chefes e ao valor dos commandados.

Succedem-se os combates de Guaranê com Paoki, de Caribe e Urraca, exactamente como, na *Illiada*, os heróes gregos e troyanos pelejavam, excepto a natureza das armas, o aspecto do campa de batalha e a influencia dos deuses da mythologia hellenica, substituida por Paracy, a mãe d'agua da mythologia indigena.

O terceiro canto é a glorificação da victoria dos tupis, filhos de Tupan, sobre os despojos dos oromos que se precipitam na fuga.

Ficou interrompido o poema quando se desenhava a acção dramatica, o episodio de amor, permanecendo occulto o intuito do autor.

Não se pode, portanto, extranhar que o poeta se tivesse restringido a apreciar o elemento indigena em lucta com outros povos selvagens, abandonando a conquista do europêo, parte integrante e primordial na formação da nossa raça.

A critica tambem não pode adivinhar os seus intuitos e dissertar sobre o valor do poema. Limita-se a extasiar-se perante o colorido do estylo, a delicadeza das imagens e o estro do poeta.

* * *

Além desse fragmento de poema, deixou Alencar, ineditos, dous poemetos — NICTHEROY (1) e RIO DE JANEIRO — e um poema epico — TEMORA.

Araripe Junior transcreve, no seu dizer, «uns versos vigo-

---

(1) O prologo do poemeto NICTHEROY (lenda do Rio de Janeiro), foi publicado no PARNASO BRASILEIRO de Mello Moraes Filho. vol. II, pag. 290.

rosos, cheios de indignação, que transpiram todo o fel, que politicos ou não politicos derramaram-lhe na alma.»

São os seguintes :

«Ainda és bella ! No teu labio rubro
Desfolha amor lubrico sorriso.
Dos grandes olhos negros que fascinam
Promettes n'um volver o paraizo.

Mas que importa ! Pr'a mim és uma estatua,
Legenda triste de infeliz passado.
Ou sombra erradia de minh'alma,
Extincta por um dia haver-te amado.

Pode a teus pés curvar-se o mundo inteiro.
Podem render-te os homens vassallagem,
Que eu contemplo de longe sobranceiro.
Da mulher que eu amei a fria imagem.

Talvez que um dia, quando não restarem,
Nem vestigios daquelle santo amor,
Eu venha, como os outros, já sem lagrimas.
Revelar-te o mysterio dessa dôr.

Assim de longes terras peregrino,
Si volta á doce patria que o perdera,
Ajoelha ante a lousa de seus paes
Nas ruinas da casa em que nascera».

A uma celebre cantora italiana que fez época no Rio de Janeiro, dedicou os seguintes versos : (1)

---

(1) Extrahidos da Revista Trimensal do Instituto do Ceará, 1918.

A LAGRANGE
(NORMA)

Toda harmonia sublime
Tem uma corda, uma lyra.
Uma palavra que a exprime,
Corda suave que vibra.

Canta o poeta na lyra,
Gemendo soluça o vento
Dos mares na solidão,
Mas a ti por instrumento
Deo-te Deos o coração.

Nesta lyra do sentimento
Todas as vozes são hymnos
Transforma-se o pensamento
Em mil poemas divinos.

E quando a alma celeste
Formas do genio reveste,
Ha no canto um drama vivo
E com teu gesto incisivo
Escreves uma epopea !

* * *

Pagou Alencar, como quasi todos os escriptores brasileiros, os primeiros tributos á poesia, quando, em 1845, cedia ao influxo de imitar ou traduzir Byron, escrevendo nas paredes do seu aposénto, á rua Santa Thereza em S. Paulo, poesias assignadas com os nomes gloriosos de Byron, Hugo e Lamartine.

Foi um poeta sem metro e sem rima, em quasi toda a sua carreira brilhante de escriptor, rendendo culto á belleza e á forma, á mulher e á natureza ; e consagrou-se ainda, na ultima phase da vida, a escrever poemas.

X

O JORNALISTA

A SUA ACÇÃO NO «CORREIO MERCANTIL» E NO «DIARIO DO RIO». OS FOLHETINS «AO CORRER DA PENNA».

Já enumerámos os jornaes em que escreveu José de Alencar, de 1846 a 1877.

Deu os primeiros passos na vida jornalistica, collaborando nos *Ensaios Litterarios* onde escreveu *A patria de Camarão* e *Questões de estylo.*

Refere-se elle, do seguinte modo, a essa primeira iniciativa :

«Fundámos, os primeirannistas de 1846, uma revista semanal sob o titulo — *Ensaios Litterarios.*

Dos primitivos collaboradores desse periodico, saudado no seu apparecimento por Octaviano e Olympio Machado, já então redactores da *Gazeta Official,* falleceu ao terminar o curso, o dr. Araujo, inspirado poeta. Os outros ahi andam dispersos pelo mundo. O dr. José Machado Coelho de Castro é presidente do Banco do Brasil ; o dr. João Guilherme Whitacker é juiz de direito em S. João do Rio Claro , e o conselheiro João de Almeida Pereira, depois de ter luzido no ministerio e no parlamento, repousa das lides politicas no remanso da vida privada». (1)

---

(1) COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA, pag. 35.

Procurámos descobrir as primeiras manifestações litterarias de José de Alencar, mas não lográmos encontrar um numero sequer dessa revista.

Innocencio da Silva, no vol. 5.o do DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO, refere-se a uns *Ensaios* que mensalmente se publicavam em S. Paulo e acredita que esse periodico tivesse a existencia de 1846 a 1848.

Sacramento Blake admitte erroneamente que essa revista fosse publicada no Ceará, em 1846, durante as ferias do primeiro anno do curso juridico.

O autor de IRACEMA diz em COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA: «Em 1845 voltou-me o prurido de escriptor; . . . (pag. 33) e na pagina seguinte: «Os dous annos seguintes pertencem á imprensa periodica. Em outra occasião escreverei esta, uma das paginas mais agitadas da minha adolescencia. Dahi datam as primeiras raizes de jornalista; como todas as manifestações da minha individualidade, essa tambem iniciou-se no periodo organico».

Em 1851 fez a sua estreia no *Correio Mercantil*, diario redigido por Francisco Octaviano, escrevendo um artigo de critica sobre as poesias de A. Zaluar; mas só em 1854 começou a collaborar com assiduidade no jornal do seu amigo e contemporaneo de escola.

Nesse anno fôra apresentado á Camara um projecto de lei, para se modificar o regimen hypothecario. José de Alencar encetou uma serie de artigos, assignados por Al., analysando o plano da reforma hypothecaria, cuja proposta foi reiterada na legislatura seguinte, com recommendação da falla do throno, para que fossem concluidas as respectivas discussões, pois era objectivo do gabinete de Honorio Hermeto.

No mesmo anno de 1854, dia 3 de setembro, escreveu o primeiro folhetim sob a epigraphe *Ao correr da penna*, substi-

tuindo o poeta Francisco Octaviano na chronica hebdomadaria do jornal.

E' de opportunidade flagrante o ensejo que se nos offerece de reproduzirmos o trecho de Francisco Octaviano, publicado por Joaquim Serra no folhetim da *Gazeta de Noticias*, por occasião do fallecimento de José de Alencar.

O poeta dos CANTOS DE SELMA narra como Alencar foi admittido a collaborar permanentemente no *Correio Mercantil* e transcreve a carta do amigo e novo collaborador.

«Contra meus votos, torcendo minhas aspirações e só por muita deferencia a meu sogro, passei do folhetim litterario e ameno do *Jornal do Commercio* para a redacção politica do *Correio Mercantil*. Communicando á direcção d'aquelle jornal a necessidade em que me via de separar-me delle, fui intimado, como é de cortezia na despedida dos ministros, para apontar o meu successor.

— José de Alencar, respondi sem hesitação.

Os directores de *Jornal* não mostraram nesse dia o tino que bem os encaminhava sempre. *A Semana* agradára, não por grande merecimento intrinseco, mas por aquelle espirito alegre, vivaz, prompto, a que namoram todas as bellas cousas, que commovem todas as grandes acções, desde a riqueza generosa até a pobreza bem supportada, espirito a que tudo se atreve, menos á offensa por interesse, e que ora é sentimental com naturalidade, ora zombeteiro sem fel. Esse espirito é um resplendor passageiro: só nos illumina por poucos annos na aurora da vida. Começava a despontar em José de Alencar, em mim já ia declinando. Procurou-se para a *Semana* a grande illustração, o estylo classico, mesmo o grande talento; mas não se procurou o *feitiço*, o demonio inspirador dos vinte annos.

De meu conselho se lembraram os directores do *Jornal*; já era tarde. Eu estava constituido em centro de partido, redactor

principal do *Mercantil* e cabeça de familia. Abdicára de moço. Não podia mais poetizar, não podia andar solto pelo campo da imaginação; tinha de acceitar um roteiro de jornada, em que eram defesas as peregrinações á Bohemia. Reconhecera a necessidade de ter Alencar a meu lado. Elle cedendo a um sentimento que o honra, preferiu dar-me o seu concurso a alistar-se na turma de meus competidores.

No correr de 9 de agosto de 1853, delle recebi este aviso:

«Octaviano — Lembras-te do que conversámos domingo á noite vindo de Botafogo, e especialmente de um projecto que me communicaste, o qual me diz respeito, se ha de realizar em setembro? Se te lembras, deves lembrar-te tambem do que eu te disse na occasião, que a seguir uma carreira nova para mim, desejava começal-a a teu lado e debaixo de tuas vistas, porque me sorri essa ideia de continuarmos collegas e amigos, embora já lá vão os tempos de S. Paulo. Entretanto, segundo te percebi, qualquer resolução a este respeito não depende unicamente de ti, pois então sei que seria negocio feito. E' necessario o accordo de outros, e este accordo, bom ou máu para mim, eu precisava sabel-o hoje. Tive pela manhã um offerecimento vantajoso, o qual facilmente adivinhas, porque directa ou indirectamente concorreste para elle. Não o acceitei por precisar consultar-te. Comprometti-me, porém, a dar uma resposta hoje e por isso volto-me para ti. A' noite desejo terminar isto: tu dirás com quem. Preciso dizer-te que te consulto, não só pelo dever rigoroso em que estou, depois do que me disseste, como por interesse meu: quem ganha se comtigo eu fôr, não és tu, sou eu pelo que te disse no começo e por outras razões que te direi. Vem jantar commigo no Hotel da Europa: conversaremos sobre este respeito com mais largueza. Irei ao *Mercantil* esperar-te ás 3 horas. Todo teu Alencar.»

«P. S. Esqueceu-me dizer-te que qualquer das duas cousas que se realize, *Correio Mercantil* ou *Jornal do Commercio,* desejava que ficasse em segredo. De qualquer dos dous modos te vou substituir, e por conseguinte prefiro que a difficuldade da posição recaia sobre um nome ignorado absolutamente.»

A esta carta accrescenta Francisco Octaviano as seguintes palavras :

«Pelo tempo que recebi esta carta os conselheiros da redacção do *Mercantil* eram meu sogro, o snr. Muniz Barreto, e os snrs. Souza Franco e Salles Torres Homem.

Deixaram-me plena liberdade de acção. O accordo de que eu fallára a Alencar, era somente o de meus collaboradores de trabalho diario, porque foi costume, de que nunca me apartei, prover á harmonia pessoal de meus companheiros. Podiam pensar como lhes approuvesse, mas era essencial que se não combatessem publicamente, e mais do que tudo, que se estimassem pessoalmente. Para elles foi motivo de festa a communicação reservada que lhes dei, da carta de Alencar.

Não podia haver fartura maior. Adivinhavam todas as suas grandes forças intellectuaes e todos lhe queriam bem. A's 5 horas da tarde José de Alencar era parte da redacção do *Correio Mercantil.*»

Fez a sua estreia, como collaborador effectivo, escrevendo os folhetins *Ao correr da penna,* mais tarde reunidos em volume, graças á iniciativa do dr. Vaz Pinto Coelho.

Precipitou-se Alencar no torvelinho da vida da côrte, commentando, para gaudio de seus leitores, os factos da semana, desde um simples incidente policial até os acontecimentos da guerra do Oriente ; desde os successos da Charton e do Gentile até os sermões de Mont'Alverne ; desde a simples machina de coser, até o complicado mecanismo social, salpicando tudo com

o condimento da graça e do bom humor. Sempre devotado ao feminismo, não deixava passar um espectaculo no theatro Provisorio, um baile no Casino ou uma festa elegante, sem bordar alguns periodos de louvor ás filhas de Eva. E a propria penna com que escreveu os folhetins, considerou metamorphose feminina, de uma linda fada que seria a poesia ou a imaginação.

Com travessuras do espirito, meiguices da alma e um vocabulario abundante, a serviço de um sentimental e mavioso poeta, tratava simultaneamente, em uma mesma chronica litteraria, de quatro a seis themas de variedade patente, com volubilidade e harmonia proporcionada ao assumpto, sabendo applicar as regras do claro-escuro, das justas medidas, dando realce ao jubilo e sombra á tristeza, apparentando discernimento nos encomios e nas censuras, destacando factos importantes e deixando em penumbra discreta os secundarios.

Basta lêr os summarios dos folhetins e conhecer-se o estylo do escriptor, para se aquilatar do modo por que o chronista aproveitava os assumptos frivolos ao lado dos successos de summa importancia, revelando-se um folhetinista de inexcedivel delicadeza e atticismo.

A esse genero litterario, exigido pelos moldes dos nossos jornaes, dedicaram-se, em épocas diversas, Francisco Octaviano, Luiz Guimarães Junior, Joaquim Serra, França Junior, Machado de Assis, Ferreira de Araujo, Olavo Bilac, Coelho Netto e muitos outros.

Ainda no *Correio Mercantil*, manteve Alencar uma secção — *Forum* — dedicada á apreciação dos themas juridicos, e escreveu varios artigos sobre assumptos sociaes.

No *Jornal do Commercio* publicou muitos trabalhos litterarios, destacando-se os estudos sobre *Mont'Alverne*, *Thalberg* e *Othelo*.

Nos fastos do jornalismo brasileiro perpetuou-se o nome de

José de Alencar ao lado de polemistas e publicistas de accentuado valor, como, referindo-nos aos seus contemporaneos: Salles Torres Homem, Justiniano José da Rocha, Josino do Nascimento Silva, Muniz Barreto, J. M. da Silva Paranhos, Saldanha Marinho, Ferreira Vianna, Conego Marinho. Francisco Octaviano, José Maria do Amaral, Quintino Bocayuva, Joaquim Serra, Henrique Muzio, Manoel de Almeida, Pinheiro Guimarães, Machado de Assis, Guimarães Junior, Cesar Muzio, Tavares Bastos, Pedro Luiz, Lafayette R. Pereira, Bernardo Guimarães, Flavio Farnese, Ferreira de Araujo, Carlos de Laet, Ruy Barbosa, o maior de todos elles, e outros.

Bem exercitado nas lides da imprensa, surgiu Alencar dirigindo o *Diario do Rio de Janeiro*, em 1855. Ahi, ao lado da parte litteraria, como as CARTAS SOBRE A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS, as biographias de Euzebio de Queiroz e do Marquez do Paraná, as novellas CINCO MINUTOS e VIUVINHA e o romance GUARANY, escreveu uma infinidade de artigos. Eram os artigos de fundo, redigidos no periodo da sua direcção (outubro de 1855 a julho de 1858), sobre a politica geral, a administração publica, as finanças, a economia politica, a jurisprudencia e todos os assumptos em debate na Camara e no Senado.

Ahi revelou o seu espirito combativo, as suas qualidades de polemista leal e cortez, os predicados de um jornalista consummado e a erudição de um publicista de renome. Manifestou as qualidades de politico, revelando coragem, ardor em suas convicções, extraordinaria fecundidade intellectual, visão rigorosa e justa, e amplo descortino.

Analysando essas qualidades do escriptor brasileiro, escreveu Araripe Junior: (1)

"E tal era a actividade com que elle, no meio de tantos

(1) Araripe Junior — JOSÉ DE ALENCAR, perfil litterario, pag. 36.

outros incentivos á actividade, desenvolvia as suas aptidões que, segundo refere uma testemunha ocular, tendo tido algumas vezes necessidade de ausentar-se do escriptorio da redacção, e querendo conciliar com essas digressões os interesses da folha, resolveu o embaraço lançando no papel, de um dia para outro, oito ou dez artigos sobre assumptos oppostos, magnificos não só pela fórma como pelo alcance das ideias."

Outro contemporaneo, – Joaquim Serra – julgando a qualidade dos nossos jornalistas, escreveu: (1)

"Não menos illustre que qualquer destes, José de Alencar fulgia na imprensa da Capital do imperio como luminoso pharol. Ninguem melhor do que elle tratou com erudição de qualquer assumpto doutrinario, ninguem elevava a mais alto grão a critica litteraria, e, na polemica incisiva quer apaixonado ou humoristico, era elle um batalhador enorme, de phrase mascula e scintillante."

Pode-se affirmar que a victoria alcançada na profissão de jornalista, defendendo a causa dos conservadores e, sobretudo, das magnas questões, de interesse vital para o Brasil, garantiu-lhe o exito na pretenção decorrente da carreira que trilhou com brilhantismo. O jornalista fez-se politico, sem abandonar o posto de combatente.

Interrompeu o exercicio assiduo, na posição de redactor-chefe, de 1858 a 1869, sendo eleito deputado em 1860: mas volveu á liça em 1869, dirigindo o *Dezeseis de Julho*, folha politica que elle manteve até 1870, em collaboração com Leonel de Alencar, "para se defender dos ataques e insinuações do jornal conservador *Diario do Rio*, que, segundo a voz geral,

---

(1) Ignotus — SESSENTA ANNOS DE JORNALISMO, pag. 105.

recebia inspirações directas de outros membros prestigiosos do ministerio, Barão de Cotegipe e Paulino de Souza. " (2)

Nesse jornal, elle desencadeou tremenda opposição, quando por um gesto de dignidade deixou a pasta de ministro para pleitear a sua eleição de senador e foi sacrificado pelo monarcha, apezar de ser o mais votado entre os seis candidatos da lista.

Esse despeito immoderado proporcionou ensejo para brilhar novamente na imprensa, como o fizera no *Diario*, chegando a ser temido como jornalista adversario e como orador parlamentar.

Desapparecendo o *Dezeseis de Julho* que não podia continuar como orgão de ideias conservadoras, depois da interpellação de Teixeira Junior, volveu ao *Jornal do Commercio*, onde continuou com os seus reptos objurgatorios.

Ainda na imprensa militou, na qualidade de collaborador, quando escreveu no *Globo* (1874) as cartas sobre O NOVO CANCIONEIRO e no *Republica* publicou o romance TIL e O VATE BRAGANTINO.

Rematou a sua luminosa carreira no jornalismo, escrevendo *O Protesto,* periodico de 16 paginas in 8.o, do qual appareceram cinco numeros, ficando o sexto no prelo, quando falleceu Alencar. Ahi, proseguindo a tentativa esboçada no VULGARISADOR (1.o vol. n.o 5), deu combate á escola evolucionista de Darwin, ao monismo de Haeckel, ao positivismo atravez de Littré e Laffite e principalmente á reforma litteraria pregada por Zola, derrocando o romantismo e instituindo o naturalismo.

Procurou, então, congregar os *novos* em torno do seu nome e lançou o *Protesto* onde escreveu o começo de um romance — EX HOMEM.

Não tivemos a ventura de lêr esse periodico e julgamos de

---

(2) Visconde de Taunay — REMINISCENCIAS, pag. 178.

utilidade que a Academia de Letras ou a Bibliotheca Nacional encete um trabalho de grande alcance para a nossa historia politica e litteraria, reunindo em volume, artigos de jornalistas emeritos, olvidados nas raras collecções de jornaes e a collaboração dos nossos escriptores em jornaes e revistas. (1)

Do jornalista ao politico a transição é facil e natural.

(1) Conseguimos posteriormente adquirir os cinco numeros publicados, graças á pesquiza do Sr. Tancredo de Barros Paiva.

XI

O POLITICO

Na imprensa, na Camara e no Ministerio — A sua attitude quando foi esbulhado da cadeira do Senado — As cartas de Erasmo — Seus escriptos politicos — O systema representativo — Voto de graças — As suas ideias e a sua orientação.

No Brasil, ha quatro modos de se iniciar a carreira politica, quer militando-se previamente no jornalismo ; quer permanecendo-se no interior, no exercicio da profissão de advogado ou medico ; ora sendo portador de um nome illustre na esphera politica ; ora ainda por alliança, em matrimonio, a uma familia de influencia.

Manda a verdade que se diga que os dous ultimos processos tiveram consideravel desenvolvimento depois de proclamada a republica.

José de Alencar penetrou nos estreitos dominios da politica pela porta do jornalismo. Foram a sua acção proficua no *Diario* e a gloriosa reputação litteraria que lhe serviram de credenciaes, ao transpôr os humbraes da Camara, em 1861, depois de eleito deputado no anno antecedente.

Quando Alencar fez a sua estreia politica na imprensa, o paiz atravessava um periodo critico em que os debates attingiam ao verdadeiro auge da discordia.

Foi, então, organizado o gabinete Paraná, entregando-se a esse politico de real prestigio a missão de conciliar os adversarios, abrindo a porta da administração e do parlamento aos opposicionistas e fazendo cessar o ostracismo odioso que gera as reacções funestas. O programma de conciliação do venerando estadista visava a estabilidade do regimen, o espirito de tolerancia indispensavel ao progresso, por ser o elemento fundamental da ordem, e o concurso de todos os homens de indiscutivel valor.

A primeira reacção que se manifestou aos intuitos de congraçamento, foi a defecção de Angelo Ferraz que rompeu da tribuna com Paraná e discutiu tambem com o ministro da justiça Nabuco.

Nesse mesmo anno foi apresentado na Camara o projecto de reforma judiciaria, e F. Octaviano punha o *Correio Mercantil* á disposição do governo, cabendo a Alencar redigir a parte forense e a Salles Torres Homem a parte financeira.

Sobreveio em 1855 o debate sobre a conciliação, provocado por Justiniano José da Rocha, sendo vehementemente atacados o governo, como corruptor, e os *conciliados*, como corrompidos.

Aos divergentes vieram se congregar varios combatentes de ambos os partidos: Sayão Lobato, Nebias, Souza Franco e outros.

Em fins de 1856 falleceu o presidente do conselho (1), mas continuou o mesmo ministerio sob a direcção de Luiz Alves de Lima, até o começo da legislatura do anno seguinte, quando foi concedida a demissão solicitada pelo gabinete, sendo Araujo Lima incumbido de organizar novo ministerio.

---

(1) José de Alencar escreveu, então, no Diario, os traços biographicos do Marquez do Paraná, publicados em folheto de 35 paginas.

Apezar de haver censurado a politica de conciliação do seu antecessor, manifestando-se hostil á fusão dos partidos, annunciou Araujo Lima, no Senado, como programma do novo gabinete, a mesma politica de concordia, como a expressão de uma necessidade publica.

Em dezembro de 1858 subiu Limpo de Abreu, accentuando-se a politica conservadora, e foi succedido no anno seguinte por Angelo Ferraz.

Surgiu na Camara, como deputado eleito e adherente ao partido conservador, o notavel litterato e apreciado jornalista José Martiniano de Alencar de quem muito esperavam os seus correligionarios.

Fôra em 1860 pleitear a sua eleição no Ceará e de lá voltou com o diploma de deputado e o esboço da lenda poetica IRACEMA.

No anno immediato verificou-se a sua estreia parlamentar, verdadeira decepção para todos os seus admiradores que aguardavam anciosamente a revelação do orador, compativel com os meritos do romancista, do jornalista e do comediographo.

Para o estudo do politico fomos mais felizes do que para apreciar o jornalista. Não lográmos conseguir nas bibliothecas de S. Paulo as collecções do *Correio Mercantil*, *Diario do Rio* e *Dezeseis de Julho*. (1)

Apenas lemos a serie de artigos publicados no *Jornal do Commercio*, sob a epigraphe *Ultima phase*. (2)

Já salientámos a necessidade premente de se coordenarem os artigos esparsos pelos jornaes e os discursos sepultados nos tumulos dos Annaes do Congresso. Quanta preciosidade jaz nas catacumbas dos archivos e das bibliothecas !

---

(1) Consultámos a Bibliotheca Publica e a da Faculdade de Direito.
(2) Em appendice ao volume DISCURSOS PROFERIDOS NA SESSÃO DE 1871 na Camara dos Deputados.

E como seria facil aos pesquizadores do passado, reconstituir a nossa historia politica, atravez da obra, intelligentemente colleccionada, dos nossos jornalistas e dos discursos e pareceres dos nossos politicos.

Alencar comprehendeu essa necessidade, quando reuniu em volume os seus discursos proferidos na Camara e no Senado em 1869, os discursos pronunciados e os artigos escriptos em 1871, tencionando tambem colligir discursos e artigos do *Dezeseis de Julho,* referentes a 1870. Chegou mesmo a formular o plano de publicar um livro — DEZOITO MEZES NO PODER — em que apreciaria a sua passagem pelas regiões da politica.

Infelizmente não realizou o seu projecto, mas, além das contribuições referidas, deixou ainda as *Cartas de Erasmo. Os partidos, O juizo de Deus (Visão de Job), A côrte de leão, Uma these constitucional, Relatorio do Ministerio da Justiça, A viagem imperial* (discurso) e *Voto de graça* (discurso).

Sobre a sua predisposição para a politica, diz o autor em sua autographia :

> O unico homem novo e quasi extranho que nasceu em mim com a virilidade, foi o politico. Ou não tinha vocação para essa carreira, ou considerava o governo do estado cousa tão importante e grave, que não me animei nunca a ingerir-me nesses negocios. Entretanto, eu sahia de uma familia para quem a politica era uma religião, e onde se haviam elaborado grandes acontecimentos da nossa historia.

A sua estreia no parlamento se verificou na sessão de 23 de maio da 11.ª legislatura (1) que abrangeu o periodo de 3 de maio de 1861 a 13 de maio de 1863, quando houve a dissolução da Camara.

O seu discurso versou sobre uma contestação do parecer re-

(1) Vide Annaes da Camara dos Deputados, pag. 357, do 1.o vol. de 1861

digido pela commissão de poderes, ácerca das eleições do 2.º districto do Ceará. O orador defendeu o diploma contestado do dr. Jaguaribe, juiz da comarca de Sobral, eleito por um circulo eleitoral que não comprehendia anteriormente a sua comarca, mas a que fôra reunida antes da eleição. Por esse motivo o juiz pediu remoção e depois aposentadoria.

O estreiante foi feliz por ter sido vencedora a causa que advogou; mas do assumpto não transparecia importancia digna de uma estreia parlamentar.

O segundo discurso foi pronunciado a 5 de julho do mesmo anno e versou sobre a organização e divisão judiciarias. O deputado demonstrou que são questões distinctas e sustentou a these de que as assembléas provinciaes tinham a competencia para legislar sobre parochías, conventos, confrarias e quaesquer associações religiosas. Discutiu o assumpto amparado no direito constitucional, administrativo e ecclesiastico ou canonico.

Finalmente o terceiro discurso, referente á mesma legislatura, foi proferido em 2 de agosto de 1861. (1)

Sustentou, o orador, a necessidade de se instituir um tribunal de contas que tivesse por fim fiscalizar a despeza publica, de accórdo com as leis que a autorizaram, e verificar como seria arrecadada a receita prevista.

O deputado mostrou-se competente no assumpto e justificou a sua proposta com conhecimento de causa.

Criticou em seguida os vicios introduzidos nas leis annuas do orçamento, combatendo a introducção da verba mobil, o enxerto das disposições de caracter permanente em uma lei ephemera e a facilidade de abertura de creditos supplementares, contando previamente com o *bill de indemnidade* infallivel.

---

(1) Vide Annaes da Camara dos Deputados, pag. 35 do 3.º vol. de 1861

Terminou o discurso expendendo considerações de ordem geral sobre a politica, definindo a funcção, pesquizando a origem dos partidos conservador e liberal, e demonstrando que a apathia geral, o indifferentismo publico, era, como ainda é, consequencia fatal da pressão exercida pelos governos sobre o voto popular e do caracter politico que assumem as municipalidades, quando deviam desempenhar meras funcções administrativas.

O voto deve ser espontaneo e oriundo da consciencia do eleitor. Qualquer intervenção extranha, seja emanada da prepotencia ou dictada pelos conselheiros occasionaes, ou ainda amparada pelos direitos de amizade, abastarda o voto, deturpa o regimen e concorre para o aviltamento de uma nação. Quem não estiver em condições de escolher livremente o seu candidato, sem obedecer a injuncções de qualquer natureza, não deve ser eleitor.

A disciplina existente em partidos desprovidos de programmas ou de ideias é degradante, porque é funcção de um interesse subalterno, de uma ambição condemnavel, de intuitos inconfessaveis.

Ahi está desenhada a pallida acção do politico estreiante. Apreciemol-o em scenario de maior amplitude, de mais vasto descortino, quando redigiu as cartas abertas, endereçadas ao imperador, ao povo e aos politicos de magna responsabilidade.

A primeira serie de dez epistolas de Erasmo ao imperador datam de 17 de novembro de 1865 a 24 de janeiro de 1866; a segunda, em numero de sete, denominada *Novas cartas politicas de Erasmo,* abrange o periodo de 24 de junho de 1867 a 15 de março de 1868.

As nove cartas politicas que dirigiu ao povo, a que escreveu ao Marquez de Olinda e a que endereçou ao Visconde de Itaborahy, sobre a crise financeira, são de 1866.

Em linguagem altamente repassada de respeito e impregna-

da de amor intenso devotado á Patria, o publicista faz um appello ao monarcha, para que imprimisse, sob sua responsabilidade pessoal, prestigiada pelos vinte e cinco annos de governo honesto, em attitude de se impôr á veneração do povo, nova orientação aos destinos do paiz, vencendo a inercia, dando expansão ás forças vivas, latentes, e combatendo sem treguas o dominio da immoralidade.

E, em estylo sempre elevado, exclamou:

«Em todos os tempos, quando a corrupção invade a sociedade e o vicio contamina as fontes da vida publica, Deus suscita um apostolo para salvar, no meio da geral dissolução, a dignidade da razão humana. A's vezes é um historiador como Tacito, ou um poeta como Juvenal; outras é Demosthenes o orador, ou Seneca o philosopho.»

Nesse tom desvendou ao soberano os perigos que ameaçavam o paiz e exhortou acção energica e moralizadora, patenteando o respeito e dedicação á pessoa do imperador e invectivando o procedimento dos corrompidos.

«Cerrae por instantes os ouvidos ao cortejo official e á linguagem de apparato para escutar uma voz aspera, mas sincera; é tambem devota e mais leal do que muitas outras que entoam melodiosas nas manifestações publicas; e sardonicas trauteam pelos escusos recantos.

Falla-vos um amigo verdadeiro. Crede-o, senhor, crede sem hesitação. Elle sente em si a coragem do louvor cordial e franco, porque tem a consciencia do reparo justo e moderado.

Monarcha, eu vos amo e respeito. Sois, nestes tempos calamitosos de indifferentismo e descrença, um enthusiasmo para o povo. As esperanças que brotaram na primeira metade do vosso reinado, se murcharam ao sopro máo do presente, ainda podem reflectir sob os raios de vossa corôa. O

cidadão livre se approxima sereno do vosso throno porque ahi nunca sentou-se a tyrannia; sua dignidade não se vexa, ao reclinar-se para beijar-vos a dextra augusta, porque em vós acata elle o pae da nação.

Homem, eu vos prezo e admiro. Virtudes civicas e domesticas adornam vossa pessoa. Na cupola social onde a nação vos collocou, sois para a sociedade brasileira mais do que um rei, sois um exemplo. Quando por toda a parte se ostenta impune o pungente espectaculo do relaxamento de dever e obliteração do senso moral, a alma da gente honesta se expande contemplando em vós um typo de homem de bem.

Em uma palavra e ella resume vosso elogio. Bem poucos monarchas diriam como D. Pedro II:

— «Nunca em meu reinado de vinte cinco annos, estreado com a inexperiencia da juventude, nunca abri meu coração a um sentimento de odio, nunca puz meu poder ao serviço de mesquinhas vinganças».

Proseguiu nesse diapasão, sempre com acatamento e polidez, mas proferindo duras verdades e profligando descuidos e erros, attingindo ao extremo da franqueza quando censurou os excessos de lisonja dos aulicos para com o soberano, por pretenderem offertar-lhe uma espada de triumpho em nome da nação, na occasião do seu regresso de Uruguayana.

Hoje Ruy Barbosa sente necessidade de dirigir a mesma linguagem a alguem, mas só pode appellar para o povo que devia ser o soberano nas democracias e vive olvidado dos poderes publicos, inteiramente desprezado, pois tudo se pratica á sua revelia e contra a sua opinião.

Alencar applicou aos politicos de 1865 o conceito de Chamfort, visando duas nações de Europa: — O inglez despreza a

auctoridade e respeita a lei, o francez despreza a lei e respeita a auctoridade».

Agora os politicos de profissão menosprezam a lei, começando por violar a constituição e aviltam as auctoridades, em conluios de intimidade desmoralizadora.

Com rara pericia o politico *indisciplinado* demonstrou como a nação abdicou sua autonomia, com a farça das eleições de votos vilipendiados; como o congresso legislativo perdeu a compostura, por ser forjado da mentira, da fraude e do suborno; como os partidos se perverteram, nullificando programmas e evaporando ideias; como os venerandos servidores da nação procuraram a tranquillidade de consciencia no ostracismo voluntario. Detem-se, então, na tentativa de Paraná, emprestando o seu prestigio para conciliar os farrapos de partidos politicos, disfarçando os andrajos sob as falsas apparencias de um traje de apparato. Assim definiu a conciliação: — «Essa corrupção geral dos partidos e dissolução dos principios, que tinham até então nutrido a vida publica no Brasil, é o que se convencionou chamar conciliação: termo honesto e decente para qualificar a prostituição politica de uma época».

Parece-nos lêr o que escreveu Ruy Barbosa nos ominosos tempos do chefe politico que encerrou discricionariamente a maior somma de poder nas mãos, em o nosso paiz. E o echo se repercute no momento actual, quando presenciamos o modo por que se escolhe um presidente da republica.

Com o intuito de exemplificar a maneira pela qual o *indisciplinado* descrevia a situação, proporcionando concomitantemente uma amostra do seu estylo, transcrevemos o trecho final da terceira carta, quando elle se refere á venalidade do voto e ao desuso dos tres poderes populares:

«Devo fallar-vos do povo.

Mas onde está elle, Senhor, que o não vejo?

Nas urnas só acho as cedulas pagas á vista ou descontadas com promessas de pingues empregos e depreciadas condecorações.

Os tres poderes do povo, como os chama Brougham, a imprensa, o jury e os comicios, apenas vislumbram.

A imprensa está bem desenhada nesta grande capital que mata as folhas politicas e só fomenta as gazetas industriaes. O jury, onus insupportavel, de que se esquiva o cidadão, ainda mesmo pagando. Os comicios, espectaculos divertidos, nos theatros publicos, quando não são o rosnar da fome, como em 1860.

Que resta, Senhor, do paiz? Ha alguma parte onde viva ainda e pulse a soberania?

O povo inerte, os partidos extinctos, o parlamento decahido!... Restam, é verdade, alguns cidadãos eminentes abrigados na tribuna vitalicia; como as reliquias do Senado romano, esperam tranquillos em suas curules o momento de morrer com a liberdade que amaram.

São fracos, porque estão descridos; mas accendei-lhes a fé no coração enregelado, que se tornarão fortes e vigorosos. Com esse elemento do passado podereis ainda corrigir a tempera desta geração cachetica».

E hoje?...

Devemos, porém, extrahir das cartas as opiniões politicas do autor, com o intuito de definir a sua individualidade de homem publico.

Insurgiu-se contra a accusação geral de que o monarcha exercia o poder pessoal, demonstrando o contrario, com factos e argumentos irretorquiveis. Mas, com muito acerto, lastimou que D. Pedro II não interviesse nas decisões do governo, principalmente para corrigir actos immoraes e fazer «justiça

plena, imprimindo o estigma da culpa em todo que o merecesse, magistrado e administrador, humilde e soberbo».

Volveu a attenção para a guerra do Paraguay, censurando o acto do gabinete, contra os desejos do imperador, de afastar Caxias do commando supremo do exercito, em prejuizo patente da marcha das operações bellicas e, portanto, com sacrificio da vida de muitos brasileiros patriotas. E fez um appello ao soberano para assumir o governo pleno do estado.

Procurou em seguida descobrir as origens do mal e as encontrou em dous pontos capitaes: a ausencia de partidos com programmas estaveis e bem definidos, e a falta de educação politica do povo.

Precisou a origem dos pseudo-partidos liberal e conservador, salientando que o primeiro surgiu do nacionalismo que aspirava a independencia e hostilizava o elemento da metropole. No primeiro reinado, logo após á proclamação da independencia, esse partido continuou a ser constituido pelos nacionalistas ciosos do seu patriotismo e perseguidores dos lusitanos que dominavam a situação.

Os conservadores succederam aos absolutistas do periodo colonial; abrangiam os portuguezes que occupavam cargos publicos, posições politicas e possuiam bens de fortuna, bem como os brasileiros de interesses ligados aos correligionarios do periodo anterior.

Os conservadores eram sustentados pela industria e, galgando o poder, olvidavam o commercio e a agricultura, opprimindo-os «com direitos protectores de fabricas e manufacturas não existentes nem sonhadas no paiz».

Foi a fonte de onde surgiu o principio pernicioso do falso proteccionismo á industria nacional. Não se protege a industria e sim os industriaes, creando-se absurdos impostos aduaneiros, com sacrificio de toda a nação, para beneficiar os que se lem-

bram de forjar industrias em que a materia prima, as machinas e até os operarios são extrangeiros.

Indicando os remedios para a molestia organica, lembrou-se da imprensa, esquecendo-se de que os jornaes, em poder dos especuladores, contribuem para aggravar a situação, porque degeneram em exploração mercantil. Mas suggeriu outro recurso:

«O unico meio efficaz de salvar o paiz, senhor, é a união firme dos homens de bem, de que sois o chefe legitimo, contra a immoralidade. E' a alliança sincera da realeza com a democracia, para regenerar o elemento aristocratico, restringindo sua influencia perniciosa, e inoculando-lhe novos brios e estimulos que o preservam da corrupção.»

E enveredou-se em pleno dominio do direito constitucional, para estabelecer a distincção entre os poderes executivo e moderador, demonstrando, em face da politica ingleza, como o monarcha poderia exercer acção benefica no sentido de bem orientar o paiz e restaurar os severos principios de administração honesta, de respeito á soberania popular e de justiça.

Mas como realizar esse programma tão grandioso como moralizador?

Estabelecendo a verdade eleitoral; dissolvendo o congresso legislativo oriundo da fraude e do phantastico reconhecimento de poderes; escolhendo um estadista de envergadura moral para chefe do gabinete, cercado de auxiliares honrados, activos e talentosos: moralizando a administração publica, com a punição inexoravel dos máos funccionarios e o estimulo dos leaes servidores do paiz: exercendo, emfim, vontade propria, estribada nos desejos da nação.

Causaram verdadeiro successo as cartas ponderadas e muito reflectidas que o joven politico endereçou a D. Pedro II.

Quasi sem interrupção, redigiu outras destinadas ao povo, ao Marquez de Olinda e ao Visconde de Itaborahy.

Nas primeiras, insurgiu-se contra a triplice alliança na guerra do Paraguay, profligando a nossa politica internacional que acceitou a collaboração dos inimigos da vespera, sujeitando-se ao vexame de conferir o commando geral das forças belligerantes ao general Mitre, em vez de o conferir a um general brasileiro.

Com effeito, a alliança das tres nações, para combater a republica do Paraguay, é um facto historico que nos envergonha, e humilhante foi para nós a investidura que teve o general argentino, de commandar o exercito, sabendo-se que o nosso contingente era muito mais numeroso e que cabia ao Brasil a acção repressiva das affrontas que soffremos.

Quando, na infancia, iniciámos o estudo da historia patria, sentimos o pejo decorrente de semelhantes deliberações, contidas no tratado de alliança offensiva e defensiva entabolada por Francisco Octaviano.

Tambem mereceram justas censuras de Alencar os actos dos ministerios presididos por Francisco José Furtado e Araujo Lima (gabinetes de setembro de 1864 e maio de 1865).

Em linguagem vehemente, repassada de indignação, fez um appello ao povo, mostrando-lhe como era ludibriado, pois a guerra havia sido declarada sem audiencia do parlamento, e persistia-se no erro em relação á politica internacional com as republicas platinas. E, subindo de diapasão, hostilizou a falta de iniciativa do governo, a incompetencia dos generaes que commandavam os nossos bravos soldados, a capitulação de Uruguayana e as humilhações soffridas.

A carta ao Marquez de Olinda é um appello ao octogenario para imprimir, com a sua comprovada experiencia, uma orientação decisiva aos desmandos que se verificavam por parte da

administração. Escripta em estylo incisivo, affecta os moldes de uma carta objurgatoria. A linguagem é respeitosa, prenhe de erudição, mas della reçuma a ironia, e transbordam invectivas. Não obstante, traduz o culto de admiração pelo venerando politico tão sobrecarregado de responsabilidade e de serviços prestados á Patria.

A ultima epistola, como as outras, publicadas em 1866, versa sobre a crise financeira e revela uma nova face do talento do joven politico.

Embora não se tivesse especializado em assumptos de finanças, elaborou um plano de alcance economico, como meio de dar solução á crise motivada pela guerra do Paraguay. Consistia em separar o credito agricola do predial, mediante a emmissão de *apolices agricolas* no valor nominal de um conto de réis, com direito a um dividendo maximo de 8 %, sendo garantida pelo governo até a quota de 6 %, amortizavel no prazo de 50 annos.

E assim ter-se-ia um banco agricola cujos fundos seriam representados por titulos da divida publica, exercendo esse banco a funcção emissora até o duplo dos fundos e só se destinando o producto da emissão a emprestimos directos á lavoura, mediante a taxa de 10 %, e sob garantia hypothecaria.

Era tambem estudado o modo de se effectuar o pagamento, bem como eram discutidas outras questões de detalhe.

A parte, porém, mais importante do projecto era a justificativa.

Em as *Novas Cartas politicas ao Imperador*, o escriptor abordou o problema da emancipação dos escravos.

Erigiu como these para a sua dissertação o seguinte lemma : — «A escravidão é um facto social, como são ainda o despotismo e a aristocracia : como já foram a coempção da mulher,

a propriedade dos paes sobre os filhos e tantas outras instituições antigas.»

A escravidão foi um mal indispensavel á economia social da antiguidade e surgiu indubitavelmente do regimen guerreiro, constituindo um progresso do destino dos prisioneiros, victimas da anthropophagia e da immolação nos tempos primitivos e mais tarde submettidos ao captiveiro dos vencedores, prestando-lhes serviços.

Bossuet observou que nos tempos antigos (e póde-se accrescentar tambem que entre muitas tribus selvagens dos tempos modernos) a situação do escravo provinha exclusivamente dos prisioneiros de guerra, cuja vida era poupada, sendo elles adjudicados, a titulo de recompensa do triumpho, aos mais fortes e bravos.

E desse modo convertia-se o guerreiro da hoste inimiga em factor da vida industrial.

Assim, deve-se substituir na proposição do escriptor o tempo presente pelo passado, porquanto a monstruosidade politica que se manifestou na escravidão colonial e dos paizes da America, não se compara com o phenomeno social dos tempos primitivos. Foi uma aberração ultrajante para os povos civilizados do seculo XIX.

Não se pode absolutamente cotejar o escravo descripto na POLITICA de Aristoteles com o que veio proporcionar o repouso e a ociosidade de uns, como a consequencia do trabalho e das penas de outros.

O confronto de situações, em face de épocas tão distantes uma da outra, acarreta condemnação formal para os actos da idade moderna, sob o ponto de vista da moral privada e collectiva, no lar e na sociedade.

Coube ao catholicismo, no periodo da organização feudal, transformar a escravidão em servidão, prestando relevante ser-

viço á humanidade. Mais tarde, porém, nos tempos modernos, veio a Egreja sanccionar esse crime dos homens e dos governos, em manifesto antagonismo com a sua doutrina e a sua constituição.

Mas Alencar não manifestava os seus sentimentos: externava as suas ideias relativamente á emancipação dos escravos, considerando o crime como consummado e procurando demonstrar que no momento não havia solução immediata possivel para o problema abolicionista.

E nem eram compativeis com o espirito superior do politico brasileiro as ideias de um escravocrata.

José de Alencar tentou provar a impossibilidade do exterminio da praga que nos infestava, analysando as consequencias economicas e financeiras que adviriam para o paiz, e estudando a sorte da raça opprimida perante a liberdade subita.

Não concordamos com a argumentação habil do escriptor, embora a julguemos erudita e brilhante: mas não podemos, nem teria alcance pratico, discutir e refutar as ideias e o raciocinio do autor das NOVAS CARTAS AO IMPERADOR.

Diremos, todavia, antes de abordar outro thema, que a abolição antecipada teria sido um impulso para o progresso do Brasil. Mas concordamos que, em 1866, não seria possivel conseguir de chofre a emancipação da escravatura. Tornava-se necessario preparar o advento integral da abolição, mediante uma lei de effeito gradativo que permittisse preparar a substituição do trabalho captivo pelo trabalho livre.

Nas cartas V e VI o publicista dissertou sobre o donativo do monarcha, cedendo á nação a quarta parte de sua dotação, e sobre a guerra. A ultima reproduz considerações geraes sobre a politica e a administração, encerra uma serie de conselhos ao imperador e define a attitude do publicista.

* * *

Essas cartas vibrantes de patriotismo, com o cunho de franqueza e lealdade que definiram o caracter de José de Alencar, mas concebidas em linguagem respeitosa e digna de um jornalista em tal emergencia, induziram o monarcha, sempre affeito á tolerancia e propenso á generosidade, a insinuar ao Visconde de Itaborahy (Rodrigues Torres) o aproveitamento de José de Alencar no gabinete de 16 de julho de 1868.

O ministerio ficou constituido do seguinte modo: Visconde de Itaborahy (Rodrigues Torres — Presidente do Conselho e Ministro da Fazenda; Paulino José Soares de Souza — Ministro do Imperio; José de Alencar — Ministro da Justiça; J. M. da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) — Ministro dos Extrangeiros; Barão de Cotegipe (Wanderley) — Ministro da Marinha; Visconde de Muritiba (Vieira Tosta) — Ministro da Guerra; Joaquim Antonio Fernandes Leão — Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Não é nosso intento apreciar esse periodo difficil de governo que se manteve de 1868 a 1870, prestando relevantes serviços ao paiz, pela acção proficua e bem combinada do ministerio de escól. Devemos destacar a personalidade do politico e consideral-a isoladamente no curto tirocinio de sua gestão administrativa.

A peça mais insuspeita para se julgar o administrador é o Relatorio por elle apresentado á Assembléa Legislativa no anno de 1869. Mas esse trabalho se resente da falta de uma introducção em que costumam os ministros resumir o seu plano de governo.

Alencar apresentou as occorrencias nos varios ramos da Secretaria de Estado, apontou com clareza os inconvenientes ob-

servados e propoz o correctivo para os males. Não desenvolveu o seu programma de trabalho nem expoz as suas idéas geraes, limitando-se a explanar o seu pensamento, á medida que desenvolvia os assumptos distribuidos em varios capitulos.

Compulsando os annaes da Camara em 1869, verifica-se que a preoccupação primordial do ministro foi a reforma policial, ao sustentar a necessidade de separar as funcções judiciarias das policiaes, conforme justificou da tribuna, na sessão de 28 de junho de 1869.

A segunda vez que assomou á mesma tribuna, no goso das prerogativas ministeriaes, foi para defender a administracão da justiça contra os ataques injustos do deputado mineiro Penido que, apezar do commungar no mesmo credo politico, pois tambem era conservador, olvidou as conveniencias partidarias para pleitar os interesses subalternos da sua politica local.

As accusações cifravam-se em não haver o governo revogado o decreto que aposentára alguns magistrados, e não ter o ministro punido o juiz da comarca do Paraná; abrangiam o caso do juiz municipal de Patrocinio, a nomeação de novos juizes de direito, quando os avulsos ainda não estavam encartados, e o thema da guarda nacional.

José de Alencar, com superior vantagem, rebateu todas as accusações, confundindo o censor, com a leitura de trechos do relatorio e argumentos irrespondiveis.

Deixou o adversario occasional em attitude falsa e aproveitou-se do ensejo para expender longas considerações sobre a crise que determinàra a quéda do gabinete anterior.

De uma só cajadada inutilizou outro contendor, o deputado bahiano Araujo Góes.

Em outra opportunidade, (sessão de 9 de agosto de 1869), pronunciou um bello discurso defendendo o gabinete de 16 de

julho contra a pecha de reactor. Fez uma erudita exposição de politica comparada, revelando conhecimentos da historia parlamentar ingleza e franceza, e estabeleceu um parallelo entre a situação do ministerio anterior e o programma politico do Visconde de Itaborahy. Nesse discurso defendeu-se contra o remoque incessante que lhe atiravam, de ser um litterato, declarando que : — satisfazia-se com os louros de sua carreira litteraria da qual confessava que tinha saudades, porque a ella devia as mais vivas satisfações e alguns dos momentos mais felizes da sua vida.

A 24 de agosto de 1869 voltou a tratar da reforma policial e pela ultima vez que fez uso da palavra como ministro (4 de outubro de 1869) foi para discutir o projecto que considerava os assentos tomados na casa de supplicação de Lisbôa como tendo força de lei em todo o imperio.

* * *

No Senado foi ainda mais brilhante a attitude do joven ministro da Justiça em face dos adversarios de vulto : Zacharias, Saraiva e Silveira Lobo.

Ao discutir-se o voto de graças, volveram-se os ataques violentos contra Alencar, procurando-se o ajuste de contas pelas cartas de Erasmo.

Vibraram-lhe golpes tremendos, em todos os tons, operando-se a mais franca reacção partidaria.

Zacharias, o ex-presidente do conselho anterior, recorreu ás terriveis armas de ridiculo e visou-lhe o physico, chamando-lhe *fanadinho*, devido á sua estatura pouco elevada e á compleição franzina ; procurou tambem ferir a sua justa vaidade de escriptor applaudido, verberando-lhe as pretenções litterarias, incompativeis, no seu entender, com a carreira politica.

Mas Alencar mostrava-se superior aos insolitos ataques, confundindo os adversarios, como succedeu a Zacharias, cuja calma e sombranceria eram proverbiaes.

«E' inaudita, exclamava o senador bahiano, a temeridade do escriptor-ministro : mas não admira, pois elle taes ciumes tem da sua reputação literaria, que não consente que se lhe toque». (1)

No alludido discurso de 6 de setembro em que se defendeu dos ataques ao seu ministerio, Alencar proferiu :

«No partido liberal ha uma especie de trindade indiana, a *trimurti*. As tres pessoas são o principio creador, o snr. Nabuco, o conservador, o snr. Saraiva, e o destruidor, o snr. Zacharias».

Theophilo Ottoni expendeu o seguinte conceito, a proposito da ascenção de Erasmo ao ministerio de 16 de julho : — Quem não leu as cartas de Erasmo ? E não está elle ministro ? E' certo que o autor da *Conferencia dos divinos* tem já um pé na escada ministerial.

Taunay insurgiu se, com razão, contra semelhante parallelo porque as cartas de Erasmo não se podem absolutamente comparar com o pamphleto de Ferreira Vianna. As primeiras foram concebidas em linguagem respeitosa, exaltando as virtudes e os meritos do monarcha, embora de franqueza rude muitas vezes ; ao passo que o segundo attingiu ás raias da offensa, comparando o Imperador do Brasil a Nero e Caligula.

O senador Ottoni poderia invocar o caso do *Libello do povo de Timandro* e jamais a *Conferencia dos divinos*.

E Silveira Lobo exclamou no Senado : «O Snr. Alencar chegou ao ministerio por essas memoraveis cartas, em que mostrou saber bellamente fabricar o doce mel da lisonja».

---

1 Visconde de Taunay — REMINISCENCIAS, pag. 172.

Assim José de Alencar e, com elle, os seus companheiros de gabinete, com o chefe na vanguarda, triumpharam no Senado sem que tivessem a mesma opposição por parte da Camara.

Revela extremo interesse e desperta a curiosidade dos que se preoccupam com a historia politica do nosso paiz, a leitura dos annaes do Senado durante o anno de 1869.

Mas não nos podemos deter na analyse dos importantes episodios, nem acompanhar a acção do energico e talentoso politico conservador perante os seus adversarios e em face da tremenda reacção que se operou contra o critico vehemente do gabinete Zacharias. Volveremos ao assumpto, quando tratarmos do orador.

Não nos cabe, outrosim, acompanhar a acção efficaz do ministerio Itaborahy que conseguiu terminar a guerra e promover o augmento das rendas publicas; offereceu a proposta de um orçamento em que a receita excedia a despeza: cuidou do desenvolvimento da instrucção, das reformas eleitoral, da policia e da guarda nacional; estimulou a immigração e colonização européa, etc.

Não podiam, absolutamente, os politicos do imperio, mesmo os correligionarios, tolerar a franqueza, a independencia e o orgulho do ministro da justiça.

Além disso, Alencar não era dotado dos requisitos indispensaveis a angariar a sympathia entre os elementos de um partido. Em varias emergencias da sua carreira politica, deixou patente o seu espirito de rebeldia á concepção estreita e acanhada da disciplina partidaria, como ainda é comprehendida entre os homens que se destinam á vida publica.

Não nos referimos em logar opportuno ao pamphleto PAGINA DA ACTUALIDADE — OS PARTIDOS que elle escreveu em

1866. Aproveitaremos agora o ensejo que se nos offerece, para extrahir do mesmo alguns conceitos que demonstrem a nossa asserção.

Escreveu elle: — "Os partidos não se organizam como exercitos, pelo recrutamento; nem se disciplinam pela obediencia passiva. Ha em seu seio lucta intestina, discussão livre, dominio da maioria e resistencia da minoria."

Ou então a phrase pittoresca: "Gente emperrada, de dura casca, não sabe moldar-se ás varias feições da metamorphose politica."

Mas não se pense que houvesse Alencar redigido a sua profissão de fé nesse folheto. Elle estigmatizou a presença de um terceiro partido ou liga — o progressista — no scenario politico, e applaudiu a tendencia de uma alliança entre os tradicionaes e legitimos partidos conservador e liberal, com o intuito manifesto de se amputar a excrescencia de partido, provando a influencia deleteria de semelhante intruso na organização politica do paiz.

Não terminaremos o presente capitulo sem uma ligeira objecção para definir a indole politica de José de Alencar, em contradicção com as suas ideias manifestadas em outros pontos de vista.

O politico revelou-se visceralmente conservador, temendo as reformas radicaes e o advento de um programma liberal. Externou hostilidade e apprehensão em face da emancipação da escravatura, da abertura do rio Amazonas ao livre transito, da franquia da navegação costeira, da reforma da constituição e de outras theses que surgiam nos debates do parlamento ou da imprensa. No emtanto, no dominio litterario, tornou-se paladino da reforma ou evolução da lingua, a ponto de sonhar com idioma distincto, differenciado ou derivado da lingua materna;

contribuiu para o progresso do genero litterario, fundando as bases do romance nacional ; e definiu-se como propagandista de muitas outras ideias liberaes.

* * *

Observemos agora a attitude do ministro demissionario em presença dos ex-companheiros do gabinete 16 de julho.

Ainda o Politico

Sobre a causa determinante da retirada do ministro da Justiça, em principio do anno de 1870, do gabinete de 16 julho, circularam varias versões.

Recorrendo ao testemunho de Pereira da Silva, deputado na occasião, trancrevemos o que elle diz nas Memorias do meu tempo.

"Procurei conhecer os motivos que a causaram e pareceu-me razoavel o que se me affirmou a respeito. Demittira José de Alencar ao chefe de policia da provincia do Pará. O juiz despeitado veio ao Rio de Janeiro, procurou alguns chefes opposicionistas, a seus conselhos dirigiu-se ao Paço S. Christovão e apresentou-se em audiencia do Imperador.

Communicou a S. Magestade que se incumbira de investigar e colher provas de crimes praticados por varios cidadãos do Pará, e que em suas diligencias conhecera cumplices em habitantes do Ceará, agentes poderosos de eleições. Attribuia a sua demissão ao Ministro da Justiça, que ambicionava logar na lista sextupla eleitoral, a que se devia brevemente proceder nesta ultima provincia.

Ouviu-o S. Magestade, e prestou faceis ouvidos á sua

narrativa. Suspeitava de todos os politicos que se envolviam em manejos eleitoraes. Confundia uns com os outros, e a todos imputava mais ou menos ingerencias indebitas, vindictas contra adversarios e protecção aos amigos e auxiliares. Alencar pareceu-lhe deste numero, e desde logo se lhe diminuiu a confiança no Ministro da Justiça.

Ao propôr-se José de Alencar candidato á senatoria pelo Ceará, sua provincia natal, e de que era representante na Camara dos Deputados, dirigiu-se ao Imperador e, conforme o costume tradicional dos ministros em exercicio, solicitou sua acquiescencia.

Respondeu-lhe S. Magestade que era seu direito de apresentar-se candidato, mas que lhe parecia muito moderno na carreira politica, e outros candidatos da provincia mais antigos, e de serviços egualmente, poderiam considerar-se assustados com a inclusão do nome de um ministro na lista senatorial.

Percebeu Alencar a indisposição de S. Magestade e pediu immediatamente sua demissão de ministro, afim de pleitear livremente, e como particular, perante os comicios do povo. Pretendeu assim provar que podia ser eleito, fóra do poder, e sem o auxilio official». (1)

Não podemos admittir que Alencar, espirito progressista, caracter nobre e illibado, commettesse uma injustiça visando interesses subalternos e muito menos tratando dos seus interesses na politica do Ceará. Se foi essa a causa do resentimento do imperador que lhe negou provas de confiança anteriormente prodigalizadas ao ministro da justiça, só se pode imputar semelhante attitude aos resultados de intrigas bem urdidas.

(1) Pereira da Silva — MEMORIAS DO SEU TEMPO, vol. II, pag. 119

Vejamos outro testemunho, atravez da obra citada do Visconde de Taunay.

Attribuiu o autor da RETIRADA DA LAGUNA como origem da situação falsa de Alencar no ministerio, a uma natural indisposição causada pela attitude do politico cearense, desejando inaugurar a pratica de idéas por elle emittidas nas CARTAS DE ERASMO.

Pretendia o ministro da justiça que o conselho de ministros se reunisse secretamente, sem assistencia do soberano, afim de evitar as graves discussões travadas nos despachos imperiaes, podendo o monarcha demittir o gabinete, quando discordasse de alguma providencia por elle tomada, sem que pudesse revogar a resolução assentada em conselho.

Foi esse o pomo de discordia, no parecer do Visconde de Taunay, que determinou a prevenção dos outros ministros contra Alencar que era distinguido por D. Pedro II. O imperador dispensava-lhe um trato especial, apreciando a sua palestra e interessando-se pela obra litteraria do politico.

Tal predilecção provocou ciumes, produzindo certo estremecimento por parte dos collegas. E os choques e attritos foram taes que o ministro da justiça sentiu necessidade de fundar o jornal *16 de Julho*, para defesa de sua administração contra os ataques e insinuações do orgão conservador *Diario do Rio*, inspirado pelo Barão de Cotegipe e Paulino de Souza, membros do ministerio.

Annulladas as eleições para senadores pela provincia do Ceará, com o sacrificio de Saldanha Marinho e do conego Pinto de Mendonça, apresentou-se candidato o ministro da justiça, o que não agradou ao monarcha.

E' a seguinte a versão esposada por Taunay :

«Affirmou uma vez certo jornalista, muito relacionado no mundo politico, que José de Alencar lhe referiu o dia-

logo entabolado com o soberano, quando a este fôra annunciar a apresentação definitiva do seu nome no pleito que se ia travar no Ceará.

Servindo-me das palavras do articulista vou reproduzil-o fielmente, tanto mais quanto as palavras trocadas são bem naturaes, com bom cunho de authenticidade, e devem ter servido de ponto inicial, já para a irritação, desde ahi patente, de quem se julgou logo lesado em seu direito, já para o procedimento do Poder que tinha de dizer a ultima palavra na questão.

O Imperador, observa o jornalista, foi franco (Graças a Deus, uma vez, pelo menos, se lhe faz essa justiça!) e Alencar desabusado.

— No seu caso, não me apresentava agora; o senhor é muito moço...

O *simile* que o ministro achou para a replica mais que ampliamente justifica o qualificativo *desabusado*, que é até bem fraco em relação ao desabrimento da resposta, accusação formal e descabida.

Aquilate-se com alguma imparcialidade:

— Por esta razão, Vossa Magestade devia ter devolvido o acto que o declarou maior, antes da idade legal...

E com a habilidade que lhe era peculiar, vendo talvez que o golpe fôra demasiado rude, derramou um pouco de balsamo na ferida aberta:

... entretanto, ninguem até hoje deu mais lustro ao governo.

— Bem sabe que obedeci a uma razão de Estado.

— E' tambem uma razão de Estado para um politico não desamparar o seu direito...

— Faça como entender; dou uma opinião...

— Que vale uma sentença...»

A 12 de dezembro de 1869 foi apurado o seguinte resultado da eleição para senador:

Alencar	1.185	votos
Jaguaribe	1.112	»
Manoel Fernandes	1.109	»
Domingues	1.053	»
Figueira Mello	1.040	»
Araujo Lima	1.023	»

todos conservadores.

«No dia 9 de janeiro de 1870, á tarde, foi Alencar a São Christovão e pediu para fallar com o Imperador.

— Alguma novidade? perguntou surpreso o monarcha.

— Simplesmente cousa que me é relativa. Venho apresentar a Vossa Magestade a minha exoneração do cargo que occupo nos conselhos da Corôa.

— Porque?

— Desaccôrdo com alguns collegas, que vae, cada vez mais, se accentuando...

E accrescentou com decisão:

— Demais, desejo deixar a mais ampla liberdade á Vossa Magestade na questão do Ceará... em que sou parte.

— Então o senhor quer destraval-a da confiança collectiva que me inspira o gabinete?

— Exactamente...

— Será o mais acertado?

— Muito reflecti e acho que este passo é da minha dignidade.

— Bem... está conforme com o que o senhor expendeu em relação ao Poder moderador.»

No dia seguinte, Alencar já não era ministro e a 27 de abril de 1870, o imperador escolheu na lista sextupla os nomes de

Jaguaribe e Figueira de Mello, com geral e profunda surpresa de todos.

A proposito desse acto, o Visconde de Taunay fez algumas conjecturas, apreciando os commentarios, o que obrigou o Marquez de Muritiba a se pronunciar sobre o caso, e declarar, depois de proclamada a republica, que elle influira perante o monarcha, para que fosse Alencar um dos escolhidos, respeitando, porém, a decisão do soberano, dentro da esphera de attribuições do Poder Moderador. Accrescentou ainda que o imperador communicou a sua escolha, como era de praxe, ao conselho de ministros, antes de se dar publicidade ao facto.

Voltou José de Alencar á Camara dos Deputados e continuou a redigir o *16 de Julho.*

Nos primeiros dias de sessão, a 14 de maio, teve de pedir a palavra para responder ao discurso de Teixeira Junior, sobre a interpellação na questão do elemento servil.

Alencar já havia manifestado a sua opinião sobre o assumpto nas cartas de Erasmo e havia demonstrado posteriormente, quando ministro da Justiça, que não era um escravocrata, prohibindo, por acto de 16 de setembro de 1869, a venda de escravos debaixo de pregão e em exposição publica, como se praticava no Vallongo.

Nessa resposta rebateu a insinuação de estar divulgando, pela imprensa, as dissidencias entre o gabinete e o monarcha, porquanto era publico e notorio que o imperador desejava incluir na falla do throno o problema da escravatura e encontrou formal opposição por parte do Visconde de Itaborahy que julgou inopportuno o momento.

O deputado Alencar teve ensejo de expôr o seu programma de politico conservador, dizendo :

«Cumpre notar, porém, senhores, que eu nunca pretendi que o partido conservador fosse escravagista, que o partido

conservador acceitasse a instituição da escravidão como uma instituição firmada no direito, na moral que deva ser mantida e respeitada. Não, senhores, o nobre presidente do conselho acaba de o dizer — raros serão os Brasileiros — e eu accrescentarei: esses mesmos cegos pelo interesse ou pelo erro, raros serão os Brasileiros que acceitem a instituição da escravidão como uma instituição legitima *(muitos apoiados)*.

Todos nós Brasileiros desejamos ardentemente vêr desapparecer do paiz essa instituição *(muitos apoiados)*; todos nós Brasileiros fazemos votos para que deixemos de formar no mundo civilizado a excepção triste (digamos a verdade), que muito breve teremos infelizmente de constituir *(apoiados)*.

Mas desta convicção á ideia de promover a abolição, em uma época recente, por meio de medidas directas e legislativas, ha uma distancia immensa.»

Assim manifestou-se coherente com suas ideias e com o gabinete a que pertencera, e rebateu a pecha de indiscrição.

Cinco dias depois, viu-se na contingencia de fallar contra o projecto do ministro da guerra, pedindo o credito de 200 contos para os festejos officiaes em homenagem á terminação da guerra do Paraguay. Praticou esse acto, constrangido, revelando habilidade, para que não confundissem a sua attitude como desejo de manifestar opposição ao governo. As suas palavras foram inefficazes, pois o projecto passou por grande maioria.

Defendeu-se, em outra sessão, da accusação que lhe fez o collega Pereira da Silva, por não haver conseguido a reforma judiciaria durante o seu tirocinio de ministro e, a 4 de junho, subiu novamente á tribuna para explicar o motivo de sua retirada do gabinete de 16 de julho:

«Declarei-o quando disse que eu tinha reconhecido que era um obstaculo e ao mesmo tempo um motivo de diver-

gencias no seio do gabinete. Era um obstaculo, porque eu impedia a realização do plano politico do gabinete; era um motivo de divergencia, porque eu impedia a união de duas facções que tendiam a approximar-se, e com effeito se approximaram. Os quatro mezes decorridos mostram que eu tinha razão: a cohesão se fez, o ministerio se apresenta ou se diz solidario.»

Declarou, em abono do seu procedimento, que não podia ser mais explicito na exposição feita no jornal *16 de Julho*, porque não lhe era licito divulgar segredos do gabinete, nem provocar crise politica, trahindo o seu partido. Não podia dirigir a palavra a seus pares, por estar fechado na occasião o parlamento. Julgava que, a exemplo do que se praticava na Inglaterra, padrão do systema representativo, cabia ao chefe do gabinete explicar á nação o motivo da retirada de um ou mais ministros.

Deante, porém, da attitude do Barão de Cotegipe, ministro da marinha, no Senado, e correspondendo ao convite do seu collega Pereira da Silva, vinha reiterar perante a Camara o que já dissera na imprensa.

Os apartes apertaram-n'o, inclusive os do ministro da marinha, e o deputado foi se estendendo na justificativa do seu acto, até chegar o momento psychologico do assumpto, e veio a explicação anciada por todos.

Começou alludindo a uma divergencia entre os ministros da marinha e do imperio, para demonstrar que o Barão de Cotegipe era o elemento perturbador da paz do gabinete, e abordou logo o incidente com elle:

«Desde que entrei para o gabinete achei-me tolhido pelo máo estylo da nossa administração, estylo que parece modelado para enervar a actividade do ministro. As mais pequenas questões, os mais insignificantes negocios são levados a

conferencias e despachos: d'ahi, senhores, a intervenção dos ministros em pastas alheias, d'ahi a interferencia necessaria, embora talvez involuntaria, da corôa em negocios de mero expediente. (*sensação*).

Logo em principio entendi que devia reclamar contra este estylo; mas receei que me taxassem de precipitado. Era preciso que adquirisse mais experiencia para dar á minha resolução a necessaria auctoridade.

Senhores, entendo que o systema representativo, o verdadeiro systema representativo, não comporta outro estylo de administração que não seja o da Inglaterra. Alli, senhores, cada ministro administra em sua pasta, e o ministerio solidario dirige a politica do paiz sob a presidencia do primeiro ministro e sob a suprema inspecção do chefe do Estado. Este é o unico systema que, na minha opinião, concilia a dignidade e os brios do ministro com as conveniencias do serviço publico.

Entretanto, senhores, emquanto houve harmonia e confiança no gabinete, a posição era sustentavel; mas, encerradas as camaras, o nobre ministro da marinha, sem duvida no louvavel empenho de bem servir ao paiz, de auxiliar a minha inexperiencia, o nobre ministro, fundado nos estylos admittidos, me pareceu que procurava prevalecer na pasta que eu dirigia (*sensação algum tanto prolongada*).»

E referiu-se aos ataques do *Diario do Rio de Janeiro*, sem que o Barão de Cotegipe os obstasse, apezar da preponderante influencia que exercia sobre esse orgão da imprensa; commentou a attitude do gabinete que se manteve indifferente, emquanto o ministro da justiça era victima de opposição violenta, mantendo o principio da auctoridade e executando medidas approvadas pelo ministerio.

Preferiu, em vez de recorrer á imprensa e provocar uma

crise ministerial, retirar-se, para que o gabinete não ficasse privado da cooperação valiosa do ministro da marinha.

Retomemos o fio da exposição do ministro demissionario:

«Senhores, desde que assim apreciei a situação, eu pedi ao nobre presidente do conselho... Devo declarar que S. Excia. me auctorizou, no dia da minha declaração, a dizer francamente o que entre nós se passou a respeito da minha retirada.

Julgo, portanto, que não posso ser censurado por expôr agora os factos perante esta camara.

No dia 8 de dezembro pedi uma conferencia ao nobre presidente do conselho, esta conferencia teve logar dia 11; era minha intenção expôr a S. Excia. a situação como eu a apreciava; S. Excia. nessa occasião, tomando a palavra, disse-me que notava que havia divergencia no gabinete, e estava disposto a dissolvel-o, por diversos motivos, sendo um delles que o snr. ministro da marinha mostrava-se desgostoso, e que, sem cooperação efficaz do nobre ministro da marinha, o gabinete não podia continuar. Então eu disse a S. Excia. que sendo eu a causa de desgosto do nobre ministro da marinha, estava prompto a retirar-me do governo, e que S. Excia. devia fazer ao partido o sacrificio de reorganizar o ministerio.

Dias depois, por occasião da exoneração do meu illustrado collega o snr. ex-ministro da agricultura, eu repeti a S. Ex. as mesmas palavras, disse-lhe, se bem me recordo, que eu não serviria de obstaculo a qualquer reorganização.

No dia 21 de dezembro, S. Ex. pediu-me auctorização para dizer ao sr. Cotegipe, o qual se tinha declarado incompativel commigo, que pedira demissão. Dei verbalmente a S. Ex. esta auctorização, e uma hora depois enviei-lhe uma carta concebida nestes termos: — Tendo de completar-se o

gabinete, a minha retirada remove as difficuldades de reorganização. Rogo a V. Exa. que solicite de S. M. o Imperador a minha demissão.

S. Ex. por nimia bondade insistiu duas vezes para que eu retirasse a minha carta ; diz agora S. Ex. que por alguns dias ; creio realmente que esta era a sua intenção. Eu, porém, recusei terminantemente e declarei a S. Ex. que não era mais ministro. Ou o gabinete se dissolvesse, ou o gabinete se reorganizasse, a minha demissão estava pedida desde o dia 11 de dezembro ; desde que S. Ex. me disse que o snr. Cotegipe se havia declarado incompativel commigo, e desde que S. Ex. accrescentou que sem o snr. Barão de Cotegipe o ministerio não podia marchar, meu procedimento não podia ser outro *(sensação)*.

S. Ex. apresentou algumas razões para demorar a reorganização do ministerio ; mas não me demoveram, e S. Ex. acaba de declarar á casa que recebeu dias depois uma carta minha instando pela demissão. Nessa carta não dizia que a duvida me era incommoda.

O snr. Presidente do Conselho — A posição, e não a duvida».

Terminou o discurso fazendo um appello ao seu ex-collega para que explicasse os motivos da incompatibilidade.

O Barão de Cotegipe pediu a palavra e pronunciou um discurso sobrio, reflectido, revelando sagacidade e muita experiencia politica, defendendo-se, topico por topico, das accusações e explicando a sua attitude perante o ex-ministro da justiça. As causas principaes da incompatibilidade foram, segundo a confissão de Cotegipe, o facto de se haver Alencar apresentado candidato à senatoria, sendo ministro e depois de annulladas as eleições anteriores, para o que concorrera o orador. Outra causa era a tenacidade nas opiniões professadas por Alencar, o

que se tornava um defeito no governo, segundo a opinião do orador.

«Depois do honrado deputado fazer um juizo, decidindo-se por um lado, não cede mais. Ora, isto é um defeito em governo, porque *tot capita, tot sententiæ*. Sete homens reunidos não podem todos pensar da mesma maneira, nem todos sujeitarem-se á mesma opinião.

Eis donde nascem ás vezes essas divergencias».

A' vista de semelhante explicação, tão clara como convincente, não percebemos o motivo da duvida de Pereira da Silva e do Visconde de Taunay que buscaram versões, de matizes varios, para justificar a retirada de Alencar do ministerio.

Mas Alencar não se limitou ao primeiro discurso ; voltou á carga, com extrema felicidade e argumentação cerrada, confundindo o seu adversario. O orador rebateu, um por um, os argumentos do habil discurso de Cotegipe e, nos pontos capitaes, como por exemplo as causas da incompatibilidade attribuidas pelo ministro da marinha, revelou superioridade de razões.

Destacando a segunda, citada pelo orador, — a tenacidade nos conceitos expostos ou na opinião emittida — disse o ex-ministro :

«Reconheço com S. Excia. que tenho esse defeito ou essa qualidade, se quizer assim qualifical-a. E somente sinto que as minhas forças moraes e physicas não dêm a essa tenacidade a robustez e o vigor que eu desejava.

S. Ex. disse-nos que a tenacidade, sendo uma virtude individual torna-se no governo um grande defeito.

Senhores, isto é um paradoxo que eu ouvi pela primeira vez : é um paradoxo proprio unicamente destes tempos de descrença, de indifferença e de flacidez moral. Sempre pensei, e ainda penso, que a preponderancia e a influencia do governo na sociedade cabe ao *justum ac tenacem propositi*

virum, ao homem justo e tenaz de Horacio. São as almas fortes, de rija tempera, que no governo absoluto dominam os povos, e no governo constitucional os dirigem».

E por esse diapasão proseguiu, fallando com enthusiasmo e revelando a envergadura de um forte, como Ruy Barbosa em nossos tempos, em scenario de maior amplitude, em questões de mais amplo descortino.

Assim tambem revelou felicidade de argumentação e consciencia do proprio valor, quando rebateu a insinuação de Cotegipe de que havia elle obtido a promoção a general, sem que tivesse sargenteado companhias e preenchido os postos inferiores.

Mas o ponto capital, com que confundiu inteiramente o adversario, foi o que se prendia á apresentação de sua candidatura á senatoria, sendo ministro. Assim encetou a replica :

«Ora, senhores, eu duvido, ainda repito, duvido que isto fosse uma razão de incompatibilidade do nobre ministro da marinha commigo.

Pois, senhores, eu posso capacitar-me de que o nobre ministro da marinha viesse aqui lançar remoques contra o illustre orador bahiano, o snr. João Mauricio Wanderley (nome por extenso do barão de Cotegipe), esse membro distincto da antiga patrulha (risadas), o qual sendo ministro da marinha em 1856 apresentou-se candidato á senatoria pela Bahia? Não posso crêl-o ; e ainda mais quando este abarcamento foi acompanhado de uma circumstancia. O nobre ministro da marinha não tinha 40 annos . . . »

E citou mais tres companheiros do gabinete de 16 de julho que se apresentaram candidatos quando eram ministros.

Causam-nos impressão desoladora os apartes de alguns deputados que, em vez de apoiarem a attitude digna do seu collega provocado a sustentar debate tão melindroso, se inclina-

ram incondicionalmente para o prestigio do poder, rendendo homenagens ao vencedor e procurando deprimir o vencido.

Cotegipe retorquiu, sem a mesma felicidade do discurso anterior, tentando deslocar o eixo da discussão, intervindo com o recurso de espicaçar a vaidade do seu ex-companheiro, procurando compromettel-o perante os outros membros do ministerio e o partido conservador, e derivando os themas em discussão. Mas, embora dispuzesse de tempo para preparar o seu discurso, patenteiou inferioridade na treplica.

José de Alencar que já era conhecido como espirito combativo e consummado orador, subiu immediamente á tribuna e, em improviso, rebateu todos os subterfugios, manifestando poderosos recursos de dialectica e mantendo-se em attitude digna e respeitosa.

Constituiu um terceiro successo o discurso de 20 de julho.

Em sessões subsequentes o nobre deputado apresentou um projecto sobre a emancipação dos escravos, por meios indirectos; discutiu uma incoherencia da Camara sobre a resolução tomada em relação ao projecto de reorganização judiciaria; fez observações sobre a reforma do regimento interno; protestou contra o modo de proceder referente a um requerimento, por elle apresentado, para suspender os trabalhos legislativos no dia das exequias dos patriotas succumbidos no campo de batalha; e voltou a tratar em mais de uma sessão, da reforma judiciaria, batendo-se pela separação dos poderes executivo e judiciario que devem ter um campo de acção distincto um de outro, e analysando amplamente o projecto em linhas geraes e nos detalhes mais importantes.

Manteve, porém, a discussão no terreno da jurisprudencia, discutindo com logica e perfeito conhecimento de causa, abordando com serenidade os varios pontos de divergencia, sem intervir com gracejos de mau gosto no recinto de um parla-

mento, desviando-se da parte humoristica a sabor de alguns dos seus adversarios e não usando do recurso dos epigrammas e da ironia. Revelou-se provecto na discussão, ficando inteiramente adstricto ás theses de direito constitucional e administrativo, e salientando o firme proposito de seus adversarios em contrariarem as suas ideias e a sua orientação.

Mas ao discutir os assumptos em debate, não obscurecia o alvo collimado, visando sempre a personalidade e as opiniões do Barão de Cotegipe.

Na sessão de 30 de setembro de 1870, occupou a tribuna para fazer um ligeiro ajuste de contas com os seus ex-collegas do gabinete 16 de julho de 1868, apreciando a causa determinante da mudança que se operou na vespera. Analysado, em ligeira synthese, o verdadeiro motivo da queda do ministerio Visconde de Itaborahy, passou a esboçar a psychologia do novo gabinete do Visconde de S. Vicente e apreciou o programma laconico apresentado pelo presidente do conselho. Increpou-lhe a falta de clareza e de sinceridade e manifestou-se em franca opposição com o mesmo, principalmente devido á circumstancia de se haver incluido no seu texto a emancipação do elemento servil por meios directos. As medidas directas sobre a questão do elemento servil, disse elle, são compativeis com o partido liberal. E' da alçada do partido conservador propugnar pela emancipação, segundo as normas do systema indirecto, deixando-a operar-se gradualmente, para se evitar a revolução social determinada por uma lei de effeitos immediatos.

Na mesma sessão legislativa, o nobre deputado occupou a tribuna varias vezes, afim de discutir uma aposentadoria, o orçamento da agricultura e a questão da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Urge, porém, que precipitemos a marcha do nosso estudo para apreciar a ultima phase do politico, de 1871 em diante,

synthetizando as considerações que devemos expender, porque já se torna demasiado o desenvolvimento da parte referente a José de Alencar estadista e legislador.

Ultima Phase do Politico

Prometteu o illustre parlamentar, a publicação de dous livros que não vieram a lume: — Dezoito mezes no poder e Discursos de 1870, acompanhados dos artigos escriptos no diario *16 de Julho*.

Seria o primeiro, um trecho de sua autobiographia, constituindo, além disso, a explanação de todos os seus actos quando ministro e a explicação, com pormenores, do motivo determinante de sua retirada do gabinete.

A falta do segundo é supprida, em parte, pelos Annaes da Camara dos Deputados, perdurando a difficuldade de se encontrar, em São Paulo, a collecção do orgão por elle fundado para defender os proprios actos.

Referentes á sua acção no anno immediato, publicou elle os Discursos proferidos na sessão de 1871, na Camara dos Deputados, com o complemento dos artigos extrahidos do *Jornal do Commercio*, sob a epigraphe *Ultima phase*.

E' deficiente e apagada, se não está ainda por se fazer, a historia politica do nosso paiz; e, para se estudar uma individualidade, ou a acção isolada de um homem que, ha muito tempo, desappareceu do scenario da vida publica, é indispensavel compulsar os Annaes do parlamento e a collecção dos jornaes da época em que viveu. Mas o testemunho dos coevos apresenta-se quasi sempre impregnado de paixão ou parcialidade, *maximè* em relação a um homem de attitudes francas, defi-

nindo os seus actos pela pauta da lealdade e manifestando a coragem civica de contrariar opiniões e censurar ideias ou acções, em beneficio da collectividade e do paiz.

Vemo-nos, por isso, na contigencia de lêr os seus discursos e artigos para extrahir conceitos basicos e esboçar o perfil psychologico. E, quando se desencadeia a polemica, somos levados a examinar a opinião de seus contendores, com o intuito de formar juizo seguro e fundado.

No anno de 1871, o primeiro acto de Alencar, ao occupar a tribuna, foi o de apreciar as desvantagens para a nação, advindas da projectada viagem imperial. Mostrou ser a mesma dispensavel e inconveniente e, inclinando-se perante o argumento da saude da imperatriz, examinou as consequencias, censurando a preoccupação de se resolver a questão referente ao elemento servil, na ausencia do monarcha, e sustentou a necessidade de se restringir a prerogativa imperial do direito divino, a se conferir á princeza regente.

Esse discurso que faz parte da collecção reunida em volume, foi tambem publicado á parte, em um folheto sob o titulo — *A viagem imperial.*»

Por occasião de se discutir o orçamento do paiz, voltou, á tribuna para extranhar que o ministro do imperio houvesse continuado no gabinete de 7 de março, sem acompanhar os seus companheiros do gabinete anterior, presidido pelo Visconde de S. Vicente. Aproveitou o ensejo para oppôr um reparo ao modo por que o mesmo ministerio deixou de responder ás suas observações sobre o decreto de 14 de janeiro. Criticou ainda o modo imperfeito e tumultuario de se organizarem as leis orçamentarias do paiz e voltou á questão do elemento servil que o havia obrigado a dissentir das ideias do novo gabinete, embora constituido pelos seus correligionarios.

Elevou o problema da emancipação gradativa como questão

capital, de combate ao gabinete do Visconde do Rio Branco, reeditando os argumentos por elle expostos nas *Cartas de Erasmo*; analysou o programma do partido conservador, insurgindo-se contra semelhante iniciativa, antagonica com a indole e os principios da aggremiação politica a que pertencia e accusou o presidente do conselho de abrir scisão no partido e comprometter a situação, contribuindo para o declinio dos conservadores, para o regimen revolucionario ou a guerra civil.

Tornou a adduzir argumentos contrarios ás pechas de escravocrata e retrogrado que lhe atiraram os promotores da propaganda, por combater a ideia da emancipação directa perante o parlamento, e exclamou: — «Entretanto, senhores, nesta lucta que infelizmente se travou no paiz, a civilização, o christianismo, o culto da liberdade, a verdadeira philantropia, estão do nosso lado. Combatem por nossa causa.»

O Visconde do Rio Branco foi extremamente feliz na sua replica, conseguindo rebater as objecções e os entraves oppostos pelo talento do deputado dissidente e conquistar, para bem do paiz e para a redempção de uma raça opprimida, a sabia lei do ventre livre, promulgada a 28 de setembro de 1871.

Entendemos que foi essa solução compativel com o espirito e a indole do partido conservador, preparando o advento da emancipação geral que se tornou, felizmente, uma realidade, com a abolição de 13 de maio de 1888.

Podiam assistir a Alencar sobejas razões de ordem juridica e mesmo politica: mas não nos podemos conformar com a ideia de ficar um espirito superior e progressista adstricto á resistencia formal e tenaz contra uma medida de tão elevado alcance para o nosso paiz.

Se do lado do Visconde do Rio Branco pendia a balança na questão do elemento servil, que exigia uma solução, embora fosse revestida da prudencia que traduz a lei do ventre livre,

Estatua de José de Alencar, Rio de Janeiro

para José de Alencar se inclinou a concha da razão, no incidente que constituiu a interpellação do deputado dissidente, sobre a imprensa subvencionada.

O honrado presidente do conselho, sempre fiel ao dominio da verdade, confessou ser procedente a imputação que era feita ao gabinete, e estribou a sua defesa nos precedentes, na necessidade de orientar a opinião publica perturbada pelos argumentos opposicionistas e na circumstancia de se tratar de publicar artigos, e não de subvenção á imprensa ou a qualquer jornalista.

Alencar refutou os motivos com que se justificou o chefe do governo, e teve a gloria de affirmar perante a nação que nunca adoptara essa norma, durante sua vigencia no ministerio, apezar de dispôr da verba secreta e de haver sido o mais aggredido dos ministros.

Com effeito, máos precedentes não amparam os actos máos e censuraveis de um governo honesto, os erros anteriores não justificam os posteriores; e si assim não fosse, depois de um governo corrupto, que descalabro reinaria nos que lhe succedessem!...

Para se orientar a opinião publica, não surgiria a necessidade de remunerar a publicação de artigos anonymos, de estipendiar jornalistas ou jornaes, nem de auxiliar os que não dispõem de recursos para publicar os seus escriptos. Demais, o snr. Visconde do Rio Branco foi incoherente (escapando esse *cochilo* a Alencar), quando affirmou merecer a causa a sympathia da imprensa e da maioria da população, e expendeu em outro topico do discurso, as razões do procedimento do gabinete.

Disse elle: «Todos sabem que nunca causa alguma teve defensores mais espontaneos e mais independentes do que esta.....» (é a expressão da verdade).

Ainda: S. Exa. refere-se apenas a alguns artigos insertos

no *Jornal do Commercio* desta côrte, mas não quer vêr que esta causa conta defensores em todas as provincias do imperio, e que os orgãos permanentes dessas provincias a têm defendido com calor e dedicação! Por ventura o que se publica nos periodicos das provincias, onde a imprensa se acha melhor constituida do que no Rio de Janeiro, tambem será á custa do governo?»

Quaes as conclusões a tirar? Primeira, que a censura foi justa, opportuna e de muito alcance. Segunda, que a causa da superioridade da imprensa das provincias só podia residir na isenção do elemento corruptor, no afastamento do erario publico cujas sangrias depauperam a nação, infeccionam o orgão da opinião publica e abastardam o caracter nacional.

Quando o governo sentir necessidade de explicar os seus actos, prestando louvavel consideração ao povo, dispõe do diario official e, si julgar o orgão governamental sem as precisas condições de publicidade, por ser restricta a sua circulação, deve publicar artigos assignados, com a responsabilidade collectiva do governo ou individual de um ministro.

Essa é a bôa norma que tenderá a moralizar os negocios publicos e a prestigiar qualquer governo.

Deixámos de nos referir aos artigos publicados no *Jornal do Commercio* pelo deputado dissidente, sob a epigraphe *Ultima phase*.

Foram esses escriptos, tres artigos, destinados a combater o poder pessoal, tomando como exemplo de sua influencia funesta o gabinete S. Vicente.

Esse thema foi objecto incessante da critica do illustre jornalista e do distincto parlamentar: essa these foi por elle combatida, tendo por norma a sua educação politica affeita nos principios de direito constitucional de que era eximio cultor e aperfeiçoada nos annaes e nos livros da historia politica da

Inglaterra, onde foi elle buscar o paradigma da sua conducta de homem publico.

Não concordamos com os conceitos do notavel publicista que via na intervenção do monarcha os principaes defeitos da administração e pregava a necessidade de ser o ministerio autonomo. Julgamos até que o principal defeito de D. Pedro II consistia em se alheiar, na maioria das vezes, das decisões tomadas pelos gabinetes. Foi o erro increpado pelos republicanos.

Segundo o nosso modo de pensar e, a despeito do exemplo da Inglaterra, nação de indole muito distincta da nossa, o monarcha deveria intervir muito mais na orientação dos actos dos gabinetes successivos, prevalecendo-se, aliás, das prerogativas que lhe eram outorgadas pela constituição.

Tomando por base o systema representativo por nós adoptado, devemos convir que o imperador era o chefe supremo do poder executivo e, como tal, cabia-lhe a funcção de dirigir, orientar e imprimir a sua responsabilidade nas decisões do governo, respeitando sempre a lei magna, as deliberações do parlamento, a opinião publica e servindo-se das luzes e da competencia dos seus ministros e conselheiros.

E não era o poder moderador uma valvula para a intromissão da influencia da corôa nos actos do gabinete? E como podia o imperador alienar de si esse poder, si lhe cabiam os direitos de nomear ou demittir livremente os ministros, vetar as deliberações do parlamento, nomear o senador escolhido em lista triplice, dissolver a camara dos deputados, conceder amnistias ou perdões ou commutar as penas, velar sobre a harmonia dos poderes publicos, fazer cumprir a constituição e as leis, prover ao bem geral e defender a nação?

Exorbita deste trabalho discutir semelhante these.

Observamos apenas, como deducção de caracter psychologico,

que a acção e o programma do intrepido politico brasileiro eram coherentes com a sua attitude quando ministro e compativeis com o seu temperamento impetuoso e o seu caracter de rigida tempera.

Alencar era orgulhoso e, portanto, autoritario, energico, cioso da sua responsabilidade e firme nas suas convicções.

Muitos politicos combateram esse modo de pensar hostil á manifestação do poder pessoal, e a José Feliciano de Castilho coube, nas *Questões do dia*, rebater as ideias do politico, causando-lhe a indignação demonstrada no discurso de interpellação ao gabinete Visconde do Rio Branco.

Não dispunha o apreciado romancista da vocação precisa para a carreira politica que se não coadunava com o seu temperamento de artista, nem era compativel com o seu genio caprichoso. Era esse o seu parecer intimo, como se tornou a opinião insuspeita do seu parente Araripe Junior.

O autor do perfil litterario affirmou que a formação do politico se operou dos destroços do litterato. Não pensamos assim ; mas, acompanhando o seu juizo, concordamos em que a sua presença na imprensa e no parlamento não fôra occasionada senão pela velleidade de escriptor ambicioso, ou pelas circumstancias especiaes em que o collocaram o nascimento e as relações».

Continua o critico : «Invadira-o, entretanto, como nunca, um desejo immenso, uma necessidade forte de entrar nos negocios do paiz, exercer a sua vontade sobre algum acontecimento, de tornar-se por fim uma força indispensavel ao mecanismo governamental, e fazer-se respeitar, reconhecer justamente por aquelles que não se lembravam dos seus merecimentos. Como a Lamartine, desesperava-o o unico pensamento de que o Brasil tinha illustrações politicas, e que elle não era uma dellas. Movimento de pura vaidade, que, não sendo apa-

drinhado por uma ideia solida, arriscava-se a produzir effeitos muito desagradaveis».

E não avaliou as difficuldades para vencer ; não deu o necessario balanço ás suas qualidades e defeitos, para concluir, antes do passo arriscado, que a inveja seria um obstaculo á sua ascenção, que a sua altivez e a sua independencia fariam explodir uma campanha de malquerenças e antipathias e que a sua sinceridade sobranceira, attingindo ás raias da franqueza rude, não faria o consorcio almejado com as attitudes dubias dos politicos profissionaes. Emquanto dependeu do proprio talento e da sua indomavel capacidade de trabalho, subiu, impressionando como jornalista e impondo-se nas *Cartas de Erasmo* que lhe abriram as portas do parlamento e lhe deram accesso ao gabinete ministerial.

Cedo as suas ideias e a sua independencia se chocaram com as formulas e os habitos politicos, determinaram a incompatibilidade com os companheiros de ministerio e desagradaram ao imperador que lhe vibrou o segundo golpe.

Perdeu a pasta e foi esbulhado da cadeira no Senado.

Ferido no seu amor proprio, rompeu com as conveniencias e desenvolveu tremenda campanha contra os seus ex-collegas de ministerio, não poupando um só instante a perfidia do Barão de Cotegipe, guardando profundo resentimento do Visconde de Itaborahy, insurgindo-se contra o Visconde do Rio Branco e firmando o throno como alvo, na perseguição ao poder pessoal, sem ponderar a contradicção do deputado e do jornalista do *16 de Julho* com o Erasmo das cartas ao imperador.

Na sessão de 1873 a 1875 da Camara, a que Silveira Martins denominou de *illustres desconhecidos*, encontrou Alencar o quarto adversario de compleição athletica. Elle que subjugára Zacharias, derrotára Cotegipe e terçára armas com Rio Branco,

encontrou na arena o vulto de Silveira Martins e com elle se bateu com denodo, impressionando o mundo politico.

No começo da legislatura, cassaram-lhe a palavra e elle publicou immediatamente o discurso que devia proferir, com a seguinte advertencia :

«Resolvi imprimir o discurso que devia proferir da tribuna da camara dos deputados, na discussão do voto de graças, cujo encerramento é um dos maiores escandalos parlamentares a que tenho assistido.

Prevalecendo-se da circumstancia minima de não estar eu presente quando me tocou a primeira vez de fallar, arrebataram-me a palavra de que ainda não usei em um só debate politico na presente legislatura.

Não posso affirmar que o discurso proferido fosse textualmente como sahe escripto. Trasladei-o para o papel ao chegar da camara. Todavia é natural que o estylo se resinta do travo da penna, a qual é sempre mais tarda do que a palavra. Em compensação meu estado de saude não me permittiria tão longo folego na tribuna. Tenho deixado de pronunciar discursos de outro valor que não ha neste : e nunca fiz cabedal dessas ideias abafadas ao nascedouro. Não é pois o desvanecimento da obra que moveu-me a dar corpo ao pensamento que havia de ser discurso : é somente um justo e nobre desforço contra a violencia que soffreu hoje a tribuna parlamentar" (1)

E' um pamphleto de satyra em que o autor censura a dissolução da camara e faz criticas dos varios factos, inclusive do silencio dos dissidentes.

No anno seguinte (1874), proferiu o deputado dissidente varios discursos sobre a *Reforma eleitoral*, os quaes foram reu-

(1) VOTO DE GRAÇAS, discurso que devia proferir.

nidos em folheto. O primeiro, que agradou sobremodo o gabinete, porque Alencar sustentou o principio de que para as reformas politicas e sociaes cabia a iniciativa ao ministerio, praxe consentanea com as bases do systema parlamentar, definiu o seu pensamento sobre o thema.

No primeiro discurso combateu os principios da eleição directa, discordando de Cotegipe que se batia por essa reforma, e applaudiu a parte essencial do projecto governamental, por encerrar tres ideias fundamentaes: a permanencia da qualificação eleitoral, a representação das minorias e manutenção da eleição indirecta, segundo o espirito constituicional.

Mas afastado do periodo em que irrompeu a sua justa colera contra os elementos do governo que o alijaram do poder e contra o monarcha que o preteriu na lista sextupla, sentindo quasi cicatrizada a ferida causada pelo dardo da inveja, ganhou o nobre deputado a precisa serenidade para discutir os assumptos de interesse geral.

Na contenda que teve com Silveira Martins, Martinho de Campos e outros, sobre a reforma eleitoral, revelou calma e mais poderosos recursos de logica e dialectica, o que lhe proporcionou a victoria na contraversia.

Essa discussão manteve-se elevada, sempre no terreno occupado pela these em debate, impregnada de erudição e amparada no pleno conhecimento da historia, politica dos povos cultos e na tradição do parlamentarismo no Brasil. O orador conseguiu o applauso unanime dos seus adversarios, conquistou o accôrdo franco do ministro da justiça, fez cessar os apartes que se renderam á evidencia e á logica de sua argumentação, e grangeou a attenção geral da camara que prorompia em palmas e cumprimentos, sempre que findava cada oração.

Tarde lhe veio a reflexão do caminho errado que seguira,

deixando a estrada florida da litteratura para seguir a vereda cheia de espinhos e *tranqueiras*.

"Foi um mal, um grande mal para nós, que tinhamos o direito de esperar da rejuvenescencia de seu talento, ainda em todo o seu vigor, um novo impulso ao influxo das ideias, que começavam a caminhar no paiz. E esse desastre devemol-o justamente aquelle que no extrangeiro era apontado como o mais estrenuo fomentador das nossas lettras!

A simples *gaucherie* do ministro não auctorizava uma punição semelhante, parecendo que o facto de buscar-se assim a falha da armadura do homem, não indicava senão a inconfessavel queda, que, segundo dizem, sempre manifestara o monarcha pela demolição das individualidades.

José de Alencar por fim sentiu que as flôres do seu estylo não bastavam já para sustental-o, e que o publico, para o qual appellava, não o acolhia com o carinho a que têm direito os homens justos e populares. Desde então encheu-o um sentimento como de quem se acha em um terreno escorregadio: nem o favor dos grandes, nem a sympathia publica. Este estado de espirito gerou-lhe uma magoa incuravel, acompanhada de um pesadume horrivel: começou a época dos desenganos e dos grandes desalentos. O céo dourado de sua patria deixou-se aos poucos escurecer, e o enthusiasmo dos primeiros annos transformou-se na raiva e no pessimismo. O grupo dos adversarios, que até aquella época havia respeitado, desencadeou-se: e bastou este signal de defecção para que os menos corajosos se atirassem sem commiseração sobre a sua bagagem litteraria, encetando uma cruzada demolidora contra o seu nome e a sua fama." (1)

Começou a esmorecer e a definhar. Recrudesceram-lhe os

---

1 Araripe Junior — José de Alencar — Perfil litterario, pag. 131.

males do figado, a côr do semblante tornou-se-lhe baça, tomado o aspecto de cera virgem, o que denotava effeitos da secreção biliar.

Sobreveio-lhe o abatimento, e os medicos, acreditando tratar-se de uma tuberculose pulmonar, aconselharam-lhe uma excursão ao Ceará.

"Esta nova visita aos carnaúbaes de Mecejana, ás lagoas verdejantes dos taboleiros, não lhe foi tão fecunda em impressões alentadoras como em 1860. E' mesmo provavel que uma certa frieza dos comprovincianos lhe infundisse na alma motivos de mais pronunciada tristeza, tão verdadeiro é o ritão que diz — ninguem é propheta em sua terra. Lá o vi varias vezes, sempre com aquelle olhar scintillante de vidente, mas não lhe encontrei o enthusiasmo das cousas patrias. Como que presentia que algum objecto lhe escapava das mãos, e insistia em se lhe apegar. Em compensação teve o grande prazer de assistir á festa da inauguração da primeira estrada de ferro de sua provincia, e ainda este facto arrancou-lhe palavras arroubadas; mas a preoccupação de fazer notar o seu nome na nova onda civilizadora, que via alevantar-se, e de manter a escola que se julgava com direito de crear, e que tão tarde *Senio* lembrara-se de affirmar, trazia-o em constante sobresalto.

Em Arronches levou elle muitos dias percorrendo os arredores, conversando com os indigenas, a colher assumptos e tradições. Existia ahi um velho, que se dizia descendente do celebre Algodão (Amonai) dos tempos de Martim Soares Moreno; deste velho tomou muitos apontamentos curiosos, que fizeram vibrar o sentimento nas cartas que depois dirigiu a Joaquim Serra, sobre o nosso cancioneiro. Voltando, porém, a esta Capital, sem palpaveis melhoras, esfriou-se a *verve*, e o romance que então publicou, o SERTANEJO, revela uma dis-

tracção completa da fonte das inspirações, que lhe haviam dado a força de outras anteriores composições." (1)

Em 1876 procurou lenitivo aos males em uma viagem á Europa.

Indifferente e apathico, esteve em Lisbôa, Paris e Londres.

Na primeira cidade teve, como refere Araripe Junior, um encontro desagradavel com os seus desaffectos litterarios que se abstiveram de receber o autor do GUARANY.

Na capital do mundo foi mais solicitado pelo scenario e por tudo que conhecia atravez das leituras. Esteve com Dumas, Feuillet e Sardou, observou muito, mas conservou-se frio, sem o enthusiasmo esthetico dos intellectuaes, porque continuava a soffrer.

A' margem do Tamisa, no paiz que tanto influiu sobre a sua educação politica, teve impressão desoladora, tetrica. Sentiu tamanha angustia nos tramways subterraneos de Londres, que não seanimou a usar outra vez desse meio de transporte.

Nostalgico, volveu aos patrios lares, sem conseguir melhorar o seu estado de saude.

Ainda trabalhou no suave retiro da Tijuca e morreu ao lado da esposa e dos filhos queridos, apertando a sua extremecida companheira nos braços, os olhos debulhados em lagrimas.

Ao seu enterramento, compareceram alguns representantes da imprensa e os seus amigos dilectos: Joaquim Serra, Ferreira de Araujo, Francisco Octaviano, Taunay e alguns outros. O primeiro reuniu em um folhetim da *Gazeta de Noticias*, á guisa de polyanthéa, o que sobre o grande morto escreveram Francisco Octaviano, Pedro Luiz, Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Taunay, Cardozo de Menezes, Azevedo Peçanha, Bittencourt Sampaio, Gusmão Lobo, Ferreira de Araujo, André

(1) Araripe Junior — Obr. cit. pag. 167.

Rebouças, José do Patrocinio, Tito Franco, Dantas Junior, Cicero de Pontes, Luiz de Andrade, Souza Ferreira, E. Zaluar, Frederico Rego, França Junior, Affonso Celso Junior, J. J. Carmo, S. Saraiva, Gustavo Macedo, Carlos de Laet, Lindo d'Assumpção e Machado de Assis.

Eis o que escreveu José do Patrocinio :

«Foi uma contradicção : tinha as valentias de um genio e as fraquezas de um animo apprehensivo.»

Ferreira de Araujo :

«Deve considerar-se feliz aquelle que conseguir percorrer uma só das espheras da actividade intellectual com brilho approximado ao que revelou José de Alencar percorrendo-as todas.»

E Saldanha Marinho :

«Os Lamartines não foram talhados para a politica. Têm o seu mundo á parte. Na larga e brilhante esphera, a que foram destinados, assentam a sua gloria. A politica, que não os aprecia e que jamais foi comprehendida por elles, não lhes daria posição mais real, mais elevada e nobre do que aquella por elles conquistada nos labores litterarios, por um grandioso talento e profundo estudo. Homens dessa ordem, homens como José de Alencar, não morrem. A materia succumbe, mas o espirito mantem a sua posição, não fenece. O poeta é immortal. Nas lettras deixa seu nome esculpido em caracteres indeleveis, e as lettras lhe perpetuam a gloria. A patria orgulhosa bemdirá sempre o filho que tão luminosos traços deixou no caminho afanoso e sublime, que trilhou na vida.»

O politico, para vencer, deveria alliar á intransigencia de principios, á rija tempera do caracter, certa dose de insensibilidade do systema nervoso, para soffrer ataques e perfidias, sem desfallecimentos. Se Alencar fosse dotado de tal faculdade, teria sido um homem de estado excepcional, não se abateria o seu predominio no scenario politico.

XII

O Orador

Seus dotes oratorios — Os discursos parlamentares — Episodios nos debates.

Do politico ao orador a transição é facil, porque Alencar só foi orador parlamentar.

Mas, si difficuldades havia para traçar o perfil do homem de estado, para estudar a sua personalidade de politico, maior será para apreciar os dotes, as qualidades do orador.

Difficil se torna definir o homem que viveu no torvelinho de paixões e ideias, orientando a sua acção de accórdo com factos dependentes de actos, de procedimento e de attitudes de correligionarios e adversarios. O estudo isolado de uma figura representativa de certa epoca não exprime o conjuncto de sua actividade, o resultado de sua perseverança e de sua iniciativa, os intuitos de sua vontade e de sua coragem, a sua capacidade de attenção, de reflexão e de julgamento, o seu espirito de solidariedade.

E' como se pretendessemos formar o juizo de uma peça theatral pela parte referente a um dos personagens, extrahida para o estudo de um actor.

Procurámos, com honestidade e a sympathia que nos inspirou o vulto de Alencar, esboçar a sua figura na tela da critica, tomando como elementos basicos a sua producção jornalis-

tica, os seus discursos, os seus pamphletos e o relatorio que escreveu. Quando julgámos necessario, lemos as peças oratorias dos seus adversarios. Do juizo dos contemporaneos só nos servimos de Araripe Junior que não teve em mira tratar do politico; de Taunay que lhe traçou uma reminiscencia ligeira, talvez o mais completo trabalho sobre essa feição do espirito de Alencar; e de Pereira da Silva que, além de omisso, foi pouco fiel aos factos e pouco propenso a render a devida homenagem ao seu ex-collega da Camara dos Deputados.

Para expender o nosso juizo, tivemos documentos, bases indispensaveis para um estudo proprio; mas em se tratando do orador, só poderemos apreciar a fórma dos discursos, a elegancia do estylo, as normas do polemista, a feição geral das peças oratorias, o uso dos preceitos de rhetorica applicaveis á eloquencia e nada mais. Não poderemos formar uma apreciação justa do orador que allia ás qualidades mencionadas o timbre da voz, a dicção, a gesticulação, a inflexão da palavra e da phrase, o porte e a elegancia na tribuna, a expressão physionomica e um conjuncto de predicados só perceptiveis pela propria observação.

O orador é como o actor: só pode ser julgado devidamente pelos contemporaneos.

Na impossibilidade de formular a minha opinião completa, vou soccorrer-me de Taunay, Araripe Junior e do padre João Manoel.

Escreveu o primeiro, nas REMINISCENCIAS: Não foram, comtudo, auspiciosos e promettedores os seus começos na tribuna parlamentar, principalmente para quem a ella subiu com a reputação já feita de notavel publicista, e até jurisconsulto, realçada no sentir de alguns proceres politicos, ou amesquinhada, no conceito do maior numero delles, pelo renome de inspirado romancista e applaudido dramaturgo, triumpho que depois lhe atiraram em rosto, como adiante veremos.

Dado a habitos de concentração e fugindo ao que elle chamava de *populacidade*. (1) de estatura pouco elevada e sem caracterisca ou qualidade physica, que o impuzesse á attenção publica, com um todo, pelo contrario, repassado de timidez, que jamais poude totalmente perder, de compleição franzina, barbado demais para as feições miudas e delicadas, dispondo de orgão pouco extenso e sujeito a velar-se de repente pela fraqueza da larynge e debilidade dos pulmões, sem gesticulação larga, antes constrangida e inexpressiva, não parecia destinado a desempenhar papel subido e influente no mundo politico pela oratoria.

Não era desses que se deixam arrastar pelas emoções do momento e se sentem irresistivelmente impulsionados a externar o que lhes vae n'alma de prompto agitada, a fallar e a fazer, pela energia dos argumentos, prevalecer as suas opiniões e vontades, os seus impetos e intuitos.

Costumava orar com a cabeça um tanto pensa para a direita, os braços presos ao corpo, tendo entre as mãos um livro que abria e fechava, apoiando-o sobre a balaustrada da tribuna, mais como occupação indifferente, do que por cacoete inveterado. Não raro, punha, ora uma, ora outra das mãos no bolso das calças, como quem não soubesse que destino dar aos braços, quando elles, comtudo, tanto vigor e accentuação infundem á phrase e concorrem para mais fortemente empolgar o auditorio, em occasiões de maior impressionabilidade. Nem tinha rasgos, explosões e repentinidades, dessas que subitamente erguem o orador a grandes alturas, máo grado o diminuto, quasi ridiculo, porte que apresentem, o que aliás, não se dava com José de Alencar, mas acontecia com Thiers e, entre nós,

(1) Vide um dos discursos da «Reforma eleitoral», em que elle distinguiu «populacidade» de popularidade.

com Tavares Bastos, um dos mais laboriosos, videntes e ainda não bem apreciados vultos dos annaes parlamentares brasileiros.

Apezar, porém, de todas as condições negativas e superando os obices oriundos da propria natureza, com a habitual pertinacia e força de trabalho, que em tudo punha, além do nobilitante empenho de não se deixar sobrelevar por ninguem na conquista da notoriedade e da gloria — a mais poderosa alavanca do homem a bem do progresso e da perfectibilidade da humanidade — em pouco tempo se constituiu José de Alencar um dos oradores da camara, ouvidos com mais respeito e sofreguidão, desses, cuja presença nas discussões renhidas e sensacionaes enchia logo o recinto e as galerias de gente anciosa pela sua phrase elegante, ductil, castigada, tão feliz quanto imaginosa, a ferir, nas constantes indirectas, polidas de fórma, mas de pungente sarcasmo no fundo e na intenção, o alvo collimado, que, depois de certa data, se tornou quasi exclusivamente o imperador.

E para não se perder uma só das suas palavras, fazia-se silencio completo, que os apartistas, mais dados a essa especialidade nos debates, mal ousavam interromper, logo chamados á ordem pelas manifestações de desagrado geral.

Nem aos apartes respondia José de Alencar senão mui parcamente e quando partidos de quem lhe merecesse consideração, nem delles precisava, como se dá com oradores fogosos, que do seu auditorio exaltado e tumultuoso tiram, por vezes, os melhores recursos.

Da sua calma, muito mais apparente do que real, da impassibilidade de que buscava colorir os seus discursos, brotavam não poucas locuções ironicas, apologos e espinhosas referencias historicas, que prestes corriam as rodas politicas e entravam até no viver social de então, como phrases typicas a encerrarem um circulo de ideias que agradavam ao sentir commum,

quer pela originalidade, quer pelo chiste ou pela concisa applicação, justa ou não».

O seu discurso de estreia causou, como já dissemos, verdadeira decepção ao auditorio. Notava-se nelle, como refere F. Octaviano, monotonia de dicção e difficuldade de phrase.

Do mesmo modo se pronunciou Araripe:

«Regressando do Rio de Janeiro com o diploma de deputado, seus impetos politicos cedo encontraram um sedativo na deficiencia do orgão da palavra. (pag. 82)

«Sua natureza, refractaria aos segredos da côrte, o excluia de uma organização, que elle não comprehendia, e que tambem não podia comprehendel-o. Antes disto, porém, apezar da falta de orientação politica, José de Alencar, que por um esforço sem exemplo, conseguira romper os obstaculos que o afastavam da tribuna, teve dias no parlamento de verdadeiras glorias oratorias. Ha discursos seus, que revelam uma força de vontade admiravel; é quasi incrivel que aquelle homem houvesse, com o estudo de gabinete, chegado a adquirir qualidades, que só o exercicio e a luta concedem por ultimo aos esforçados como premio de incessantes sacrificios. Si a eloquencia está no nervo da phrase e no arrastamento do espirito, elle a teve: e os seus discursos foram nesse tempo talvez os mais solemnemente escutados. O improviso com que respondeu ás invectivas do deputado Silveira Martins, passou por um desses movimentos sublimes, que são o privilegio das almas a quem a natureza concedeu a *indignação* de que falla o poeta. Zacharias quiz esmagal-o do alto de sua reputação e de seu prestigio parlamentar, mas teve o desprazer de sentir que as suas armas, por mais aceradas que fossem, encontravam uma armadura rija, contra a qual tiveram de embotar-se. Pretendeu depois ridicularizal-o, e deparou a satyra prompta até o

sangue; e recuou como um Jupiter de opera comica com o raio de folha de Flandres amarrotado». (pag. 128).

Com effeito, não só os discursos citados, como outros de 1869; os do anno immediato, na peleja com Cotegipe; os que fazem parte integrante dos DISCURSOS DE 1871, quando se bateu com o gigante Visconde do Rio Branco, e os da REFORMA ELEITORAL são modelos no genero e synthetizam todos os predicados recommendaveis na eloquencia parlamentar: fórma correcta, estylo sempre novo, muita illustração, urbanidade proverbial, os condimentos da ironia e a opportunidade da satyra causticante: exordios attrahentes, erudição pouco vulgar, recursos notaveis de dialectica, logica nas discussões e perorações extremamente felizes.

Vejamos agora o testemunho do Padre João Manoel:

«José de Alencar, porém, foi propriamente um orador que se fez pelo esforço da vontade e pelo poder da intelligencia.

Na nova phase que se lhe offereceu, fazendo parte da Camara de 1869, os seus primeiros discursos foram evidentemente recitados, productos de um trabalho artisticamente preparado, como de quem tinha medo de naufragar na tribuna, onde se desfizeram mais de uma vez tantas reputações firmadas e tantos louros conquistados.

E' que a natureza fôra cruel e implacavel com aquella organização, dando um involucro tão pequeno a um espirito tão grande.

Dispondo de corpo fragil, de orgão de voz fraquissimo, José de Alencar só poderia impressionar pela palavra, empregando esforço supremo para se fazer ouvir.

Não obstante, porém, as desvantagens physicas com que luctava, a debilidade de sua voz, a pequenez do seu vulto, completa ausencia de predicados que recommendam o orador ás sympathias do auditorio, José de Alencar assenhoreando-se da

tribuna, desvendando os segredos da eloquencia, assumia proporções gigantescas, prendendo, dominando, e arrebatando os seus ouvintes pela expansão de suas energias patrioticas, pelas sonoras vibrações de seu verbo inspirado, pela incomparavel belleza de sua fórma artistica, pela grandeza de seus pensamentos, pelas scintillações de seu talento previlegiado.

Lembramo-nos ainda vivamente impressionado daquellas justas da intelligencia, em que se batiam José de Alencar e Silveira Martins, attrahindo á camara dos deputados homens illustres que iam admirar os dous gigantes da tribuna parlamentar, degladiando-se em uma arena vasta, em que os pygmeus não podem ajustar-se e contender.» (1)

Examinemos alguns episodios da arte oratoria, transcrevendo primeiro o trecho em que Alencar retorquiu ao remoque de Zacharias que recorreu ás armas do ridiculo para o confundir, chamando-lhe *fanadinho*.

«*José de Alencar* — Ora, Senhores, sei que alguns homens altos — aqui não ha certamente desses — costumavam curvar-se para poderem passar por certas portas; mas os homens baixos têm esta vantagem, nunca se curvam. Quando passam pelas portas baixas ou pelas altas como, esta do Senado, trazem a cabeça erguida.

Zacharias — Os caturras passam sempre por baixo.»

E em outro trecho:

«*José de Alencar* — O nobre senador mandou reformar um official da guarda nacional da Bahia, só porque tinha na perna ligeiro defeito (riso). Não queria S. Exa. senão officiaes que fossem, como elle, esbeltos, bem parecidos (risos).

Zacharias — Como está engraçado . . .

---

(1) Padre João Manoel — REMINISCENCIAS (Vultos e factos do Imperio e da Republica. - 1895.

José de Alencar — Desde que me chamou fanadinho, deu-me o direito de achal-o esbelto (apoiados) e elegante — e nisto não lhe faço favor, rendo-lhe justiça.»

E mais ainda:

«*J. de Alencar* — Fallou aqui o nobre senador ex-presidente do conselho, em certa dama que elle julga ser a mulher do ministerio da justiça, mulher, que, em sua opinião e segundo a autoridade para elle muito valiosa de um tal Vidocq, é a causa de todos os actos de reacção. Na verdade, quando no dia 17 de julho do anno passado, entrei no gabinete do ministro, lá encontrei essa dama e, por signal, estava vestida á moda, com uma grande cauda, uma immensa cauda de decretos de suspensão e reforma da guarda nacional (hilaridades). Tinha ares de dona de casa — era a menina dos olhos do gabinete de 3 de agosto; mas o seu predilecto, pela elegancia, o presidente do conselho (riso).

Aconselhei-lhe que se fizesse irmã de caridade e fosse ter com o provedor da Santa Casa de Misericordia (gargalhada geral).»

E assim em varios trechos desse memoravel discurso, bem como em outros que constam dos annaes do Senado e, certamente, do livro DISCURSOS PROFERIDOS NA CAMARA E NO SENADO EM 1869, trabalho que ainda não logramos encontrar, apezar de muitas pesquizas.

Não nos furtamos ao prazer de transcrever um episodio que não consta dos annaes, mas cuja authenticidade é garantida pelo Visconde de Taunay, autor das REMINISCENCIAS, de onde extrahimos a passagem:

«Citando José de Alencar, no correr do debate, o jornal londrino *Pall Mall Gazette*, pronunciára *pell mell*, ao que acudiu logo Zacharias com pedagogica dicacidade:

— O nobre ministro ignora que, em inglez, *a* antes de dous *ll*, tem o som do *o* ?

— Então V. Excia. quer que eu diga *Poll Moll* ?

— Boa duvida : mande buscar o diccionario de Walker para aprender um pouco.

Na casa não havia tal diccionario.

— Pois bem, declarou Alencar, amanhã trarei na minha pasta a autoridade invocada, e V. Ex. sentirá fundo vexame da cinca a que quer arrastar-me.

No dia seguinte, com effeito, apezar dos *já sei, já vi, não vale a pena, tem razão* de Zacharias, o outro leu com todo o vagar e accentuação o que ensinava Walker, isto é, sendo esta palavra corruptela de francez *pêle-mêle*, conservava a pronuncia de origem.

Zacharias não teve remedio senão abater bandeiras e reconhecer, lá comsigo mesmo pelo menos, que dessa feita levára formidavel quinão.

Só lhe restou uma sahida : retirar-se do recinto, o que fez, atirando todo colerico este aparte :

— Tambem o nobre ministro tem mestra de inglez em casa.

Alludia á Senhora de José de Alencar, distinctissima filha do illustre dr. Thomaz Cochrane, um dos primeiros propagandistas da homeopathia no Brasil». (1).

Si pretendessemos expôr os modelos de eloquencia parlamentar, trasladando para aqui os mais bellos trechos das peças oratorias do politico cearense, teriamos de encher laudas e laudas de papel, porque surgiria *l'embarras du choix*.

Muitos outros episodios interessantes poderiam ser citados, além dos que nos serviram na parte relativa ao politico e dos

(1) Visconde de Taunay — REMINISCENCIAS, pag. 169.

que foram acima transcriptos. Occorre-me, por exemplo, o incidente relativo ao ataque de José Feliciano de Castilho nas *Questões do dia.* Alencar verberou o procedimento do jornalista estrangeiro que, para ser agradavel ao governo ou talvez por iniciativa alheia, se entregava á odiosa tarefa de tecer insultos contra elle, abusando da hospitalidade generosa de um povo cortez e liberal. A accusação foi articulada na interpellação do deputado sobre a subvenção á imprensa. O presidente do conselho defendeu-se e procurou attenuar a indignação de Alencar contra os ataques do jornalista portuguez, ao que lhe retorquiu o dissidente :

«Aproveitou-se o nobre presidente do conselho da minha interpellação para pagar uma divida de gratidão a quem o defendeu em uma circumstancia difficil de sua vida. Acreditava que o nobre presidente do conselho tivesse comprehendido que eu não vim á tribuna occupar-me com qualquer individuo extranho a esta casa e a este paiz, nem tratar de responder á sua imprensa clandestina.

O que trouxe para a tribuna foram os actos do governo ; são esses que tenho o direito de discutir aqui ; direito de que não hei de prescindir, apezar dos ataques do gabinete ; foi sobre elles que formulei minha interpellação ao nobre ministro da fazenda.

Mercê de Deus não preciso da tribuna para combater os meus adversarios pessoaes ; nem consinto que S. Ex. procure rebaixar-me julgando que eu pudesse vêr nos escriptos a que me referi um adversario. Não, senhores, os meus adversarios não são de tal ordem (apoiados).

O nobre presidente do conselho que o tem posto a par de si, abrindo-lhe o thesouro que outr'ora se lhe fechou, o nobre presidente do conselho é que poderá consideral-o algum dia seu

adversario, quando elle prestar a outro e por igual razão, o mesmo serviço que lhe está agora prestando (apoiados).

Com aquella moderação que eu já classifiquei, protestou S. Excia. que não imitaria os meus habitos aggressivos. Em verdade, senhores, eu tenho o que S. Ex. chama habitos aggressivos, porque é meu costume combater os meus adversarios de frente ; sinto-me com coragem bastante para dizer a verdade em face.

Nunca recorri a pennas mercenarias para atirar a meus antagonistas o estigma que não tivesse a coragem de lançar em rosto ; nunca». (1)

Em outro trecho do mesmo discurso resalta esse attestado do seu valor moral :

«Fui ministro da justiça, estive dezoito mezes nos conselhos da corôa, e sem o menor resquicio de resentimento para com os meus adversarios, recordarei á Camara a opposição violenta de que fui objecto. Talvez, pelo menos nestes ultimos tempos, não haja exemplo de ministro mais aggredido, mais chocado em seu amor proprio, mais atacado em sua dignidade do que eu fui. Pois bem : eu tinha a verba secreta á minha disposição, verba de que não dispunham o nobre ministro da fazenda, nem o nobre ministro do imperio : verba de cujo emprego não devia contas senão á minha consciencia e a Deus. E comtudo jamais desviei um real desta verba para minha defesa pessoal , jamais desafrontei o meu amor proprio a custo do povo que paga os impostos.

O Snr. Murta — Isso honra muito a V. Ex. (apoiados).

O Snr. J. Alencar — E como pela continuidade do abuso temia não ser acreditado : mandei todos os documentos á mesa

(1) José de Alencar — Discursos pronunciados em 1871 — pag. 145.

e ahi estão no archivo da Camara. Eu os conservo tambem como um dos actos mais honrosos da minha obscura carreira politica. (Apoiados)

O snr. Andrade Figueira — E' um documento muito honroso que ha de servir de exemplo aos futuros ministros». (2)

E basta.

---

(2) José de Alencar — Discursos pronunciados em 1871, pag. 144.

XIII

O JURISCONSULTO

Uma these constitucional — Capacidade de argumentação — A propriedade — Esboços juridicos.

Apreciando o escriptor, em conjuncto, nas tres faces primordiaes de sua actividade — o litterato, o politico e jurisconsulto — devemos distinguir a sua orientação, o seu modo de sentir e julgar cada uma das propensões.

O homem de lettras foi espontaneo; nelle se revelou verdadeira vocação, desde a mais tenra idade. A despeito dessa circumstancia, não foi possivel vigorar o apego de profissional por dous motivos faceis de explicar: ser inadmissivel, na época, firmar semelhante projecto, por não constituirem as bellas lettras bases solidas, caracteristicos fundamentaes de uma profissão; a litteratura só podia consistir em mero *dilettantismo* ou entretenimento dos que manifestassem o natural pendor ou o talento especial para cultivar os generos varios: poesia, romance, theatro . . . Além disso, occorre tambem advertir a inexistencia de um curso destinado á cultura litteraria, despertando nos moços, na phase da educação, a preferencia pela carreira seductora e nobilitante de escriptor.

Em Alencar houve preponderancia do primeiro motivo, quando se dedicou ao curso juridico. Todavia, nunca desprezou a litteratura, desde as primeiras manifestações embryonarias ao decli-

nio da existencia, quando se viu torturado pelos desgostos e minado pela enfermidade.

Era a sua inclinação, sem que tivesse sido a sua profissão, embora nella brilhasse, com mais intenso fulgor, o seu talento robusto.

O politico fez-se de uma ancia de gloria, brotou de seu amor proprio e teve o incremento do patriotismo.

Transpondo o limiar, com o ingresso na imprensa, sentiu necessidade de se dedicar de corpo e alma aos destinos do Brasil, immerso no pélago da guerra e atravessando um periodo de crise.

Mostrou-se extranho ao meio, e nunca deixou de ser planta exotica na estufa do parlamento e do gabinete ministerial.

A sua verdadeira profissão, que almejou pelo preparo inicial do seu espirito, a que lhe garantiu os meios de subsistencia durante toda a vida, foi a do jurisconsulto.

Concluido o curso juridico, começou a trabalhar no escriptorio de um advogado de nomeada; mesmo na imprensa, dedicou-se a assumptos attinentes á vida forense: exerceu continuadamente a carreira preferida e, como escriptor, deixou eloquentes attestados de sua capacidade juridica.

Publicou diversos opusculos: *Uma these constitucional, Questão de habeas-corpus*, dividido em duas partes que constituiram folhetos distinctos e *O systema representativo.* Deixou varios trabalhos ineditos dos quaes se converteram em obras posthumas A PROPRIEDADE e ESBOÇOS JURIDICOS.

Na bibliographia indicamos como ineditos: *Introducção de um codigo civil, Esboço de um codigo civil, Processo no jury* e *Questões forenses.*

Mas objectamos, para prevenir uma contestação possivel, que em 1883 fez-se a publicação dos *Esboços juridicos* que encerram as seguintes partes: *O jury, Estudo sobre o processo*

criminal, O estado civil e *A codificação civil*. Ignoramos si, além desses escriptos, subsistem os que foram mencionados como ineditos.

Subordina-se a sua producção juridica a tres ramos distinctos do direito: o constitucional, o civil e o criminal.

Em *Uma these constitucional*, aborda o exame da these suggerida pelo projecto submettido pelo Visconde de S. Vicente ao Senado, sobre a faculdade de tomarem assento no conselho de estado a princeza imperial e o principe consorte. E', como se vê, um thema obsoleto que não mais interessa ás cogitações do direito publico.

A monographia de Alencar pode sómente despertar curiosidade á historia do nosso pacto fundamental, da nossa lei basica, impondo-se hoje como um exemplo de argumentação do illustre publicista.

A constituição do imperio prescrevia que o principe imperial, logo que attingisse á idade de 18 annos, faria parte do conselho de estado. O autor do projecto admittia que a palavra principe abrangia os descendentes do monarcha, sem distincção de sexo, e tornava a disposição legal extensiva ao principe consorte.

O notavel publicista recorreu primeiro á imprensa para refutar semelhante interpretação e combater a proposta de lei.

Desobrigamo-nos do dever de acompanhar a argumentação do autor da monographia e de apreciar a conclusão logica da sua discussão.

Passamos a examinar outro trabalho consentaneo ao espirito da época, podendo, apezar da divergencia dos regimens politicos, influir no caracter da legislação vigente. Referimo-nos ao opusculo *O systema representativo*, em que o estadista brasileiro explanou as suas ideias sobre o assumpto favorito que lhe preoccupou a attenção desde 1859, quando inseriu no *Jornal*

do Commercio alguns artigos, propugnando pela representação da minoria, até aos memoraveis discursos de 1874. sobre a reforma eleitoral. O autor sustentava a necessidade de ser o numero de votados inferior ao numero de eleitos e, mais tarde, em 1861, discutiu a ideia do titulo de qualificação. Foi nesse anno que veio a lume a obra notavel de Stuart Mill, onde o philosopho inglez desenvolveu a these da representação da minoria, com o ardor de suas convicções sobre o governo representativo.

Não bastam, a nosso vêr, a permanencia da qualificação perante auctoridades de caracter estavel e de accentuada responsabilidade, como os juizes, e a garantia de ingresso ou admissão do elemento opposicionista. Cumpre restringir o direito de voto aos que podem seleccionar, entre os candidatos, os bons e máos elementos, e saibam pesar o mandato legal que lhe confere o titulo de eleitor. O suffragio universal é bello, á primeira vista essencial no regimen da democracia, mas affecta o caracter utopista, porque redunda em um circulo vicioso. Os potentados, os detentores do poder e da machina eleitoral, bem como os argentarios e os individuos revestidos de real influencia, congregam os irresponsaveis, submettem os fracos e ignorantes. dominam a massa anonyma e mais facilmente conseguem o seu designio, pelo numero avultado de votos dos adhesistas occasionaes. Assim, pensamos que se deve limitar o numero de eleitores, estabelecendo-se exigencias na qualificação e fazendo depender a inscripção de requisitos severamente observados.

Tambem o voto secreto e obrigatorio se impõe, embora contrarie o nosso modo de pensar sobre a responsabilidade dos actos individuaes e sobre a liberdade de acção que nos assiste. Mas devemos tender a tornar independente e consciente o suffragio, livrando-o da influencia perniciosa dos cabos eleitoraes.

Infelizmente, a reforma eleitoral tem sido a cogitação inces-

sante dos publicistas honestos e dos legisladores bem intencionados, sem lograr a almejada solução. Muito se tem escripto sobre o modo de garantir os votos, tornando-os a expressão da vontade do eleitor. Muitas tentativas, sinceras umas e outras sibylinas, têm sido emprehendidas com o intuito de transformar em realidade a manifestação do suffragio popular. Surgem as tricas e subtilezas, apparecem os especialistas em conduzir eleições, occorrem as prevaricações e a subserviencia de auctoridades, juizes ou agentes administrativos, e o resultado é sempre o mesmo: — a victoria dos que fomentam o falseamento da vontade do povo, dos que compõem e lubrificam as peças do mecanismo eleitoral.

Alencar, coherente com os principios da bôa fé, tornou o assumpto como objecto de sua predilecção, reflectiu com calma, meditou sobre o magno problema em todas as suas modalidades e converteu as suas ideias em um livro sobre o systema representativo, acompanhado de um esboço de lei e conciliando o principio da representação com o modo da eleição. E embalado pela ingenuidade do sonho, escreveu no prefacio: «O voto é o elemento da soberania; a representação o meio de concentrar a vontade nacional para organização do poder publico. Os principios que regulam essa personalidade politica, são immutaveis como as da personalidade civil: pertencem aos conservadores como aos liberaes dos paizes representativos: não são propriedade de um partido com exclusão de outro, mas propriedade do povo que os conquistou pela civilização.

Em verdade, acceita a ideia da representação como a base do governo democratico, fôra extravagante, que se empenhasse algum partido em deturpar e corromper o principio cardeal do organismo politico, no designio de lhe diminuir a força. A verdade sobre o voto, desde que este é consagrado pelas instituições do paiz, deve ser a mira de todos os homens sinceros.

O que gradúa a democracia ao estado de instrucção e moralidade do povo, é a extensão do poder e sua divisão. Onde a delegação fôr ampla e por largo prazo, haverá menos democracia do que no paiz, onde a soberania constituinte apenas outorgue aos seus representantes attribuições restrictas e por breve termo.»

O plano da obra foi synthetizado no seguinte programma que define perfeitamente os intuitos do autor :

«I Delegação da soberania considerada em sua generalidade — *Representação.*

II Delegação da soberania em relação ao direito do cidadão : — *Voto.*

III Regra para tornar-se effectiva a delegação da soberania : — *Eleição.*»

Na antiguidade grega, as assembléas geraes eram constituidas por todos os cidadãos na vigencia do direito de suffragio. Era, portanto, o povo que legislava directamente.

Nos tempos hodiernos, o povo constitúe os seus mandatarios, elegendo por escrutinio os representantes a quem a nação delega poderes de soberania para exercer a direcção suprema do paiz.

Os governos classificam-se em democraticos, aristocraticos e despoticos.

No primeiro caso — o que mais nos interessa — a probidade, a honestidade, a virtude é condição essencial, segundo o conceito de Montesquieu.

E', portanto, do modo por que o povo exerce a soberania de voto que depende o bom governo.

Si não presidirem o escrupulo, o bom senso e a clarividencia precisas na organização do censo, na qualificação dos eleitores, ficará o Estado á mercê dos caprichos e da vontade dos que conduzem a maioria. E, si o conjuncto de homens irres-

ponsaveis que constitúem essa maioria, não tiver o discernimento preciso e a capacidade de eleger os seus representantes, permanecerá a minoria que excelle em qualidade e em competencia, sujeita aos azares e ao arbitrio dos carneiros de Panurgio.

E' indispensavel, por conseguinte, que, além de presidir o criterio na qualificação, reduzindo os inconvenientes ao minimo possivel, haja respeito e garantia de representação do partido adverso.

A não se proceder assim, advirá o culto da incompetencia, definido por Faguet, de que tivemos um exemplo flagrante, durante o quatriennio em que prevaleceu o arbitrio de um chefe unico, e quando se pronunciaram dous homens de cultura e responsabilidade, legisladores e jornalistas ambos, defendendo o lemma combatido pelo critico francez. Houve no Brasil o eclipse do senso commum, e reinou o culto da incompetencia com o immenso cortejo de males.

José de Alencar, com a sua auctoridade comprovada de constitucionalista, abordou o estudo do thema, dissertou proficientemente sobre o principio da representação, analysando o caso de falseamento tão commum, apreciando as democracias originaria e representativa e expoz varios systemas de eleição visando a genuina formação do poder legislativo, pelo methodo indirecto.

Examinou, em seguida, a natureza, o exercicio, a competencia e a emissão do voto, para apresentar as suas ideias fundamentaes sobre a organização eleitoral, condensando-as, no fim do volume, em um esboço de nova lei eleitoral.

Não se torna possivel, nos estreitos limites deste capitulo, desenvolver o modo de pensar do publicista e muito menos discutir o assumpto, de accôrdo com a sua importancia.

Recommendamos a obra de Alencar á leitura dos nossos le-

gisladores bem intencionados, como subsidio de um estudo completo sobre o thema de extraordinario alcance para o nosso destino de estado autonomo, subordinado ao regimen da democracia moderna e á formula de federação.

Impõe-se o estudo retrospectivo de todos os systemas eleitoraes que vigoraram no paiz, bem como das ideias discutidas pelos publicistas nacionaes e extrangeiros, com o designio de se conseguir a lei ideal, de effeitos salutares para o nosso progresso.

Da QUESTÃO DE HABEAS-CORPUS, trabalho dividido em duas partes, só appareceu em nossa bibliotheca a segunda, a que encerra a defesa oral, proferida pelo advogado, do seu constituinte dr. Thomaz Cochrane.

Não perdeu tempo o patrono da causa em discutir materia juridica, dispensavel ao Supremo Tribunal. Expoz o caso com simplicidade, invocou precedentes, demonstrou que o seu constituinte soffria constrangimento illegal, appellou para o texto da lei e chegou naturalmente ás conclusões estabelecidas pelas premissas. O resultado, já se deixa vêr, pendeu em favor do réu.

O folheto anterior, segundo se deprehende do aviso ao leitor, contém a petição inicial e os artigos em que o distincto advogado discorreu sobre a prescripção.

O relatorio do ministro da justiça, tambem é um eloquente attestado da competencia do jurisconsulto. Encontram-se ahi ideias felizes sobre o regimen das prisões e a organização judiciaria.

Mas a sua obra de folego, a que exprime com mais eloquencia a sua erudição, a que apresenta caracter uno, exgottando a competencia em determinado assumpto, é sem duvida A PROPRIEDADE, onde elle trata do direito dos bens, comprehendendo a posse, os privilegios e as obrigações.

Passa em revista a concepção de propriedade e a instituição de familia, desde o patriarchado ao dominio dos patricios, partindo do regimen feudal para chegar ás consequencias da revolução franceza e deter-se no seculo XIX, onde com o escalpello da critica disseca as entranhas da legislação civil. E, atravez de varios systemas philosophicos, vae interpretando as noções fundamentaes do direito das cousas e analysando o espirito das leis que asseguram aos homens, privilegios e regalias decorrentes da evolução natural dos factos e phenomenos sociaes. Perpassam desse modo na objectiva do poderoso instrumento de observação da critica sociologica, as theses que constituem os capitulos do livro : — A formação da propriedade, o direito real, o dominio, a hypotheca, a servidão, a acquisição, a posse, o privilegio, as obrigações e os contractos.

A PROPRIEDADE é uma obra de philosophia de direito.

Outra monographia exhaustiva, á semelhança das que consagrou ao systema representativo e á propriedade, é *O jury*, que constitúe a primeira parte dos *Esboços juridicos*. O eminente jurista analysou a deficiencia da nossa legislação sobre o poder judiciario, examinou o codigo do processo criminal, em antagonismo com a constituição, e considerou o jury como elemento integrante do poder judicial.

Fez, para isso, o estudo da natureza dessa instituição ingleza, demonstrou os erros constantes da pratica no Brasil, apreciou o jurado em face da legislação vigente e chegou ao processo para o qual propoz uma reforma consubstanciada em um projecto de lei.

A segunda parte do livro é uma das muitas contribuições offerecidas ao preparo do codigo civil, só convertido em realidade depois de cinco lustros de republica.

Estabeleceu uma serie de aphorismos, e dissertou em seguida sobre a codificação civil.

* * *

Ahi está, succintamente esboçada, a funcção do espirito luminoso de Alencar no dominio da jurisprudencia.

XIV

SEU ESTYLO

TENTATIVAS DE REFORMA DA LINGUA — PREDICADOS DO ESTYLO — PODER DE IMAGINAÇÃO — FLUENCIA — ESTYLO DESCRIPTIVO — ANALYSE PSYCHOLOGICA.

Insurgiu-se Pinheiro Chagas, e com elle muitos escriptores lusitanos, contra a tendencia que manifestava Alencar de differenciar a lingua escripta e fallada no Brasil, dos moldes classicos ou das maneiras em vigor nas plagas de além mar.

A despeito da sympathia que votava o autor dos NOVOS ENSAIOS DE CRITICA pelo que concerne á litteratura brasileira, revoltava-se contra a incorrecção de linguagem entre os nossos escriptores e «a mania de tornar o *brasileiro* uma lingua differente do velho portuguez, por meio de neologismos arrojados e injustificaveis, e de insubordinações grammaticaes». E, no emtanto, reconhecia que a transformação da lingua é um phenomeno independente da vontade humana, e está sujeita a leis fixas e immutaveis ; admittia, outrosim, que os escriptores enriquecem um idioma e só o povo o transforma. Em abono de suas ideias citava Max Müller, o autor da SCIENCIA DA LINGUAGEM, esquecendo-se de que o philologo britannico admittia o desenvolvimento da linguagem sob o influxo de duas operações distinctas, mas de acção simultanea : — *a alteração phonetica e o renovamento dialectal.*

Concordamos que um escriptor, embora de notoria nomeada e popularidade reconhecida, não pode imprimir a reforma de um idioma, nem mesmo acoroçoar o divorcio da lingua entre dous povos da mesma origem — caso dos portuguezes e brasileiros, dos hespanhóes e hispano-americanos, dos inglezes e *yankees*. Pode, é verdade, ser o introductor de neologismos e o agente na producção de novas fórmas grammaticaes, como attestam numerosos exemplos em linguas diversas.

Mas Alencar nunca pretendeu reformar o nosso idioma, afastando-se intencionalmente das normas portuguezas ; o que elle fez no Brasil, fizeram os lusitanos em relação aos antepassados, pois a lingua fallada e escripta em Lisbôa, Porto e Coimbra, durante o seculo XIX, não era exactamente a mesma dos seculos anteriores. Operou-se a acção do progresso, subordinou-se o bello idioma de Camões ás leis da evolução, o qual não podia permanecer immutavel.

Ninguem pode contestar que a mesma transformação se tem observado, a partir do advento do romantismo, entre as litteraturas do Brasil e Portugal ; e, desde as mais remotas eras, entre a lingua fallada aquem e além mar.

Não era possivel, portanto, que o autor do GUARANY, para satisfazer ás exigencias dos irmãos Castilho, de Pinheiro Chagas e outros escriptores lusitanos, ficasse adstricto aos seus moldes de linguagem, de estylo e de generos litterarios.

Disse elle :

«Tinha bem que vêr, se eu désse ao carioca, esse pariense americano, esse atheniense dos tropicos, uma parodia insulsa dos costumes portuguezes, que entre nós saturam-se dia em dia do genio francez. *A aurea scintilla* da raça latina, que a familia gauleza herdou da romana, tem de a transmittir a nós, familia brasileira, futuro chefe dessa raça.

A manga, da primeira vez que a prova, acha-lhe o ex-

trangeiro gosto de therebentina; depois de habituado, regala-se com o sabor delicioso. Assim acontece com os poucos livros realmente brasileiros: o paladar portuguez sente nelles um travo; mas se aqui vivem comnosco, sob o mesmo clima, attrahidos pelos costumes da familia e da patria irmãs, logo resoam docemente aos ouvidos lusos os nossos idiotismos brasileiros, que d'antes lhes destoavam a ponto de os ter em conta de senões.

E como não ha de ser assim, quando a esposa que lhes balbucia as ternas confidencias do amor feliz, e depois os lindos filhinhos que enchem a casa de rumor e alegria, lhes ensinam todos os dias em suas caricias essa linguagem, que, se não é classica, tersa e castiça, é a linguagem do coração, da felicidade, da terra irmã e hospedeira.» (1)

A differenciação do idioma vernaculo, afastando-se da fonte, é um phenomeno inevitavel, fatal; não devem os escriptores permanecer insulados, encerrados em uma torre de marfim, extranhos aos seus patricios, com o fim de manterem inalteravel e sagrada, com a pureza de vestal, a lingua do povo irmão.

«Sobretudo comprehendam os criticos a missão dos poetas, escriptores e artistas, nesse periodo especial e ambiguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operarios incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vae esboçando no viver do povo. Palavra que inventa a multidão, innovação que adopta o uso, caprichos que surgem no espirito do idiota inspirado: tudo isto lança o poeta no seu cadinho, para escoimal-o das fezes, que por ventura lhe ficaram no chão onde esteve, e apurar o ouro fino.

E de quanta valia não é o modesto serviço de desbastar

(1) Benção paterna, prologo dos Sonhos d'ouro, pag. XIX.

o idioma novo das impurezas que lhe ficaram na refusão do idioma velho com outras linguas? Elle prepara a materia, bronze ou marmore, para os grandes esculptores da palavra que erigem os monumentos litterarios da patria.» (1)

Estão a sua profissão de fé e, ao mesmo tempo, a sua defesa contidas no *poscripto* de DIVA (4.a edição). Não nos seria permittido transcrever essas nove paginas, impregnadas de bom senso e verdades, que deixam o autor a coberto de censuras dos que nutrem a bôa fé e se habituam a dar fidalgo agasalho aos argumentos dos adversarios. A guarida que dispensámos ás razões expostas pelo censurado escriptor, revestiu-se do caracter de abrigo hospitaleiro; dê-lhes outrem tão bom acolhimento ou, pelo menos, ponham-n'as ao amparo da intolerancia e da impertinencia.

Convidamos o leitor a lêr, na integra, a defesa do escriptor calumniado, bem como o appendice feito á segunda edição de IRACEMA, em replica aos reparos de Pinheiro Chagas e A. Henrique Leal.

Nem pretendemos mesmo esboçar a synthese da contradicta do romancista cearense ás accusações que soffreu; preferimos resumir o nosso modo de pensar no que affecta o assumpto da evolução dos idiomas.

A tres orientações distinctas se pode subordinar um escriptor moderno: ou pautar-se pelos moldes classicos, fiel aos processos syntacticos, imitando a construcção da phrase e apenas conformando á graphia em uso; ou manter illeso o genio da lingua, mas adaptar-se á maneira fluente da linguagem fallada, conciliando a feição popular com o espirito erudito; ou, finalmente, desapegar-se por completo do criterio tradicional e

(1) Benção paterna, prologo dos SONHOS D'OURO, pag. XVII.

exprimir o caracter da época, identificando-se em absoluto com a tendencia popular.

O creador de IRACEMA não pode almejar certamente a primeira classificação, a não ser em casos especiaes, como por exemplo parte das MINAS DE PRATA ou trechos do GARATUJA que revelam o sabor classico. Tambem não é licito dispol-o na ultima categoria, porquanto o seu estylo, longe de relaxado, é elegante, terso algumas vezes, sempre gracioso pelas imagens, vigor das tintas e feliz arranjo dos vocabulos. Se não aspirava a fama de purista ou classico, não era, outrosim, desapegado da tradição e divorciado dos escriptores consagradas em Portugal, como Garrett e Alexandre Herculano, além de outros.

Deve-se, portanto, incluil-o no caso intermediario.

Tinha exquisitices que provocaram a campanha dos defensores acerrimos dos manes sagrados dos classicos. Em materia de collocação de pronomes pessoaes, por exemplo, fez desencadear a celeuma que se tornou proverbial, e deu ensejo a que os grammaticos formulassem regras explicitas e rigorosas para certos casos, deixando á euphonia o criterio a seguir algumas vezes.

Entendia que os pronomes pessoaes complementos devem ser collocados, segundo «a clareza, a elegancia, a euphonia e fidelidade na reproducção do pensamento»; e invocava o espirito da lingua latina para admittir as variações pronominaes proclíticas ou encliticas *ad libitum* do autor.

Não o acompanhamos em semelhante norma de proceder; casos ha em que a anteposição é obrigatoria, como em outros se impõe a posposição, havendo ainda o criterio da euphonia e elegancia para alguns.

Mas não era Alencar o unico a merecer censura por esses peccados veniaes; muitos escriptores brasileiros denotam o mesmo espirito de insubordinação, e é innegavel que na lin-

guagem fallada, entre nós, as regras consagradas pelos grammaticos são frequentemente infringidas.

Implicancia analoga tinha elle com o emprego do accento agudo para exprimir crase ou contracção da preposição *a* com o artigo definido feminino. Elle entendia que a preposição deve ser uniformemente accentuada, como um caracter distinctivo de outras formas grammaticaes homonymas. Exceptuava apenas o caso de vir a preposição ligada a vogal differente, formando a synerese.

Justificou o seu modo de graphar a preposição *a*, com a ambiguidade resultante de se dispensar o accento. Appellou para a indole de nossa lingua e invocou o methodo comparativo, citando o accento grave em francez sobre a mesma particula, o mesmo signal nos autores classicos italianos e o emprego do accento agudo no idioma hespanhol.

Não commungamos com esse modo de vêr, por varios motivos que nos dispensamos de enumerar.

No exemplo por elle indicado, para salientar a hypothese da ambiguidade, houve a infelicidade de se tratar de uma crase, exigindo, portanto, o accento, em vez de uma preposição simples.

A obediencia a regras fixas e geralmente seguidas, é indispensavel para conservar o espirito da lingua, como se observa em todos os idiomas.

Porque os inglezes só collocam o adjectivo qualificativo antes dos substantivos ? E si persistirmos na lembrança de formular perguntas do mesmo genero, encheremos laudas e laudas de papel.

Que Alencar commettia incorrecções grammaticaes, não se pode contestar ; mas devemos convir que ha muitos erros typographicos que passam por senões ou *cochilos* do escriptor

brasileiro. E' sabido que a revisão dos livros de Alencar era detestavel, como o filho teve ensejo de provar.

Taes reparos são nugas dos que pretendem descobrir jaças em todos os brilhantes, por mais intenso brilho que apresentem.

Esposava o illustre romancista a opinião do philologo Webster: «Logo depois que duas raças de homens, de estirpe commum, separam-se e se collocam em regiões distantes, a lingua de cada uma começa a divergir por varios modos.» E sobre as suas originalidades grammaticaes assim se exprime:

«Minhas opiniões em materia de grammatica têm-me valido a reputação de innovador, quando não é a pecha de escriptor incorrecto e descuidado.

Entretanto poucos darão mais, senão tanta importancia á forma do que eu; pois entendo que o estylo é tambem uma arte plastica, por ventura muito superior a qualquer das outras destinadas á revelação do bello. Como se explica portanto essa contradicção?

Pretendo tratar largamente desse assumpto em uma pequena obra que tenho entre mãos, e na qual me propuz a fazer um estudo sobre a indole da lingua portugueza, seu desenvolvimento e futuro; considerando especialmente a tão cançada questão do estylo classico.» (1)

Deixou ineditos RASCUNHOS DA GRAMMATICA PORTUGUEZA, A LINGUA PORTUGUEZA NO BRASIL e METRIFICAÇÃO DO VERSO PORTUGUEZ. A revista *America Latina* promette-nos publicar as QUESTÕES DE PHILOLOGIA, do autor. (2)

Quanto aos predicados do estylo, elle os tinha em demasia. Propriedade e senso de adaptação foram as qualidades essen-

(1) IRACEMA, post-escripto á 2.a edição, pag. 249.

(2) Reproduziu, com effeito, grande parte desse trabalho.

ciaes do estylista que não exaggerava os tons e procurava as tintas adequadas ao quadro a descrever.

O escriptor brasileiro lia os antepassados e sabia apropriar-se dos respectivos processos de descripção ou pintura das paizagens, sem que ficasse encerrado no ambito estreito da imitação. Lia Chateaubriand ou qualquer mestre de estylo descriptivo; assimilava os processos e apreciava os effeitos; estudava os meios e deslumbrava-se perante os quadros da natureza, reproduzidos em linguagem escripta. Quando manejava a penna, assimilava uma feição propria e conseguia os resultados compativeis com a sua imaginação. Não imprimia o cunho de imitação nas suas paizagens, porque não se subordinava á arte de escrever, mas á arte de pensar.

> «Le goût, disse J. J. Rousseau, se perfectionne par les mêmes moyens que la sagesse . . . On s'exerce à voir comme à sentir, ou plutôt une vie exquise n'est qu'un sentiment délicat et fin . . . Combien des choses qu'on n'aperçoit que par sentiment et dont il est difficile de rendre raison!... Le goût est en quelque manière le microscope du jugement: c'est lui qui met les petits objets à sa portée, et ses opérations commencent où s'arretent celles du dernier. Que faut-il donc pour le cultiver? S'exercer à voir, ainsi qu'à sentir». (1)

Esse exercicio, ou essa aprendizagem, só se consegue pela leitura bem orientada, sob o influxo de um eclectismo intelligente, porque só da variedade se consegue a independencia de expressão.

A leitura apressada, sem a requerida meditação, e o exclusivismo de leitura, preferindo um autor sobre todos, não permittem a emancipação do espirito.

---

(1) Rousseau — NOUVELLE HÉLOISE. 1 ère partie, lettre XII.

E, certamente guiado por esse criterio, Goethe insistia, nos ultimos annos de sua existencia, sobre a necessidade de se aprender a leitura, a mais difficil das artes, dizendo: — « A ella consagrei oitenta annos de exercicio e não posso affirmar que me tivesse satisfeito».

Mas não basta a originalidade de forma, cumpre adquirir *a individualidade de emoção.*

Consoante o juizo do grande Laplace, o sabio que desvendou as leis do movimento dos astros, « les découvertes consistent dans les approchements d'idées, susceptibles de se joindre et qui étaient isolées jusqu'alors.»

Mas accrescenta o commentador da maxima do celebre astronomo: «Ce tour de main original donné au kaléidoscope engage, plus encore que les idées, les images sous leur forme immédiate ou dans leurs représentants vivaces ou degradés qui sont les vocables d'une langue. Ceux-ci ne tardent pas à venir préciser dans un certain sens, pour les hommes organisés littérairement, cette conception qui ne semble pas d'une nature essentiellement différente, dans son principe, pour les divers ordres d'activité cérébrale.» (1)

Assim succedeu a José de Alencar, quando conseguiu a propriedade do seu estylo e sentiu necessidade de enriquecer o vocabularío da nossa lingua.

Consubstanciam-se outros predicados, na clareza e na ordem. Poeta da alma feminina e dos quadros da natureza, a sua arte devia ser simples e transparente.

Ha quem confunda o simples com o banal, a clareza com a vulgaridade, e julgam, esses transviados dos verdadeiros principios de harmonia e preceitos fundamentaes da logica, que a complicação é um attestado de superioridade de espirito; a

(1 F. Baldensperger — La Littérature.

nebulosidade de fórma ou de pensamento é indispensavel para exprimir elevação de ideias; a carencia de methodo ou a desordem de expressão revelam indicios de genio. E' a persuasão dos fautores da arte nova, que complicam os processos litterarios, torturando a fórma e velando as ideias, na ansia de originalidade, com os symbolistas e decadentes, em poesia: os impressionistas e cubistas, em pintura; e os intensos ás melodias na musica.

O autor de IRACEMA primou pela clareza do estylo e ordem na exposição. A sua phrase exprime elegancia na simplicidade, as suas descripções obedecem sempre á ordem requerida em qualquer arte, e os seus pensamentos são concisos e nitidos. Elle possuia o dom de traduzir fielmente a actividade do espirito, mantendo a justa proporção entre a fórma e o pensamento. Compunha, como se pode denominar, a orchestração de uma phrase.

Não fosse o inconveniente de prolongar em demasia este capitulo, não nos dispensariamos de exemplificar as nossas proposições, transcrevendo trechos do romancista e commentando varias passagens e padrões differentes do seu estylo malleavel.

Spencer escreveu um artigo sobre a philosophia do estylo e comparou a linguagem — conjunto de signaes para transmittir o pensamento — com uma combinação mecanica, cujo resultado será tanto mais apreciavel, quanto mais simples fôrem os respectivos orgãos e melhor estiverem elles ligados entre si. Dessa comparação deduziu uma sentença: — Em ambos os casos, qualquer parcella de força absorvida pela machina, sel-o-ha a expensas do effeito util.

Essa maxima é engenhosamente demonstrada, admittindo a attitude de um leitor ou ouvinte que esteja na situação de despender certa dose de energia mental, decomposta em varias phases do trabalho intellectual: periodo de reconhecimento e

interpretação dos signaes que constituem a linguagem, de construcção e combinação das imagens que lhe suggerem e, finalmente, o periodo destinado a interpretar o pensamento do escriptor ou do orador.

Quanto maior fôr a attenção despendida para comprehender cada phrase, menor lapso de tempo restará para apprehender a ideia que ella encerra; e, conclue o philosopho, com um novo espirito paradoxal: — Deve-se encarar a linguagem, simultaneamente, como um obstaculo e um instrumento indispensavel para o pensamento. — (1)

A linguagem simples implica na facil percepção e, quanto melhor fôr comprehendido o assumpto, maior será a emoção resultante — accrescentamos nós, induzidos por semelhante raciocinio.

O poder de imaginação de José de Alencar era extraordinario, como já temos repetido. Verdadeira alma de poeta em que os sentimentos sobrepujavam a razão.

As suas concepções revestiam-se de aspectos delicados, inclinando-se a themas de ternura, de lyrismo, de gracilidade e de belleza. A mulher attrahia a sua capacidade imaginativa e, perante a natureza, extasiava-se com o bello em todas as modalidades.

Para os surtos do espirito buscava a solidão. Ora, no Passeio Publico, sentado em um banco, a divagar em completo recolhimento, contemplando o céo e as arvores, ouvindo o chilrear dos passaros; ora, em passeios solitarios, meditando sobre as suas composições litterarias. Quando soffreu a desillusão na carreira politica, regressou ao seu doce retiro da Tijuca, «escabello entre o pantano e a nuvem, entre a terra e o céo»,

(1) Spencer — Essais sur le progrès.

voltou ao convivio de ideias e inspirações poeticas e escreveu SONHOS D'OURO, entre outros romances.

Nelle a genese litteraria se operava em quietitude, o momento de inspiração lhe acudia em sitios ermos e aprazíveis, em perfeita calma de espirito.

Racine, quando demandava o jardim das Tulherias, para compôr as suas tragedias, soffria allucinações, a ponto de attrahir a attenção de operarios que o cercaram uma vez, temendo que fosse um homem desesperado, disposto a se atirar no lago.

Outros, como Théophile Gautier e Gœthe, se entregavam ao sonho de artistas em situações originaes : ou agitado pelos repelões de um omnibus, como o primeiro, ou durante os curtos momentos de parada da diligencia, quando trocavam os animaes de tracção, como o segundo.

A musica exercia acção efficaz em muitos escriptores, como Schiller, Alfieri, Mauclair, Gœthe, Dumas Filho e Bourdaloue.

Alguns exigiam a intervenção de excitantes cerebraes, como o alcool para Hoffmann, o opio para De Quincey, tabaco e café para o nosso Raymundo Corrêa.

Para Nietzsche e Walter Scott bastava uma folha de papel em branco para se elaborar a inspiração.

Inutil se torna multiplicar exemplos de habitos exquisitos, de cacoethes e recursos extravagantes que excitavam o trabalho intellectual de muitos escriptores.

As imagens de suas concepções revestiam-se sempre de singeleza e ternura ; os parallelos acudiam-lhe á penna travessa, em felizes amplificações. Pullulam exemplos dessa natureza, em IRACEMA, O GUARANY, UBIRAJARA e em todos os romances.

A fluencia do seu estylo descriptivo tornou-se proverbial, assimilando os processos usados pelos romanticos.

Tinha a propriedade da côr e sabia tirar effeitos da lei dos contrastes. As imagens nas suas descripções, resaltam em relevo. sem as cruezas do realismo, porque o artista sempre as abrigou com o manto da phantasia.

Trechos e trechos de sua prosa alada podiam ser alinhados com o intuito de patentear as qualidades e a fluencia do seu estylo pinturesco. Os seus periodos não perdem a sobriedade e a sonoridade requeridas pela delicadeza das suas imagens subtis. Nelle a simplicidade ganhava polimento, a modestia tinha lampejos de fulgor.

As analyses psychologicas, já o dissémos, falseavam ; offuscavam-se no brilho de sua imaginação.

Raramente apresentava os personagens com a justa proporção do mundo real. O seu temperamento lyrico deturpava o debuxo das figuras, exaltando-lhes qualidades e feições.

As paixões dos heróes e heroinas de seus romances, eram amplificadas ao sabor de sua esthesia. As vibrações da alma dos personagens eram reguladas á discrição do seu temperamento de artista, desde o isochronismo monotono ás crispações nervosas de extrema variabilidade.

Possuia o dom de representar o physico, segundo as pompas do estylo descriptivo ; mas exaggerava os contornos dos esboços psychologicos, intervindo sempre com a sua imaginação de artista, com a sua alma de poeta.

XV

SUA INFLUENCIA NA LITTERATURA BRASILEIRA

Os seus contemporaneos e successores

Enumerámos, quando tratámos do romancista e do escriptor theatral, os predecessores e contemporaneos de José de Alencar.

Devemos agora nos cingir a estudar a preponderancia por elle exercida na litteratura brasileira, quer nos escriptores do seu tempo, quer nos successores.

Os factores de influencia, pondo de parte o *indianismo* e o nacionalismo, que serão analysados em capitulos distinctos, foram a fórma, o estylo descriptivo, a psychologia feminina e os themas regionaes, constituindo o romance da vida campesina.

O apuro da fórma na prosa é incontestavelmente obra de Alencar. Antes delle, só a poesia ostentava os fulgores da linguagem escripta. Os seus predecessores, no romance, eram descuidados no estylo e só curavam das situações do entrecho, compondo entretenimentos para os leitores, inteiramente absorvidos pela parte anecdotica.

Caracterizaram-se, por esse feitio, Teixeira e Souza, Pereira da Silva, Joaquim Norberto de Souza, Moreira de Azevedo e Joaquim Manoel de Macedo.

A Alencar coube o papel saliente de conciliar o seu lyris-

mo delicado com as pompas do estylo, servindo de incentivo aos *novos* de sua geração, despertando enthusiasmo nos leitores ávidos de sensações ineffaveis, ainda não experimentadas, burilando as novellas como obras de arte.

O autor das MINAS DE PRATA escreveu os seus romances de 1856 a 1876, num periodo de 20 annos ; e desde os primeiros, como GUARANY, revelou essa qualidade de brilho na fórma.

Immediata tornou-se a acção por elle exercida nos contemporaneos : Franklin Tavora (1862-1880), Bernardo Guimarães (1865-1883), Machado de Assis (1872 em deante), Escragnolle Taunay (desde 1872), Araripe Junior (a partir de 1874) Salvador de Mendonça (1875), José do Patrocinio (desde 1877), Joaquim Serra, Luiz Guimarães Junior e alguns outros.

Foi decisivo o influxo, por elle exercido, de se aprimorar a fórma na prosa, nos escriptores citados e nos que lhes succederam.

As bellezas do seu estylo pinturesco tiveram repercussão em todos. O culto pantheista e a exaltação pelo meio physico vieram predominar até em Euclydes da Cunha e Coelho Netto.

Esse magico poder verbal, mixto de poesia suave e de colorido energico, ganha realce, adquire relevo, sempre que se refere a um trecho da natureza : um pedaço de céo ou as selvas espessas, o rio a precipitar-se em furia ou a polychromia de uma aurora, a campina verdejante ou o jardim florido, tudo revigora nas paginas dos seus livros.

Nenhum dos escriptores do seu tempo lhe excedeu no brilho e eloquencia da descripção ; apenas Machado de Assis sobrepujou-o no manejo da lingua, na correcção da phrase, sem lhe disputar o dom do pittoresco, a exuberancia dos scenarios, a faculdade de pintar paizagens.

Franklin Tavora, cuja emoção esthetica teve contactos com a do mestre, despiu-se de tanto idealismo, encarou o mundo com mais realidade e coloriu os quadros com maior sobriedade

de tintas. As suas descripções não têm o mesmo fulgor, porque o meio cedeu espaço aos personagens ; os scenarios, á maneira da pintura antiga, são secundarios e as figuras assumem maiores proporções.

A imaginação irrequieta foi dominada pela observação e por isso os seus romances são de costumes, sem o caracter de novellas lyricas.

Bernardo Guimarães foi o primeiro a imprimir a directriz do realismo tradicionalista, mas não se emancipou tanto do estylo descriptivo. Sempre se distinguiu como paizagista, embora não attingisse á mesma perfeição do mestre. A sua fórma tambem era menos correcta do que a de Alencar e Tavora.

O ERMITÃO DE MUQUEM é de 1885, ao passo que CASA DE PALHA, primeiro romance de costumes de Franklin Tavora, appareceu em 1866, em folhetins do *Jornal de Recife*. E' verdade que o trabalho de estreia do escriptor cearense — OS INDIOS DE JAGUARIBE — é de 1862 ; mas devemos objectar que esse romance subordina-se á escola indianista.

Em Machado de Assis estancou o estylo pittoresco, para ceder logar ao humorismo e á capacidade psychologica. Foi o que melhor soube manejar o idioma portuguez e assimilou os processos dos classicos, rendendo culto ao genio da lingua, mas assumindo uma feição propria, distincta de todos. É um caso singular.

Taunay foi mais discreto nas descripções do que Bernardo Guimarães e Tavora, mas cultivou a arte de paizagista, principalmente em INNOCENCIA e na RETIRADA DA LAGUNA. É mais calmo do que os antecessores, como elles herdou predicados de Alencar — o espirito nacionalista entre varios — mas não é vibrante nem incendido. Ganhou a justa medida e harmonia nas proporções, qualidades peculiares aos francezes, e tornou-se

mais commedido, mais reflectido, tanto na tendencia sertanista, quanto na parte descriptiva e psychologica.

Araripe Junior cultivou a chronica e a novella de costumes. Era talvez o mais propenso ao tradicionalismo, só tendo como emulo o seu conterraneo, autor do MATUTO. Não dispunha, porém, do vigor no estylo, e cedo interrompeu o genero do romance.

De Salvador de Mendonça herdámos apenas a MARÁBA, romance da vida campesina, subordinado aos moldes do mestre.

José do Patrocinio atirou-se ao romance de these em MOTTA COQUEIRO, mas tambem escreveu OS RETIRANTES, obra filiada ao genero explorado pelos antecessores, e PEDRO HESPANHOL.

O seu estylo só attingiu á perfeição na phase do jornalista, pois cedo abandonou a ficção.

Joaquim Serra deixou a A CASCA DA CANELLEIRA que, como o LYRIO BRANCO, de Luiz Guimarães Junior, desconhecemos.

Em conclusão, o genero descriptivo da natureza se manteve em primeiro plano, com José de Alencar, mas o estylo em geral e a correcção de linguagem, fixando a indole do idioma portuguez, teve em Machado de Assis um dos mais perfeitos cultores, aqui e em Portugal.

E si considerarmos a parte psychologica, o estudo da alma humana, ninguem pode disputar a palma ao autor de QUINCAS BORBA. Desde os primeiros ensaios como RESSURREIÇÃO, A MÃO E A LUVA, HELENA, quando era ainda classificado como romantico, salientou-se dos contemporaneos e impoz-se como personalidade caracteristica. Si quizermos affirmar que seguiu os exemplos de Macedo e Alencar, no estudo de caracteres burguezes, explorando o romance da vida de cidade, seremos immediatamente obrigados a accrescentar que não mereceu o epitheto de discipulo, pois não filiou o seu processo ao de nenhmu

mestre; limitou-se a participar da influencia do meio e a seguir a rota trilhada por antecessores.

Tornou-se o mais significativo escriptor brasileiro e merece ser estudado á parte, em seu pessimismo exquisito, em seu humorismo transcendente, com o seu poder de synthese psychologica.

Dos que cultivaram o romance da vida urbana, distinguem-se ainda, ao lado de Alencar, Macedo e Taunay. O primeiro, como predecessor e contemporaneo, emprestando aos romances um ligeiro caracter realista, graças á faculdade de observação e a certa dóse de espirito, descreveu costumes familiares no recesso do lar ou nos salões de baile, forjando entrechos de intrigas amorosas.

Em LAGRIMAS DO CORAÇÃO, OURO SOBRE AZUL e A MOCIDADE DE TRAJANO, Taunay segue os mesmos processos romanescos, talvez com maior observação e melhor senso de realismo, mas falhando na psychologia dos personagens.

Os themas regionaes, proporcionando ensejo de esboçar a feição localistica — a vida da roça e o estudo do sertanejo — tiveram como precursores Macedo e Alencar; mas lograram notavel desenvolvimento nos successores.

Franklin Tavora foi quem mais se distinguiu com CASA DE PALHA (1866), O CABELLEIRA (1876), O MATUTO (1878), LOURENÇO (1881), antes publicado na *Revista Brasileira*, e UM CASAMENTO NO ARRABALDE.

Estudou a existencia e os habitos de almocreves, lavradores, vaqueiros e facinoras do sertão, delineando os moldes do futuro romance naturalista. Ultrapassou Alencar nesse genero e teve Bernardo Guimarães como rival.

O escriptor mineiro apresentou uma galeria de quadros do realismo tradicionalista, desde O ERMITÃO DE MUQUEM (1865) até BANDIDO DO RIO DAS MORTES, obra posthuma.

Taunay offereceu-nos uma obra prima — INNOCENCIA — quiçà a melhor desse periodo.

A tendencia actual, a partir de Coelho Netto, Euclydes da Cunha e Affonso Arinos, é o estudo do meio, e do homem do sertão.

Despertado o sentimento patriotico, como fonte de inspiração, accentuou-se o caracter do romance brasileiro, quer nos centros de civilização, quer no interior do paiz.

Teremos ensejo, em trabalho de maior folego, de apreciar a evolução do romance no Brasil.

XVI

SUA INSPIRAÇÃO

A natureza brasileira — Os classicos — A historia patria — Seus autores predilectos — Chateaubriand, Walter Scott, F. Cooper. Marryat e outros.

Poder-nos-iamos dispensar de escrever o presente capitulo, de tal modo discreteámos sobre as fontes de inspiração do escriptor cearense. Todos os themas que constituem a sub-epigraphe, foram examinados em synthese, quando esboçámos a formação do seu espirito e determinámos os factores que predominaram no romance. Conveniente será, porém, coordenar as ideias dispersas, melhor determinar os elementos influentes na inspiração de Alencar, com o intuito de justificar as nossas asserções.

Teremos, assim, ensejo de subordinar o nosso estudo a um methodo expositivo, reunindo todos os argumentos emmaranhados em partes distinctas do volume, facilitando ao leitor o trabalho de apreciar a individualidade do preclaro brasileiro que soube honrar a sua patria.

Notavel predominio exerceu o meio physico — a natureza brasileira — nos romances e novellas que compoz. Elle se distinguiu como pintor das nossas paizagens e, descrevendo o scenario de suas principaes obras de ficção, ou reproduzia o que observava, pintando *d'après nature*, ou reconstituia quadros

por outros descriptos, ou— caso mais frequente— intervinha com a fertil imaginação e dava liberdade á phantasia nos formosos paineis, ao bosquejar as scenas em montes e valles, em florestas e campinas.

Sob a primeira feição, distinguem-se os quadros descriptivos de SONHOS DE OURO e, em geral, dos romances da vida da cidade onde viveu tanto tempo. Deixou-nos bosquejos admiraveis de recantos da Tijuca, de Andarahy Grande, de Botafogo, da bahia de Guanabara e de outros sitios pittorescos da cidade magestosa que encanta os forasteiros.

Não sabemos se Alencar foi a Therezopolis, em busca de inspiração, para descrever o PAQUEQUER, A TARDE e outras paizagens suggestivas do GUARANY. E' de suppôr que ahi fosse, mas não teve inpiração directa, a julgar pela nota appensa ao primeiro volume: «Para se conhecer a exactidão dessa descripção do rio Paquequer naquella época, leia-se B. da Silva Lisbôa — ANNAES DO RIO DE JANEIRO — 1.º tomo, pag. 162. Hoje as grandes plantações de café transformaram inteiramente aquelles logares outr'ora virgens e desertos.»

Si, em IRACEMA elle pinta quadros observados, tambem envolve a imaginação, porque elle não sabe reproduzir com fidelidade o que observa: vê o que outros não vêm, ao contemplar um trecho da natureza.

Em MINAS DE PRATA, adopta o processo de reconstituição historica e no GAUCHO, serve-se de informações e do que leu algures.

Os aspectos variegados do mundo physico seduzem-n'o e inebriam o seu temperamento de artista. A exuberancia de seiva do torrão natal, os espectaculos grandiosos disseminados pela superficie do sólo que affecta configurações bizarras e ostenta galas opulentas, constituem a sua predilecção. A cada

passo encontram-se, em seus romances, trechos dedicados aos scenarios.

Em TIL, O SERTANEJO e TRONCO DO IPÊ, destacam-se trechos de estylo pittoresco, como *A fazenda das Palmas*, *A furna*, *A festa de São João*, *O samba*, *O incendio*, e *O congo*, no primeiro; *A queimada*, *A herdade*, *A malhada*, *Rosario*, *O aboiar*, *A montaria* e muitas outras paginas no segundo; *O boqueirão*, *A doceira*, *O natal* e mais ainda do terceiro. A proposito de qualquer incidente no desenvolver da acção de seus romances, o artista divaga, digressiona e dá redeas á sua phantasia, extasiando-se perante os multiplos e variegados aspectos da natureza.

Prefere, porém, as scenas lyricas e suaves, a delicadeza das miniaturas, de que é exemplo *Flor de trapoeiraba*, na introducção dos NOCTURNOS de Luiz Guimarães Junior.

Raro se detem perante os espectaculos tetricos e os quadros impressionantes; prefere as situações poeticas e tranquillas, os sitios apraziveis e deleitaveis, a amenidade do ambiente.

E para conseguir os materiaes indispensaveis á sua arte, explorava elle a mina dos classicos, desbastando as bétas e vieiros, á cata de adornos para o seu estylo. Mas não se entregava ao trabalho de artifice, empregando metaes e engastando pedras preciosas, taes como as encontrava; decompunha os minerios, purificava os residuos, polia os metaes e lapidava as pedras, preparando joias e objectos d'arte de lavor moderno, segundo a feição da época e as exigencias do publico.

Lia João de Barros, interpretava a chronica do Condestavel, decifrava passagens de Lucena e Garcia de Rezende, divergia de Fr. Francisco de São Luiz, apurava-se no convivio de Vieira e Frei Luiz de Souza; mas não os copiava nem os imitava.

Não tinha pavor de neologismos e gallicismos, porque era um espirito evolucionista e infenso a privilegios. Para as ideias

novas, servia-se de novos vocabulos e, em caso de synonimia, cooperava para o enriquecimento da lingua.

Geralmente os neologismos promanam de fonte popular e recebem a consagração do uso. A corrente erudita exerce tambem influencia nos cabedaes da lingua, mas submette as suas innovações ao tribunal supremo do povo que as acceita ou repelle.

Quantos vocabulos e expressões possuimos hoje, indispensaveis para exprimir as nossas ideias, que eram inteiramente desconhecidos no periodo classico? Não se procura o neologismo com o simples intuito de reformar ou renovar um idioma. Preside sempre, no trabalho de enriquecer uma lingua, o principio de se removerem difficuldades, supprindo faltas e satisfazendo a exigencias de expressão.

A lingua portugueza derivou-se directamente do latim, mas soffreu o influxo continuo de outros muitos idiomas. Porque pretender-se eliminar desse concurso de elementos integrantes, a contribuição da lingua franceza? E' indubitavel a predominancia que conserva o espirito gaulez na educação dos povos portuguez e brasileiro; não será, portanto, extranhavel a invasão de vocabulos em o nosso lexico, de termos em a nossa linguagem.

Não se faz a importação nem se consente a immigração systematicas; não se nutre a intenção propositada de deturpar ou conspurcar o nosso idioma; o processo é natural e espontaneo, obedece ás leis da evolução.

Porque não havemos de expurgar dos nossos diccionarios todos os vocabulos que foram introduzidos pelos arabes, durante o periodo de invasão da peninsula iberica? Porque não pretendemos expellir do nosso vocabulario os termos referentes ás artes, admittidos pela ascendencia dos italianos em nossa educação artistica, principalmente no dominio da musica e da pintura?

Certamente porque os neologismos obedecem á lei de evolução linguistica, representando, em caso de fixidez ou adopção definitiva, uma necessidade de expressão, sem contrariar a indole do idioma patrio.

E, se admittirmos o concurso do grego e do arabe, do italíano e do hespanhol, do inglez e do allemão e até do africano e do tupy-guarany, porque deveremos pregar a expulsão dos gallicismos, apezar da maior importancia que assume a lingua franceza na educação dos brasileiros e portuguezes ?

O vocabulario primitivo é essencialmente latino, oriundo da lingua popular dos romanos.

Surgiu mais tarde a corrente erudita, servindo-se do latim classico, com ascendencia concomitante da escola hespanhola e dos estudos da antiguidade grega.

O elemento germanico já veio latinizado, durante a invasão das hordas barbaras do norte, em Roma e na peninsula iberica. Os arabes, já o dissemos, deixaram rastos quando se apoderaram da peninsula.

Do hebraico houve importação vehiculada pelos estudos religiosos.

Relações commerciaes e litterarias transportaram a Portugal termos indicos, slavos, hespanhóes, italianos, inglezes, allemães, etc.

O francez influiu desde o periodo de formação, como attestam muitos archaismos e vocabulos ainda de uso corrente. Os gallicismos mais se referem á ficção litteraria e á cultura scientifica, ás modas, ás iguarias, aos productos e invenções francezas, e ás artes.

Disse Darmesteter : — «L'évolution est la maîtresse qui régit l'existence des langues ; celles-ci, comme tous les organismes, sont dans un perpétuel devenir.»

E hoje affirma um philologo brasileiro :

«O neologismo e o archaismo assignalam o duplo pheno-

meno caracteristico da vida da linguagem, no apparecimento e desapparecimento de palavras.

Já o poeta romano comparava este duplo phenomeno com o cahir das folhas e o repontar de outras. Como na estação hibernosa deixam as arvores cahir as folhas amarellecidas, para que outras novas e vigorosas lhe preencham o logar; assim a lingua, em seu continuo evolver, vae perdendo palavras, que ficam nos archivos do passado, emquanto outras vão surgindo aptas e euphonicas para as novas necessidades na expressão cada vez mais ampla e precisa do pensamento.» (1)

José de Alencar admittia os classicos como fontes de estudos e subsidios para o perfeito conhecimento da indole, do caracter da lingua pertugueza; mas nunca os elevou á altura de textos sagrados, ritos immutaveis e numes tutelares.

Para elle, a historia patria foi objecto de carinhosos estudos, afim de escrever os romances historicos com que pretendeu esboçar a formação da nossa individualidade de povo autonomo.

Compulsava de preferencia os chronistas, mais detalhados e explicitos em narrar os factos e apreciar os acontecimentos.

Serviu-se de Gabriel Soares de Souza (TRATADO DESCRIPTIVO DO BRASIL em 1587), na parte do roteiro geral, com largas informações de toda a costa do paiz, para escrever O GUARANY, IRACEMA e UBIRAJARA: consultou a segunda parte (*Memorial e declaração das grandezas da Bahia de Todos os Santos)* para compôr AS MINAS DE PRATA. Leu ANNAES DO RIO DE JANEIRO, de Balthazar da Silva Lisbôa, para descrever o rio Paquequer e extrahir episodios de O GUARANY, bem como para dar feição historica a O GARATUJA e O ERMITÃO DA GLORIA. Travou relações com Ayres do Casal (CHOROGRAPHIA BRASILICA), quando imaginou IRACEMA: com Gama Rabeca, ao desenvolver GUERRA

(1) Eduardo Carlos Pereira - GRAMMATICA HISTORICA, pag. 183.

DOS MASCATES, além dos chronistas que trataram dos selvagens, sua vida e seus costumes.

Manifestou-se um escriptor consciencioso e de muito escrupulo ; mas tudo o que escreveu, elle apreciou atravez do prisma do romantismo, adoptando os processos dos seus autores predilectos — Chateaubriand na vanguarda.

O caracter do escriptor francez apresentava duas analogias com o temperamento de Alencar : a melancolia e o orgulho.

O enfado da existencia, deixou elle impregnado em RENÉ um descendente do PROMENEUR SOLITAIRE de Rousseau, de WERTHER e de Ossian, que apresenta certo grau de parentesco com Saint Preux, Manfredo, Des Grieux e Obermann. Ha alguns heróes do romancista brasileiro que manifestam essa melancolia em caracter agudo ou chronico. Vemol-os em CINCO MINUTOS, A VIUVINHA, LUCIOLA, DIVA, SONHOS DE OURO, TRONCO DO IPÊ, GAUCHO e em quasi todos os outros, inclusive em O GUARANY.

Esse soffrimento intimo, essa abstenção dos gosos mundanos, esse sentimento obsidente no amor, são symptomas evidentes de uma nevropathia.

O leitor que se interessar pela psychologia dos personagens apaixonados de Alencar, experimentará a sensação causada por uma scena de tortura ou de agonia.

Toda a escala de soffrimentos : a duvida, a angustia, o ciume, a ternura e os transportes de amor, tudo é reflexo da melancolia do artista.

E analysando a vida do creador de IRACEMA, encontrar-se-á a confirmação do diagnostico, na falta de expansibilidade de seu genio, no isolamento a que se entregava, preferindo os logares ermos e privando-se de relações impostas pela sua posição social.

Chateaubriand *portait son cœur en écharpe*, como lhe disse

uma ingleza que o admirava. E elle proprio em suas memorias, confessou : «Je n'avais vécu que quelques heures, et la pesanteur du temps était déjá marquée sur mon front». «Je m'ennuie, je bâille ma vie ; qui me délivrera de la manie d'être ? »

A sensibilidade de Alencar, perante a natureza, era um effeito de sua melancolia, porquanto nos momentos de solidão despertava-se nelle o espirito contemplativo. A decoração dos scenarios dos seus romances reflecte o seu estado d'alma, reproduz a imagem de suas sensações.

Assim tambem para Chateaubriand, segundo a propria confissão :

> «Faites-moi aimer, et vous verrez qu'un pommier isolé, battu du vent, jeté de travers au milieu des froments de la Beauce ; une fleur de sagette dans un marais ; un petit cours d'eau dans un chemin ; une mousse, une fougère, une capillaire sur le flanc d'un rocher... toutes ces petites choses, rattachées à quelques souvenirs, s'enchanteront des mystères de mon bonheur ou de la tristesse de mes regrets. En définitive, c'est la jeunesse de la vie, ce sont les personnes qui font les beaux sites . . . Un poète a dit :
>
> *La patrie est aux lieux où l'âme est enchainée.*
>
> Il en est de même de la beauté».

Ao genio concentrado, ao isolamento voluntario, deveu Alencar os sentimentos de pantheista.

Em materia de orgulho, o escriptor francez sobrepujou o brasileiro, e já dissemos o sufficiente para realçar essa feição do caracter do autor das CARTAS DE ERASMO.

Outros pontos de contacto, entre ambos, se exprimem no espirito romanesco em que a sensação domina a acção, e no pendor imaginativo, faculdade matriz nos dois.

Foram artistas, na legitima significação do vocabulo, porque reproduziram emoções e imagens subordinadas á lei do bello. A noção do verdadeiro, para elles, assumia um papel secundario, e as suas ideias não revelaram a elevação compativel com a intelligencia pujante de que eram dotados.

Enxergaram os seus adversarios, inspiração decisiva de ATALA e LES NATCHEZ sobre IRACEMA e talvez sobre UBIRAJARA. Lendo-se, porém, a novella e o romance de Chateaubriand, percebe-se o intuito perverso dos criticos.

Na primeira, Chactas narra uma aventura de sua mocidade, quando em guerra contra os inimigos de sua tribu. Morto o pae, é elle amparado por Lopez, um hespanhol, até que a nostalgia da floresta natal o faz abandonar o tecto hospitaleiro. Na fuga, é feito prisioneiro da horda dos Muscogulgos.

Atala, moça de sentimentos christãos, tida como descendente do chefe da tribu, mas na realidade filha de Lopez, dá-lhe a liberdade e o acompanha na fuga para o deserto.

O missionario Aubry recolhe os foragidos, mas o soccorro foi tardio, porque Atala, para conservar a virgindade, segundo a promessa feita, se envenenára.

Não ha, como se vê, semelhança entre IRACEMA e ATALA.

A primeira symboliza a hospitalidade e o amor ardente dos brasileiros ; a segunda representa a luta entre o amor e o dever, entre o instincto e a razão ; synthetiza a victoria da religião christã sobre o sentimento indomado.

Na parte descriptiva, tambem se accentuam as divergencias de scenarios, de coloridos e de processos artisticos.

Affirmar-se que IRACEMA é uma novella imitada de ATALA, equivale attribuir a segunda como plagio de PAULO e VIRGINIA e, com mais forte razão, dos INCAS de Marmontel.

A' mesma conclusão chegariamos, se nos fosse permittido resumir LES NATCHEZ, onde surgem semelhanças dos meios

selvagens, dos costumes indigenas da America do Norte e do Sul; mas onde divergem a acção, o caracter dos personagens, os episodios e as peripecias do entrecho.

O que a critica pode determinar, é a influencia exercida pela arte de Chateaubriand sobre a de Alencar, com predominancia em IRACEMA e UBIRAJARA. Realçará, então, o brilho do estylo pittoresco, a harmonia de tintas e de luz, a composição de imagens e de scenas, a preferencia pela côr local e o processo de reconstituir o passado ou de envolver os habitantes primitivos em uma nevoa de phantasia nimiamente poetica. Assim a identidade no vigor das comparações, no poder imaginativo e no talento verbal.

Mas objectemos que, antes da acção do mestre, predomina a analogia de temperamentos e concorre a circumstancia de sympathia, quanto a predicados de talento e attributos de caracter. Occorre ainda a funcção desempenhada por Chateaubriand, como procer do romantismo e guia das novas gerações.

Assumiu, portanto, papel saliente na formação do espirito do romancista brasileiro, bem como lhe assignalou a directriz do espirito nos processos de esthetica e na preferencia do genero indianista.

O mesmo se pode affirmar em relação a Walter Scott, outro mestre favorito, que mereceu a primazia de inspiração, incutindo no escriptor brasileiro a ideia de associar a historia ao romance, com a capacidade brilhante de narrar.

O autor de IVANHÖE está para o de GUARANY, como Fielding para o primeiro. O mesmo prestigio de TOM JONES sobre WAVERLEY teve Walter Scott sobre J. de Alencar.

A ficção historica e o espirito de nacionalidade, foram as heranças do romancista brasileiro, no seu culto de admiração pelo notavel escriptor escossez. Mas cumpre notar que o ultimo se distinguiu como reconstituidor do passado, antiquario

de enthusiasmo, um colleccionador quasi maniaco que chegou a construir um castello á maneira dos antigos e enchel-o de objectos velhos, moveis e armas, pinturas e esculpturas, insignias e trophéos, vestes e louças.

Nas suas novellas, o scenario é impeccavel, o exterior é apropriado, mas os personagens são modernizados e sem psychologia bem definida.

Aliás, a acção de Walter Scott foi quasi universal; irradiou-se na Allemanha, França, Italia, Hespanha, Portugal e outras nações.

De Fenimore Cooper tambem se increpou haver o nosso romancista obtido inspiração, quando compoz O GUARANY. E mencionaram como modelo THE LAST OF THE MOHICANS, historia de aventuras palpitantes onde se mesclam as descripções das florestas com as proezas do caçador Hawkeye.

O autor de THE SPY distinguiu-se como discipulo de W. Scott e representou nos Estados Unidos da America do Norte funcção identica á de Alencar no Brasil.

Despertou o espirito de nacionalidade e estabeleceu o divorcio entre as litteraturas do seu paiz e da antiga metropole. Tornou-se, por isso, extremamente popular e teve a ventura de escrever, sempre com successo, longa serie de romances, a partir de THE SPY (1821) até THE WAYS OF THE HOUR (1850). As suas obras primas foram a mencionada como padrão de O GUARANY e THE PILOT (1824), scenas da vida maritima.

Do ultimo, como dos romances de Frederick Marryat, subordinados aos themas de historias de marinheiros, lembrou-se a critica de pesquizar os germens do ERMITÃO DA GLORIA e do capitulo das MINAS DE PRATA em que é descripta a viagem da Bahia ao Rio de Janeiro.

São subtilezas de quem não se recorda das palavras de Salo-

mão — *Nihil novi sub sole* — e procura descobrir a origem de tudo.

José de Alencar, escriptor de individualidade propria, não hauriu inspirações em obras alheias e muito menos imitou os mestres. Como todos os homens de lettras, formou o seu espirito e desenvolveu o talento no estudo da litteratura universal, revelando predilecção por certos autores e preferencia por algumas obras.

XVII

INDIANISMO E NACIONALISMO

Os precursores e os imitadores ou influenciados – Diversidade de manifestação - Apreciação das modalidades - Preponderancia nos successores.

Engano será admittir, de quem lêr a epigraphe deste capitulo, a supposição de confundirmos indianismo com a verdadeira ideia de nacionalismo. Já tivemos ensejo de explanar, de modo explicito, como encaramos o primeiro phenomeno, quando discreteámos sobre a lenda indianista e affirmámos que a investigação retrospectiva — a visão do passado — traduzia o instincto de nacionalidade.

Com effeito, o que, para os poetas dos tempos coloniaes, exprime uma inspiração natural e um indicio de revolta contra o elemento oppressor, para os romanticos significa compaixão pela raça perseguida e quasi extincta, espirito symbolico de patriotismo, e reacção contra os modelos e processos do periodo classico.

Não ignoramos que os aborigenes pouco influiram em nossa marcha evolutiva. A sua cooperação limitou-se quasi aos effeitos uteis do cruzamento na formação do typo ethnico.

Em materia de crenças religiosas, mantinham-se, os autochtones, adstrictos ao fetichismo primitivo, mais ou menos refractarios á missão de catechese exercida pelos jesuitas. A

propaganda de educação praticada pelos missionarios, não conseguiu os resultados compativeis com o sacrificio da empreza. A principal acção dos padres da companhia de Jesus, consistiu na defesa extremada e pertinaz dos miseros selvagens, contra a cobiça e brutalidade dos conquistadores.

Apezar dos esforços conjugados das auctoridades ecclesiasticas e administrativas, os indigenas foram desapparecendo gradativamente do littoral, ou absorvidos pelo cruzamento, ou foragidos e perseguidos : já desbaratados e mortos pelos colonos invasores, já victimas de epidemias importadas.

Exceptuado o nortista que conserva, principalmente no typo physico, um conjuncto de predicados hereditarios que lhe foram transmittidos pelo indigena, na fusão dos elementos ethnicos, pouca influencia se observa no brasileiro, como originaria dos selvagens, primitivos habitantes da região americana.

No sul, operou-se a differenciação, com especialidade na zona littoral, pela intervenção de varias correntes extranhas ao meio. O cosmopolitismo abreviou os effeitos da lei de selecção natural, e contribuiu para formar um typo nacional bem distincto dos brasileiros naturaes dos estados do norte. Só o sertanejo do sul conserva ainda, mais disfarçados, os traços physionomicos e os costumes dos indios de tribus varias.

As qualidades psychicas e a indole natural, soffreram transformação no phenomeno da mestiçagem ; os caracteristicos externos perduraram na conformação craneana, no aspecto da tez, na estatura e em outros traços do semblante ; os costumes, as crenças e muitos habitos só permaneceram entre os filhos do sertão.

No dominio da arte, os indigenas apresentavam somente os ornatos de pennas, os tecidos de palha, de fibras e cipós, os productos de ceramica, com desenhos zoomorphicos, as armas e outros utensilios. Muitos artefactos foram legados ao sertanejo.

Não nos preoccupa, porém, o ponto de vista archeologico ou da prehistoria do Brasil, nem tão pouco é nosso intuito determinar o influxo das artes dos indigenas em a nossa civilização. Os nossos selvagens permaneceram quasi no primeiro estadio da evolução humana, vivendo da caça, pesca e guerra; exceptuaram-se algumas tribus que se entregavam á agricultura rudimentar. Tambem não despertam interesse para o nosso estudo, os costumes, tradições e os canticos monotonos e grosseiros, de curiosidade para os que pesquizam os elementos constituintes do nosso *folk-lore*.

A contribuição dos indigenas na litteratura do Brasil é escassa, mesmo intervindo com as *modinhas*. Elles constituiram, de preferencia, motivo para os escriptores do periodo colonial e da geração romantica, que se serviram de suas lendas e habitos.

Disse muito bem Sylvio Romero:

> «Os indios entravam em relações com os colonizadores, cuja attenção é natural que despertassem. Dahi um grande numero de obras relativas aos gentios brasileiros, considerados, desde logo, como um objecto de estudo. Os missionarios lhes aprendiam as linguas e, entre outros, Anchieta compoz poesias, autos e outros trabalhos em tupy. O grosso da pequena população nas capitanias primitivas era de indios christianizados.»

Manifestavam gosto pela musica, pelo canto e pela dança, mas não imprimiram nenhuma feição nas lettras, excepto em relação aos themas aproveitados pelos chronistas, como attestam Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos, Fernão Cardim e alguns outros, e pelos contos e cantos populares que constitúem parte integrante do nosso *folk-lore*.

Depois das chronicas dos historiadores e das cartas e obras

dos jesuitas, reappareceu o selvagem nos poemas épicos de Bazilio da Gama e Santa Rita Durão.

«Pode-se até aventar — escreve Oliveira Lima — que o autor (do Uruguay) previu a feição indianista posteriormente dominante no romantismo brasileiro ainda além de José de Alencar e que, mesmo falsa no seu exclusivismo de reversão a suppostas tradições nacionaes e pouco original na sua immediata derivação litteraria, forneceu grande parte do encanto áquella phase, a mais brilhante da nossa litteratura.» (1)

Bazilio da Gama subordinou-se ao assumpto historico, para compôr o poema que synthetiza o periodo de formação da nacionalidade brasileira, cedendo ao influxo do genero litterario que já ultrapassára o periodo de florescimento da Europa. Poz em contacto tres elementos distinctos: os aborigenes, os missionarios catechistas e as forças militares defensoras do dominio lusitano.

Aproveitou o incidente das Missões, occorrido em 1754, quando os indios, sob a suggestão ardilosa dos jesuitas, se sublevaram contra os invasores portuguezes e castelhanos.

Manifestou-se adverso ao dominio intellectual dos padres, louvou os feitos dos commandados do Conde de Bobadela, tendo em mira glorificar a acção repressiva do Marquez de Pombal; mas enalteceu a indomavel bravura dos indios Cepé e Cacambo, e dedicou as mais bellas paginas do poema á desventurada Lindoya.

O CARAMURÚ, de Santa Rita Durão, se bem que inferior ao URUGUAY, sob o ponto de vista litterario, desenvolve mais o thema indianista, visa, com mais amplo descortino, a epopéa, dando-lhe incremento de acção e subordinando-se aos moldes classicos do genero. Estabelece o contacto do portuguez com

1) Oliveira Lima - ASPECTOS DA LITTERATURA COLONIAL BRASILEIRA, pag. 219.

o selvagem, por occasião do descobrimento da Bahia, e aproveita o episodio de Diogo Alvares Correia, ou lenda de Caramurú.

Como o ROTEIRO, de Gabriel Soares, e a HISTORIA DO BRASIL, de Vicente de Salvador, descreve os recursos do paiz novo, enumera as suas riquezas e esboça os costumes dos aborigenes.

O poema de Durão abrange dilatado periodo da nossa historia colonial, desde a fundação da cidade de S. Salvador até as luctas contra os hollandezes.

Na feição indianista, descreve os costumes dos selvagens, dedica-lhes grande numero de paginas a enaltecer-lhes as façanhas e encerra bellezas poeticas, como o episodio de Moema.

O CARAMURÚ é, na phrase de Oliveira Lima, «a mais caudal das fontes tradicionaes do nosso romantismo indianista». Salienta-se, na epopéa brasileira, a importancia do facto indigena na formação do nosso paiz.

Depois da manifestação da poesia épica, da chamada escola mineira, cessou a influencia do aborigene que apparece, a titulo de mero incidente, no poema VILLA RICA, de Claudio Manoel da Costa, onde o autor fez a apologia dos bandeirantes, pondo-os em contacto «do cruento gentio». E só reapparece, em plena phase do romantismo, com os proceres Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias.

Pode-se affirmar, sem receio de contestação, haver sido o ultimo quem primeiramente resuscitou o genero, entre os pródromos do romantismo. Legou-nos o poema TYMBIRAS e as POESIAS AMERICANAS, de onde se destacam *Canção do exilio*, *O canto do piaga*, *Y Juca-pirama* e a *Canção do Tamoyo*.

A CONFÉDERAÇÃO DOS TAMOYOS, poema de Gonçalves de Magalhães, é de 1856, posterior aos TYMBIRAS.

Tambem pagaram tributo ao indianismo, Joaquim Norberto de Souza, Varnhagen, com a lenda — SUMÉ — e o romance historico, em redondilhas — CARAMURÚ — Joaquim Freire (*O*

hymno da cabocla), Barão de Paranapiacaba (*A imprecação do indio*), Mello Moraes, Macedo Soares (nas HARMONIAS BRASILEIRAS), Santa Helena Magno e outros.

A preferencia do elemento selvagem, durante o periodo colonial, pode ser encarada como a primeira tentativa de emancipação da nossa litteratura, desprendendo-se dos moldes classicos e de assumptos europeus.

Não deixou, portanto, de ser um symptoma de nativismo. Mas só assumiu as proporções de um caso de differenciação ethnica, em plena phase do romantismo, quando Gonçalves Dias e, mais tarde, José de Alencar se dedicaram ao aborigene como elemento integrante da nossa nacionalidade.

Phenomeno analogo se observou nos Estados Unidos, onde Cooper so divorciou da litteratura ingleza e procurou individualziar a americana, servindo-se dos *pelles vermelhas*.

Sylvio Romero que combateu a tendencia de se constituir uma escola litteraria, accentuou: Teria sido uma lacuna imperdoavel, se esses dous grandes agitadores (G. Dias e J. Alencar) da litteratura brasileira tivessem olvidado os indios; teria sido censuravel curteza de vistas, se nos quizessem perpetuamente molestar com elles. Tiveram o bom senso de se conservar no justo meio termo».

Alencar collimou o selvagem, em O GUARANY, IRACEMA, UBIRAJARA, O FILHO DE TUPAN e, incidentemente, no SERTANEJO e nas MINAS DE PRATA.

Para elle, com mais significação do que Chateaubriand, o aborigene representa os primordios da nossa historia, o factor integrante da nossa nacionalidade e, principalmente, o elemento nativo perseguido pelos extrangeiros, na faina de conquistarem a nova região. A mesma sympathia que despertaram os indigenas nos primeiros tempos de colonização do Bra-

sil, suggere a sorte dos brasileiros, em geral, antes da independencia, quando eram espoliados pela metropole.

Já fizemos a devida apreciação dos romances e do poema de José de Alencar ; resta-nos agora definir o seu nacionalismo de que foi um méro symptoma o indianismo litterario e romantico.

Em todas as manifestaçõos de sua actividade, revelou-se José de Alencar um patriota e um nativista. Como escriptor, esforçou-se no sentido de differenciar a lingua fallada e escripta no Brasil, da lingua portugueza, pretendendo tóros de dialecto.

Ahi estão as notas appensas aos seus livros. onde elle discutiu o assumpto e demonstrou os effeitos da evolução, differenciando a linguagem com a introducção de neologismos, a syntaxe de construcção, as nossas expressões peculiares, a prosodia alterada, os vicios de linguagem denominados *brasileirismos* e a tendencia, cada vez mais crescente, de se imprimir novo caracter ao idioma.

Ahi estão a QUESTÃO PHILOLOGICA, em curso de publicação pela Revista *America Latina*, onde elle se defendeu da critica de Antonio Henriques Leal nas LUCUBRAÇÕES, e os ineditos A LINGUA PORTUGUEZA NO BRASIL, RASCUNHOS DE GRAMMATICA PORTUGUEZA, e METRIFICAÇÃO DO VERSO PORTUGUEZ.

E si nos afastarmos do thema philologico para o dominio meramente litterario, veremos os assumptos explorados nos seus romances, nos da vida da cidade ou campesina, quer nos historicos, quer nas lendas indianistas, sempre adstricto a estudar o caracter e os costumes dos brasileiros, a descrever os nossos scenarios e a desvendar os mysterios da nossa historia.

Pode-se affirmar, sem receio de contestação, que elle creou o romance nacional em toda a sua amplitude, influindo efficazmente nos successores, em Bernardo Guimarães, Taunay, Ma-

chado de Assis, Franklin Tavora, Araripe Junior e muitos outros.

O problema da escravatura foi uma preoccupação constante de suas cogitações, como attestam MÃE, O DEMONIO FAMILIAR e a sua acção de politico prudente e conservador, que temia os resultados desastrosos de uma lei directa, de effeitos immediatos.

Como politico, foi patriota e nacionalista, como provam as CARTAS e a PAGINA DA ACTUALIDADE.

Preoccupou-se com o *folk-lore* em O NOSSO CANCIONEIRO, com os nossos grandes homens (biographias do Marquez de Paraná, Euzebio de Queiroz, José Martiniano de Alencar e Caxias) : com o direito nacional (ESBOÇOS JURIDICOS, A PROPRIEDADE, O SYSTEMA REPRESENTATIVO e alguns ineditos) ; com a historia (A CONSTITUINTE PERANTE A HISTORIA e os themas de alguns romances).

Em toda a sua obra, extensa e variada, não se observa a influencia extrangeira directa, porque elle sempre manteve a visão concentrada no Brasil ; nem siquer desfructou os gosos que todos os intellectuaes experimentam, quando visitou os paizes da Europa.

A sua missão exclusiva e pertinaz, foi a de estabelecer o espirito de nacionalidade entre nós, sob os auspicios de um nativismo sadio, sem odios ou antipathias pelos extrangeiros, num labor incessante de verdadeiro patriota.

Justo é, portanto, que se saliente a funcção por elle exercida, especialmente no dominio da litteratura, onde merece o titulo de integrador do romance brasileiro, como Gonçalves Dias em relação á poesia e Martins Penna com referencia ao theatro.

(Collecção A. Freitas)

Caricatura de um jornal que se publicava em S. Paulo (1867), "O CABRIÃO"

XVIII

OS SEUS CRITICOS

Os ataques dos escriptores portuguezes e nacionaes. Injustiça e inveja — Critica contemporanea e posthuma.

José de Alencar conseguiu em vida a popularidade imposta pelo seu merecimento ; era querido do publico e eminentemente conceituado pela maioria dos homens de lettras. Mas, a despeito do seu valor, dos seus habitos de vida e do genio concentrado que o arredava do convivio em agrupamentos litterarios, despertou serias antipathias no mundo politico, e inveja entre alguns confrades.

Araripe Junior que o conheceu de perto e com elle privou, explica a esquivança pelo orgulho indomavel e irritante.

> «Repito : a aristocracia do seu talento foi uma das mais poderosas razões por que a nova geração sentiu-se apartar embora admirando-o. Desde o seu estylo até as suas maneiras, tudo transpirava reserva e o *não me toques* do arminho. Ora, essa mocidade alevantava-se com umas valentias, umas fraquezas que excluiam toda a reticencia. Intimidade com o mestre, cousa impossivel : d'ahi as consequencias de um começo de hostilidade organica, que, si elle não morresse, acabaria em uma guerra crúa, em que a sua feição tyrannica muito haveria de soffrer. Accrescia a esta razão outra, ainda mais valiosa : a falta de orientação phi-

losophica, defeito não só seu, como de todos os poetas que applicaram os principios sem unidade de vistas. Isto é verdadeiro. Por algum tempo dera-se elle a leituras de historia geral, religião e philosophia, no intuito de escrever uma obra monumental sobre o Brasil: mas, chegando á questão das origens, ficou tão perplexo que logo se convenceu da inutilidade dessas cousas, e abandonou a farandulagem. Incontestavelmente era o que mais embaraçava o seu desejo de ser o director dessa pleidade que se estendia para o futuro, anciosa e a perder de vista».

O provecto analysta de sua obra continuou a demonstração, para concluir que o retrahimento determinado pelo orgulho, preparou o isolamento em que viveu na ultima phase da existencia; a sua attitude desassombrada e aggressiva na politica preparou o declinio de sua inspiração, e excitou a campanha de descredito que lhe moveram no meio jornalistico e litterario do Rio de Janeiro, com reflexos em Portugal, onde não lhe perdoavam as tendencias de differenciação da linguagem e de processos artisticos.

A principio, a antipathia se manifestava pelo esquecimento intencional, o silencio irritante, para a sua vaidade, o desprezo apparente, em face das successivas conquistas do seu talento e do seu labor incessante.

O conego Fernandes Pinheiro não citou sequer o seu nome no CURSO DE LITTERATURA; Ferdinand Wolf, obedecendo aos informes de Gonçalves de Magalhães, não lhe prestou a devida homenagem, quando se occupou do Brasil litterario.

A critica era, a principio, esquiva e arredia, permanecendo os escriptores em attitude de expectativa. Apenas alguns amigos applaudiram as suas obras em folhetins e noticiarios de caracter ephemero, como Francisco Octaviano, Machado de As-

sis, Zaluar, Ferreira de Menezes, Joaquim Serra, Luiz Guimarães Junior, entre alguns outros.

Houve os incidentes com As azas de um anjo — comedia reprovada pelo Conservatorio Dramatico — e com o drama O jesuita, insuccesso que atrophiou a sua carreira dramatica.

Depois, surgiu a campanha contra a ignorancia da lingua materna, sustentada por Pinheiro Chagas e Antonio Henriques Leal — os iniciadores — e continuada por José Feliciano de Castilho, Franklin Tavora e outros esmiuçadores de sua obra, invejosos do exito de sua pertinacia.

Merecem, porém, destaque neste capitulo, os dous ultimos que desapiedadamente tomaram a empreitada de abalar, senão demolir, o credito litterario do autor do Guarany. Os demais, inclusive Joaquim Nabuco, Sylvio Romero e Tobias Barreto, serão reservados para a parte final, quando apreciarmos a manifestação da critica articulada contra a sua obra.

Coordenadas por Lucio Quinto Cincinnato (pseudonymo de José Feliciano de Castilho) e escriptas por varios, destacando-se Franklin Tavora, foram publicadas as *Questões do dia*, em dous grossos e massiços volumes, editados em 1871, contendo as observações politicas e litterarias erguidas contra José de Alencar. O primeiro volume de 476 paginas, compõe-se de 16 numeros do pamphleto demolidor.

Nas duas primeiras cartas, Cincinnato argúe de incoherente o pensamento de Erasmo, acerca do modo por que o monarcha exercia o poder moderador, com a attitude do ex-ministro, profligando a manifestação do poder pessoal da corôa nos actos do gabinete ou do poder executivo.

A critica é habil, por se ater a retalhos, dissecar trechos e citar phrases destacadas. Mas não aprecia as ideias em conjuncto, não analysa a opinião do escriptor e só se preoccupa com

a tarefa ingloria de abalar o credito do politico ou destruir a sua reputação.

Cincinnato olvidou considerações importantes e não quiz interpretar o pensamento do deputado opposicionista. Não se lembrou, por exemplo, da profissão de fé do politico cearense, adstricta ás normas constitucionaes inglezas.

Explora em seguida a attitude, perfeitamente explicada pelo deputado, de se insurgir contra a abolição de escravos, tira partido da sinceridade do conservador e expõe o adversario á antipathia dos que são propensos ás iniciativas magnanimas.

Não approvamos o acto e as ideias do legislador opposicionista contra a extincção da escravatura: apenas comprehendemos o desaccôrdo, entre as ideias humanitarias do escriptor e a responsabilidade do politico, e justificamos a opinião sincera de quem se collocou em ponto de vista falso.

Outra habilidade do critico, consiste em attrahir odiosidade do elemento extrangeiro contra os conceitos desassombradamente emittidos, da tribuna parlamentar, pelo alvejado, em sua campanha demolitoria.

E assim prosegue o intruso, respigando phrases isoladas, commentando periodos, e causticando a paciencia do adversario com um desapiedado realejo de encommenda.

São de Araripe Junior, contemporaneo dos detractores de Alencar e da campanha sem tregoas movida nas *Questões do dia*, as seguintes palavras: «Homem mediocre, simplesmente notavel por uma memoria de *carnets*, o irmão do poeta dos CIUMES DO BARDO, que, pelas suas relações economicas e prestabilidade commercial, iniciára-se por toda parte, e conhecia todos os escaninhos da grande cidade, começou a explorar as desafeições do ex-ministro e de um modo revoltante. Era impossivel que isto ficasse sem uma replica. José de Alencar perdeu, então a calma, e um dia, em pleno parlamento, vendo-o metter-se alli

como piolho por costura, atirou por cima do hombro uma destas phrases de desprezo, que obrigam o homem mais glacial a commetter assassinatos (a expressão foi *gralha immunda).* O estupido autor da GRINALDA OVIDIANA não pegou no punhal do sicario para feril-o, mas passou á detracção e ao astucioso incitamento de antipathias, que podiam ter ficado adormecidas.»

Mas, como attestou a posteridade, o odio de J. F. de Castilho não diminuiu os meritos de Alencar, nem lhe embaciou o renome e muito menos lhe eclipsou a gloria.

Inadvertidamente associou-se Franklin Tavora e esse empreiteiro de descredito alheio, redigindo as cartas a Cincinnato, tambem publicadas nas *Questões do dia*, e reunidas depois em volume.

Os estudos criticos de Sempronio revelam, em alguns pontos, reparos justos, embora rigorosos. Assim, com referencia a O GAUCHO, faz elle observações procedentes e cabiveis, pondera consentaneamente muitas impropriedades do autor.

Ha restricções criteriosas, advertencias acceitaveis e censuras admissiveis. Mas descobre-se, atravez da critica, o despeito mal disfarçado, a malquerença de quem guarda resentimentos.

Explica um coevo, que o despique de Tavora proveic da circumstancia de haver elle submettido á apreciação de Alencar os originaes do romance O INDIO DO JAGUARIBE; e, como demorasse o julgamento ou a devolução do manuscripto, acudiu-lhe a desconfiança de menospreço ou desconsideração.

E' incontestavel, porém, a má vontade de Franklin Tavora contra José de Alencar, a catar senões e impropriedades, e salpicar o seu estudo critico, de reparos acrimoniosos. Mais accentuada se torna a intenção no juizo externado contra IRACEMA.

A critica filia-se ao genero impressionista, em que o autor se soccorre de notas de leitura e esmerilha factos e pontos a reprovar.

Descobre-se, desde o inicio, o intuito fixo, a preoccupação constante de condemnar, guiado por desmedida prevenção e até com intento apaixonado.

Não apreciamos absolutamente esse genero de critica.

Houve tambem um *Farwest,* no *Jornal do Recife* que, além de injusto, foi grosseiro, pois atirou a Alencar a pecha de «bohemio e traficante litterario», confessando a intenção de demolir *Senio.*

Joaquim Nabuco desempenhou, em relação a Alencar, o mesmo papel que este representou nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos.* Pretendeu, á custa da reputação litteraria do autor do GUARANY, abrir larga brécha para a sua passagem, como o fazem geralmente *os novos*, e como praticou Alencar, quando investiu contra Gonçalves de Magalhães.

Manteve-se, porém, como o seu alvejado, em identicas condições, no terreno da polidez, embora manejasse a farpa da ironia e do espirito malicioso.

Abateu-se o espirito do escriptor que, enfermo e a conselho de facultativo, procurou, no socego de Mecejana, restaurar a saude abalada, sob a influencia benefica do clima da provincia natal.

* * *

Além da campanha diffamatoria e mercenaria que soffreu, por parte de Lucio Quintino Cincinnato — o forasteiro que tomou a empreitada de desacreditar o estimado escriptor brasileiro, afim de agradar aos adversarios politicos do ministro demissionario — foi o nosso romancista aggredido por varios confrades de além mar.

Desses, merece ser destacado, em menção especial, Pinheiro Chagas que, em os NOVOS ENSAIOS DE LITTERATURA, lhe rendeu homenagens, embora implicasse solemnemente, contra a ten-

dencia de differenciar a lingua, no Brasil, dos moldes rigidos da antiga metropole.

Já vimos, e fartos estamos de saber, que a despeito da influencia deste ou daquelle escriptor brasileiro, é inevitavel esse phenomeno de differenciação, quer na pronuncia, quer no vocabulario e até nas formas syntacticas.

Meritoria foi a attitude de Alencar, reagindo contra a influencia lusitana na litteratura brasileira e contribuindo para lhe imprimir feição propria ou distincta.

Dos escriptores nacionaes, exceptuando Franklin Tavora e Joaquim Nabuco, já mencionados, temos de analysar muitos conceitos e varias apreciações.

Antonio Henriques Leal — nas LOCUBRAÇÕES — enaltece-lhe o talento, mas lamenta o seu descaso no estudo da lingua e verbera-lhe o descuido na linguagem e o estylo por vezes desigual e frouxo.

Taes restricções do critico maranhense, proporcionaram ensejo a Alencar de defender-se, em uma nota appensa ao volume IRACEMA, o que provocou uma replica e outra defesa ultimamente publicada pela revista *America Latina*, sob a epigraphe de *Questão philologica* (1)

Em 1872, Tobias Barreto empunhou a clava demolidora e zurziu golpes a esmo contra Macedo e Alencar, a proposito da escassez do romance no Brasil, durante a primeira phase do romantismo, de 1832 a 1872.

Com irreverencia de iconoclasta e pessimismo da seita philosophica germanica, escreveu algumas phrases de julgamento summario, redigiu alguns periodos em estylo combativo e negou a minima parcella de valor ao escriptor cearense por elle

(1) Ns. 3 e 6 da AMERICA LATINA, de 1919 - 20.

comparado á arvore da carnaúba, «em numero de predicados descobertos e por descobrir».

Surgiu depois o competidor na ancia de derrocada — Sylvio Romero, o amigo inseparavel e correligionario enthusismado — para completar a tarefa de demolição.

Na LITTERATURA BRASILEIRA e A CRITICA MODERNA, esposou elle as conclusões absolutistas de Tobias e pretendeu reduzir os romances e dramas de Alencar á expressão mais simples. Attenuou a virulencia de seus conceitos, nos ESTUDOS SOBRE A POESIA POPULAR NO BRASIL, a proposito dos artigos publicados no *Globo* sobre *O nosso cancioneiro;* reconheceu alguns meritos em Alencar, para salientar-lhe a ignorancia do nosso *folk-lore*.

Continuou a lhe negar valor, até que se lhe abrandaram os ardores de critico combativo e reaccionario, quando começou a ser justo com Alencar, Machado de Assis e outras victimas do polemista.

Na EVOLUÇÃO DA LITTERATURA BRASILEIRA, no COMPENDIO DE HISTORIA DA LITTERATURA BRASILEIRA e no QUADRO SYNTHETICO DA EVOLUÇÃO DOS GENEROS, reconheceu o valor do theatro, a reacção brilhante pelo estylo, «o talento descriptivo, brilho de colorido e abundancia de tons» e até a intenção do genio do romancista brasileiro. Confessou que, ao lado de Gonçalves Dias, foi Alencar «uma das duas mais altas figuras do romantismo brasileiro».

Machado de Assis sempre revelou admiração pelo valor e talento do creador do GUARANY, como manifestou no exercicio esporadico da critica.

Mas quem emprehendeu o estudo mais completo do poeta de IRACEMA, foi Araripe Junior, ao traçar, com mão de mestre, o seu perfil litterario, primorosamente explanado na *Revista Brasileira* e depois reproduzido em volume, de duas edições.

Foi o unico ensaio de verdadeira critica que se traçou sobre a individualidade artistica de José de Alencar.

Ha ainda, dignos de menção, os estudos de Rocha Lima e, posteriormente, de José Verissimo.

Indicamos o ról do que pudemos reunir, como contribuição para o estudo de Alencar, e dispensamo-nos de fazer commentarios.

Basta-nos dizer que os criticos posthumos lhe fizeram, em geral, justiça.

Certamente omittimos fontes de certa importancia, entre ellas uma critica de Capistrano de Abreu, a qual não lográmos encontrar.

Esperamos, dos nossos leitores, quaesquer referencias ou emendas que serão mais tarde contempladas, embora não aspiremos a honra de segunda edição. Teremos, porém, ensejo de introduzir qualquer emenda no terceiro volume dos VULTOS & LIVROS, o qual será proximamente publicado.

E ahi fica o resultado de um trabalho honesto, o preito de justiça rendido a um escriptor illustre, a um espirito superior, mal interpretado por zoilos e adversarios politicos, e mal comprehendido pela geração a que pertenceu.

José de Alencar soube ser brasileiro e tem significação relevante no passado do nosso paiz.

XIX

AS FONTES PARA O ESTUDO DE SUA INDIVIDUALIDADE

1 ARARIPE JUNIOR — Litteratura brasileira — José de Alencar. Foi tambem publicado na Revista Brasileira (2.a phase).

2 » » Movimento litterario de 1893, pags. 132

3 » » Carta sobre a litt. brasilica, 1869.

4 JOSÉ VERISSIMO — Historia da Litt. Brasileira, pags. 269 a 380.

5 » » Estudos de litt. brasileira, t. III, pag. 135.

6 » » Estudos brasileiros, II, pag. 153.

7 » » Theatro Brasileiro — n. 2 da Revista da Academia Brasileira de Letras.

8 JOSÉ DE ALENCAR — Como e porque sou romancista.

9 » » » — Prefacios e notas contidas nos seus romances.

10 MARIO DE ALENCAR — Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, anno XIV, fasc. II, n. 39, de 30-6-915.

11 ROCHA LIMA — Critica e litteratura, pag. 79.

12 MACHADO DE ASSIS — Critica, pag. 85.

13 SYLVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO — Compendio de litteratura brasileira, pag. 271.

14 SYLVIO ROMERO — Evolução da litteratura brasileira, 1905, pag. 63, 69, 77 e 97.

15 SYLVIO ROMERO — Quadro synthetico da evolução dos generos na litteratura brasileira — 1911.
16 » » Estudos sobre a poesia popular no Brasil, pag. 114.
17 » » A litt. brasileira e a critica moderna. 1880.

18 JULIO BARBUDA — Litteratura brasileira, pag. 509.

19 FRANKLIN TAVORA — Cartas a Cincinnato.

20 A. E. TAUNAY — Reminiscencias, pag. 81.

21 PEREIRA DA SILVA — Memorias do meu tempo, 2.o vol., pag. 90.

22 TEIXEIRA DE MELLO —Ephemerides nacionaes, vol. 2, pag. 287.

23 SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.

24 INNOCENCIO F. DA SILVA — Diccionario bibliographico.

25 A. HENRIQUES LEAL — Lucubrações.

26 PINHEIRO CHAGAS — Novos ensaios de litteratura.

27 JOAQUIM NABUCO — Domingos (artigos em jornal).

28 JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO — Questões do dia (revista hebdomadaria) 2 v.

29 TOBIAS BARRETO — Estudos allemães, pag. 311.

30 MACHADO DE ASSIS — Paginas recolhidas.

31 » » » Um prefacio (Revista do Brasil, pag. 304, vol. IV, n. 15)
» » Prosas esparsas — Revista da Academia Brasileira n. 14 (julho de 1920) e n. 15 (out. de 1920).

32 CYRIDIÃO BUARQUE — José de Alencar.

33 MAGALHÃES DE AZEREDO — Josè de Alencar, discurso.

34 Luiz Leitão — O jesuita, prefacio do drama.

35 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pag. 7.

36 Victor Orban — Littérature brésilienne, pag. 95.

37 Benedicto Costa — Le roman au Brésil, pag. 53 — Publicado em portuguez na Revista Americana.

38 Nestor Victor — A critica de hontem, pag. 89.

39 Archivo de José de Alencar — Revista do Brasil ns. 25, 26, 29, 30 e 35.

40 Sylvio Romero — Historia da Litteratura Brasileira, 3.o vol. publicado em parte na Revista Americana.

41 Alcides Maya — Cronicas e ensaios, pag. 7.

42 Valentim Magalhães — Litteratura brasileira, pag. 15.

43 Zozimo Barroso — Uma pagina da historia patria (Revista do Instituto do Ceará) vol. 32-1918.

44 José Bonifacio — O ministerio de 16 de julho de 1868, artigo no Jornal do Commercio de 16-7-1919.

45 Mario de Alencar — Revista Nacional, n. 1-1919.

46 Dr. P. Rovelly — Le Brésil Contemporain 1 er. vol.

47 Ronald de Carvalho — Pequena historia da litteratura brasileira, pag. 252.

XX

BIBLIOGRAPHIA

COLLABORAÇÃO EM JORNAES E REVISTAS

Ensaios Litterarios (S. Paulo) 1846 : — A patria de Camarão — Questões de estylo.

Correio Mercantil (Rio) 1851-55 : — Artigo critico sobre as «Poesias» de A. Zaluar — Artigos sobre a reforma hypothecaria (assignados Al.) — Folhetins AO CORRER DA PENNA (mais tarde reunidos em volume).

Jornal do Commercio (Rio) : — Artigos litterarios sobre P. Mont'Alverne, Thalberg e Othelo — A constituinte perante a historia, artigos sobre o opusculo do Conselheiro F. I. M. Homem de Mello. (1)

Diario do Rio (de que foi director) 1855-58 : — Escreveu muitos artigos com a assignatura «Al», as biographias de Euzebio de Queiroz e Marquez do Paraná e publicou as Cartas de Ig. sobre a CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS, as novellas CINCO MINUTOS e VIUVINHA e o romance GUARANY.

Dezeseis de Julho (folha politica e litteraria) Rio, 1869-70 : 2 vols. (com o dr. Leonel M. de Alencar).

* *O Protesto* — Rio, 1877 (periodico de 16 pags., in 8.o, de que

(1) Araripe Junior admitte que tenham sido publicados no «Diario do Rio».

sahiram apenas cinco numeros) com 80 paginas.
Republica : — TIL (romance).
O Globo : — *O novo cancioneiro*, serie de cartas a um amigo.
Diario Popular — ENCARNAÇÃO (romance).

OBRAS PUBLICADAS EM VOLUME OU FOLHETOS

* 1 *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos,* por Ig. (publicadas no Diario) Rio de Janeiro — Empreza Typ. Nacional do Diario, 1856, in 8.o de 96-16 pags.

2 *O Marquez do Paraná* — traços biographicos — Rio, 1856, 35 pags. (Sahira antes no Diario).

* 3 *O Guarany*, rom. brasileiro (sem o nome do autor) Impresso na mesma typ, 1857, in 8º, 4 tomos com 170, 178, 158 e 168 pags. de texto e mais respectivamente 6, 6, 2 e 4 pags. de notas (Publicado anteriormente no Diario).

* 4 *O demonio familiar* — comedia em 4 actos de J. de Alencar — Rio Typ. Soares e Irmão, 1857, in 4º de 159 pags. (representada no Gymnasio a 5-9-1857).

* 5 *O Rio de Janeiro, verso e reverso* — comedia em 2 actos — Rio, Empreza Nacional do Diario, 1857, in 8º de 78 pags. (Foi reeditada com o titulo VERSO E REVERSO). Representada no Gymnasio, pela primeira vez, em 28-10-1857.

* 6 *Cinco minutos* (romance) Rio, typ. do Diario, sem data, in 8º de 84 pags. (Foi publicado anteriormente em folhetins no Diario).

* 7 *As azas de um anjo* — comedia em 1 prologo, 4 actos e 1

(*) Os livros marcados com um asterisco, fazem parte integrante da collecção de livros brasileiros, pertencente ao autor.

epilogo. Rio de Janeiro, 1860, Editores Soares & Irmãos. in 8º de XXIII — 192 pags. (Sabe-se que foi impressa na Typ. Commercial dos editores) Representada no GymnasioDramatico, em junho de 1858.

* 8 *Cinco minutos — A viuvinha* (romance) Rio, 1860 — 85 pags. in 8º.

* 9 *A noite de S. João* — comedia lyrica em 2 actos (musica de Elias Alvares Lobo) Rio, Typ. F. Paula Brito, 1860, 49 pags. in 8º.

10 *Cartas que aos eleitores da provincia do Ceará dirige José de Alencar* — Rio, 1860 — 20 pags. in folio.

* 11 *As minas de prata* — romance historico — Rio de Janeiro 1862 (Essa edição não foi concluida ; foi feita sob o titulo «Bibliotheca Brasileira» e só dous opusculos se publicaram. A obra completa foi depois impressa no Rio de Janeiro em 1865, 6 vols.)

* 12 *Mãi* — drama em 4 actos, Rio, 1862, in 8º. Representada no Gymnasio Dramatico, em 1860.

* 13 *Luciola* — perfil de mulher (romance) por G. M. — 1862. Paris, 194 pags. in 8º.

* 14 *Diva* — perfil mulher (romance) por G. M. — Paris, 1864, 164 pags. in 8º.

* 15 *Iracema* — lenda do Ceará — Rio de Janeiro, 1865.

* 16 *Ao Imperador* — cartas politicas de Erasmo — Rio, 1865. 92 pags. in 8º.

* 17 *Ao Imperador* — novas cartas politicas de Erasmo — Rio, 1866 — 82 pags. in 8º.

* 18 *Ao povo* — cartas politicas de Erasmo — Ao Marquez de Olinda — Ao Visconde de Itaborahy, carta sobre a crise financeira — Rio, 1866, 3 partes em 1 vol. (76, 8 e 15 pags.) in 8º. As primeiras «Ao povo» são 9 ; as que são dirigidas ao Marquez de Olinda e

ao Visconde de Itaborahy têm frontespicio especial.

* 19 *Pagina da actualidade — Os partidos* — Rio, typ. Quirino & Irmão, 1866, in 4.o, 32 pags.

20 *O Marquez de Caxias* — biographia, com retrato — Rio, 1867.

21 *O juizo de Deus — Visão de Job* — pamphleto politico — Rio, 1867.

22 *A côrte do leão* — obra escripta por um asno — Rio, 1867, 16 pags. in 4.o.

* 23 *Uma these constitucional* — (A Princeza Imperial e o Principe Consorte no Conselho do Estado). Rio de Janeiro — Na Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho, 1867. Typ. de Pinheiro & Companhia, 64 pags.

* 24 *A expiação* — comedia em 4 actos — Editor A. A. da Cruz Coutinho, Rio, 1868, in 8.o, 148 pags.

* 25 *Questão de habeas corpus* — (trabalho forense perante o Supremo Tribunal) Rio, 1868, 2 partes, 62 e 32 pags. in 8.o.

* 26 *O systema representativo* — Editor B. L. Garnier — Typ. Alliança de J. E. S. Cabral — Rio, 1868, in 8.o, 205 paginas.

* 27 *Relatorio do Ministerio da Justiça* (apresentado á Assemblea Geral Legislativa na 1.a sessão da 14.a legislatura) Rio, Typ. Progresso, 141 pags., 1869, in 4.o.

28 *Discursos proferidos na Camara dos Deputados e no Senado na sessão de 1869* — S. Luiz, 1869, 164 paginas (com retrato), in 4.o.

* 29 *O gaucho* — romance brasileiro por Senio — Rio, 1870 — 2 vols. Editor, B. L. Garnier, in 8.o, 246-269 pags. — Typ. Santos Cardozo & Irmão.

* 30 *A pata da gazella* — romance brasileiro por Senio — Mesmo editor, Rio, 1870 — 232 pags.

* 31 *Guerra dos Mascates* — chronica dos tempos coloniaes — por Senio, 1870, 2 vols., 188-242 pags.

* 32 *Discursos proferidos na sessão de 1871 na Camara dos Deputados* — Rio de Janeiro, Typ. Perseverança, 1881 — 175 pags. in 8.o.

* 33 *A viagem imperial* (discurso na Camara dos Deputados — Sessão de 9-5-1871) Rio, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & Cia. 1871, 35 pags. in 8.o.

* 34 *O tronco do Ipê* — romance brasileiro publicado por Senio — Rio, B. Garnier, livr. editor — 1871, 2 vols. XX — 218 e 298 pags.

* 35 *Sonhos de ouro* — romance brasileiro por Senio — Rio, B. L. Garnier, livr. editor — 1873, 2 vols. XX — 218 e 298 pags. in 8.o.

* 36 *Alfarrabios* — chronica dos tempos coloniaes, J. de Alencar — Rio, B. L. Garnier, livreiro editor, 2 vols. 1.o vol. O GARATUJA XII — 202 ; 2.o vol. O ERMITÃO DA GLORIA — A ALMA DE LAZARO I — 185 pags.

* 37 *Voto de graças* — (discurso que devia proferir na sessão de 20 de maio) -- Rio, Typ. Pinheiro & Cia., 1873, 26 pags.

* 38 *Reforma eleitoral* — Discursos proferidos na Camara dos Deputados, durante a sessão de 1874 — Rio, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & Cia. — 1874, 122 pags. in 8.o.

* 39 *Ao correr da penna* — revista hebdomadaria das paginas menores do Correio Mercantil — S. Paulo, 1874 — Serie de folhetins que publicára em 1854-1855 no Correio Mercantil, colligidos pelo dr. J. M. Vaz Pinto Coelho — 31.o. pags. in 8.o.

* 40 *Senhora* — perfil de mulher (romance) Rio, 1875, 2 vols. por G. M., 228-248 pags.

* 41 *Ubirajara* — lenda tupy, Rio, 1875 — 218 pags. in 8.o.

* 42 *Til* — romance brasileiro por J. de Alencar — Rio, 1875, 2 vols. in 8.o (Foi publicado antes no periodico «Republica»).

* 43 *O Jesuita* — drama em 4 actos — Rio, 1875. O Conservatorio Dramatico prohibiu a exhibição em scena mas foi representado depois, nesse anno — 229 paginas in 8.o.

* 44 *O sertanejo* — romance brasileiro por J. de Alencar, 1876, 2 vols. Rio, 261-245 pags. in 8.o.

45 *A festa macarronica* — Rio, 1877 — 16 pags.

* 46 *A propriedade* — com um prefacio do Conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ribas — Rio, B. L. Garnier — Livr. Editor, 1883 — XVI — 269 pags. (publicação posthuma).

* 47 *Esboços juridicos* — Rio, B. L. Garnier, 1883, VI — 239 pags. in 8.o.

* 48 *Encarnação* — romance, Rio, — Domingos de Magalhães, editor, 1893 (publicação posthuma feita pelo seu filho Mario de Alencar). Foi publicado antes em folhetins do Diario Popular.

* 49 *Como e porque sou romancista* — Rio, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893 (publicação posthuma feita por seu filho Mario de Alencar).

OBRAS INEDITAS OU DE PUBLICAÇÃO POSTHUMA EM REVISTAS

* 1 *O credito* — Comedia em 5 actos, escripta em 1857. Foi representada no Theatro do Gymnasio em Janeiro de 1858. Encontra-se na Revista Brasileira, 1895-1896, tomo 4.o, pags. 257 a 280 e 342 a 365; tomo 5.o, pags. 5 a 30, 65 a 95, 137 a 152, 221 a 234.

* 2 *Os filhos de tupan* — poema, incompleto (1863) Publicado na Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 1 — canto I, pags. 5 a 25 ; n. II, canto 2.o, paginas 267 a 282 ; n. III, canto 3.o, pags. 5 a 18.

3 *O vate bragantino* — publicado em artigos e incompleto (Não descobrimos o jornal ou revista, devendo ser «O Globo« ou «Republica»).

* 4 *Lembra-te de mim* — (conto, ou melhor, fantasia) serve de introducção aos «Nocturnos» de Luiz Guimarães Junior — 1872. Foi tambem publicado na «Folha do Domingo», do Rio (10-4-1887).

5 *José Martiniano de Alencar* — (biographia do pae do autor) na GALERIA DOS BRASILEIROS ILLUSTRES.

* 6 *A Constituinte perante a historia* — serie de artigos publicados no «Jornal do Commercio» em 1863 (1), reproduzidos na Revista Trimensal do Instituto Historico.

* 7 *Nictheroy* — poemeto (inedito) O prologo foi publicado no PARNASO BRASILEIRO de Mello Moraes Filho.

8 *Rio de Janeiro* (poemeto) inedito.

9 *Os contrabandistas* ou *Os negreiros do Rio de Janeiro* — 1847 (romance) (2) perdido ou melhor queimado por seus companheiros. (Restaram alguns capitulos).

* 10 *O pagem negro* — romance — de que escreveu apenas os quatro primeiros capitulos que foram publicados na «Revista da Academia Brasileira de Letras», n. V, pags. 13 a 38.

* 11 *Um desejo* — por Senio, 1873 (projecto de romance) publicado pela Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas — Anno XV, fasc. II, 30-6-916.

---

(1) «Diario do Rio», segundo Araripe Junior.

(2) Os contrabandistas ou Os negreiros do Rio de Janeiro.

12 *Temora* — poema épico (inedito).
13 *Flôr agreste* — comedia (inedita e completa) cujo titulo primitivo era «O que é o casamento».
* 14 *Ex-homem* — romance incompleto, publicado na Revista «O Protesto».
15 *O abbade* — drama — (inedito) não concluido.
16 *Gabriella* — drama (inedito) não concluido.
17 *Borboleta* — romance (inedito).
* 18 *A neta do Anhanguéra* — romance (inedito) publicado recentemente na Revista do Brasil.
19 *A roceira* — romance que começou a ser publicado com o titulo «O fazendeiro».
20 *A divina satyra* — projecto de romance (inedito).
21 *Memorias de um botão* — projecto de romance (inedito).
22 *Um aprendiz de ministro* — projecto de romance (inedito).
23 *Flôr de amor* — projecto de romance (inedito).
* 24 *Escabiosa* — (sensitiva) perfil de mulher (inedito), publicado na Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, n. 40, 1915.
25 *A filha do Belchior* — chronica (inedita).
26 *Quinão do Padre Feijó* — fragmento (inedito).
27 *O Ilota do Brasil* — fragmentos (ineditos).
28 *Trovas de um palerma* — fragmento (inedito).
* 29 *A lingua portugueza no Brasil* (inedito) 1874, publicado nos ns. 3, 4, 5 e 6 da «America Latina» sob a epigraphe «Questões philologicas».
30 *Rascunhos de Grammatica Portugueza* (ineditos).
31 *Metrificação do verso portuguez* (inedito).
32 *Introducção de um codigo civil* (inedito).
33 *Esboço de um codigo civil* (inedito).
34 *Processo no Jury* (inedito).
35 *Questões forenses* (inedito).

36 *Discursos diversos* (ineditos).

37 *Cartas a Machado de Assis* — contidas no folheto «Litteratura Pantagruelica» — Os abestruzes no ovo — e no prefacio de «Gonzaga», de Castro Alves.

38 *O sotão de 4 janellas* — ensaio de romance, escripto no tempo de estudante.

* 39 *Alfarrabios* (IV A cabeça de Santo Antonio, V Botafogo. VI A botija de ouro, VII N. S. da Candelaria) (1).

NOTA - Sabemos que o distincto poeta Mario de Alencar tem promptas para o prélo as obras ineditas do seu illustre Pae.

(1) O trecho referente a «A cabeça de Santo Antonio» foi publicado na Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, n. 40 — 1915.

Typ. Soc. Edit. Olegario Ribeiro - R. Abranches 43, S. Paulo

SOCIEDADE EDITORA
OLEGARIO RIBEIRO

R. Abranches, 43
São Paulo - 1921

LPor
A3684
.Ym

427728
Alencar, Jsoé Martiniano de
Motta, Arthur
José de Alencar.

DATE.

NAME OF BORROWER.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

FRANZ C. FEGER
70 FIFTH AVENUE NEW YORK